Homilética da Teologia das Narrativas



Christopher Byron Harbin

Homilética da Teologia das Narrativas:

À procura de uma fundamentação hermenêutica para a pesquisa teológica a partir do estudo exegético narratológico das unidades narrativas bíblicas em seu contexto original, visando a aplicação na homilética narrativa.

Apostila preparada

por

Pr. Christopher Byron Harbin

edição impressa: janeiro 2006

Homilética da Teologia das Narrativas:

À procura de uma fundamentação hermenêutica para a pesquisa teológica a partir do estudo exegético narratológico das unidades narrativas bíblicas em seu contexto original, visando a aplicação na homilética narrativa

Christopher Byron Harbin

Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, BRASIL

Apostila impressa sem gráfica

©Copyright 2002 por Christopher Byron Harbin.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta apostila pode ser reproduzida sem autorização do autor. Citações breves para fins acadêmicos com referência são permitidas.

O autor pode ser contatado conforme abaixo:

harbin@teamgaucho.org

http://www.teamgaucho.org/harbin

http://www.rocksbc.org

RR1 - Box 80A

Pamplin, VA 23958

E.U.A.

Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

55-51-3222-1254; 55-51-3222-2323

Sumário

Sumário i

Prefácio 1

Panorama Geral 3

Introdução: **3**

Pressupostos Teológicos: 4

Narrativa: 5

O Livro de Gênesis em Narrativas: 7

Introdução: **7**

Capítulos 1-11 versus 12-50 de Gênesis: 9

Separação entre Narrativas: 10

Gênesis 1.1-2.4a: **12**

"Num Princípio": 14

Paralelos: 17

"O Sopro (*Ruach*) de Deus": 18

"Façamos a Humanidade": 19

Imago Dei ("Imagem de Deus"): 21

Descanso: 22

Unidade Narrativa: 23

Princípios Teológicos: 24

Reflexão: 26

Tradição e Transmissão Oral: 27

Autoria: 28

História: 31

Propósito das Narrativas: 33

Gênesis 2.4b-25: **35**

Adão/Adam (אדם—"homem, humanidade"): 37

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

"O Fôlego (*Neshmat*) dos Vivos (*Hayyim*)": 38

"Tornou-se Alma (*Nefesh*) Vivente (*Hayah*)": 39

Unidade Narrativa: 40

Princípios Teológicos: 40

Reflexão: 41

Inspiração: 43

Nomes de Deus: 46

Gênesis 3.1-24: 48

Serpente Tentadora: 50

Pecado: 52

Perdão: 54

Salvação: 54

Unidade Narrativa: 55

Princípios Teológicos: 56

Reflexão: 57

Considerações Históricas: 59

Conceito de "Ciência": 59

Tradição dos Hebreus e dos Povos Vizinhos: 61

Cosmologias Antigas: 63

Gênesis 4.1-26: 68

"Começaram a invocar o nome do Senhor": 70

Genealogias: 70

Unidade Narrativa: 71

Princípios Teológicos: 71

Reflexão: 72

Mundo Físico: 74

Gênesis 5.1-6.4: 76

Números—Idades Antediluvianas: 76

Gênesis 6.1-4: 78

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Benei Elohim, "Filhos dos deuses/de Deus": 80

Unidade Narrativa: 81

Princípios Teológicos: 81

Reflexão: 82

Considerações Teológicas e Filosóficas: 84

Ênfase Teológica: 84

Seres Espirituais: 88

Gênesis 6.5-8.22: 89

Nacham (נחם– "Lamentar", "Consolar", "Suspirar", "Alterar Curso"): 90

Panorama Diluviana Geral: 90

Paralelos: 91

Justiça Compassiva de Deus: 92

Graça: 94

Noé: 95

Unidade Narrativa: 96

Princípios Teológicos: 96

Reflexão: 97

Imposições Teológicas: 99

Imposições Filosóficas: 100

Tipo de Linguagem: 101

Estilo Literário: 102

Limitações do Leitor: 104

Gênesis 9.1-17: 106

Arco: 106

Valor da Vida: 106

Liturgia: 107

Unidade Narrativa: 107

Princípios Teológicos: 108

Reflexão: 109

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Gênesis 9.18-10.32: **109**

Sem, "Nome": 110

Unidade Narrativa: 110

Princípios Teológicos: 111

Reflexão: 112

Gênesis 11.1-9: **112**

Unidade Narrativa: 113

Princípios Teológicos: 113

Reflexão: 114

Gênesis 11.10-30: **115**

Unidade Narrativa: 116

Princípios Teológicos: 116

Reflexão: 117

Gênesis 11.31-12.9: **118**

A Fé de Abraão: 118

Unidade Narrativa: 120

Princípios Teológicos: 121

Reflexão: 122

Conjunto de Narrativas como uma Unidade: 122

Homilética Narrativa 124

Pregando as Narrativas: 124

Porque Homilética Narrativa?: 125

Processo Homilético: 126

Definindo o Objetivo: 129

Processo Avaliatório: 131

Homilética Narrativa Exemplificada: **133**

Texto Bíblico: 133

Princípios Teológicos da Narrativa: 134

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Recontagem da Narrativa: 135

A Sarça de Moisés 135

Objetivo de Contar a Narrativa: 138

Outra Recontagem da Narrativa: 139

O Deus Que Ouve 139

Exemplos de Homilética Narrativa: 141

A Criação do Homem 141

Desconfiança na Provisão de Deus 142

O Perdão Difícil 144

A Espera de Abraão 145

O Grande Sacrifício 146

Compromisso da Aliança 148

"Tinham Carros de Ferro" 149

A Espada de Gideão 151

Confiando na Aceitação de Deus 154

Fé Verdadeira na Terra de Baal 155

"Abra os Seus Olhos!" 157

O Adversário do Justo 159

Criaturas do Altíssimo 160

Ouça o Gaúcho! 162

A Missão dos Lavradores 164

"Que Queres Que Eu Te Faça?" 165

A Páscoa da Traição 167

És Tu o Esperado? 169

Compartilhando Esperança 172

Anexo 1—Princípios Teológicos das Narrativas: 175

Anexo 2—Datas no Pentateuco: 179

Anexo 3—Importância de Contar Narrativas: 181

Anexo 4—Glossário: 182

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Bibliografia Anotada: **187**

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Prefácio

Houve várias motivações específicas na formulação desta disciplina e desta apostila. Em grande parte, esta disciplina partiu da necessidade que meus alunos do Programa de Educação Teológica por Extensão vinham demonstrando em relação à interpretação bíblica. Alguns mencionavam uma incapacidade de interpretar um texto bíblico por si mesmos. Muitos traziam às aulas várias perguntas e dúvidas que demonstravam dificuldade em oferecer respostas coerentes no âmbito social com referência à distinção entre a ciência e a teologia da Bíblia. Para outros, preocupações de teor histórico desviavam sua atenção da mensagem teológica contemporânea da Bíblia. Outros alunos vinham repetindo o conceito de que o Antigo Testamento já estava ultrapassado e não havia mais razão de sua existência. Por outro lado, eu enxergava um conflito entre a prática de falar da necessidade de ler um texto bíblico dentro de seu próprio contexto e a preparação de sermões que se apoiavam em um ou mais versículos isolados, ensinando por seus exemplos um desrespeito ao contexto.

Em resposta a essas questões, venho montando a presente disciplina para equipar o estudante da Bíblia a ler teologicamente uma passagem bíblica no seu contexto direto. Espera-se dar ao leitor um auxílio para praticar a leitura contextual da Bíblia, preocupando-se não com as perguntas das ciências modernas, mas com os questionamentos e ensinos teológicos da Bíblia. Desta forma, espera-se que o leitor consiga dar uma resposta convincente à sociedade que questiona a autoridade da Bíblia em relação a procedimentos científicos. Em lugar de debater uma forma pela qual a ciência possa comprovar a Bíblia, espera-se capacitar o aluno para levar a sociedade a ouvir a apresentação teológica da Bíblia.

Deus comunicou-se ao ser humano na antigüidade e esta revelação foi em parte registrada nos textos Bíblicos que temos recebido. O povo de Deus tem asseverado através dos séculos que nestes textos ouve-se ainda a Palavra de Deus, revelando-se ao ser humano e mostrando o caminho que este deveria seguir. O essencial da apresentação bíblica é a comunicação da identidade de Deus e a vontade divina para com o ser humano.

Perguntas sobre questões de historicidade[†] e validade científicas das descrições bíblicas resultam em desviar o inquiridor da mensagem de peso da Bíblia. O membro da igreja ou aluno do seminário precisa lidar com estas questões num ambiente seguro para desenvolver as suas respostas a tais perguntas e inquietações. Na época de Galileu[†], a igreja não soube distinguir entre teologia e ciência. No contexto Gaúcho existe o mesmo dilema na sociedade em geral, resultando em que muitos questionam a confiabilidade da Bíblia pelos seus méritos científicos. Procura-se neste documento ajudar o leitor a fazer uma correta distinção entre curiosidades históricas ou científicas e perguntas de teor teológico, assim apontando novamente para a identificação da mensagem de Deus e a responsabilidade humana pela mensagem.

Existe certa discussão sobre o livro de Jonas ser uma crônica histórica ou uma parábola contendo um pano de fundo histórico. Seja qual for a definição específica resultante desta discussão, a mensagem teológica do livro é clara e definida. Que o povo de Deus deve amar os inimigos e agir para a sua redenção é claro, qualquer que seja a posição que um leitor faça referente a esta questão. O ensino de Jesus no relato do filho pródigo independe do relato ser ou não uma crônica de um evento histórico nitidamente recontado. Basta aqui aprender a lição teológica e compreender a implicação do relato para a situação do ouvinte. Não é a relação entre o relato

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

bíblico e as preocupações científicas atuais que devem ser levados em conta. O importante é a implicação teológica da passagem bíblica para a vida do leitor.

Na parte final da apostila, procura-se oferecer ao leitor, portanto, uma metodologia capaz de trazer as lições teológicas extraídas do texto bíblico como resposta às necessidades de seu ouvinte. Quando pergunta-se pela identificação da esposa de Caim, responderemos que a Bíblia não contém as respostas a todas as nossas curiosidades históricas e científicas. A Bíblia contém uma resposta para o ser humano que, na tentativa de fazer o seu próprio caminho, acaba dando-se mal por não depender de Deus. Caim não confiou em Deus e se deu mal, mas pela misericórdia Deus o deu uma nova chance. Será que nós também não precisamos de uma nova chance? Somos realmente muito diferentes de Caim? Será que não existe opção de uma nova vida para nós também?

A nossa intenção básica nesta apostila, portanto, é ajudar o leitor a não somente enxergar e apreciar o caráter teológico da Bíblia, mas repassar o seu ensino ao responder as preocupações de uma sociedade confusa e aflita. Não se responderá aqui todas a curiosidades e preocupações bíblicas, mas se apontará ao leitor a necessidade de apresentar a sua vida perante Deus e ouvir a Sua palavra nas palavras dos narradores bíblicos. Assim também, espera-se preparar o leitor para responder a todo aquele que o perguntar sobre a esperança que ele tem.

Meu profundo agradecimento à minha querida esposa, Karina, que me incentivou muito no processo de contar as narrativas bíblicas. Criou em mim um respeito e amor pela narrativa que deu fruto em parte com esta apostila e com o meu desenvolvimento da homilética† narrativa. Agradeço também aos meus alunos do Programa de Educação Teológica por Extensão que fizeram muitas perguntas e que sem às vezes percebecem deram estrutura e direcionamento ao texto. Aprendi também muito com as suas análises e críticas oferecidas a mim na sala de aula. Sou um melhor pregador hoje por causa de suas contribuições. Agradeço também ao meu pai, Dr. Lonnie Byron Harbin, que me cedeu um profundo amor ao Antigo Testamento, também sem o qual eu nunca teria concentrado o meu estudo nas narrativas de Gênesis.

Que Deus seja glorificado e que muitos confiem as suas vidas aos Seus cuidados.

Christopher Byron Harbin

Porto Alegre, Rio Grande do Sul

15 de março de 2002

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Panorama Geral

Introdução:

Procura-se neste documento ajudar o leitor a ter uma compreensão mais completa sobre os meios mais apropriados para a interpretação teológica da Bíblia, com o propósito de compartilhar as apreciações teológicas com outros. Para isso, procura-se primeiramente expor o leitor a certas orientações hermenêuticas† através do resumo de pesquisas referentes às narrativas do livro de Gênesis, incluindo certas dúvidas, polêmicas e questionamentos, que têm sido levantadas por pesquisadores, através dos séculos até os dias atuais. Nem sempre essas linhas de pensamento serão de benefício pessoal para o leitor compreender o texto à mão. Às vezes, temas serão levantados apenas para lembrar ao leitor que se precisa manter uma mente aberta e um olhar cuidadoso para as várias possibilidades de interpretação textual, e assim aproximar-se da interpretação mais adequada de uma passagem. Quando há muitas dúvidas sobre um determinado assunto, isto implica que o leitor deve ter ainda mais cautela para chegar a uma decisão interpretativa final.

Após a etapa inicial do estudo do texto em padrões históricos, procura-se lidar com o texto em unidades narrativas como textos íntegros. Olhando para a narrativa individual como um todo, pretende-se indagar pela sua função teológica como unidade e no quadro maior do livro de Gênesis.

Intercalado com comentários sobre as narrativas individuais, encontra-se comentários mais gerais sobre informações que ajudarão a fornecer melhor base interpretativa para o Antigo Testamento como um todo. Estes comentários e orientações hermenêuticas† se encontram intercaladas para mais rapidamente enxergar o seu relacionamento com as narrativas a serem estudadas, como também para criar melhores pontes entre esta teoria hermenêutica† e a prática de interpretar o texto bíblico.

No seu estudo do texto, o leitor deve estar pronto para questionar e avaliar o que lhe tem sido transmitido referente aos textos estudados, averiguando a verdadeira mensagem bíblica. O que deve vir a ser questionado não é o texto bíblico, mas as conclusões recebidas referentes ao texto. O texto bíblico deve servir como a base essencial para o estudo teológico, e não as interpretações tradicionais do mesmo, incluindo as propostas incluídas neste documento[1 e 2]. Isto não quer dizer que toda interpretação recebida deve ser ignorada, mas ao leitor cabe pelo menos questionar se as suas tradições interpretativas fazem jus ao texto. Caso contrário, as tradições interpretativas serviriam de autoridade—o que não se deve deixar acontecer. A autoridade é a Palavra de Deus, supremamente expressa na Bíblia[3].

Não se espera que o leitor adote toda posição sugerida neste estudo teológico das narrativas. O próprio autor também encontra-se em processo de estudar e aprender mais sobre as narrativas,

---

[1] Usar-se-á abreviações dos nomes dos autores de obras citadas na bibliografia anotada, localizada a partir da página 187 deste documento. Quando for necessário distinguir entre obras do mesmo autor, será usado também uma abreviação do título da obra.
[2] NEUSNER, xii.
[3] Poderia-se dizer com razão que Jesus é a suprema revelação de Deus, porém O conhecemos maiormente através da leitura bíblica.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

sempre avaliando os seus próprios posicionamentos sobre os assuntos tratados. À medida em que o autor continua a estudar, melhor compreende as narrativas e as suas lições teológicas. O que se espera do leitor é que seja introduzido a um diálogo crítico† com o texto bíblico. O presente trabalho tem como proposta incentivar e facilitar esse diálogo.

A essência da educação teológica cristã (ou seja, discipulado), segundo a compreensão do autor, não visa tanto efetivar a transmissão de um conteúdo em si, mas a transformação da vida do aluno a uma dependência completa em Deus. Logo, a proposta e oração do autor é de que o leitor se encontre face a face com Deus no percurso deste estudo, para que Ele transforme os devidos aspectos de sua vida, criando para si uma nova criatura, um discípulo mais fiel e útil nas mãos do Criador.

OBSERVAÇÃO: Neste trabalho serão usados alguns termos escritos em hebraico, sem pontuação vocálica†, e também em letras do alfabeto latino na sua primeira ocorrência em cada seção. As palavras em *itálico* ajudarão na pronúncia do termo, e as palavras em hebraico seguirão dentro de parênteses [a exemplo, o nome pessoal de Deus escrito sem vogais, conforme a norma, é *YHWH* (יהוה)[4] e o termo mais genérico usado para Deus é *elohim*† (אלהים)]. O leitor não precisa preocupar-se em memorizar os termos hebraicos, nem sua escrita em letras hebraicas. No entanto, este texto contém palavras em hebraico, a fim de que o leitor se familiarize com esse alfabeto, também para aqueles que se interessem e desejem um maior aprofundamento. Os termos hebraicos mais importantes para o leitor reconhecer serão repetidos, de acordo com a necessidade do seu emprego[5].

Lembra-se ao leitor que ninguém chega ao texto bíblico com uma mente vazia, pois todos já ouviram algo referente ao texto bíblico e têm certas interpretações preconcebidas referente àquilo que encontrarão no texto bíblico[6]. Como já se tem certos conceitos formados referente ao texto, é proveitoso saber definir quais são estas pressuposições† do leitor. Identificaando e definindo-os, pode-se com mais facilidade diferenciar entre aquilo que provém do texto bíblico e o que provém de outra fonte.

Pressupostos Teológicos:

Segue uma lista parcial dos pressupostos† interpretativos do autor desta obra. É essencial em todo esforço interpretativo bíblico estabelecer o ponto de partida do intérprete. Todo intérprete começa o seu estudo com certas premissas básicas e logo trabalha em cima das mesmas. É norma infeliz, porém, ignorar o ponto de partida, em parte por questão da dificuldade em descrever o mesmo. Como estes pressupostos† informarão o processo deste estudo e certamente ajudarão a moldar os seus resultados finais, será de grande valia fazer o esforço para delimitar quais são. Uma mudanças nos pressupostos† pode modificar em muito o destino final do estudo. É possível que a maior dificuldade do intérprete seja reconhecer que há pressupostos† que passam

---

[4] YHWH (יהוה—Jehová, Javé, Jahvé, Iahvé, Iavé ou Iahôch) é a transcrição hebraica do nome próprio de Deus, escrita segundo a forma antiga sem vogais. Perdeu-se o saber pronunciar o nome corretamente, devido ao temor judeu† de pronunciar o nome pessoal de Deus, conforme sua interpretação literal de Levítico 24.16 (BERKHOF, 49). A pronúncia mais aceita entre os eruditos seria algo como "Iahvé" ou "Iavé", "Iachôch" sendo outra possibilidade. Veja a seção a seguir, **Nomes de Deus**, na página 46.

[5] Incui-se ao final do documento um **Glossário** na página 182 para ajudar com alguns termos mais técnicos e o vocabulário hebraico empregado no decorrer do trabalho escrito. Verbetes com o sinal † estão incluídos no glossário.

[6] Certamente existe aqueles que jamais ouviram falar da Bíblia, mas estes também trariam os seus próprios pressupostos teológicos após a leitura do texto

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

despercebidos aos seus olhos. A seguir estão alguns dos pressupostos[†] com os quais se trabalhará:

- O autor pressupõe que o enfoque bíblico é por natureza teológico e que a Bíblia deve ser lida dentro deste enfoque.
- O texto bíblico é a fonte de autoridade para a fé e a prática (princípio essencial dos batistas).
- Um texto deve ser lido dentro do seu próprio contexto, procurando sua mensagem contextual[7].
- Somente depois de tratar o que um dado texto diz por si mesmo, deve-se comparar sua mensagem com a de outro texto.
- O pano de fundo veterotestamentário deve ser visto como fundamental à compreensão do Novo Testamento, secundário em importância quanto alterações colocadas por Jesus[8].
- Um texto de difícil compreensão não deve receber o peso teológico dado a um texto claro.
- Em alguns casos, a interpretação exata do texto bíblico não ficará clara, mesmo com muito estudo detalhado.
- O uso de comentários, dicionários e outros livros é de ajuda no estudo de uma passagem, porém deve sempre tomar lugar secundário no estudo do texto bíblico por si mesmo[9].
- O tipo literário de uma passagem implica na sua interpretação apropriada.
- Quando se encontra um texto que aparentemente não apóia um conceito teológico, o texto está sendo mal-interpretado, ou o conceito teológico deve ser reformulado até que esteja conforme com a mensagem bíblica[10].
- A teologia é um estudo sempre em andamento, pois o homem é finito e não pode chegar a um ponto de compreender plenamente o infinito.
- O texto bíblico apresenta a Deus muito mais através do que Deus faz, do que por meio de descrições abstratas e proposicionais.
- Não se deve separar teologia do conceito de revelação, pois é somente pela auto-revelação de Deus que se pode conhecer a Deus.
- Não se deve forçar um conceito neotestamentário sobre um texto qualquer que não apresenta o mesmo ensino[11].
- Não se deve forçar um texto bíblico dentro de um molde teológico[12] .
- É importante lembrar que as traduções atuais da Bíblia estão, em geral, baseados em tradições das traduções primitivas de homens bem intencionados, mas que estavam apenas começando a estudar a Bíblia e, portanto, deve-se sempre que possível recorrer às línguas originais.
- A fé é o aceitar um compromisso de confiar em Deus, mesmo quando não se conhece plenamente todo aspecto das exigências do compromisso, nem de antemão as respostas aos questionamentos teológicos[13].
- As perguntas essenciais a serem feitas ao texto bíblico são "Quem é Deus?", "Quem sou eu?" e "O que Deus quer comigo?".

Narrativa:

Neste documento será usado o termo "narrativa", porém não pretende ser um uso técnico. O emprego do termo é feito no sentido de diferenciar a narrativa do conceito de história científica,

---

[7] Veja KAISER, *TaET.*, 133, 140, 187, 199.
[8] Veja ANDERSON, *COTT*, 7.
[9] Veja SILVA, 171.
[10] Veja HARBIN, L. *ESnBHI.*, 17.
[11] Veja HARBIN, L. *ESnBHI.*, 19 e KAISER, *TaET.*, 133, 187.
[12] "A teologia não deve reformular a Escritura, porém a exegese da Escritura sim deve reformular a teologia" (NEUSNER, xii).
[13] Veja HESCHEL, 140, MOODY, 309 e SCALISE, 17-18.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

ou seja, historiografia†. Em lugar de história, encontra-se aqui "tradições preservadas nas liturgias ... [cujo propósito] foi o de confessar e assim incentivar a fé em Deus"[14]. Em lugar de intencionar a escrita da história de Israel, o Antigo Testamento "dá testemunho da obra de Deus em estabelecer a nação. ... [Logo], cada evento apresentado pelos escritores bíblicos é usado com um propósito teológico"[15].

Por história, entende-se em geral um ramo de estudos científicos que procura, a partir de comprovação documentária† ou arqueológica† do período, determinar com precisão a veracidade e os detalhes de eventos ocorridos no passado, apontando para causas, efeitos e resultados a longo prazo dos eventos estudados. A preocupação deste estudo, porém, é de lidar com as narrativas bíblicas dentro das intenções dos próprios autores que procuram narrar a ação de Deus. Para eles, as questões de relatar história são apenas de interesse secundário[16]. Em conseqüência, neste estudo trabalhar-se-á com aquilo que as narrativas ensinam a respeito de Deus (*Teologia: palavras/estudos sobre Deus*), e não a respeito de eventos passados.

Deus se revelou através dos eventos de sua interação com o povo ao longo da história. É expressamente esta interação que as narrativas procuram ressaltar. Grande parte da Bíblia, em especial Gênesis e a primeira parte de Êxodo, utiliza a narrativa de forma quase ininterrupta para comunicar a sua mensagem[17]. Para os escritores bíblicos, o essencial era articular os eventos revelacionais entre *YHWH* (יהוה) e o seu povo, não definir conceitos teológicos categóricos† ou proposicionais[18]. Teria sido quase impossível que Deus se revelasse em termos do seu caráter moral através de proclamações proposicionais oferecidas num único momento histórico. O homem não teria compreendido, nem aceito tal proclamação proposicional†. Deus procurou revelar-se pouco a pouco, mostrando o seu caráter através dos seus feitos singulares na história. É essa revelação do caráter ético e moral de Deus que vem a ser o interesse teológico central das narrativas[19].

Assim, usando o termo "Narrativa" aqui, trata-se de algo diferente de história nos moldes do historiador moderno. Isto não quer dizer que as narrativas não têm a ver com história, pois certamente "narra um evento real que ocorreu uma vez por todas no mundo da história. Deve, então, ser tomado de forma séria ... deve ser 'crido'"[20]. As narrativas, porém, são mais precisamente narrativas teológicas, pois o seu enfoque é sempre Deus e o que Ele está revelando de si ao homem. Mesmo que o autor de uma passagem narre um evento histórico, o seu interesse é na situação do ouvinte original, não da época relatada[21].

Por outro lado, utiliza-se o termo narrativa para fazer distinção das chamadas "historinhas" ou "contos de fadas". As narrativa bíblicas não são histórias neste sentido, mesmo que parábolas e outros gêneros literários parecidos são incluídos no texto bíblico. Existem trechos que podem ter sido escritos no estilo "conto de fadas"—especialmente a introdução e a conclusão do livro de Jó[22]—mas isso não reduziria as passagens a ser um conto de fadas. Tais trechos teriam sido

---

[14] HARBIN, *TAT1*, 11.
[15] FRANCISCO em ALLEN, 57. Veja também a seção seguinte referente a **História**, na página 31.
[16] FEE, 66. Veja também 1ª Reis 14.29; 15.7, 23, 31; 16.5, 14, 20. Certos detalhes são registrados, mas a maioria dos eventos são ignorados pela falta de relevância.
[17] TELUSHKIM, xxii.
[18] HESCHEL, 140.
[19] DAVIDSON, A., 7.
[20] von RAD, 32.
[21] NELSON, 2. As narrativas geralmente nos levam de volta no tempo para lidar com personagens que já faleceram, recontando as suas historias para ajudarnos a lidar com os conflitos atuais de fé.
[22] DAY, 70-79. O estilo da introdução do livro de Jó parece conincidir com o estilo áureo de "Era uma vez um homem ideal...", traçando de forma extrema a classificação de sua condição material e piedosa, utilizando transcrição em prosa. Em contraste, a maior parte do livro trata o seu sofrimento de forma muito realista em poesia. O desfecho, porém, retoma a forma prosa de um idealismo conto de fadas com um

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

escritos no estilo mais apropriado para levar adiante um propósito teológico de peso real, num sentido semelhante ao caso do pregador que conta uma piada para ilustrar um ponto do sermão.

Respeito ao contexto e estilo literário é essencial na apreciação da mensagem da Bíblia. "Na pregação e no ensino responsável da Palavra de Deus, não se pode lançar uma Operação Tapa Buracos, pois faltará fundamento sólido. Não é lícito tampouco saquear nem a Bíblia nem livros sobre ela para extrair itens fracamente relacionados para um proveito rápido"[23]. Até se deveria ler as passagens dentro do contexto do livro completo no qual se encontra, pois cada passagem serve para apoiar um ou mais temas do próprio livro no sentido de montar um posicionamento ou tratamento como um todo[24]. Por causa disso, ressalta-se a importância de ler todo o livro bíblico em questão, e logo tratar passagens individuais em unidades narrativas, pois elas já compreendem em si vínculos contextuais claros e ajudam o intérprete a concentrar sua investigação do texto dentro de limites mais facilmente reconhecidos.

Não se propõe aqui enfatizar versículos e frases, mas tratar as narrativas como unidades. Haverá necessidade de se destacar certas frases que geram dúvidas interpretativas para clarificar o sentido do texto. No entanto, é no processo de ler a narrativa como um todo que se chega a uma melhor compreensão de sua mensagem teológica. As palavras, as frases e os versículos que compõem as narrativas são pequenas partes do todo e podem muito bem desviar a atenção do leitor do assunto da narrativa completa. Procura-se aqui evitar estes desvios, mesmo que dando certa atenção às dificuldades mais polêmicas ou incertas.

A interpretação e mensagem de uma narrativa em sua íntegra é geralmente mais fácil de acertar do que a interpretação de versículos e frases isoladas, mesmo respeitando os seus contextos apropriados. Ao estudar uma narrativa individual como uma unidade, pode-se portanto chegar a definições mais concretas e seguras do que com porções menores de texto. Não se pode ignorar que a narrativa como um todo ainda exige estudo do intérprete, mas em certos aspectos a sua interpretação é mais fácil e pode ser mais consistente.

O Livro de Gênesis em Narrativas:

Introdução:

"Gênesis não é um livro independente que pode ser interpretado isoladamente. Pelo contrário, ... [faz parte de] uma imensa narrativa conjunta"[25]. Para os judeus†, o nome usado para referir-se ao Pentateuco é Torá. Muitas vezes refere-se a esta palavra no sentido de lei. Torá, porém, "contém especialmente a noção de direção ou instrução"[26]. Este fato deve servir de alerta para o leitor bíblico de que as narrativas compõem instruções de como viver, e não se constituem de

---

final feliz ainda mais deslumbrante e inconcebível do que se poderia encontrar num filme de Hollywood. Com o emprego de estilos literários divergentes na mesma obra, porém, o narrador consegue lançar com ainda mais ímpeto sua polêmica contra conceitos da teologia da prosperidade e retribuição direta, mostrando que tais perspectivas teológicas são de fato "contos de fada". Veja DAY para um tratamento mais amplo da temática.

[23] BORING, vii.

[24] DAVIDSON, A., 5-6.

[25] von RAD, 13.

[26] HOUTMAN em WOUDE, 166.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

material jurídico. Esta instrução toma a forma de narrativas que revelam como Deus interage com a humanidade, dando orientação de quem é *YHWH* (יהוה) e como viver um relacionamento com o mesmo.

As narrativas do Pentateuco devem ser vistas como tendo um desenvolvimento central. Alguns intérpretes como von Rad desenvolvem este conceito pela linha do enredo geral[27]. Tal intérprete explica o enredo, mas não faz justiça à importância teológica das narrativas. Optaríamos por uma definição mais teológica nos termos de "Deus criou um contexto mundial no qual o ser humano pudesse vir a um relacionamento de confiança em Deus como Criador. A desconfiança humana quebrou esse relacionamento, com resultados desastrosos por toda a volta. Deus continuou a chamar o ser humano a um relacionamento de confiança e fidelidade comprovada, mesmo que o ser humano fosse infiel. No seu tratar com um povo de sua escolha, Deus se revelou como o Criador fiel, digno da confiança da humanidade. Cada geração deve refletir na fidelidade que Deus há mostrado e confiar suas vidas a Deus em fidelidade igual".

Neste estudo, pretende-se dar enfoque aos princípios teológicos apresentados através das narrativas do livro de Gênesis. Para isto se fará uma relação das várias lições teológicas encontradas em cada narrativa. É importante salientar que cada narrativa tem propósitos que vão além da simples narração de relatos históricos. As narrativas falam do que Deus estava fazendo ou prestes a fazer entre o seu povo, mesmo que em contraste com o pecado humano. Elas ensinam a respeito de Deus, e portanto deve-se procurar os princípios teológicos nelas contidos.

As anotações seguintes refletem o pensamento atual do autor referente às narrativas em estudo. Tal pensamento está sendo modificado ao passo que se continua lendo e estudando as narrativas em questão. Recomenda-se ao aluno que se lembre sempre que **o livro texto para seu estudo é principalmente o próprio texto bíblico. Esta apostila deve ser vista apenas como um guia para o estudo do próprio aluno**. O interesse do autor é de ajudar o aluno para apreciar a riqueza teológica das narrativas, para que ele mesmo possa encontrar-se face a face com *YHWH*, o ator principal das narrativas[28]. Espera-se que este trabalho possa ser útil para chamar o leitor a confrontar-se com as narrativas bíblicas e assim confrontar-se com o Deus das mesmas narrativas.

Um grande problema a ser enfrentado no estudo das narrativas é o simples fato de que elas já são conhecidas[29]. Na sociedade e no contexto brasileiro que mantêm a Bíblia num lugar privilegiado de respeito, pelo menos alguma coisa das narrativas a serem estudadas é conhecida desde tenra idade. "Precisamente porque Gênesis teve tanta influência, o seu significado é mais fixo: a leitura está firmada; todos já conhecem o que contém e estão menos inclinados a desenvolverem uma nova perspectiva.... Geralmente há menos prontidão para ler estes textos como novos"[30]. O esforço e propósito de estudá-los, então, será para "descobrir novamente aquilo que é distintivo a respeito das narrativas da Bíblia"[31].

O esforço será difícil, pois o texto chega para o Português já com muita bagagem de tradição histórica, mesmo certas noções desta bagagem inseridas na própria tradução do texto. Isto torna necessário lidar com certas terminologias específicas em vários textos para que se possa ouvi-los como se pela primeira vez. "Os primeiros onze capítulos de Gênesis constam entre os mais importantes na Escritura. Estão entre os mais conhecidos (num sentido estereotípico), e são os

---

[27] von RAD, 13-14.
[28] CROSS, 22.
[29] LASOR, 31.
[30] WOLDE, 6-7.
[31] *Ibid.*.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

mais freqüentemente malcompreendidos"[32]. Esta perspectiva de que já se conhece o texto implica numa incompreensão, por impossibilitar o distanciamento da narrativa, para que se leia o texto como se pela primeira vez. É complicado ainda mais pelo fato do leitor muitas vezes não entender o tipo literário (o tipo de fala) sugerido pela narrativa. Como já fora mencionado, as narrativas não são história no sentido comum hoje, nem relatam verdades conforme padrões científicos atuais. Têm por objetivo revelar a Deus.

Antes de seguir adiante nesta apostila, pede-se que o leitor tome o tempo para ler o livro de Gênesis em sua íntegra, com atenção especial aos capítulos de um a onze. Esta leitura do texto bíblico deve ser feita mais de uma só vez, pois é o texto bíblico que nos interessa, muito mais do que comentários sobre a Bíblia. Ao retomar a leitura desta apostila, deve-se ler a narrativa de Gênesis em destaque repetidas vezes, tanto antes como também depois da leitura da apostila. Lembre-se que comentários como esta apostila servem como ajudas para o estudo do texto bíblico, nunca como substitutos para o estudo da Bíblia.

Capítulos 1-11 versus 12-50 de Gênesis:

Deve-se fazer menção de que os primeiros onze capítulos de Gênesis contêm um enfoque diferente do restante do livro. Em geral, estes capítulos apresentam uma história teológica da criação, da história primeva† do mundo e das primeiras gerações da humanidade conhecidas pelo povo hebreu†. Não obedecem, porém, as normas científicas atuais de historiografia†. Retratam eventos de épocas e localidades um tanto inespecificadas (como no relato da torre de Babel) e nos trazem até Ur com o nascimento de Abraão. Aqui os aspectos mais específicos da história crescem com uma mudança de enfoque na história da ação de Deus com Abraão e a sua descendência, o povo hebreu†[33].

Pode-se ver Gênesis 1-11, como

> *um comentário, comumente bem crítico, sobre idéias atuais no mundo antigo, referentes ao mundo natural e sobrenatural. Tanto as narrativas individuais como a obra final completa parecem ser uma polêmica contra muitas das noções comumente recebidas sobre os deuses e o homem.... No entanto, Gênesis e o Oriente Antigo† provavelmente têm mais em comum entre si do que qualquer dos dois com o pensamento moderno secular*[34].

O referido comentário não é simplesmente uma crônica histórica—é uma reflexão teológica sobre os acontecimentos da pré-história da humanidade, tratadas de tal forma para explicar a condição humana atual perante o Criador.

Estas narrativas relatam os princípios teológicos de que

> *o criador tem um propósito e uma vontade para a criação.... O criador continua a lidar com a criação, chamando-a a uma resposta de fé e obediência alegre à sua vontade.... A liberdade da criação é tomada em sério pelo criador. Então o seu regime soberano é expresso em termos de fidelidade, paciência e angústia.... A resposta da criação ao criador é uma mistura de obediência fiel e soberba recalcitrante*[35].

---

[32] BRUEGGEMANN, 11.
[33] WOLDE, 3.
[34] WENHAM, G., xlvii.
[35] BRUEGGEMANN, 13.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Estes princípios encontram-se intercalados entre várias outras propostas teológicas referentes à identidade e a vontade do criador, tecidos em estilos de expressão narrativa.

Um princípio fundamental destes onze capítulos é de que a humanidade tem esperança apenas por causa da intervenção divina no seu contexto de vida[36]. Encontra-se uma dialética da resposta divina primeiramente diante da infidelidade humana e logo diante da fidelidade humana[37]. É nas narrativas de Abraão que se começa a ver mais claramente uma diferença no estado humano decadente, pois "as primeiras promessas feitas a Abrão em Gênesis 12.1-3 começam a consertar aquela situação desesperada"[38]. Lameque anelou uma mudança radical no mundo com Noé[39], porém a mudança real só começa a se realizar em Abrão.

Há outras diferenças entre capítulos 1-11 e o restante do livro. Os primeiros onze capítulos focalizam a humanidade como um todo. É com as narrativas de Abrão e seus descendentes a partir do capítulo 12 que o enfoque se desvia da humanidade como um todo. Das 562 vezes que o termo *adam* (אדם—"humanidade") é empregado no livro de Gênesis, somente em 16.12 é que se encontra fora dos capítulos 1-11[40]. Há, portanto, uma mudança de enfoque com o capítulo 12 do livro, visando a ação de Deus com Abrão e sua descendência em particular.

De fato, essas narrativas revelam que a própria desobediência humana gerou a sua situação problemática. Mais importante, tal situação requer intervenção divina para que a mesma não piore. Deus convoca a criatura para o desafio de participar de uma nova dimensão da vida, sob a Sua soberania[41]. "É, então, um desafio fundamental às ideologias de homens e mulheres civilizadas, passado e presente, que gostam de supor que os seus próprios esforços no final das contas serão suficientes para os salvar"[42].

Poderia se mencionar que esta intervenção divina não espera para começar com Abraão, pois, desde a narrativa do jardim, Deus já opera para restaurar vida à criatura que escolheu seguir o seu próprio discernimento, dando-se mal. Deus, porém, responde com misericórdia, oferecendo resgatar a criatura errante.

Separação entre Narrativas:

Antes de se tratar as narrativas de Gênesis em si, é necessário fazer um comentário breve referente à separação entre as narrativas. Essa separação não segue necessariamente as divisões de capítulos e versículos das edições atuais do texto bíblico. O sistema atual de divisão em versículos e capítulos é realmente artificial ao texto bíblico, tendo sido acrescentada por homens em séculos passados, com o propósito de ajudar o leitor a encontrar uma dada citação. A divisão aparece seguindo as descobertas da análise e leitura rigorosa do texto para encontrar nela as divisões naturais do próprio texto, conforme a discussão a seguir:

> *A primeira unidade [narrativa] se compõe de Gênesis 1.1 a 2.4a, terminando da seguinte maneira: '...eis as origens dos céus e da terra, quando foram criados', como na versão revisada da Imprensa Bíblica Brasileira. Uma leitura criteriosa confirmará tais indicadores de uma*

---

[36] WENHAM, G., li.
[37] BRUEGGEMANN, 15.
[38] WENHAM, G., li.
[39] Gênesis 5.29.
[40] HAMILTON, 51.
[41] BRUEGEMANN, 18-19.
[42] WENHAM, G., liii.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

unidade como início, progressão, e ponto culminante de narração; a diversidade no nome de Deus empregado nas duas; a descrição dos atos criadores em 1.1; 1.21; e 1.27 como acompanhada do uso distintivo da palavra 'criou', em contraste com uma linguagem diferente na segunda; o descanso de Deus no sétimo dia, havendo terminado a obra criadora no sexto dia, em contraste com a continuidade dada na segunda.

A segunda unidade se compõe de 2.4b a 3.24, iniciando-se com 'No dia em que O Senhor Deus fez a terra e os céus, não havia ainda nenhuma planta do campo na terra...'. A sua extensão vai até a expulsão do homem do jardim. Os seguintes fatores indicam que se trata duma segunda unidade, que forma uma descrição complementar da criação: a seqüência 'a terra e os céus' se mostra invertida em contraste com 1.1; a terra como feita (2.4b) não conta com erva de campo (cf. 1.1-12), nem homem (2.5); não se usa nenhuma vez a palavra 'criou', e, sim, as palavras 'fez' (2.4b; 2.9) e 'formou' (2.7); antes de fazer os animais (2.19), Deus formou o homem (2.7), sendo que a fêmea foi feita (2.21-22) algum tempo depois de Deus ter feito os animais; a colocação referente ao homem mostra dois indivíduos, Adão e Eva, enquanto em 1.27 a colocação é genérica, o ***adão*** *(homem; cf. 5.2), 'eles' sendo criado macho e fêmea; o nome de Deus empregado em toda essa extensão é sempre 'o Senhor Deus', que nunca aparece na unidade anterior"*[43].

Procura-se aqui encontrar as divisões naturais do texto, conforme as várias porções literárias que compõem o texto bíblico atual. Esta separação é feita para ajudar o leitor a tratar cada narrativa dentro do seu próprio contexto, respondendo às preocupações próprias da narrativa, não forçando idéias e conceitos sobre um texto que não se surgem dentro da passagem em si.

O estudo destas narrativas começará por definir estas separações entre as várias narrativas, para tratá-las primeiramente como unidades completas. O segundo passo será de estudar como estas várias unidades trabalham em conjunto para revelar a identidade e ação de Deus. Nem sempre estas narrativas apresentarão um mesmo conceito harmonioso, porém "o expositor não tem a liberdade de escolher um às custas do outro"[44], pois são distintas, porém complementares[45]. Será necessário compreender como o todo funciona em conjunto para expressar a identidade de Deus, não escolher entre opções. A obra final não intenciona apresentar opções, porém posiciona-se para apresentar mais de uma perspectiva do Criador, que é além das limitações da criatura.

Depois de definir a separação entre as várias narrativas para estudá-las detalhadamente, será necessário juntá-las mais uma vez, para que apresentem um mosaico mais completo da ação divina em prol do resgate da humanidade. É essencial procurar entender a intenção do redator final para aplicar a interpretação e os ensinos de sua perspectiva[46], não a nossa perspectiva, nem de supostas formas mais antigas do texto. A forma atual do texto claramente revela que esta unidade era intencional[47]. Cada narrativa deve ser aceita como uma unidade em si mesma, porém cooperando com as demais para oferecer um retrato maior da ação e identidade de Deus.

Juntar as narrativas após o estudo de cada uma não é tarefa fácil, pois requer um esforço grande para ler cada narrativa como uma unidade, fazendo justiça para cada uma delas. Somente desta forma pode-se "sugar" o ensino pleno de cada narrativa. Juntar as narrativas após tal consideração requer um estudo cuidadoso acima dos estudo das narrativas em isolado. Espera-se que neste documento se possa chegar a esta etapa posterior, porém isso exigirá um compromisso sério do intérprete para montar o quadro maior do conjunto das narrativas.

---

[43] HARBIN, *OLG*, 2.
[44] BRUEGGEMANN, 15
[45] MCCURLEY,10.
[46] WENHAM, G., xlv-xlvi.
[47] BRUEGGEMANN, 15.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Gênesis 1.1-2.4a:

Destaca-se de início que esta narrativa não pretende ser um relato científico, porém espelha uma ordem e seqüência nos atos de Deus em sua obra criativa. Mesmo que o texto trate a criação do universo como ação propositada de Deus, a sua intenção não é necessariamente ensinar o processo (em termos científicos) que Ele usou para dar origem e continuidade à sua criação. Quem quiser estudar este processo terá que aplicar princípios científicos para satisfazer a sua curiosidade. O texto bíblico não se ocupa em responder a tais curiosidades, mas em revelar o Criador. Deus anuncia a sua vontade e esta acontece, sem explicar o como.

A perspectiva científico inserida nesta narrativa é bem distinta da perspectiva científica atual. Por exemplo, o relato indica que Deus criou a luz no primeiro dia, mas a distingue da luz solar[48], já que o sol não é criado até o quarto dia. No terceiro dia, Deus cria as plantas, as quais, de acordo com o texto, multiplicam-se sem a necessidade da luz do sol. Uma criança no primeiro grau já percebe que as plantas precisam da luz do sol para crescerem. Nesta narrativa, porém, o sol não aparece a não ser no dia após a criação das plantas. Como relato científico do processo da criação, existem sérios problemas nesta seqüência, a não ser que se force a interpretação do termo "dia" como indicando um tempo limitado em torno de 24 horas ou a luz do primeiro dia é suficiente para suster vida herbácea[49]. Segundo a perspectiva científica atual, seria inconcebível que a terra fosse criada antes do sol, da lua e as estrelas, pois ela depende gravitacionalmente desses elementos astrais[50]. O interesse da narrativa, no entanto, não é descrição científica, mas teológica—foi Deus que criou, não um processo aleatório, nem atividade de uma aglomeração de deuses.

Esta primeira narrativa de Gênesis relata a obra de Deus para dar forma e estrutura ao caos original, reflexão do conceito hebraico e dos seus povos vizinhos referente ao início do mundo. É interessante lembrar que, no conceito hebraico refletido neste texto, a criação aparentemente começa com um caos primal†, geralmente concebido em termos de águas, não com um vácuo de nada[51]. Pelo menos o relato do primeiro capítulo de Gênesis não começa com a criação de matéria, mas no ordenar do caos. "Para providenciar um fundamento para a existência, o princípio foi preenchido com sentido"[52].

O conceito hebraico aqui lançado entende que os perigos das profundezas, seja do abismo, são perigos que podem causar "destruição, a perda de todo significado, e a falha de funcionar de acordo com o propósito de Deus. Este caos é 'sem forma e vazio', sem a estrutura de significado e vazio de todo propósito"[53]. Deus toma este caos (o qual ele mesmo criou?[54]) e o estrutura e organiza, para que tenha sentido e significado, e para que possa sustentar a vida que Deus está prestes a criar.

---

[48] LEVENSON, 65.
[49] Como se mede a duração do dia sem a existência do sol?
[50] Veja a seção adiante sobre **Cosmologias Antigas**, na página 63 para mais detalhes referentes a algo das perspectivas científicas da narrativa em relação à criação.
[51] LASOR, 20 e MCCURLEY, 10.
[52] WOLDE, 1.
[53] MOODY, 492.
[54] Gostaria-se de afirmar que Deus também criou as águas, porém o texto bíblico aqui não força tal interpretação. A indicação geral para o hebreu é de que o oposto à ordem criada é caos e destruição, não a ausência de matéria. Com o pano de fundo de pensamento oriental, pode-se presumir que o caos era até considerado "eterno" (WENHAM, G., 13). Outros textos bíblicos, especialmente do Novo Testamento, aproximam-se a lançar o conceito de Deus criar também a matéria, porém os textos de Gênesis não chegam a ensinar este conceito. Atos trata os mares como sendo também criação de Deus (Atos 4.24; 14.15), mas Gênesis não vai tão longe, a não ser na delimitação do lugar para os mares (o que pode ser ao que os apóstolos se referem em Atos). O conceito de *creatio ex níhilo*† parece, portanto, ser uma construção teológica de época posterior à redação das Escrituras, e em especial à do Antigo Testamento. Possivelmente Romanos 4.17 e Hebreus 11.3 retratam conceitos de *ex nihilo*, mas não o Antigo Testamento (HARBIN, *TAT1*, 17).

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Nesta narrativa o leitor enxerga a iniciativa de Deus para criar o universo. Através de sua palavra e seu sopro (espírito – רוּחַ), Deus faz surgir dentro do Caos primordial ordem e seqüência para sustentar e receber vida[55]. Deus propõe, e o que é proposto vem a existir sem intervenção alheia. Deus é Deus que fala e Deus que age[56], cumprindo ativamente os seus propósitos. Ele determina seus propósitos e estes não somente se realizam, mas são demonstradamente bons. Pelos resultados de sua intervenção, revela-se a soberania e o senhorio de Deus. Este senhorio, porém, deve ser qualificado, já que o restante do relato bíblico não impõe o conceito de que este senhorio é aceito e realizado plenamente[57].

Uma distinção forte da narrativa em contraste aos conceitos de criação em volta do povo hebreu† se destaca ao perceber que esta narrativa não apresenta nenhuma informação sobre a vida nos lugares celestiais. Toda sua atenção está voltada para os acontecimentos debaixo do firmamento†. Para os povos vizinhos dos hebreus†, a vida na terra espelhava a realidade celestial da vida dos deuses, com quem o homem precisava alinhar a sua vida para evitar o sofrimento como conseqüência. Em Gênesis, porém, o mundo criado "foi designado a ter a sua própria vida, as suas próprias funções, o seu próprio significado"[58].

A série de atos criativos desta narrativa concerne essencialmente à limitação do caos, não propriamente a sua eliminação[59]. Esta limitação de certo implica num exercício qualificado da soberania de Deus, visto que toda oposição a Deus não é eliminada. O caos ainda existe, porém, pela vigilância divina, é restringido. Deus revela sua soberania ao manter ordem, porém, o fato de não ter completamente apagado o caos denota que o inimigo derrotado ainda existe, e há também a possibilidade dele novamente erguer a cabeça[60]. O termo usado para o caos reflete o contexto do deserto onde o homem pode perder o seu caminho e morrer[61]. É este caos, ou desordem, que Deus modifica e estrutura.

A ordem criada, porém, existe não apenas por razão de um impulso inicial dado por Deus, mas por causa do seu interesse contínuo em manter esta ordem[62]. Confiado na continuidade da benevolência divina, o homem anela o dia em que Deus há de reivindicar completa soberania sobre o universo, extinguindo o caos e seus agentes por completo. Até então, a humanidade vive dentro de um contexto de fragilidade perante a ameaça do caos e da anarquia, justapostos contra a soberania de Deus, ainda não reivindicada completamente.

Muitos querem afirmar uma soberania total e absoluta de Deus em sua condição de Criador, assim indicando que Deus reivindica todo aspecto da sua onipotência e soberania[63]. Na perspectiva hebraica, a noção da soberania e do senhorio completo de Deus emerge como sendo uma confissão de fé e esperança[64]. Deus é onipotente, mas não necessariamente exerce por completo a sua soberania em todo aspecto e implicação. Deus demarcou limites para a atuação do inimigo, mas ainda não o destruiu. A própria criação "há de ser liberta ... geme e está com

---

[55] LEVENSON, 47.
[56] WESTERMANN citado em WENHAM, G., 15.
[57] Em Apocalipse, o mar é símbolo de agência maligna e caótica, e é interessante ver como aparece no quadro do livro. Em 4.6, o mar é apresentado como de cristal—ausente de ondas e com atuação estéril. No capítulo 15 o mesmo mar é visto como cristal e fogo, refletindo a questão de julgamento divino em conjunto com a esterilidade. No capítulo 21.1, nos novos céus e terra o mar já não existe. Assim o conceito da soberania de Deus é lançado em Apocalipse nos moldes de uma esperança escatológica, o que é coerente com o tratamento de Gênesis (BRUEGGEMANN, 20-21, LEVENSON, 47-48, BORING, 216-217 e AUNE, 1119-1120).
[58] HARRELSON, 5-9.
[59] BORING, 105.
[60] LEVENSON, 47. Veja, no entanto, a seção sobre Seres Espirituais, na página 88 deste documento.
[61] WENHAM, G., 15.
[62] LEVENSON, 16-17.
[63] *i.é.* WENHAM, J., 43.
[64] BRUEGGEMANN, 20-21 e LEVENSON, 47-48.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

dores de parto ... aguardando ... redenção"[65]. Aceitar sua soberania, porém, é questão de fé e esperança.

O eixo principal da narrativa, no entanto, é de que Deus criou, estruturando ordem no caos e fazendo surgir vida em meio desta ordem. O que era vazio tem sentido. O que era desordem e caos é um mundo ordenado. Deus criou, tomou iniciativa e fez conforme a sua vontade. Mesmo que não haja reivindicado todo aspecto de sua soberania, ele é soberano, Rei do Universo, Senhor da Criação.

"Num Princípio":

Na língua hebraica a ausência do artigo definido tem o mesmo significado do uso do artigo indefinido no Português. Assim sendo, a primeira palavra do texto hebraico indica mais especificamente "num princípio" ou "num começo", já que o texto hebraico não contém o artigo definido. Wolde vê neste detalhe que tanto o universo físico, como também o tempo fora criado por Deus no mesmo ato.

> *Como pode-se falar de 'o' princípio, quando até então não existe tempo? ...Não existe nem uma eternidade, pois isto seria 'durando por um tempo indefinido'. Apenas com a criação é que o tempo e o espaço vêm a existir. ...Criaturas somente chegam a existir em tempo. Num princípio antes de todos os princípios, Deus faz um princípio dentro do tempo, criando*[66].

Segundo a perspectiva de Wolde, Deus cria ambos espaço e tempo juntos, conceito coerente com a perspectiva de Hebreus 1.2, onde o texto grego indica que Jesus criou "os séculos". Deus não é parte de sua criação, mas além dela, mesmo que Deus passe a tratar com as suas criaturas e a participar de sua vida. Deus se faz presente e é atuador. Mesmo assim, Deus transcende a sua obra criada. É necessário compreender também que o tempo, como é conhecido hoje, é parte de sua criação. De alguma forma, Deus é além das limitações do tempo, e o tempo teve um princípio em Deus.

O problema com a perspectiva lançada por Wolde é de que na falta do artigo definido ("num princípio") ela torna a interpretação do termo ainda mais definido do que seria se o artigo definido estivesse presente. Certas colocações acima descritas podem ser coerentes, mas não procedem da ausência do artigo definido. Como o texto deixa fora o artigo definido esperado, temos apenas um início ou princípio que agora descreve. Deus criou, dando um início àquilo que importa para o ser humano—criou desde os céus até a terra. Isso não infere qualquer coisa sobre o que possa haver já em existência antes desse princípio mencionado. Qualquer assunto referente a estados ou matérias preexistentes simplesmente não entram em cena, a não ser a menção de águas e a forma caótica e vazia da terra.

A frase 'os céus e a terra' refere-se à totalidade da ordem criada por Deus. Wenham diz, portanto, que poderia ser traduzido por 'Deus criou tudo'[67]. Deve-se destacar, porém, que o texto não apresenta que Deus criou as águas—elas parecem ser elementos primordiais de um caos preexistente[68]. Assim parece haver certo problema na interpretação exposta por Wenham.[69] Seria

---

[65] Romanos 8.21-23.
[66] WOLDE, 14-15.
[67] WENHAM, G., 15.
[68] Gênesis 1.2,6,9.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

necessário dizer que esse tudo deve referir-se a todo elemento de ordem—o mundo que encontra-se dentro, mesmo que separado do caos ao seu redor.

Continuando com este destaque, esta narrativa não necessariamente indica que Deus criou o universo do nada, mesmo que tampouco contrarie a idéia especificamente[70]. Observando bem o texto, não se encontra que Deus criou as águas, mas que Deus criou limitações para elas: céus e terra, ou seja, tudo aquilo que revela ordem e o estabelecimento de limites. As águas não aparecem como constando desta obra de criação de Deus segundo o texto presente.

Levenson compreende que isto de nenhuma forma nega a soberania ou o senhorio de Deus, mas abre a perspectiva para incluir no texto a possibilidade de um antagonista† ao qual Deus se opõe e cuja atuação Deus limita. A perspectiva dele, então, é de que *YHWH* (יהוה) tem um adversário, contra o qual age para criar ordem do caos existente em meio às águas. Em lugar de criação do nada (*ex níhilo*†), encontra-se uma obra criativa que se opõe ao caos ou seu agente. Aceitando o conceito científico atual do princípio do universo, pergunta-se o que teria existido antes do "Big Bang"? [71] Seria necessário responder que antes existia apenas o caos primal†,[72] pois Deus ainda não havia criado ordem.

No contexto levantado por Levenson, vê-se também uma questão dos relatos paralelos dos povos vizinhos dos hebreus†, nos quais o abismo ou mar seriam oponentes à criação. A implicação desta narrativa é de que para Deus tais oponentes simplesmente não existem. Mesmo que esses símbolos de oposição a *YHWH* figuram nesta narrativa, aparecem apenas como elementos impessoais sem qualquer característica de personalidade ou atividade volitiva. Foram relegados para uma posição muito inferior que integrantes dos panteões conhecidos. São elementos materiais que não participam da criação[73].



Com estas colocações, entende-se que o princípio aqui mencionado não deve ser compreendido como o começo de tudo, mas o começo daquilo que importa à humanidade. Nem pode-se chamar definitivamente de "o princípio", pois Deus já existe. Alguns diriam que refere-se ao começo do tempo em si[74]. Assim nessa perspectiva pode-se compreender que até o que se conhece por tempo e espaço teve um começo específico. Este relato, porém, não necessariamente tem como

---

[69] É importante lembrar que se deve ter cuidado em forçar o texto para responder as inquitações ou assuntos pessoais do leitor. O texto precisa ser lido de modo a explicar os assuntos do próprio autor, não do leitor. O intérprete atual quer encontrar no texto apoio para o conceito de Deus ter criado *ex nihilo*, porém o texto precisa ser aceito dentro da perspectiva de seu autor, o qual aparentemente não se preocupa com a posição de criação do universo a partir do nada (*ex nihilo*). São assuntos como esses aos quais se faz referência nas seções sobre **Imposições Filosóficas** e **Imposições Teológicas**, nas páginas 99 e 100, respectivamente.

[70] LEVENSON, xx-xxi, xxix, 5-11 e MCCURLEY, 10.

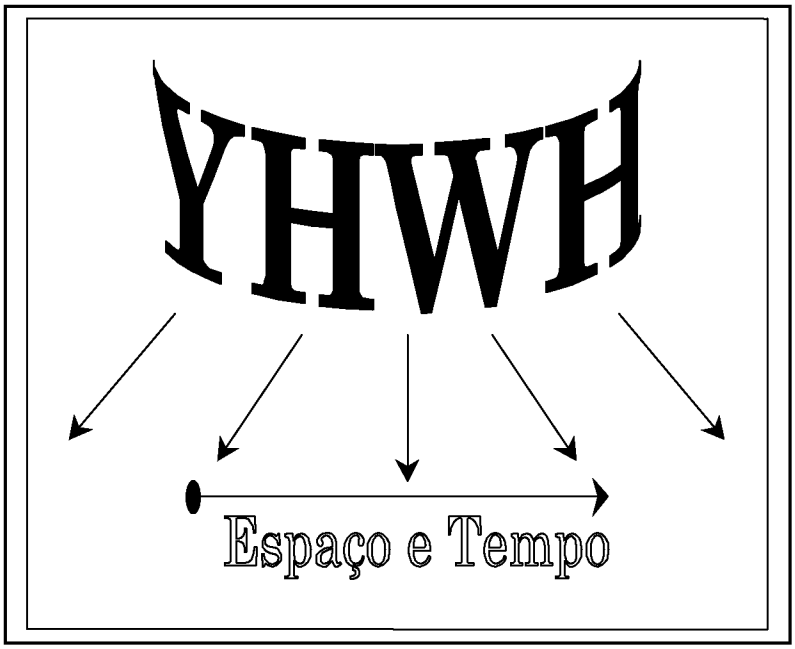
[71] Esta pergunta tem sido levantada recetemente por cientistas propondo ciclos de contrações e expansões caclismáticas do universo com uma série de "Big Bangs", como aquela descrita como ocorrendo entre 13 e 14 bilhões de anos atrás.

[72] Por caos primal, entende-se que a "matéria prima" no momento do "Big Bang" seria vazio de sentido, propósito e ordem—tal a definição hebraica do termo vazio. Vazio no conceito hebraico não equivalia à ausência de matéria, mas a ausência de valor e sentido.

[73] MCCURLEY, 12.

[74] WENHAM, G., 14. Nestes termos vincula-se a Hebreus 1.2, onde o texto grego deveria ser traduzido por "séculos", em lugar da tradução mais comum de "mundo". Há quem pense em termos filosóficos que o texto trata de conceitos de espaço/tempo nos termos da física atual, mas tal elaboração provavelmente vai além de conceitos autorais do primeiro século. Mais provável é de que o autor de Hebreus pense na narrativa de Gênesis 1 em termos de Deus criar o necessário para que o homem pudesse viver e contar seus dias—os séculos dentro dos quais a vida existe.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.



ponto de partida tal começo. O seu ponto de partida é o começo mais interessante para a humanidade: a criação de ordem em meio do caos, para oportunizar a criação de vida sobre a face da terra[75]. Assim, compreende-se que de certa forma o relato "pega o bonde andando", completamente desconsiderando o que teria existido antes do ato criativo de *YHWH* aqui relatado. Outros textos podem traçar a criação a partir do nada, mas tal posicionamento teológico é estranho a esta narrativa de Gênesis.

Como se encontra nas narrativas criacionistas† dos outros povos, este relato antecipa a narrativa do dilúvio[76]. É de interesse igual notar que a narrativa do êxodo do povo hebreu† desde o Egito reflete algo do padrão desta narrativa da criação: uma vitória sobre as águas mortais, o surgimento de terra seca em meio destas águas, resultando em nova vida[77]. Este vínculo torna-se ainda mais nítido ao se perceber que o mundo era visto pelo hebreu† como o santuário de Deus, havendo na narrativa do êxodo também a construção de um santuário como peça culminante do evento[78].

De qualquer forma, a narrativa revela que *YHWH* é muito acima e além da obra criada. Sua atuação ao criar é a atuação dAquele que resolve fazer e faz o que é de sua vontade. É possível ver antagonistas† potentes agindo ao redor, porém *YHWH* encontra-se acima de tais. Mesmo que não reivindica por completo a sua total soberania, sua atuação ao criar o posiciona como o único soberano e digno.

Como ilustra o gráfico acima, *YHWH* não se encontra limitado à ordem criada, como se fosse parte da obra criada. *YHWH* é antes e após das limitações da criatura. A criação não afeta a *YHWH* diretamente, a não ser a causa do seu amor e interesse naquilo que criou. De certa forma, O Criador é expectador da criação, mas ao mesmo tempo escolhe participar e envolver-Se com a obra criada. O Criador sustenta a Sua criação, portanto, não por necessidade própria, mas por sua vontade graciosa. *YHWH* é, portanto, maior do que a criação do tempo e espaço, sofrendo apenas a influência que deseja de sua criação. A grandeza do universo em tamanho e tempo poderia ser visto como um todo por *YHWH*, pois não faz parte de sua obra criada, exceto na sua interação graciosa.

A narrativa começa, portanto, no sentido de Gênesis 5.1 e de Gênesis 2.4. Num momento de iniciação da criação, encontramos a atuação de Deus. Nada de informes referentes ao tempo

---

[75] LEVENSON, 12, 47. Esse conceito de traçar a criação de uma nação em contraste ao universo físico era comum aos povos do Antigo Oriente, não limitado ao povo hebreu. As mitologias de outros povos se preocupavam em estabelecer por exemplo o evento do reinado ter sido estabelecido na terra apartir da ação criativa dos deuses. Tal preocupação com a formação da nação era muito mais importante para os povos antigos do que considerações metafísicas das origens do universo material da atualidade.
[76] WENHAM, 8-9.
[77] LEVENSON, 75.
[78] *Ibid.*, 86.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

anterior à formação dos preparativos para vida sobre a terra entram em pauta. Entender-se-ia aqui que antes da criação Deus já existia. Esse tempo, porém, não é descrito. O relato "pega o bonde andando" para informar sobre aquilo que é necessário para o ser humano saber, mas nada desde acontecimentos anteriores.

Paralelos:

É hábito para muitos passar por cima desta narrativa, simplesmente indagando pela identificação do Criador ou opondo-se a formulações de teorias científicas que ignoram a existência e atuação de Deus na origem do universo. Salienta-se, porém, que o relato é um relato teológico e em termos de seu ensino teológico a narrativa é muito rica. O impacto teológico desta narrativa vai um tanto além da perspectiva habitual da igreja, quando se faz uma simples comparação com outros relatos do mundo antigo referente à origem do universo. De acordo com este relato da criação, é necessário afirmar com Moody de que até "o Seol fica sob o domínio de Deus"[79]. Ele domina toda a criação—todo o universo. Não há conflito em Deus. Como o povo hebreu[†] entendia que o Seol encontrava-se debaixo da superfície da terra, nem o Seol (lugar dos mortos) está fora do alcance de Deus. Tudo o que poderia causar temor ou oposição a Deus está sob o seu controle. Deus é soberano sobre tudo!

Comparando esta narrativa da criação com as narrativas dos povos ao redor dos hebreus[†], pode-se encontrar várias diferenças significativas. Por um tempo, era considerado que a narrativa dependia das narrativas dos outros povos, porém não são os elementos parecidos que chama a atenção do leitor, mas as diferenças—as quais são enormes. Nestas diferenças surgem a relevância e a significância da narrativa, pois ela responde aos conceitos apresentados nas mitologias dos outros povos e distingue a identidade singular de Deus no contraste apresentado. É o caráter polêmico da narrativa que lhe dá o seu propósito original. Veja o quadro a seguir:

NARRATIVA HEBRAICA[80]	NARRATIVA BABILÔNICA[81]
Criação proposital por Deus	Obra do acaso
Criação do Deus Singular	Obra de um panteão em conflito entre si
Criação da Humanidade como idéia fundamental e propositada	Homem criado para resolver a necessidade dos deuses em alimentarem-se
Deus organiza o Caos, que está sob o seu controle	Os deuses lutam contra o caos, sem muito avanço, tentando controlar algo além de seu domínio
Deus criou voluntaria- e decisivamente no sentido de doar-se	Os deuses criaram para responder às suas necessidades físicas
Deus atua como Senhor do universo em soberania e confiança	Os deuses atuam como seres humanos, lutando e intrigando entre si

Esta narrativa é declaradamente contrária aos conceitos pagãos ao redor do povo hebreu[†]. É uma resposta direta em contradição e crítica acirrada às idéias que estes vizinhos tinham do mundo,

---

[79] 1ª Samuel 2.6; Amós 9.2; MOODY, 493. Veja também a seção sobre **Cosmologias Antigas**, na página 63.
[80] Gênesis 1.1-2.4a.
[81] *ENUMA ELISH* – Veja HEIDEL.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

dos deuses e da origem da raça humana e o seu ambiente[82]. Não é uma polêmica quieta e passiva, mas uma palavra de afronta aos conceitos comuns da época, tanto daquela como também da atual.

"O Sopro (*Ruach*) de Deus":

O termo hebraico *ruach* (רוח), traduzido em Gênesis 1.2 por "espírito", tem o sentido básico de "ar em movimento"[83]. O termo pode denotar tanto o sopro ou fôlego, como também um vento tempestuoso, ou mesmo o sentido em que se usa o termo "espírito". Eruditos têm refletido muito sobre a especificação do termo empregado neste contexto, a conclusão geral identificando algum aspecto da atividade e presença do Criador no meio do tumulto caótico[84].

Para facilitar a compreensão do conceito bíblico expresso por *ruach*, é proveitoso empregar o termo "sopro" sempre que encontrar um dos seguintes termos nas traduções da Bíblia em português: "fôlego", "espírito", "vento". O termo "sopro" facilita a compreensão do conceito expresso em Gênesis 1.2, por exemplo, de que Deus estava presente, tal que o seu sopro era o que movia as águas. Deus não pode ser visto, como o vento também não se vê, mas percebe-se a sua existência, presença e atuação como se fosse possível sentir o sopro de suas próprias narinas. Assim o termo indica a presença divina que vai além da compreensão humana, expressa em ação dinâmica: "É Deus em movimento"[85].

Em Gênesis 1.2, Levenson traduz a frase em questão como "um vento da parte de Deus"[86]. Apesar de não ser necessário seguir a sua tradução do termo, deve-se lembrar que nada impede que seja traduzida dessa forma. O vocábulo usado, *ruach*, é mais amplo em termos de seu significado do que qualquer vocábulo geralmente empregado no português. Sendo que o termo tem o significado básico de "ar em movimento", é interessante manter esse conceito na tradução e interpretação da passagem. A preferência deste autor é de usar a frase "o sopro de Deus", já que este sopro poderia ser concebido em forma de vento ou de expressão de sua presença ativa e efetiva. O termo vincula-se também ao falar de Deus nos versículos seguintes, pois o sopro e a palavra ambos procedem da boca de Deus.

Pode ser de ajuda para o leitor lembrar que no português também existem vocábulos que são um tanto indefinidos a não ser por um contexto específico ou pela presença de outras palavras usadas em conjunto com ele. A exemplo, coloca-se o termo "pé", o qual todos sabem que referência a parte da anatomia humana na extremidade da perna, sobra o qual se anda. Porém, este realmente não é tão específico como parece, pois pode referir ao pé de uma mesa, uma árvore frutífera, ou até a um doce (pé-de-moleque).

Assim também o termo *ruach* refere-se essencialmente a "ar em movimento", porém pode especificar em dada ocasião qualquer de vários aspectos desse ar[87]. É no sentido do respirar que o hebreu† começa a identificar o chamado "princípio vital" do ser humano. Quando alguém pára de respirar, morre, e quando alguém morre, o seu respiro vai embora. Esse vínculo do respirar

---

[82] HAMILTON, 55.
[83] HARRIS, 1407 e HARBIN, *ESBHI*, 18.
[84] WENHAM, G., 16-17.
[85] EVARISTO, 6.
[86] LEVENSON, 84.
[87] Gênesis 6.3 – "respiro/espírito/fator vital"; Êxodo 14.21 – "vento"; Êxodo 28.3 – "espírito/mente"; 1ª Reis 17.17 e 21-22 "respiro/fôlego", logo "vida".

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

com a vida gerou uma vaga compreensão de que esse respiro tinha vínculo não somente com a vida, mas de alguma forma com uma vivência além do corpo.

Nos textos mais antigos, não se encontra um ensino direto sobre o que se denomina hoje por espírito[88]. Mesmo assim, existe a noção de que o homem é mais do que um corpo, pois um corpo pode estar morto e já não exibe tudo o que é o ser humano. Por outro lado, o hebreu† podia identificar a existência e atuação de Deus, mesmo que não o conseguia enxergar. Como o vento sopra e sacode as árvores, percebe-se a existência e a atividade de *YHWH* (יהוה), mesmo quando não é visível e não tenha corpo físico. *YHWH* é intangível como o vento, porém ativo e presente como é o vento. No próprio respirar do hebreu† ele percebia a sua dependência em *YHWH* que lhe dava aquele fôlego de vida que respirava pelas suas narinas. *YHWH* estava presente e ativo como o vento e como o seu próprio sopro. Esse "ar em movimento", o *ruach*, tornou-se aparentemente num símbolo para representar a presença e ação divina no mundo no meio do povo.

"Façamos a Humanidade":

Na passagem de Gênesis 1.26, onde o autor usa o verbo na primeira pessoa do plural para expressar as palavras de Deus, muitos querem encontrar nesta frase uma referência à trindade de Deus. Existem, porém, outras possibilidades e até algumas dificuldades em apontar para o conceito da trindade de Deus sendo apresentado no livro de Gênesis. É interessante que Calvino† destacou esta passagem como sendo apoio espúrio como prova da Trindade[89].

Primeiramente, salienta-se que a doutrina da trindade de Deus foi compreendida somente após o ministério e ensino de Jesus Cristo[90]. Os autores bíblicos do Antigo Testamento não tinham conhecimento da Trindade de Deus, mesmo que exista certa base na qual Jesus afirma e revela algo desta essência de Deus. Segundo, pode-se ver nestas passagens um tratamento que posiciona Deus no contexto de uma corte celestial, no qual Ele fala em linguagem real[91] ou em termos de representar a corte, ou em termos de que a corte tenha o privilégio de participar nos planos do Soberano. Outra opção é de ver nestas palavras uma referência à plenitude de Deus, especialmente em conjunto com o nome aqui usado, *elohim* (אלהים), que pode ser visto como uma forma plural da palavra *eloah* (אלוה—"deus"; logo *elohim* seria "deuses"), como também poderia indicar algo como "Deus acima de todos os deuses" ou "Deus de deuses". Este plural é mais comumente tratado como um "plural de intensidade, algumas vezes chamado de 'majestade'"[92].

Não é necessário encontrar no Antigo Testamento tudo que Jesus veio revelar. Se o Antigo Testamento já explicasse tudo a respeito de Deus, não haveria razão para o Novo Testamento indicar que Jesus veio para revelar o Pai. É somente nesta revelação do Pai dada pelo Filho que se encontra uma base clara para afirmar uma perspectiva trinitária no texto bíblico. Não se deve, porém, simplesmente optar por uma saída fácil de um confronto que surge do texto para com um conceito pré-elaborado.

---

[88] em referência ao sentido da existência além-túmulo e além-corpo.
[89] GEORGE, 199.
[90] A formulação concreta desta doutrina somente chegou a ser cristalizada no quarto século depois de Cristo (HARVEY, 244), muito após o ministério de Jesus, utilizando o vocábulo latino *persona* para referenciar as formas pelas quais o único Deus se revela. É importante lembrar que o termo denota a máscara do personagem que o ator de uma peça utiliza (MCKAY, 85). Assim, a formulação indica um único Deus que se relaciona de três formas com a humanidade.
[91] KIDNER, 49.
[92] KEVAN em DAVIDSON, F., 83.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Um conceito levantado como explicação do uso do verbo no plural[93], olha por trás da narrativa como apresentada no texto de Gênesis, vendo não apenas a existência de outros seres, mas uma batalha entre eles e Deus. Existe em outras passagens[94] e alguns rasgos de elementos nesta própria narrativa que indicam elementos descritivos de uma guerra primeva† que resultou na criação do universo por parte de *YHWH* (יהוה)[95]. Se for assim, a narrativa tem sido "purificada" de alguns elementos tais, porém rastos do mesmo continuam a aparecer em algumas passagens. Dentro desses rastos se encontraria a expressão em Gênesis 1.26, que posiciona Deus em meio de sua corte celestial.

Este posicionamento vê por trás da narrativa, então, a idéia de um conflito ou batalha entre Deus e o(s) agente(s) do caos, aqui refletido no conceito das águas primordiais. Entende-se que nesta narrativa o relato da luta tem sido aplacado, porém aparece com um pouco mais de clareza em outras passagens, como as acima mencionadas, e até mesmo em Apocalipse 21.1, onde João prevê uma nova criação onde este oponente deixa de existir. Fica clara nas narrativas a seguir que existe certo agente que contraria a vontade do Criador, porém nesta narrativa o conceito de uma batalha cósmica num drama de criação tem sido subjugado perante a apreciação do senhorio do Criador.

É importante lembrar que a importância da frase encontra-se no seu propósito de espelhar "um relacionamento mais íntimo de Deus com o homem do que com o resto de sua criação"[96]. O narrador não encontra dificuldade alguma em apontar a possível existência de outros seres preexistentes à obra criativa de Deus descrita no texto. Aliás, como a passagem começa com a frase "Num princípio", não é necessário entender que pretende tratar do mero início de tudo. Trata da ação divina para estabelecer ordem no caos, de forma que a vida pudesse existir.

Tem sido argumentado que os reis dos povos da época não utilizavam o "plural de majestade"[97], o que põe em jogo esta noção interpretativa. O sentido natural do texto revela claramente a noção de que havia outros seres presentes com o Criador, mesmo que o texto não explique a sua identidade. Tal conceito da existência de outros seres supra-humanos era comum para o hebreu†[98]. Estes parecem ter uma existência desde antes da obra criativa de Deus retratada nesta passagem. A narrativa reflete assim conceitos tidos em comum entre os hebreus† e os povos ao seu redor como nos épicos† de *Enuma elish*† e *Atrahasis*†[99] e em passagens como Jó 38.7-11 e Salmo 74.10-20. No entanto, estes outros[100] claramente não participam da obra criativa de Deus—são meros espectadores.

Feitas estas colocações, abre-se também a opção de aqui estar refletida um chamado plural de auto-exortação, no qual Deus declara a sua intenção como se fosse a si mesmo[101]. Pode ser que a perspectiva mais correta implique numa assimilação destas duas conotações. Os membros da corte "aparecem" no relato apenas como meros espectadores da iniciativa de Deus[102]. Assim, Deus relata o que está prestes a fazer na presença de seus espectadores celestiais, que apreciam, porém, não participam de sua obra criativa.

---

[93] Gênesis 1.26—"façamos".
[94] Jó 38.4-13, 31-35; 41.1-34; Salmo 74.13-14, 89.6-10; Isaías 27.1; e Ezequiel 29.1-7, 32.1-16.
[95] LEVENSON, 27, 32 e 38-41.
[96] DUMMELOW, 5.
[97] LEVENSON, 158.
[98] Êxodo 15.11; 18.11; 2ª Crônicas 19.6; Jó 1.6-12; Salmo 82; 95.3-6; e 97.7-9.
[99] épico babilônico por volta de 1600 a.C..
[100] são estes "deuses"? ou membros da "corte celestial"?.
[101] WENHAM, G., 28.
[102] LEVENSON, 5.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Imago Dei ("Imagem de Deus"):

A expressão, "à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"[103], tem levantado muitas perguntas entre teólogos e comentaristas referente ao significado específico desta "imagem de Deus" (geralmente referenciado pela frase do latim *imago dei*†). A polêmica se levanta em primeira instância porque a narrativa não explica claramente o suficiente para nós a que se refere com a colocação. O que pode-se dizer expressamente é que a frase identifica o homem com o Criador, ao mesmo tempo traçando uma distinção clara entre a criatura e o Criador[104].

Tratando o assunto, é bom começar mencionando que a *imago dei*† concerne toda a espécie humana, não apenas o sexo masculino[105]. Pode ser de ajuda estudar outros textos que se referem à criação da humanidade, porém, ao mesmo tempo deve-se tomar cuidado para tratar esta passagem dentro do seu próprio contexto, deixando a narrativa explicar-se a si mesma. As outras passagens que possam ajudar na compreensão dos termos devem também ser tratados segundo as suas próprias limitações contextuais antes de abordar qualquer vínculo.

Alguns querem explicar a *imago dei*† recorrendo a Gênesis 2.7, ignorando a separação entre as narrativas. Esta segunda narrativa, porém, nem utiliza a expressão, nem introduz elementos que distingam categoricamente entre a humanidade e o resto da criação, a não ser em sentido da humanidade ser o propósito central da criação. Esta recorrência também depende do uso da expressão *neshamah hayyim* (נשמח חיים)[106] referente à humanidade em particular, porém, o texto de Gênesis 7.22 amplia o uso do termo para compreender vínculo do termo aos animais tanto quanto à humanidade. É também importante lembrar que a vida era simbolizada no sangue do animal ou ser humano, mas aquilo que dava a conhecer que um vivia era a própria respiração. Esta respiração incluía os animais tanto quanto à humanidade.

Erickson tem definido três categorias básicas na compreensão da frase, referindo-se à imagem em termos de algo físico ou substancial, de algo relacional ou de algo funcional[107]. Dentro de conceitos substanciais, muito se tem projetado em termos da razão ou capacidade intelectual humana como representando a imagem de Deus nele, destacando-o igualmente do resto da criação. Claus Westermann lançou a idéia relacional da *imago dei*†, tratando o homem sendo criado como a "contraparte de Deus ... tal para possibilitar um encontro entre o Criador e a criatura"[108]. Existem paralelos entre os povos da Mesopotâmia†, dos seus reis sendo vistos como representantes dos deuses, onde se utiliza os vocábulos "imagem" e "semelhança" para tratar esta representatividade. Provavelmente é esse o conceito aqui do *imago dei*†, a participação humana no governo divino sobre a criação[109]. Neste sentido se poderia dizer que "a raça humana é o plenipotente† de YHWH, o seu dublê"[110].

Era um conceito comum na perspectiva oriental do rei ser visto como participante da imagem divina de um deus e logo sendo o seu representante[111]. Em apoio ao conceito funcional tratado por Levenson, ele cita um tratado egípcio, *Instrução para o Rei Meri-Ka-Re*, provindo do segundo século antes de Cristo: "Bem dirigidos são os homens, o gado de deus. Ele fez o céu e

---

[103] Gênesis 1.26.
[104] LASOR, 25.
[105] LEVENSON, 111.
[106] Veja a seção **"O Fôlego (*Neshamah*) da Vida (*Hayyim*)"**, na página 38.
[107] ERICKSON, *ITS*, 217-218.
[108] LEVENSON, 112.
[109] BRUEGGEMANN, 32-33 e DOUGLAS, 740.
[110] LEVENSON, 114-115.
[111] WENHAM, G., 30.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

a terra de acordo com os seus desejos, e repeliu o monstro d'água. Ele fez o sopro da vida [para] suas narinas. Aqueles que foram gerados do seu corpo, são suas imagens..."[112]. Esta citação não determina por si a interpretação devida do texto, porém revela que havia um conceito entre os povos do antigo Oriente Médio que tratava de uma imagem divina expressa na humanidade, que se tratava de uma representatividade do divino.

Aceitando a colocação inicial de Levenson de que a *imago dei*† é refletida na humanidade como um todo, não há mais a preocupação de definir entre aqueles que possam espelhar com intensidades diferentes a imagem de Deus. Parece, então, que a humanidade foi criada para refletir a Deus e representá-lo no mundo, devendo o homem aceitar o seu papel de servo, mordomo e representante de Deus.

Salmo 8 trata paralelamente a criação da humanidade, mencionando no versículo cinco que o homem foi criado "um pouco abaixo de *elohim* (אלהים)", seja, um pouco abaixo de Deus ou dos deuses. Em seguida, o texto menciona que Deus deu ao homem domínio sobre a criação, como também é mencionado em Gênesis 1.28. O conceito hebraico era de que *YHWH* (יהוה) havia entregue ao *elohim* o cuidar das nações, porém Israel lhe cabia cuidar em particular[113]. Parece provável que o texto do Salmo 8 tenha um vínculo com esse conceito, traçando a ligação entre os *elohim* e a raça humana. No Salmo 8, o estado e o domínio parecem estar ligados entre si, sendo que o homem é criado expressamente para servir como uma "espécie governante" para atuar por Deus na terra. Como Gênesis 1.26-28 segue mais ou menos a mesma linha de pensamento, pode-se tratar os textos como paralelos, dando apoio à noção da *imago dei*† estar vinculada ao conceito de domínio sobre a criação.

O Salmo 89 também trata certos aspectos da criação e logo nos versículos 3-4 e 20-37, Deus trata do rei Davi como o seu representante na terra, dando-lhe domínio e estendendo-lhe senhorio sobre a criação. Como o rei era o representante de Deus na terra, também muitas passagens tratam do povo inteiro sendo representante de Deus perante as nações. Passagens como estas não chegam a explicar a frase *imago dei*† de Gênesis 1.26, porém ajudam a encaminhar a sua compreensão.

Dito isso, lembra-se ao leitor que os povos vizinhos dos hebreus† ensinavam que os deuses criaram o homem segundo a sua própria forma. Em polêmica contra tal conceito, este texto reflete que Deus criou a humanidade para espelhar características divinas, mas não de forma igual. Assim, a humanidade atua na condição de administrador do Criador, cuidando de sua obra criada[114], mas de nenhum jeito sendo igual a Deus.

Descanso:

Um outro tema principal da narrativa a ser tratado é a questão do descanso. Toda a estrutura da narrativa de Gênesis 1.1-2.4a está delimitada numa série de eventos, termos e frases que são múltiplos do número sete[115], ressaltando a importância do sétimo dia, mesmo quando o esforço criativo levou apenas seis passos. O próprio termo hebraico do qual deriva a palavra "sábado" [*shabat* (שבת)], o nome dado a este sétimo dia, significa por si "ausência de atividade", "cessar",

---

[112] LEVENSON, 115.
[113] WENHAM, G., 241 e Deuteronômio 32.8-9.
[114] LASOR, 25.
[115] LEVENSON, 101.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

ou "interromper"[116], quais sentidos estão vinculados estreitamente ao conceito de descanso. Mesmo não aparecendo tal termo nesta narrativa, a constante repetição do número sete enfatiza o conceito desse descanso sabático. É importante lembrar que esta narrativa fora escrita olhando para trás e mostrando ao ouvinte como desde a criação Deus planejou tudo para o descanso do humanidade.

O tema de descanso não é integral apenas nesta narrativa de Gênesis, mas encontra-se em destaque também nas narrativas de criação dentre os outros povos ao redor dos hebreus†[117]. Nestas outras narrativas, é a necessidade dos seus deuses que torna o descanso um tema central das narrativas. Na narrativa de Gênesis, porém, encontra-se um vínculo com a questão do sábado de descanso que Deus dá ao homem. O descanso é um tema teológico central no Antigo Testamento, geralmente incumbido de um sentido escatológico†, já que no Antigo Testamento o povo não chegou a experimentar esse descanso por causa da sua incredulidade[118].

"Descanso, como o termo é usado em Hebreus, não é apenas uma cessação de atividade, mas a experiência de alcançar um alvo de importância crucial"[119]. O descanso de *YHWH* (יהוה) é mencionado aqui dentro de parâmetros que revelam a necessidade do ser humano também em participar desse descanso. Este ensino específico é de uma época posterior ao tempo do relato[120], porém a forma presente da narrativa aparentemente sofreu modificações posteriores ao mandamento referente ao sábado de descanso. Com o ingresso do pecado no mundo[121], os efeitos desse descanso são interrompidos, mas na narrativa de Noé o descanso estabelecido na criação será restaurado[122].

A conclusão da obra criativa de Deus, então, culmina em descanso. Este descanso não está limitado ao reino celestial como nos relatos de criação dos outros povos. Aqui o descanso permeia o mundo, sendo oferecido também à humanidade e ao resto da ordem criada[123]. Esta afirmação encontra base e apoio na compreensão de que a obra criativa divina é essencialmente para estabelecer ordem, e ordem em meio do caos, especificamente em sentido de apoiar a vida. Deus estabeleceu ordem e nessa ordem, então, estende descanso a toda a sua criação.

Unidade Narrativa:

Com as anotações acima, discutiu-se algo dos temas mais debatidos em comentários referente à primeira narrativa de Gênesis. É indispensável, porém, tratar a compreensão da narrativa como um todo no aspecto de sua contribuição já como uma unidade. A narrativa não é uma aglomeração de frases e versículos, mas uma unidade literária que como um todo transmite ensino para o leitor/ouvinte. Qual é, portanto, a contribuição básica desta narrativa vista como um todo?

De início, a narrativa não procura definir todos os detalhes do evento da criação, mas aponta para a identificação do Criador. Como não usa do artigo definido no começo, trata apenas do

---

[116] HARRIS, 936 e 1521.
[117] LEVENSON, 101.
[118] DOUGLAS, 399.
[119] ERICKSON, *CT*, 1229.
[120] Mesmo que Moisés fosse o autor do relato, como insistem alguns, o registro da narrativa teria acontecido séculos após a criação, pois Moisés não fora nascido antes do evento da criação do mundo.
[121] Gênesis 3.
[122] Veja a seção a seguir referente a **Noé**, na página 95.
[123] LEVENSON, 107.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

princípio que chega a ser de interesse real para o ser humano. Deus criou o princípio que nos interessa, criando todo o espaço necessário para a vida, incluindo toda forma de vida existente neste mundo. A narrativa nunca explica o processo utilizado por Deus na criação. Em contraponto expressa que a vontade divina foi cumprida, só não explica como tal sucedeu.

A vontade de Deus é representada como sendo incontrovertida. Quando Deus deseja algo, pronuncia a sua vontade e tal passa a existir. A criação portanto, não se apresenta como esforço árduo, mas por obra da vontade de Deus que aparentemente não encontra resistência alguma. Tal apresentação encontra contraste enorme com as grande batalhas e intrigas descritas nas mitologias dos povos vizinhos dos hebreus†. Enquanto os povos do antigo oriente pensavam que as estrelas eram deuses, aqui as estrelas e os planetas não passam de luzes e marcadores de tempo. Em contraste com esses conceitos, Deus age sem interferência de qualquer oponente e o faz de livre vontade, não em conseqüência de alguma necessidade própria.

Na obra criativa de Deus, não há conflito, nem esforço, nem necessidade, nem desordem. Deus começa com um caos e opera ordem, criando tudo necessário para sustentar a vida e colocando o ser humano na posição de mordomo da criação—o representante de Deus sobre a face da terra. Logo Deus dá exemplo ao homem, descansando, seja desfrutando do fruto do seu labor. A criação foi feita não apenas para dar trabalho, mas para ser desfrutada. Assim aparece um mundo que não apenas sustenta a vida, mas oferece condições de enriquecer a vida sustentada.

Não existe, portanto, um panteão de deuses em pleito constante para controlar o mundo, mas o ser humano foi colocado em exercício de autoridade sobre a criação como ministro de Deus. Deus criou e deixou o ser humano como o seu encarregado. Deus criou não somente para si mesmo, mas também para que a criação desfrutasse de sua própria existência e serviço. Ao mesmo tempo, Deus não deixou a criação de lado, mas passou a desfrutar da beleza de sua criação. A criação foi uma obra de complexidade, mas de toda essa complexidade Deus deu para o ser humano a tarefa de exercer domínio como mordomo de Deus.

Esta narrativa, portanto, demarca não apenas o princípio da criação da vida, mas demarca vários princípios de suma importância para uma compreensão sadia deste grande Deus, Criador dos céus e da terra. É este o enfoque da narrativa, não os aspectos metodológicos do processo da criação. O início de nossa reflexão, portanto, também deve começar com Deus. Quem é este Deus que por vontade própria criou tudo que existe? É esta a preocupação da narrativa e deveria ser também a nossa. Para-se um pouco, portanto para refletir sobre a narrativa em termos de seu conteúdo teológico. O que a narrativa ensina sobre este Deus, Criador dos céus e da terra?

Princípios Teológicos:

Como já foi mencionado, a narrativa bíblica tem como propósito básico revelar a identidade de Deus em sua interação com o povo. A narrativa de Gênesis 1.1-2.4a, apresenta vários princípios teológicos. A seguinte relação de princípios teológicos contidos nesta narrativa não é apresentada como sendo exaustiva, mas como um pequeno indicador da riqueza da narrativa em termos do seu ensino com respeito à identidade de Deus. O estilo de ensino da narrativa não é proposicional†[124], como já fora mencionado. No entanto, ela contém muitos indícios proposicionais que podem ser percebidos e assinalados no percurso da leitura cuidadosa e

[124] Proposicional: refere-se a uma lista de declarações referentes à identidade de Deus. A narrativa contém ensinos teológicos, mas os encerra em forma narrativa, não em forma proposicional ou sistemática. Deus é revelado naquilo que faz.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

reflexão sobre a narrativa. Estes indícios proposicionais logo terão mais peso ao serem avaliados em conjunto com os princípios apresentados por outras narrativas[125].

A seguinte relação de princípios teológicos extraídos da primeira narrativa de Gênesis foram assinalados pelos alunos do Programa de Educação Teológico por Extensão do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul[126], em sua reflexão sobre as lições teológicas apresentadas na narrativa em questão:

Deus é Abençoador;	Deus é Harmonioso;	Deus é Presente;
Deus é Advertidor;	Deus é Idealizador;	Deus é Previsor;
Deus é Amoroso;	Deus é Imaginativo;	Deus é Propositário/Proposital;
Deus é Animador;	Deus é Incontrolável;	Deus é Provedor;
Deus é Apreciador;	Deus é Infinito/Indefinível;	Deus é Quem Faz Crescer;
Deus é Atento;	Deus é Inovador;	Deus é Quem Faz Nascer;
Deus é Ativo/Atuador/Ator;	Deus é Inteligente;	Deus é Realizador;
Deus é Autor da vida;	Deus é Maior que o universo;	Deus é Realizador do Impossível;
Deus é Autoridade;	Deus é Misericordioso;	Deus é Sábio;
Deus é Comunicador;	Deus é Multiplicador;	Deus é Santo;
Deus é Conhecedor;	Deus é Observador;	Deus é Senhor;
Deus é Controlador;	Deus é Ordeiro;	Deus é Soberano;
Deus é Criador/Criativo;	Deus é Organizador;	Deus é Sustentador;
Deus é Decisivo;	Deus é Originador (de vida);	Deus é Trabalhador;
Deus é Detalhista;	Deus é Paciente;	Deus é Único;
Deus é Digno de Louvor;	Deus é Participador;	Deus é Utilizador de Recursos;
Deus é Doador;	Deus é Perfeccionista;	Deus é Visionário;
Deus é Dominador;	Deus é Planejador;	Deus é Vivificador;
Deus é Dono;	Deus é Poderoso;	Deus é Vivo.

O mais importante da lista acima não é o conteúdo específico. Muito mais importante é o processo de refletir sobre a narrativa para compreender o que a narrativa ensina sobre quem Deus é. Cada narrativa irá apresentar aspectos divergentes da identidade de Deus. Como cada narrativa apresenta vários aspectos da identidade divina, não há como apresentar uma lista exaustiva. Logo é mais importante saber discernir como uma narrativa revela a Deus.

Vale a pena refletir agora sobre a narrativa para encontrar outros aspectos do caráter de Deus apresentadas no texto. Lembra-se de limitar a lista àquelas coisas que o texto propriamente ensina, evitando características que excedem os limites da narrativa. Por exemplo, a narrativa indica que Deus é poderoso, mas não chega ao ponto de dizer que Deus é onipotente (todo poderoso). O conceito da onipotência é válido, mas vai além do que esta narrativa apresenta por si mesma. Comparando o que esta narrativa apresenta com o ensino de outras passagens pode chegar à conclusão da onipotência de Deus, mas não com base apenas nesta narrativa. Já que o nosso alvo é ensinar a outros o que esta narrativa ensina, é necessário limitar-nos ao texto à mão.

Lendo a narrativa novamente, reflita sobre a identidade de Deus apresentada neste relato, para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____

[125] Nesta apostila, estaremos compilando listas proposicionais de princípios teológicos para ajudar o leitor acostumado a lidar com pensamento sistemático e esboçado a compreender a riqueza e complexidade das narrativas como formas de ensino. Este processo de alistar pode em outro estágio do estudo ser deixado de lado quando esta bengala se torna desnecessaria.

[126] Pode ser de interesse para o leitor que a maioria destes alunos não completaram o segundo grau, vários deles nem havendo completado o primeiro grau escolar. Como o programa de extensão do STBRS não é um programa acadêmico e não exige pre-requisitos acadêmicos do aluno, o nível educacional formal dos alunos é muito variado. Mesmo assim, em reflexão teológica sobre o texto extraíram a lista de princípios teológicos suprascritos.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

Num princípio, Deus... Deus criou tudo desde os céus até a terra. Antes de que qualquer coisa viesse a ser criado, Deus já era. Deus trouxe a existir toda a criação. Por "céus e terra", o narrador designa não apenas essas duas partes da criação, mas engloba toda a criação—todo o universo.

Deus criou todas as coisas, e todas as coisas vieram a existir por meio de Ele. Deus trouxe os mundos—o universo—a ser, a existir. Deus é Criador, Originador, Inovador, Propositário. Não os deuses dos egípcios, os deuses dos babilônicos, dos heteus, dos heveus, jebuseus, nem dos amorreus, mas *YHWH* (יהוה), Senhor do universo, com propósito, fez o universo, sem se preocupar com intervenção da parte de outros.

Se Deus criou o universo, Deus também deve conhecer bem a melhor forma para que o homem viva a sua vida. Além do mais, o propósito básico da criação era sustentar a vida humana que Deus havia projetado. Por certo, Deus sabe muito melhor do que as suas criaturas finitas e limitadas qual é o melhor plano para as suas vidas. O mesmo Deus que criou também planejou para suprir todas as necessidades de sua criação. Este mesmo Deus, então, é ao mesmo tempo digno de louvor, digno de confiança e digno da obediência.

Deus não precisa do louvor dos homens. O homem precisa louvar a Deus, pois é no louvor à grandeza de Deus que o homem reconhece a sua posição devida perante o Criador. O louvor é devido a Deus, porém corresponde à necessidade humana, não a uma necessidade divina. Deus não é carente de louvor—é o homem que carece de prestá-lo, reconhecendo que ele não é seu próprio senhor, mas uma criatura do Senhor do Universo. Ao louvar, o homem posiciona-se para compreender a sua responsabilidade e o seu dever perante *YHWH*, Senhor da Criação.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Tradição e Transmissão Oral:

Já que Deus usou seres humanos para repassar a sua mensagem à humanidade, é necessário compreender um pouco a respeito do processo pelo qual a Bíblia chegou à sua forma atual. Convém ao leitor conhecer algo dos autores e processos de redação do texto bíblico, para que possa melhor compreender a mensagem transmitida[127]. Os escritos do Antigo Testamento até o evento do Êxodo não vêm diretamente da época em si, mas apresentam uma perspectiva referente à época[128]. A Bíblia chegou à sua forma atual através de um rico histórico de conservação e transmissão, incluindo formas tanto escritas como orais. Por certo, tradições orais foram preservadas por muito tempo antes de serem confiadas de forma predominante à escrita[129].

Isso não indica de forma alguma que se deveria pensar nas tradições orais como sendo desconfiáveis. Um povo com costume de empregar formas orais de tradição utiliza-se de vários recursos para manter a sua integridade. Não vem a ser como a chamada "brincadeira de telefone sem fio", na qual cada participante repete o que ouviu uma vez em cochicho. Essa brincadeira tem como objetivo mostrar como pode acontecer a distorção de uma mensagem quando cuidados não são tomados para guardar a transmissão. Tradições orais, no entanto, são guardadas zelosamente, mesmo aproveitando-se de artifícios lingüísticos para proteger as mensagens transmitidas.

Um povo de tradição oral zela pelas suas tradições para mantê-las fiéis, normalmente tendo até o contador de histórias oficial, cujo ofício é zelar pelas narrativas do seu povo. Essas oferecem a norma de sua história, sua religião e suas perspectivas básicas sobre o mundo no qual vive. Não se trata de conversa mal ouvida, nem questões sem importância para o povo, mas de narrativas ouvidas vez após outra, sobre as quais coloca-se muita importância. Sem terem uma cultura de transmissão oral, soldados norte-americanos presos em guerra no século XX atestaram poder reconstruir a maior parte dos evangelhos entre suas memórias falhas, sem apoio escrito qualquer, por terem ouvido as narrativas muitas vezes e as considerado como importantes.

> *Até um árabe analfabeto, porém praticante, facilmente conhecerá o* Alcorão† *de cor, e antes da exterminação nazista dos judeus† na europa oriental, era fácil encontrar pessoas, muitas vezes em ocupações manuais, que conheciam de memória não apenas o Antigo Testamento em sua totalidade, mas também uma grande parte do Talmude†!*[130].

Entende-se também que as tradições orais foram em algum tempo passadas para a escrita. Mesmo que as redações das linhas orais tenham uma data muito posterior a sua origem histórica (alguns até apontam que a forma final não tenha sido formalizada até o segundo século[131]), isto não indica que não sejam confiáveis—especialmente sendo que a sua preservação e transmissão aproveitou-se de uma mistura de tradição oral e escrita. É duvidoso que a literatura bíblica tivesse sobrevivido às catástrofes sofridas pelos judeus† em 587 a.C. e 70 d.C.[132], não fosse o caso dela ser ao mesmo tempo confiada à escrita e também à memória. A transmissão dupla (forma oral e escrita) possibilitou a sua transmissão até os dias de hoje. "...Foi zelosamente

---

[127] KAISER, *TaET*, 210.
[128] DAVIDSON, A., 16.
[129] CROSS 30n e 35.
[130] SOGGIN, 61. O Talmude é basicamente um compêndio de comentários dos judeus sobre o Antigo Testamento (Ver DOUGLAS, 1560-1561).
[131] DURHAM, xxi.
[132] Em 587 a.C., os judeus foram deportados ao exílio e o templo fora destruido. Em 70 D.C., o templo reconstruido foi destruido na queda de Jerusalém sob os romanos. Veja GONZÁLEZ, 58 para mais detalhes sobre a queda de Jerusalém em 70 D.C..

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

guardada nas mentes daqueles que eram responsáveis por ela, mesmo se o material assim passasse por um processo complexo de redação", até chegar na forma em que está hoje[133].

Autoria:

Por muitos séculos, afirmava-se quase uniformemente que Moisés era o autor do Pentateuco, mesmo que houvesse certas vozes de dissenção. Já no segundo século, Irineu, um dos notados pais da Igreja, começou a questionar tal asseveração autoral. A maioria da tradição seguia afirmando autoria mosaica†, mesmo que vários pais da Igreja seguiram com os questionamentos levantados por Irineu, incluindo Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertúlio e Jerônimo (foi este que traduziu a Bíblia para o latim na versão da Vulgata)[134]. A polêmica ou dúvida concernente à autoria de muitos livros da Bíblia, especialmente do Antigo Testamento vem crescendo de forma mais acirrada desde os anos 1600.

O "problema" na designação de autoria humana tem origem no fato de que para o povo hebreu† (como para outros povos da época) a autoria específica de uma obra não tinha tanta importância como tem hoje. "No antigo Oriente Médio, o 'autor' era basicamente um preservador do passado, limitando-se ao uso de material e metodologia tradicionais. A 'literatura' era mais propriedade comunitária do que particular"[135], especialmente quando se trata do tipo de material encontrado no Antigo Testamento.

Era atribuído aos reis dos povos ao redor dos hebreus† a autoria de obras que em certo sentido comissionavam, o que pode também ser o caso de alguns dos salmos atribuídos a Davi e o livro de Provérbios sendo atribuído a Salomão. Deve-se lembrar que essas atribuições nos títulos dos salmos não fazem parte do texto bíblico, mas são acréscimos editoriais refletindo tradições da igreja[136]. Nesses casos, o escrito é comumente proclamado ser "de" uma pessoa, não por causa dela ter escrito tal obra, mas por que consta de uma figura importante à obra, seja por comissão, tema, ou como personagem principal. Anos e até séculos após a escrita da maioria dos livros do Antigo Testamento surgiu uma preocupação com a definição da fonte humana por trás desses livros. Essa preocupação, porém, nem sempre existiu.

Tradicionalmente tem-se afirmado autoria mosaica† para o Pentateuco e muitos ainda hoje insistem nesta afirmação. As bases para tal posicionamento, porém, não são necessariamente da mais sólida confiança. O problema tem vínculo grande com a questão da despreocupação original das fontes humanas de autoria, bem como a história de transmissão oral das narrativas. Deve salientar aqui que mais importante do que uma designação autoral específica é a questão de identificar a ação e palavra de Deus dentro e por detrás do texto. "Pois não importa com qual caneta o Rei escreve a sua carta, se for verdade que ele a escreveu"[137].

Enquanto certas tradições atuais afirmam que o Pentateuco foi escrito por Moisés, a grande maioria de estudiosos negam tal afirmação. "A noção de que Moisés é o autor direto do Pentateuco é apoiada apenas por tradição, não pelo Antigo Testamento em si"[138]. Precisa-se afirmar que o Novo Testamento indica pelo menos uma ligação forte entre Moisés e o

---

[133] SOGGIN, 61.
[134] ALLEN, 102.
[135] LASOR, 9.
[136] FEE, 182.
[137] C. A. BRIGGS, citado em ALLEN, 105.
[138] HOUTMAN em WOUDE, 186.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Pentateuco, mas é mais difícil definir com precisão as especificações de tal relacionamento. Sem dúvida os livros do Pentateuco estão intrinsecamente ligados à pessoa de Moisés. As dúvidas recaem sobre a autoria mosaica† direta desses livros.

A procura pela autoria humana dos livros bíblicos levou apologistas† pelo caminho de procurar referências à autoria dos livros em obras antigas. A idéia predominante de que Moisés foi o autor do Pentateuco foi lançada abreviadamente pelo Talmude† judaico. Inicialmente foi aceito o posicionamento do Talmude† sobre a autoria por ser uma tradição bem antiga e, portanto, confiável. No Talmude†, Baba Bathra responde à sua própria pergunta sobre a autoria dos livros bíblicos:

> *Moisés escreveu o seu próprio livro e a seção referente a Balaão (Números 22.2-25.9) e Jó. Josué escreveu o seu próprio livro e oito versículos do Pentateuco. Samuel escreveu seu próprio livro e Juízes e Rute. Davi escreveu o livro de Salmos, sob a direção de dez anciãos, Adão, Melquisedeque, Abraão, Moisés, Hemã, Jedutum, Asafe, e os três filhos de Korã. Jeremias escreveu o seu próprio livro e o livro de Reis e Lamentações. Ezequias e o seu concílio escreveram Isaías, Provérbios, Cantares, e [Eclesiastes]. Os homens das Grandes Sinagogas escreveram Ezequiel, os doze [Profetas Menores], Daniel, e Ester. Esdras escreveu o seu próprio livro e as genealogias de Crônicas até si mesmo* [139].

Mesmo que a referência do Talmude† seja antiga, há razão para questionar esta defesa de autoria mosaica†, qualquer que tenha sido a fonte por trás da referência. Há também outra literatura hebraica escrita na época do Talmude† que reivindicava autoria de profetas já falecidos.

Price comenta várias peculiaridades um tanto problemáticas da citação do Talmude†, como o registro da morte de Samuel registrada em 1ª Samuel 25, faltando o restante do livro e o volume seguinte a serem registrados[140]. A declaração do Talmude† não parece ser de muita confiança com referência à autoria dos livros. Outros críticos têm acrescentado problemas distintos em atribuir autoria mosaica† ao Pentateuco, salientando vários versículos problemáticos para tal posição, incluindo os da seguinte lista: Gênesis 12.6; 14.14; 23.3; 34.5-6; 35.4; 36.31-39; Êxodo 16.35; Números 12.3; Deuteronômio 1.1; 2.12; 3.14; e 31.9[141]. Há também considerações com respeito às condições físicas de preservar e transportar textos provavelmente escritos em tabletas de argila[142].

Além do Talmude† citar autoria para os livros veterotestamentários, alguns têm apontado citações de certos versículos do Novo Testamento que usam o nome de Moisés em referência ao Pentateuco. O problema é que essas citações não são tão especificamente referências de autoria como de menção do vínculo entre Moisés e a instrução apresentada no Pentateuco. O enfoque dessas citações não especifica a autoria, mas a fonte original dos assuntos e tradições apresentadas nas escritas referenciadas. Assim, falando que Moisés disse certa coisa seria uma forma simples de referenciar a origem mosaica† por trás do registro do autor desconhecido, pois este relatou para a geração presente a revelação de Deus dada também por intermédio de Moisés.

---

[139] Baba Bathra, citado do Talmude em COHEN, 142-143.

[140] PRICE, 33.

[141] HOUTMAN em WOUDE, 168. Estes versículos usam terminologias e conceitos provindo de épocas muito posteriores aos eventos retratados e também da época de Moisés, sejam nomes geográficos mais tardios ou referências às demarcações das fronteiras das tribos de Israel. Há também uma distinção feita no discurso de Moisés ao povo na última porção de Deuteronômio para diferenciar entre o discurso de Moisés e a descrição e palavras do narrador.

[142] As tabletas de argila da época geral de Moisés parecem ter sido de mais ou menos 30 cm de altura. Meu texto hebraico do Pentateuco cobre 353 páginas. Para que Moisés tenha escrito o Pentateuco, o povo teria que ter transportado um número suficiente de tabletas de argila secadas ao sol durante a sua peregrinação de uma geração no deserto e na entrada da terra prometida até que o texto fosse conferido a materiais mais facilmente manipulados.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

É comum ler o título de livros que trazem o nome de um profeta específico como atribuição de autoria do livro, mas realmente tal "não implica que contém apenas as palavras de Amós e Oséias, mas também palavras sobre, e na tradição de, o profeta"[143]. Ao identificar o Pentateuco com Moisés, o Novo Testamento "parece sugerir que em Gênesis há uma relação de semelhança entre o conteúdo substancial e a forma externa final"[144] do texto do Pentateuco[145]. Isto quer dizer que a forma final não veio diretamente do punho de Moisés, mas que a transmissão é coerente com aquilo que Moisés havia transmitido em sua época. Em outras palavras, afirma-se "que a participação de Moisés na produção do Pentateuco foi altamente formativa, embora seja pouco provável que tenha escrito o Pentateuco *conforme este existe agora em sua forma final*"[146].

O texto de Gênesis, por exemplo, chegou à forma que hoje se conhece através de um longo e rico processo de transmissão desde antes da época de Moisés[147], sendo a forma atual redigida possivelmente na época de Salomão. Mesmo que a transmissão levasse séculos antes de tomar sua forma atual, a essência transmitida é coerente com o testemunho de Moisés, ainda que sofresse modificações editoriais ao longo dos séculos. "Já que Gênesis e o Pentateuco são anônimos, não podemos provar autoria mosaica† como um todo, especialmente para Gênesis, que descreve eventos que antecedem a época do legislador. Mesmo assim, é defensível a partir de evidência interna e externa que o Pentateuco é mosaico†"[148].

A informação e o testemunho transmitido evidencia de forma confiável a atuação divina relatada nas narrativas. Pode-se dizer que estas transmissões antigas "são mais claras e mais completas do que quaisquer outras do mundo antigo"[149]. Como Kidner menciona, Gênesis 36.31 pode falar de reis em Israel, mesmo que não houvesse nem cogitação de rei na época de Moisés e Gênesis 14.14 pode falar em termos das delimitações das terras tribais bem antes de tal haver acontecido[150], pois a forma da redação final insere tais explicações no material transmitido para que haja melhor compreensão do texto por parte dos ouvintes da nova época.

Muitas teorias foram formuladas para explicar a participação humana na origem destas escrituras. Não se deve, porém, super-enfatizar estas tradições de autoria, especialmente quando os mesmos livros não enfatizam sua origem ou fonte humana. No final das contas, não é o instrumento humano o elemento essencialmente importante das narrativas. Em geral, os próprios atores ou personagens humanos nos relatos também não são de tanta importância. A mensagem bíblica concerne a ação e identidade divina, não a humana[151]. O essencial mesmo é conhecer a mensagem das narrativas, não as pessoas que Deus usou para escrevê-las. O próprio povo não dava importância à autoria, tanto que as noções de autoria vem de séculos posteriores à escrita que recebemos.

As teorias predominantes entre eruditos referentes à autoria do Pentateuco tratam do uso de certas fontes ou tradições orais na composição do texto na sua forma atual. Estas fontes ou tradições podem ser consideradas expressões litúrgicas[152] em caráter fundamental, seguindo ênfases especiais entre si. Geralmente são apeladas por "J" (fonte ou linha de tradição que usa com

---

[143] BONDT, 14 ênfase original.
[144] KIDNER, 15.
[145] Deve-se lembrar também que o Antigo Testamento ainda não tinha um cânon estritamente fechado na época de Jesus, mesmo que o Pentateuco em si já tivesse uma forma estabelecida.
[146] LASOR, 10 ênfase conforme citação.
[147] A Moisés teria sido necessário haver recebido informação sobre os seus ancestrais de alguma fonte, já que a íntegra to livro de Gênesis retoma a eventos que antecedem a Moisés.
[148] MATTHEWS, 76-77.
[149] FRANCISCO em ALLEN, 57.
[150] KIDNER, 15.
[151] CROSS, 22.
[152] HARBIN, *TAT*, 11.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

predominância o nome pessoal de Deus—*YHWH* no texto); "P" (fonte/tradição que segue uma linha sacerdotal); "E" (fonte/tradição como P que usa com predominância o termo *Elohim* para Deus); e "D" (fonte/tradição vinculada especialmente com a transmissão do livro de Deuteronômio)[153].

É importante ressaltar que este conceito não visa desvincular o conteúdo veterotestamentário de personagens como Moisés[154], mas para ajudar o leitor a ter uma compreensão mais ampla da multiforme maneira pelo qual este testemunho a Deus foi repassado pelas gerações até chegar no formato recebido e conhecido, pois tem um histórico rico de transmissão e preservação voltando pelo menos até Moisés. "O Pentateuco não foi escrito por uma [só] pessoa em uma década determinada", mas foi produzida por uma "comunidade de fiéis" ao longo de séculos[155]. É, portanto, obra registrada pelo povo de *YHWH*, não por um ou dois indivíduos.

Conhecendo algo das tradições por trás do texto ajuda em certos aspectos de sua compreensão, mas não é o principal. **A tarefa essencial é dar maior importância à forma final que foi preservada e transmitida.** O importante é o texto que foi canonizado—o texto da forma atual. Esta é uma obra completa, devendo ser lida como um todo[156].

Este fato da obra final ter sido canonizada deve ser visto como um alerta para dar mais atenção ao texto final. "Qualquer que tenha sido o processo de sua transmissão e desenvolvimento ou a data em que finalmente atingiu sua presente forma, a criação final possui importância soberana"[157]. A procura por detalhes no histórico de transmissão atrás do texto é interessante apenas no que explica a importância do texto canonizado. O esforço nunca definirá com precisão a identificação autoral humana, especialmente como não há acesso às fontes originais. Em termos humanos, é simplesmente uma obra anônima[158] revelando a Palavra de Deus.

História:

Como Calvino† procurava fazer em todo seu trabalho exegético, é necessário sempre procurar resgatar as intenções autorais no estudo bíblico[159]. É na intenção do autor que se define o propósito da passagem bíblica. Conseqüentemente, vale ressaltar que o propósito essencial

---

[153] KIDNER rejeita boa parte desse posicionamento, dando ênfase às posições extremas, porém referencia as posições básicas (16-21). Von RAD trata de forma mais completa a discussão, mesmo que não deva necessariamente ser aceito plenamente a sua perspectiva (21-28). Gordon WENHAM trata a temática com muito mais detalhe, chegando à conclusão de que o tratamento deve ser mantido em aberto por causa de novas investigações sendo feitas em termos do olhar os livros como obras literárias completas. Não se deve simplesmente descartar a questão de que houve um emprego de tradições existentes por detrás da forma composicional conhecida, porém, não é possível definir com precisão como tais fontes foram utilizadas, tal para que sejam re-encontradas (WENHAM, G., xxv-xlii). HAMILTON traz uma boa discussão das perspectivas eruditas referente às fontes, chegando à conclusão de que deve-se estudar o assunto com cautela e prestar atenção mais séria a questões literárias do que vinha sendo feito (HAMILTON, 11-38). O que a maioria tem negligenciado é que as "fontes" provavelmente não são documentos escritos, mas tradições orais, o que modificaria em muito o direcionamento da busca pelas origens do texto. A ênfase deve recair sobre a forma final do texto.

[154] No livro de Hoff, as hipóteses documentárias são descartadas com argumento de que o material escrito não poderia ter surgido do nada na época de Salomão (16-17). No seu tratamento das posições da Alta Crítica, eleva o conceito mais extremo daqueles que desvincularam seus estudos do texto bíblico com questões de fé (245-247). A chamada Alta Crítica não sugere um desvínculo do texto com a transmissão de Moisés como ele parece indicar. Nem é todo proponente da Alta Crítica ateu e descrente. O que estes eruditos sugerem é que a forma atual do texto veterotestamentário é produto da redação de várias fontes de tradição que se aproveitaram de tradições litúrgicas existentes, algumas expressas em formas mais ou menos fixas da época de Salomão. Hoff cita Wenham para defender uma desconsiderção da Alta Crítica, mas Wenham não simplesmente descarta essas posições, mesmo que mostra que não há ainda uma definição precisa final em termos da separação nítida das fontes apontadas (WENHAM, G., xxv-xlii). Não há como simplesmente descartar a suposição de fontes por trás do texto presente, mas também não há como ser dogmático refrente a suas especificações.

[155] LASOR, 14.

[156] DURHAM, xxi e WENHAM, G., xxxvi.

[157] LASOR, 14.

[158] HAMILTON, 37.

[159] GEORGE, 187.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

bíblico é teológico[160]. Juntamente, vale mencionar que o seu propósito não é apontar aos detalhes dos eventos históricos, mas para *YHWH* (יהוה) que está por trás dos eventos. "O Antigo Testamento não é um livro texto de história—nunca teve tal intenção. A história é apenas acidental ao propósito real do autor"[161].

Como Francisco também há ressaltado, o caráter da história bíblica é muito distinto do tipo de historiografia† vigente na atualidade. Em lugar de uma crônica de fatos ausentes de interpretação, o relato histórico bíblico concerne mais do que nada a interpretação teológica dos eventos narrados. "Mesmo que estivesse relatando eventos reais, o seu interesse central girava em torno do significado desses eventos para o indivíduo e a raça. Historiadores atuais registram; historiadores veterotestamentários exortavam"[162].

A história do povo de Deus é a armação para a narrativa bíblica, não o seu enfoque. Como já foi mencionado, as narrativas interessam-se em apontar para Deus—a sua identidade e ação—não para os homens e os acontecimentos entre eles. O interesse principal concerne a narração da atividade de Deus e a sua convocação ao homem. Deus é o protagonista† principal em toda a narração bíblica[163]. Ao mesmo tempo, deve-se lembrar que "a história nunca é o simples recontar do passado como realmente foi"—ela é sempre uma interpretação de eventos[164]. Historiadores da atualidade estão reconhecendo esse aspecto de interpretação da história, mesmo que popularmente se trabalhe com o conceito de história isento de interpretação de eventos.

Alguns textos são mais claramente retoques de eventos históricos, do que crônicas precisas. Entre estes aponta-se a Êxodo 15.1-18 e Lucas 1.46-55, que pelo detalhe literário das poesias percebe-se que sofreram retoques. Em lugar de uma exclamação do momento de Maria (uma jovem de uns quatorze anos[165]) e uma expressão de júbilo momentâneo de Moisés e o povo, encontramos obras literárias bem trabalhadas. Também em Gênesis 9.16 encontramos uma interrupção do relato que parece ser um refrão de resposta do povo ouvindo o restante do relato[166]. Isto faz dos relatos algo além de uma mera crônica histórica. Estes textos são interpretações de eventos reais, porém tratados pela ótica de intensa reflexão teológica posterior ao evento.

Vale ressaltar que em termos histórico-científicos, temos pouca informação antiga de precisão histórica a respeito de Israel fora dos textos Bíblicos. Isto se deve ao povo de Israel não ter um papel muito importante em relação aos povos vizinhos[167]. Nos primeiros onze capítulos de Gênesis, pela perspectiva de um historiador científico, quase não existe informação histórica de caráter preciso. A menção do nome de alguns povos antigos (capítulos 10-11) é a única identificação de particularidades históricas para um historiador[168].

O testemunho bíblico também não parece ter tanto interesse na precisão de detalhes, como o próprio Calvino† argumentou em seu comentário sobre o livro de Atos, até demonstrando que a

---

[160] FRANCISCO em ALLEN, 57.
[161] PRICE, 34.
[162] FRANCISCO, 39.
[163] FEE, 66.
[164] GEORGE, 17.
[165] Victor P. Hamilton em FREEDMAN, "Marriage: Old Testament and Near Eastern Civilization" .
[166] Deus está falando no versículo 15, no versículo 16 Deus encontra-se em referência de terceira pessoa no relato, e logo no versículo 17 Deus continua seu discurso. O versículo 16 parece ser uma interrupção litúrgica da crônica da aliança diluviana. Veja a seção sobre **Liturgia** na página 107.
[167] MULDER em WOUDE, 4.
[168] BRUEGGEMANN, 11.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

mensagem não é comprometida por uma simples distorção de fatos históricos[169]. Esses fatos podem ter certa importância, mas não de caráter indispensável à mensagem do texto. Também não alteram o fato da Bíblia ser a Palavra de Deus.

Nada impede de aceitar a historicidade† dos eventos históricos narrados como os do Êxodo—em relação a verificação histórica, a sua ocorrência é plausível. Ao mesmo tempo, atualmente não há forma de comprovar nem confirmar historicamente qualquer aspecto do evento do Êxodo a não ser pelo testemunho bíblico[170]. Simplesmente não se tem confirmação externa para grande parte dos eventos registrados nos relatos bíblicos. Em parte isso se deve ao fato que o propósito geral das narrativas não é apresentar história. As narrativas procuram preservar uma série de tradições litúrgicas para incentivar confiança em Deus[171]. Enquanto a Bíblia relembra eventos da história, apresenta o seu caráter revelacional, pelo qual *YHWH* (יהוה) se comunicou de forma mais clara com o seu povo, revelando sua presença[172]. É muito mais valioso apreciar as narrativas como literatura teológica que apresenta seu ensino nos moldes de história[173]. A informação histórica é confiável, mas é acidental ao propósito teológico das narrativas.

Na antigüidade da Mesopotâmia†, era comum para os reis (de fato, os seus escribas) embelezarem os seus anais históricos com vistas a apresentarem os eventos de uma forma mais vislumbrante do que a própria realidade. Vibravam com as suas vitórias e ignoravam as suas derrotas. Algo distinto se passa com os relatos do povo hebreu†. O registro hebraico é diferente. Ele é de essência religiosa, mas no que corresponde a história parece ter interesse especial em apontar precisamente às suas próprias falhas e fraquezas de forma até penosa. Por essas e outras questões, o relato hebreu† é de mais confiança do que os relatos arrogantes dos outros povos com respeito a Israel[174].

Logo, as narrativas do Antigo Testamento relatam os seus temas em parâmetros históricos, porém a história não é o seu interesse. Ler a Bíblia com ênfase histórica é perder, portanto, é perder muito do seu significado como a Palavra inspirada por Deus[175]. As preocupações teológicas concernentes aos eventos históricos são de muito mais importância do que os detalhes específicos dos eventos registrados[176]. É em referência às preocupações teológicas que o propósito das narrativas deve ser compreendida e interpretada.

Propósito das Narrativas:

As narrativas foram transmitidas de acordo com propósitos definidos, mas não conforme a historiografia†. O interesse das narrativas não incluia dar uma relação completa dos detalhes dos eventos narrados, nem responder as dúvidas e curiosidades do leitor atual. A razão de ser

---

[169] "Estêvão disse que foram 75, mas Gênesis 46.27 traz apenas 70. Depois de examinar várias soluções possíveis, Calvino concluiu que o erro provavelmente surgiu com o engano de um copista ao ler o texto da Septuaginta.... 'Mas', Calvino continua, 'esse não é um assunto tão importante para que Lucas confundisse os gentios sobre isso, quando eles estavam acostumados ao texto grego.... É mais adequado que ponderemos sobre esse milagre que o Espírito nos confia do que ficar perturbados e ansiosos sobre uma única letra, pela qual o número se altera'. ...Calvino mostrou uma liberdade impressionante em lidar com o texto das Escrituras, precisamente porque tinha confiança implícita tanto na autoridade delas como um oráculo inspirado por Deus quanto na capacidade que tinham de cumprir seu propósito – 'manifestar a Cristo'" (GEORGE, 195).
[170] DURHAM, xxv.
[171] HARBIN, *TAT1*, 11.
[172] HESCHEL, 140.
[173] NELSON, 2.
[174] MULDER em WOUDE, 5.
[175] SCALISE, 78.
[176] DAVIDSON, A., 16.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

fundamental dos relatos bíblicos, era de transmitir como o povo havia se encontrado dentro dos planos de Deus, revelando a identidade de Deus e a responsabilidade humana perante Deus.

É nesta intenção do autor, o seu propósito em escrever, que a narrativa tem uma identidade interpretativa específica. Se a interpretação do texto não seguir a rigor o controle de resgatar o propósito intencional de Deus agindo através do autor, a interpretação não tem nenhuma base sólida, sendo apenas uma imposição ao texto[177]. **A preocupação do intérprete bíblico, portanto, deve ser a de resgatar os propósitos intencionados pelas narrativas bíblicas, pois é o único controle apropriado para a interpretação**[178].

Quando as narrativas tratam de história o fazem para chegar a outra finalidade. "De nenhuma forma é a [narrativa] o produto de uma fantasia livre... [mesmo que] não se sinta constrangida pela demanda moderna de precisão"[179]. A narrativa interessa-se em relatar a ação de Deus na história do povo. Mesmo que a narrativa normalmente relate fatos históricos,[180] concentra-se em acentuar a identidade do Deus que está por detrás desses fatos[181].

Israel não deixou uma simples crônica dos fatos de sua história nos textos do Antigo Testamento. Também não deixou uma história esquivada para mostrar apenas o lado positivo de suas origens, prática comum dos povos ao seu redor. A sua narrativa vai muito além de ser um relato de história. A sua perspectiva é a de olhar para a situação no qual se encontra e procurar as razões e causas dessa situação nos eventos do seu passado, averiguando a interação divina na sua história. Neste plano de apresentação, Israel tem escolhido entre muitos eventos que poderiam recontar apenas aquelas ocorrências e aqueles personagens que considera como importantes dentro dos propósitos de sua apresentação[182].

Mesmo que o interesse das narrativas seja teológico, não se encontram no Antigo Testamento muitas proposições doutrinárias em termos de listas. Essas são geralmente expressas por meio de narrativas que revelam o caráter de *YHWH* (יהוה), às vezes, em contraste com o caráter humano. São narrativas com conseqüências cósmicas, porém, narrativas[183]. "A crença israelita não se interessa tanto em definições como em história[184], e é, então, em história, ou seja, em ação que Israel ganhou sua experiência religiosa. Deus, portanto, não é definido em fórmulas de tipo catequético, mas é confesso pelo que tem feito"[185]. A perspectiva essencial da Bíblia, então, é de mostrar a identidade de *YHWH* através do papel que tem desempenhado na formação do povo chamado Israel, e conseqüentemente a igreja. Assim, o ator fundamental para as narrativas do Antigo Testamento é *YHWH*—o único herói verdadeiro de Israel[186]. O mesmo deve-se compreender no Novo Testamento, bem como Lucas descreve na introdução de Atos[187].

Isto não quer dizer que não havia heróis entre o povo. Heróis havia, porém, "não são as suas realizações que são cantadas tanto como são os louvores a *YHWH*, que lhes possibilitou ter a

---

[177] FEE, 19 e 25.
[178] HIRSCH em KAISER e SILVA, 41 e FEE, 25.
[179] von RAD, 33.
[180] Uma parábola pode ser ao mesmo tempo uma narrativa (*i.é.* a do filho pródigo), mesmo que não retrate um evento histórico específico. Veja também a seção **Tipo de Linguagem**, na página 101.
[181] NELSON, 13.
[182] SOGGIN, 38-39.
[183] WENHAM, G., 10.
[184] Por história, aqui não se deve entender a ciência de historiografia, mas relatos ou narrativas concernentes às formas em que *YHWH* agiu em meio do seu povo.
[185] SOGGIN, 39.
[186] CROSS, 27.
[187] Atos 1.1-2 Interessante que o título normalmente dado ao livro é Atos dos Apóstolos, mas Lucas especifica que ele trata daquilo que Jesus Cristo continuou a fazer através dos seus discípulos ("wn hrxato o Ihsou" poiein" "o qual começou Jesus a fazer").

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

vitória. Em Israel, o interesse principal é sempre a glorificação de Deus"[188]. Até esses heróis são geralmente apresentados como fracos, falhos, e imperfeitos instrumentos que se tornaram grandes apenas pela intervenção e a graça de *YHWH*. Afinal de contas, as narrativas concernem a *YHWH*, e não aos instrumentos humanos.

É esta ação de *YHWH* dentro da história do povo que é apontada como intervenção "em prol da salvação de uma humanidade decaída..."[189]. O interesse, então, não é a história e a ação humana. O importante é a ação salvífica divina[190]. A narrativa bíblica tem como propósito narrar a história de Deus, mesmo que o faça através de eventos envolvendo o povo hebreu†. Por causa disso, "a ênfase deve recair sobre a graça de Deus em ajudar a Israel, a atitude redentiva e espontânea que O impele a encontrar-se com a necessidade de Israel"[191]. A narrativa é uma convocação ao leitor para encontrar-se com *YHWH*, este Deus criador do universo, o mesmo que nas narrativas anda atrás dos homens, chamando-os a voltarem-se do seu caminho de pecado, para viverem uma vida de retidão em comunhão com seu Criador.

YHWH chamou os patriarcas, homens que deveriam ter sido insignificantes para o mundo antigo, dando valor tal para abençoar todas as nações através deles[192]. As narrativas não simplesmente apresentam a Israel como sendo o povo especial de *YHWH*, mas a *YHWH* como "o vivo e sempre ativo Deus de Israel, visível na história como seu salvador e redentor, como também seu juiz"[193]. Este é o ator principal das narrativas, sendo o propósito das narrativas apresentar este ator, assim revelando a identidade e o interesse especial de *YHWH* em criar um povo para si.

Gênesis 2.4b-25:

Para tratar adequadamente com questões que surgem nesta narrativa, será tratada em duas partes, primeiramente capítulo 2 e logo capítulo 3, mesmo que realmente devem ser vistas como uma só narrativa[194]. Mesmo assim, nesta discussão tentarei lidar com a narrativa como um todo.

"Nos capítulos 2-3 encontramos uma história de grande verdade teológica num magnífico quadro verbal repleto de símbolos e imagens[195]. ...[Estas as narrativas, Gênesis 1-3,] empregam os símbolos e o estilo para comunicar que a humanidade é o ápice da criação de Deus"[196]. Com esta base teológica será encaminhada uma reflexão teológica sobre as implicações da condição desta criação de Deus.

---

[188] BRONGERS em WOUDE, 115.
[189] SOGGIN, 44.
[190] ERICKSON, *ITS*, 165.
[191] ROBINSON, 31.
[192] WENHAM, G., 10.
[193] ROBINSON, 31.
[194] Para ser franco, todo o texto de Gênesis 2.4b-4.26 é uma só unidade. Há, porém, uma certa "pausa" entre 3.24 e 4.1, mesmo que a unidade continue através do capítulo 4, traçando o desenvolvimento do pecado entre a humanidade.
[195] Pode ser de ajuda mencionar que há muitos casos de linguagem simbólica na Bíblia, não limitada a esta narrativa, mesmo que aqui possam aparecer em maior abundância. No capítulo dois, ouro é mencionado como provisão pela humanidade ainda que seria necessário certa mineração e processos de refinação para que pudesse ser apreciado, Deus parece precisar descanso mesmo que se percebe que não há interesse em apontar a uma necessidade divina, e há discussão de pai e mão antes de que o conceito pudesse ser compreendido. No capítulo três, Deus caminha no jardim e fala da multiplicação de dor de parto que ainda não parece ter sido experimentado. No capítulo quatro, o sangue de Abel tem uma voz e a terra toma características de vontade própria ao limitar a sua receptividade do esforço agricultural de Caim. No capítulo cinco, Enoque é descrito caminhando com Deus e cessando de existir—não há de que Deus tenha um corpo físico, nem que Enoque fosse aniquilado, pois a ênfase está no fato de que a morte de Enoque era de alguma forma diferente da do resto da humanidade por conseqüência da presença e intervenção divina. Estas figuras de linguagem e símbolos não detraem da verdade apresentada nas narrativas, mas servem para comunicar a verdade de forma ilustrativa ou pitoresca.
[196] LASOR, 25.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Como já foi observado, as narrativas bíblicas não tem como objetivo comunicar conceitos de verdades "científicas", mas teológicas. O interesse da primeira narrativa de criação não está centrada em estabelecer o método empregado por Deus na criação, mas identificar algo do caráter e identidade desse Deus que tudo criou. No capítulo anterior pode-se ver que Deus pronunciou a sua vontade e a mesma tornou-se realidade, mas o texto não revela o procedimento pelo qual a vontade criativa de Deus foi efetivada. Também nesta narrativa o enfoque não é na descrição e identificação dos processos da atuação de Deus, mas na identificação de Deus e dos seus propósitos estabelecidos para a sua criatura. O enfoque interpretativo não deve ser, portanto, numa "descoberta" dos detalhes históricos da narrativa, mas de enxergar a implicação e identificação pessoal da narrativa. O enfoque deveria-se enquadrar na seguinte expressão: "Deus formou o ser humano do pó da terra, e esse sou eu. Olha o que eu fiz em resposta à iniciativa de Deus".

Nesta narrativa encontra-se outro relato da criação, sendo esta distinta da primeira narrativa e tendo outro enfoque. O propósito desta narrativa é um tanto diferente da primeira, também como o seu estilo literário, realmente não se identificando como uma narrativa de criação. Os princípios teológicos apresentados nesta narrativa são às vezes iguais, porém em certos casos diferenciados, pois o enfoque da narrativa é outro. "Enquanto 1.1-2.4a concerne à criação do mundo e assuntos de doxologia, o presente texto concerne à crise da humanidade, que resulta em afastamento"[197].

Percebe-se de início, que a ordem da criação é divergente nesta narrativa em correlação à primeira narrativa apresentada. Isto não indica um conflito, indica uma diferenciação em propósito. Esta narrativa não se interessa em descrever a ordem pela qual Deus criou, mas por estabelecer a razão da criação por parte de Deus. A ordem da criação nesta narrativa não indica tanto ordem cronológica, como ordem de valor ou importância. Aqui a criação do universo tem um objetivo essencial de sustentar a criação da vida humana. Tudo é criado por Deus com esse objetivo, Deus assim provendo todas as necessidades do homem: comida, ambiente, ocupação, estética, companheirismo, ajuda, e até relacionamento familiar. Até o nome do local do jardim[198] denota "um lugar de prazer, paraíso".

Pode-se muito bem pensar ou enfatizar a questão de que este paraíso é um local de bênção, esta sendo definida em termos da ausência completa do pecado e os seus estragos[199]. Aqui o ideal criado por Deus se mantém vivo, refletindo o seu propósito de forma plena.

Em geral pensa-se de um jardim, como o dos fundos de uma casa. O jardim descrito aqui, porém, necessariamente é muito maior do que um quintal de 50 ou 100 metros quadrados. Deste jardim nascem quatro rios, vive toda espécie de árvore conhecida, bem como todos os tipos de animais domésticos e selvagens. É bem possível que o narrador queira retratar todo o crescente fértil—todo o mundo conhecido! Em contraste ao conceito dos vizinhos dos hebreus†, todo este jardim fora feito simplemente para ser um lugar na qual o homem pudesse viver, não como horta dos deuses[200].

É importante salientar que esta narrativa apenas é concluída com o final do capítulo três. Esta narrativa é "única em todo o Antigo Testamento, e é sem paralelo em toda a literatura do oriente antigo próximo†"[201]. Isto indica que também não se pode tratar esta narrativa de igual forma ao

---

[197] BRUEGGEMANN, 40.
[198] Jardim do Éden: "Jardim Paraíso".
[199] HAMILTON, 51.
[200] MCCURLEY,19.
[201] PAGE, 12.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

tratamento de outras narrativas bíblicas. Ela trata de narrar a mesma verdade de Deus, porém a sua forma é única. O lidar com a passagem, então, também deve apreciar o que faz esta narrativa ser tão diferente.

Adão/Adam (אדם—"homem, humanidade"):

Nota-se aqui que a palavra hebraica usada em referência ao homem quer dizer simplesmente "homem"—ou melhor, "humanidade"[202]. A figura aqui criada por Deus não recebe um nome pessoal, mas um título para representar a humanidade. As traduções modernas[203] fazem justiça ao chamá-lo simplesmente "homem"[204]. Assim, o texto diz que Deus criou o homem, pôs o homem no jardim, deu uma esposa ao homem, etc.

Algumas traduções insistem em utilizar a transliteração† da palavra hebraica *adam* (אדם—"homem, humanidade"), que gera a impressão de que aqui se trata necessariamente de uma narração histórico-literal do primeiro homem criado por Deus. Este primeiro ser humano existiu, porém, o vocabulário utilizado compreende mais a idéia de que esta narrativa apresenta um personagem que pode ser visto como "homem representativo" [205] de toda a humanidade, no papel de primeiro casal de seres humanos. Isto não quer dizer que a narrativa não trata questões referentes ao primeiro homem, mas que o trata de forma representativa. O autor narra que Deus criou o homem e que toda a humanidade, desde o primeiro, pecou a partir da primeira oportunidade. Pode-se, então, tratar deste casal como representantes de *toda* a humanidade[206].

No restante desta narrativa (incluindo o capítulo três), fica mais claro que o termo *adam* está sendo empregado com um sentido representativo com as apresentações de outras figuras simbólicas (a árvore da vida, a árvore do conhecimento do bem e do mal[207], a serpente falante[208]). Forçando esta narrativa a obedecer os padrões de um tratamento histórico-científico, criam-se problemas com o capítulo 4, em termos da fuga de Caim, a origem de sua esposa, a cidade que ele constrói, e o povo do qual ele teme vingança—problemas que aparentemente não eram considerados como tais pelo narrador original.

Lendo a palavra *adam* em seu sentido representativo, porém, estas dificuldades desaparecem, sem alterar o ensino da passagem: "O *homem* foi criado por Deus e desde o início resolveu pecar, mesmo quando Deus havia fornecido tudo o que ele precisava para o seu sustento e prazer.... O *homem* conheceu a vida[209], sua mulher, e teve um filho chamado Caim.... Este descendente matou seu irmão". O homem até hoje persiste em querer tomar o lugar de Deus para si mesmo,

---

[202] LASOR, 20.

[203] Entre estes, a Bíblia Jerusalém, ASV, NAS, NASV, RSV, e no Português a versão batista da Imprensa Bíblica Brasileira e a Almeida Revista e Atualizada. A King James segue a Septuaginta com transiliteração a partir do versículo 19. A NIV começa com alguma transiliteração no versículo 22. No capítulo 3, as traduções estão divididas enquanto a transiliteração versus tradução, porém nenhuma que consultei segue a Septuaginta com transiliteração em 3.22. A ARA e a NTLH empregam transiliteração apenas em 3.17. WENHAM não usa transiliteração até 4.25.

[204] O texto da Imprensa Bíblica Brasileira começa usando o termo "Adão" em Gênesis 3.20-21, e retoma o uso de "homem" com 3.22. Não há nada no texto hebraico, porém, para incentivar tal mudança de tradução. O termo e o seu emprego seguem sem modificação no hebraico, como também no capítulo que segue.

[205] ALLEN, 108.

[206] KAISER, *TaET*, 195. Poderia-se dizer até, que a narrativa de Gênesis 2.4-3.24 narra não como o pecado entrou no mundo, mas como continua entrando no mundo. Obviamente existe um elemento histórico por trás da narrativa, mas a ênfase de Kaiser parece seguir mais de perto a intenção do narrador bíblico.

[207] Bem e mal, céus e terra, noite e dia e outras frases parecidas no hebraico referem-se às totalidades mais do que as partes, portanto a tradução aqui "desde o bem até o mal". Para mais detalhes, veja a página 49.

[208] Veja a seção **Serpente Tentadora** onde será tratado mais a fundo, na página 50.

[209] Veja a discussão na seção **Gênesis 3.1-24** a partir da página 48.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

ao invés de reconhecer a sua necessidade inerente de adorar, servir, e obedecer ao seu Criador. O homem até hoje é homicida, vingativo, e insubordinado, tal como era desde o princípio da criação.

Outro ponto importante a tratar no sentido de entender o termo *adam* como figura representativa da humanidade desde o princípio, tem a ver com a ordem da criação neste relato. Deus começa sua obra de criação fazendo o *adam*. Logo, Deus cria um jardim com tudo que o homem precisa para sustentar a sua vida. Então Deus coloca *adam* naquele jardim[210]. Deus então completa criando os animais e, como toque final, o resto da humanidade, criando a mulher. Agora a narrativa passa a confirmar que Deus criou o *adam*, "varão e varoa os criou" e os dois foram criados para serem uma só carne. Agora especificando macho e fêmea, o hebraico utiliza-se de outro termo para estes, diferenciado do termo já citado. *Ishá* (אשה—"varoa") é o termo feminino para *Ish* (איש—"varão"), a diferença entre os termos sendo apenas a terminação feminina anexa ao termo masculino, que portanto especifica um ser humano do gênero feminino. No resto do relato, o termo *adam* continua a ser usado, o que indica ainda mais que se trata de um uso representativo, ressaltando verdades que se aplicam a toda a humanidade.

No versículo sete desta narrativa, encontra-se Deus formando o homem do pó da terra. O conceito aqui apresentado refere-se à idéia hebraica da composição do homem. Analisando bem, o homem já está completo antes de Deus lhe dar vida. Esta vida é indicada no respiro que Deus põe em suas narinas. O conceito apresentado é de que o homem é formado de pó e a vida lhe é dada por Deus. Este fator animador ou princípio de vida é denominado como alento, respiro, sopro, ou espírito (o mesmo termo hebraico pode ser traduzido destas formas, ou até por vento). Sem este espírito, o homem perece e existe apenas como pó[211]. Este texto apresenta, então que o homem é uma unidade, não uma tricotomia (de três partes: corpo, espírito e alma) como na conceituação grega. O homem é apresentado como uma unidade sem divisão, este sendo chamado "alma vivente".

"O Fôlego (*Neshmat*) dos Vivos (*Hayyim*)":

O frase hebraica *neshmat hayyim* (נשמת חיים), geralmente traduzido em Gênesis 2.7 por "espírito de vida" ou "fôlego de vida", tem o sentido básico de "fôlego das vidas" ou "fôlego dos vivos"[212]. O termo *neshamah* (נשמה) por si designa o fator que dá vida ao homem ou ao animal (visível para o hebreu† no sopro do indivíduo). Tem sido mostrado que o termo está vinculado aos mesmos conceitos apresentados pelo termo *ruach* (רוח), podendo ser tratados como sinônimos[213]. A exemplo, em Gênesis 6.3 e 17, o narrador indica que é o *ruach* de Deus que está na humanidade, não o seu *neshamah*, o termo que se esperaria.

Tradicionalmente o termo tem sido traduzido como "espírito", porém deve-se lembrar que o seu sentido básico vincula-se com o fôlego—o respiro ou princípio vital—do ser. Como Harris menciona, este termo pode também dar a entender-se como sinônimo de *nefesh* (נפש: alma, ser),

---

[210] Onde estava *adam* no entremeio?
[211] WENHAM, G., 142.
[212] HARRIS, 1012.
[213] EVARISTO, 6.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

dependendo do contexto. Aqui se encontra simplesmente pó misturado com "ar e completa dependência no Senhor Deus para a vida"[214].

Nesta passagem, a maior importância do termo *neshamah* é de designar aquele fator que dá vida à humanidade (veja discussão a seguir). *YHWH* (יהוה) dá vida à humanidade formada do barro, soprando vida como fôlego em suas narinas[215]. É bom lembrar que o conceito é usado em referência à humanidade nesta passagem, porém em outras refere-se ao fator vital de toda criatura que respira[216]. Em Gênesis 7.23, a expressão reúne os dois termos, *ruach* e *neshamah* com o termo *hayyim* (חיים), para formalizar a continuidade entre as duas formas da expressão.

Por causa do hebraico utilizar a expressão *nishmat hayyim* (נשמת חיים), deveria-se traduzir com a frase "o fôlego das vidas" ou "o fôlego dos vivos", pois *hayyim* encontra-se na forma plural. Pelo uso da forma plural, entende-se que a ênfase recai no fato deste princípio de vida ser comum entre todas as criaturas de Deus que respiram. Esta vida (fator animador) provém de e pertence a Deus[217] e é dado à sua criação conforme a vontade divina.

É difícil sustentar que este fôlego dado ao homem nesta narrativa o distingue das outras criaturas, pois a passagem indica que sua função é especificamente a de vivificar ou animar a humanidade. A passagem não indica que Deus criou o corpo e acrescentou um espírito. *YHWH* fez a humanidade e depois acrescentou-lhe vida.[218]

"Tornou-se Alma (*Nefesh*) Vivente (*Hayah*)":

O termo hebraico *nefesh* (נפש), traduzido em Gênesis 2.7 por "alma", refere-se em geral à pessoa como um todo[219]. A humanidade tornou-se alma vivente quando Deus soprou vida na criatura. O conceito aqui é de que o ser humano é uma alma, não que a alma é recebida como um fragmento de sua composição. O homem é uma alma—um ser integral. O conceito grego sobre o ser humano existir como um composto de três elementos que podem ser separados em partes faz injustiça a idéia aqui apresentada. No pensamento hebraico o indivíduo é uma unidade indivisível, não a união de partes.

Deus forma a humanidade do pó da terra. O texto não indica que *YHWH* (יהוה) forma o corpo, ou seja, o próprio humano—o hebraico bíblico nem tem uma palavra para "corpo"[220]. Quando Deus sopra o *nishmat hayyim* (נשמת חיים—"fôlego dos vivos") em suas narinas, a humanidade é dada vida, sendo agora ser chamado *nefesh hayah* (נפש חיה —"alma" ou "ser" "vivente/vivo"). Antes desse sopro, a criatura já é humana, mas ainda não vive.

O "fôlego dos vivos" é o fator que anima o ser humano, enquanto que o conjunto de homem+ princípio vital equivale a alma vivente, ou alma com vida. A humanidade formada por Deus é dada vida (*nishmat hayyim:* fôlego dos vivos) e passa a ser alma com vida (*nefesh hayah*). O texto, portanto, utiliza o termo traduzido por alma ou ser (*nefesh*) como substituto do

---

[214] MCCURLEY,17.
[215] WENHAM, G., 60.
[216] Gênesis 6.17 utiliza *ruach hayyim* (רוח חיים), expressando o mesmo conceito.
[217] Gênesis 6.3.
[218] LASOR, 26.
[219] HARRIS, 981-986.
[220] LASOR, 26.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

termo *adam* (אדם—"humanidade"). Ressalta-se que na narrativa anterior, utiliza esta mesma frase (*nefesh hayah*: alma ou ser vivente), para designar outras espécies de criaturas[221].

Alguns procuram encontrar neste versículo uma explicação para o conceito *imago dei*† de 1.26, mas o conceito não é tema desta passagem. Além de ser uma narrativa diferente, a distinção entre a humanidade e as demais criaturas aqui não é traçada da mesma forma de outras passagens.

Unidade Narrativa:

Esta porção do texto de Gênesis não é propriamente uma unidade narrativa completa, mas pode-se já olhar esta parte da narrativa como uma unidade. No todo, ela apresenta Deus criando por vontade próprio o ser humano. O resto da criação aparece em papel secundário para sustentar e prover as necessidades da humanidade, já que a humanidade é o alge e propósito da criação. Ao dar nomes aos animais, o ser humano exerce autoridade sobre a criação, efetivando o seu encargo de mordomo.

O todo da narrativa até aqui apresenta a Deus como propositário e interessado na humanidade que criou. *YHWH* (יהוה) se envolve diretamente com o mundo, agindo em benefício do ser humano, pois este é o alge da criação. Toda a vida criada se origina em Deus, que a sustenta e entrega à humanidade a responsabilidade de cuidar e zelar pela obra criada.

Princípios Teológicos:

Como nas outras narrativas, esta apresenta vários princípios teológicos. Ao dialogar sobre o ensino teológico de uma passagem, deve-se perguntar não apenas sobre a identidade de Deus, mas também a respeito do ser humano. Segue uma lista parcial dos princípios teológicos aqui encontrados, também asinalados por alunos do Programa de Educação Teológico por Extensão do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul:

Deus é Abençoador;
Deus é Advertidor;
Deus é Amoroso;
Deus é Animador;
Deus é Atento;
Deus é Ativo/Atuador/Ator;
Deus é Autor da vida;
Deus é Autoridade;
Deus é Auxiliador;
Deus é Comunicador;
Deus é Criador/Criativo;
Deus é Cuidador/Cuidadoso;
Deus é Decisivo;
Deus é Definidor do Bem e Mal;
Deus é Delegador;
Deus é Detalhista;
Deus é Doador;
Deus é Dominador;
Deus é Dono;
Deus é Ensinador;
Deus é Estabelecedor de Limites;
Deus é Estimulador;
Deus é Harmonioso;
Deus é Idealizador;
Deus é Incontrolável;
Deus é Inovador;
Deus é Misericordioso;
Deus é Multiplicador;
Deus é Observador;
Deus é Ordeiro;
Deus é Participador;
Deus é Poderoso;
Deus é Presente;
Deus é Previsor;
Deus é Provedor;
Deus é Realizador;
Deus é Respeitador;
Deus é Sábio;
Deus é Santo;
Deus é Senhor;
Deus é Sustentador;
Deus é Trabalhador;
Deus é Único;
Deus é Visionário;
Deus é Vivificador;
Deus é Vivo;
O Ser Humano é Criatura;
O Ser Humano é Dependente;
O Ser Humano é Incompleto;
O Ser Humano é Limitado;
O Ser Humano é Mordomo;
O Ser Humano é Responsabilizado;
O Ser Humano é Servo;
O Ser Humano é Trabalhador.

[221] Gênesis 1.20, 21, 24, 30 e também nesta própria narrativa no versículo 19.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Voltando a ler a narrativa, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. É importante limitar-se ao ensino desta narrativa, deixando de lado por enquanto o que se aprende de outras passagens bíblicas. O enfoque é sobre o que este texto ensina, pois é este o texto que está sendo estudado. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Lendo novamente a passagem, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Reflexão:

Deus criou o homem, não por acidente, mas com propósito. Não foi obra do acaso, mas foi intencional. Toda a criação do universo teve por interesse sustentar a vida humana planejada por Deus. Deus criou o homem, mas criou também tudo de que ele precisava para o seu sustento. Deus proveu-lhe de comida, moradia, ocupação, companheirismo, família, e até ouro e jóias para a sua apreciação estética. Deus também preparou para o homem instrução em termos de como guiar a sua vida. Disse, "Daquela árvore não comas, pois ela produz morte—é venenosa".

Deus tem cuidado para com o homem. Deus revela em sua criação que se interessa pelo bem do homem. Deus não tem interesse em impor um jugo sobre a humanidade por ser malvado em suas

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

intenções, nem por obstinação ou por arbitrariedade. Deus proveu para as necessidades do homem, e isso incluiu indicações de como viver uma vida sã, prazerosa, e proposital. O Criador conhece a sua criatura muito melhor do que a criatura pode chegar a conhecer-se a si mesma. Como pai, Deus quer indicar para seus filhos a maneira como eles devem levar as suas vidas, para que alcancem a plenitude do que é ser humano, desfrutando plena comunhão com Deus, seu Criador.

O homem, porém, teme sujeitar-se ao seu Criador, pois não confia plenamente em suas boas intenções e amor. Não confia que Deus realmente se interessa em dar o melhor à sua criatura. Isso porque o homem projeta a sua própria infidelidade e fraqueza sobre o seu conceito de Deus. Em lugar de procurar em Deus o guia para a sua vida, ele pensa em "proteger-se" a si mesmo, fazendo o seu próprio caminho. Muito melhor é entregar o caminho Àquele que conhece o melhor caminho a levar.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Inspiração:

O conceito de inspiração† é um tanto complexo, devendo ser visto por vários ângulos e etapas. Costuma-se tratar a idéia de inspiração† de forma limitada à redação textual da Bíblia. Tratar-se-á aqui, no entanto, com uma definição que abrange os eventos revelacionaos, a transmissão e retransmissão oral dos relatos, alterações nos relatos até a forma hoje conhecida, a seleção de relatos orais e escritas para inclusão e exclusão na transmissão oral e escrita, e a aceitação, proteção e retransmissão do material inspirado, reivindicando sua qualidade revelacional. "O processo todo deve ser visto à luz da obra criativa de Deus entre o seu povo"[222].

Vê-se nas narrativas a inspiração† divina na convocação de *YHWH* (יהוה) para o povo encontrar-se com o Deus de Israel. "Esta capacidade para discernir o plano divino dentro da história e além dos eventos é o que distingue um autor '*sagrado*' no Antigo Testamento de qualquer outro tipo de autor..."[223]. "Israel, e depois a Igreja Cristã, valorizaram estes livros em conjunto como um livro santo e divino.... Nas palavras desta 'Palavra', a voz de Deus foi ouvida"[224]. É possível, portanto, enxergar como as narrativas contidas nesse livro "têm sido transformadas pelos narradores bíblicos em testemunhos da obra redentora de Deus"[225].

> *Os escritores alegavam... que se sentiam sob um imperativo divino. Tinham uma santa obrigação de falar aquilo que muitas vezes era contrário aos próprios interesses e desejos pessoais..., mas precisavam falar. ...Alegavam estar na sucessão direta daquelas palavras anteriores, além de serem contribuintes no adicional desenvolvimento tanto do cumprimento como da promessa expandida para o futuro![226].*

Nestes relatos apresenta-se que o processo de inspiração† do texto inclui tanto o impulso divino sobre o autor, como também o processo pelo qual o povo ignorou outros manuscritos que não revelavam tão bem as intenções e ações de Deus como naqueles manuscritos preservados[227]. "De fato, existem 24 livros citados e referenciados por nome no Antigo Testamento que hoje não se conhecem"[228]. Referente ao Novo Testamento, conhece-se mais de 40 evangelhos que foram escritos nos primeiros dois séculos, porém apenas quatro foram incluídos no cânon† bíblico.

Os livros que foram preservados atestaram ser de mais confiança do que estes outros em revelar a operação de Deus, não por conterem mais informações históricas ou científicas. Assim existem relatos como o de Caim, no qual se pergunta por sua esposa, já que o texto não se interessa por entrar no assunto. É necessário, então, aceitar que a Bíblia não teve como objetivo preservar todos os detalhes referentes às histórias que relata. Preservou-se aquilo que é de ajuda para entender a ação de Deus em meio da humanidade.

Alguns alegam que a inspiração† da Bíblia está vinculada de forma inseparável à chamada infalibilidade (isenção de qualquer tipo de erro), porém logo limitam esta tal infalibilidade aos manuscritos originais (chamados os autógrafos). Diz-se que não poderiam ter sido inspirados por Deus se houvesse qualquer classificação de erro[229]. Este argumento, contudo, tem base em lógica

---

[222] FRANCISCO in ALLEN, 120.
[223] SOGGIN, 44.
[224] MULDER em WOUDE, 3.
[225] SOGGIN, 44.
[226] KAISER, TdAT, 26-27.
[227] SCALISE, 44-46.
[228] PRICE, 32.
[229] ARCHER, 18.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

humana, não em qualquer especificação bíblica. Tal lógica, porém, apresenta problemas, pois se os autógrafos tinham que ser completamente isentos de erros de qualquer tipo para que houvesse inspiração†, logo as cópias também teriam que obedecer a estas mesmas exigências para expressarem corretamente a inspiração† divina.

É salutar lembrar que a redação dos livros bíblicos não se deu de forma tão simples ao qual se alega ao recorrer ao "autógrafos". O livro de Daniel, por exemplo, sofreu várias modificações bem atestadas por manuscritos variados em versões gregas, siríaca, aramaicas e hebraica. Duas versões gregas contém passagens além do texto masoreta†, quais foram incluídas nas edições apócrifas† do livro. Não se sabe nem definir se a língua original do livro fosse aramáico, hebraico, ou uma combinação das línguas. Como temos a mão versões distintas do livro, alegar a autoridade infalível de uma cópia original neste caso gera muito mais confusão do que resolve. Tornaria necessário definir primeiramente a edição do qual se fala, e logo procurar o autógrafo da edição, pois a que foi canonizada não é necessariamente a edição original![230] O que importa é que a versão aceita foi canonizada, mostrando assim o reconhecimento pelo povo de Deus de que nestas palavras foi reconhecida a palavra de Deus.

O que alguns aparentemente descuidam, é que a classe de "erro" que um texto tão antigo apresenta tem muito mais a ver com conceitos em conflito com a ciência moderna e não algum erro na apresentação de sua mensagem teológica[231]. Isto não vem a ser erro em qualquer sentido importante, já que o propósito bíblico não é científico nem histórico. Por outro lado, o objetivo da narrativa é alcançada de forma independentemente dela ser ou não um registro de precisão milimétrica. O que se encontra, portanto, é o tipo de erro ao qual Calvino† retrata em seu comentário sobre Atos capítulo sete[232].

Por outro lado, a igreja tem um cânon† por ter reconhecido nos livros da Bíblia não um registro de história ou de ciência, mas a verdadeira palavra de Deus[233]. Estes livros não reivindicam isenção de erros científicos ou históricos, mas apresentam o testemunho da palavra de Deus. É isto que o povo de Deus reconheceu e aprovou—a mensagem de Deus ao seu povo, transmitida por meio dos seus portavozes, os profetas. O povo de Deus reconheceu a palavra inspirada e transmitiu estas Escrituras após tal reconhecimento, o processo de inspiração† sendo em parte uma ação comunitária do povo de Deus[234]. Esta palavra inspirada é uma palavra teológica, não científica, nem histórica. É o cerne teológico que exerce rigor autoritário sobre a igreja.

De qualquer forma, a conclusão final adotada será a mesma quanto à autoridade destas obras inspiradas. Como Archer afirma, a Bíblia reivindica a sua própria autoridade[235], porém ela não reivindica infalibilidade, especialmente de precisão científica sobre todo e qualquer assunto. Os seus autores geralmente não se importavam com assuntos tais[236]. Ela ensina sobre a realidade de

---

[230] GOLDINGAY, xxv, xxx-xxxii e xxxviiixxxix .

[231] *i.é.* a ordem da criação em Gênesis 1 tem as plantas sendo criadas antes do sol, o conceito cosmológico refletido no texto define haver um mar acima do firmamento e também por debaixo da terra, sendo essa uma espécie de disco flutuando sobre outro mar, etc..

[232] GEORGE, 194-195.

[233] SCALISE, 50.

[234] BARR em MAYS, 67.

[235] ARCHER, 22.

[236] Paulo, escrevendo aos coríntios, afirma não haver batizado a ninguém da igreja a não ser dois irmãos, logo lembra que também batizou outra casa, então agrega que não lembra se batizou outros. Não parou para fazer uma minúscia de detalhes para investigar quem havia batizado. Diz basicamente não ter sido importante e corre adiante no seu argumento (1ª Coríntios 1.14-15). Os evangelhos registram números diferentes de cegos curados por Jesus em certos eventos. A importância do relato não era para ser uma descrição exata do evento, mas para tratar um ponto teológico essencial (Mateus 20.29-34 e Marcos 10.46-52).

Em termos da apresentação de conceitos de ciência no texto, lembra-se ao leitor que a igreja excomungou a Galileu Galilei† por declarar que o mundo girava em torno do sol, pois a Bíblia dizia o contrário. Atualmente pouquíssimos asseveriam que a ciência está errada neste ponto, porém a Bíblia continua descrevendo o universo de forma contrária. Se é aceitável proclamar que a Bíblia está errada

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Deus, a sua identidade, a sua graça, e a sua vontade para com os homens—é a autoridade suprema para questões de teologia. A questão de conhecimento científico não vem a interferir com a autoridade inspirada da Bíblia. O seu propósito nunca foi ensinar ciência, nem história. O seu propósito é de revelar a ação, a identidade, o caráter e o propósito de Deus para com o seu povo e toda a humanidade. Afinal de contas, a ciência atual será considerada ultrapassada e errônea em poucos anos, pois mesmo que ela depende de um desenvolvimento acumulado de anos em anos, é um desenvolvimento que inclui o descartar de conceitos descreditados[237].

Muitos querem se apegar a textos como 2ª Timóteo 3.16 para afirmar não somente o respirar de Deus nas Escrituras, mas também para definir tal inspiração† no sentido de Deus pronunciar palavra por palavra o que o escritor deveria de escrever. Deve-se lembrar, porém que o sentido original grego deste versículo não se dá para uma definição precisa do modo de inspiração†. A frase grega não contém o verbo para indicar a forma exata da inspiração†, nem indicação exata do referente para definir a escrita em consideração[238]. O termo utilizado aqui é "divinamente expirado" (qeopneusto"), não propriamente "inspirado".

Pode-se traduzir o texto como "Toda Escritura é divinamente expirada e...", como também "Toda Escritura divinamente inspirada é...", ou ainda "Toda Escritura divinamente expirada e proveitosa para ensino, para reprovação, para correção, para educação em justiça". Outra possibilidade interpretativa seria de ler o texto no sentido de "Toda Escritura divinamente expirada e divinamente proveitosa para ...". Além de não saber exatamente como traduzir o versículo, é a única vez que o termo grego "divinamente inspirado" é usado na Bíblia. Dado as dificuldades interpretativas já se começa com uma base insegura no tratar o assunto da inspiração† com este texto.

Outra passagem geralmente apontada em discussões de inspiração† é também um pouco difícil de interpretar bem especificamente em termos de inspiração†. 2ª Pedro 1.20-21 trata claramente da profecia sendo proveniente de Deus. "touto prwton ginwskonte" oti pasa profhteia grafh" idia" epiluse" ouj ginetai: [21]ouj gar qelhmati anqrwpou hnecqh profhteia potev alla; upo; pneumato" agiou feromenoi elalhsan apo; qeou anqrwpoi" "isto primeiro saibam que toda profecia escrita de particular interpretação não provém. Pois não de vontade de homem foi trazida profecia jamais, mas sob o Sopro do Santo sendo guiados, falaram (da parte) de Deus homens"[239]. O texto é bem inteligível, sendo a dificuldade que o texto não explica a forma da inspiração† referida. O autor coloca que os profetas serviram de portavozes na profecia escrita, ou que forma guiados como um barco pelo vento[240].

Grudem aponta para algumas outras passagens que até referenciam certas palavras como sendo as meras palavras de Deus[241], mas estas passagens são de referência estrita demais para serem aceitos como tratamento abrangente da inspiração† da Bíblia como um todo. Em geral o alicerce da defesa de uma inspiração† verbal é um alicerce filosófico e racional, não bíblico. Apela-se mais para lógica e conceitos de epistemologia para fazer sua defesa, não para um embasamento bíblico.

---

em tal ponto, deve-se aceitar que a Bíblia não é livro texto de ciência e que suas apresentações científicas podem ser ignoradas sem invalidar o seu ensino teológico.

[237] Recomenda-se o livro citado na bibliografia de SCALISE para um bom tratamento referente a posições adotadas refrentes a inspiração e revelação, bem como uma alternativa exposta por CHILDS para uma nova compreensão do processo de revelação canônica.

[238] Mesmo que "escritas" é obviamente uma referência às Escrituras judaicas, não havia ainda um cânon fechado de tais Escrituras.

[239] 2ª Pedro 1.20-21.

[240] RIENECKER, 574.

[241] GRUDEM, 26-27.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

A compreensão do conceito de inspiração† deve lidar com questões como a pesquisa de Lucas por testemunhas oculares para servir de fontes orais na escrita do seu evangelho. Precisa tomar em consideração a questão das fontes e tradições orais antecedentes à forma atual do material do Antigo Testamento, especialmente questões dos relatos em Gênesis que tanto antecedem personagens como Moisés. "Em sua essência, uma doutrina bíblica de inspiração† importa-se mais com o produto do que com o processo; não lida com teorias, psicológicas ou de qualquer espécie, como por exemplo sobre o modo pelo qual se deu a inspiração†"[242].

Na prática teológica lida-se com níveis de inspiração†, como também houve na elaboração ou reconhecimento do cânon† das Escrituras. Já o processo de canonização revela algo de diferenças entre os níveis de inspiração† dos livros. A inclusão do livro de Ester foi debatido até o segundo século[243]. Este livro quase não entrou na lista de livros canonizados, em parte por questão de nunca referenciar a Deus. A narrativa é escrita de perspectiva secular, não contendo menção de Deus, nem ao menos indicação de que o povo era povo de Deus. Para reformadores como Lutero, certas cartas neotestamentárias não deveriam ser considerados com o mesmo peso de outros, até colocando Tiago, Hebreus, Judas e Apocalipse numa qualificação de interesse secundário aos demais livros que "proclamam a Cristo claramente"[244]. Lutero pode ser um caso extremo, mas a prática de muitos cristãos não é muito diferente do que a dele. Uma elaboração adequada da inspiração† das Escrituras deve ser de caráter abrangente o suficiente para lidar com estas questões de níveis de inspiração†, ao menos em termos da apreciação humana da mensagem inspirada.

Nomes de Deus:

Nunca ocorreu aos autores do Antigo Testamento provar a existência de Deus. Tal assunto teria sido absurdo, dado as atitudes da época[245]. As narrativas bíblicas revelam "um tempo em que a existência de seres sobrenaturais era inquestionável"[246]. Assim, os narradores bíblicos não procuraram explicar a existência de Deus, mas apontar para a sua identidade através do que fazia. Hoje até existe quem questiona a existência de Deus, porém a Bíblia não entra no assunto e aceita que sua existência é obvia. Mais propriamente, o narrador procura especificar qual dentre os deuses conhecidos pelos povos foi Aquele que chamou a Abrão—o próprio Criador de todo o Universo[247].

Os nomes utilizados para Deus também refletiam algo de sua identidade manifesta pela intervenção divina na vida de seus servos. "Quase a única declaração referente aos nomes hebraicos de Deus que teria aceitação geral de pesquisadores modernos é que seus significados originais são desconhecidos"[248]. Os dois nomes ou termos usados com mais freqüência nas narrativas de Gênesis são *elohim* (אלהים) e *YHWH* (יהוה). Estes termos aparentemente apresentam a Deus sob duas figuras, nenhuma delas exaustiva em si: Deus no aspecto de ser transcendente

---

[242] LASOR, 648.
[243] James A. Sanders em FREEDMAN, "Canon".
[244] GEORGE, 85.
[245] DAVIDSON, A., 30-31.
[246] ROBINSON, 54.
[247] WENHAM, G., xxii.
[248] ROBINSON, 52.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

(*elohim*)—além do alcance humano—e Deus no sentido de ser imanente (*YHWH*)—presente em meio de suas criaturas, oferecendo um relacionamento em amor[249].

Um nome para os povos antigos, era mais do que o identificador de uma pessoa ou objeto. O nome expressava algo da natureza daquilo que designava. Assim a frase "o nome" também refletia o ser referenciado em toda sua complexidade[250]. É nesses termos que a frase "O Nome" veio a identificar a *YHWH* como se fosse um nome próprio[251]. O termo *elohim* (אלהים) seria traduzido em sentido literal por "deuses", o aspecto plural podendo ser uma indicação de grandeza de poder[252]. O termo *YHWH* está vinculado ao verbo ser, possivelmente sendo o verbo no particípio, dando o sentido de "Aquele que causa a existir"[253]. Mesmo assim, o sentido exato dos termos não é possível identificar.

Quando o nome pessoal, "*YHWH*" é utilizado, o texto parece refletir uma face mais pessoal de Deus, Deus em relacionamento com a humanidade ou com o mundo de suas criaturas vivas[254]. Assim, reflete o relacionamento especial entre Deus e o povo em termos da aliança[255]. *YHWH* é Deus em sua imanência, ou atividade presente e relacional. Em termos etimológicos†, "...o nome pessoal *YHWH* é explicado na passagem bem conhecida de Êxodo ou como 'Ele é' (seja, 'vem a ser') ou 'Ele será'", sugerindo Deus se revela e se revelará tal como é[256]. Nas versões da Bíblia em Português, *YHWH* é geralmente traduzido como "o Senhor", seguindo a prática dos judeus† que, ao ler o texto, pronunciavam a palavra hebraica equivalente a "Senhor", em lugar de pronunciar o nome pessoal de Deus[257].

Quando o texto apresenta Deus através do termo *elohim*, a narrativa parece tratar de Deus com enfoque no aspecto de sua transcendência em justaposição à criação como um todo, sendo especificado o senhorio do universo, visando o princípio vital que se encontra dentro do ser vivo[258]. Esta é a face de Deus que se estende além de um relacionamento pessoal. É Deus em sentido de estar além do alcance humano—o rei soberano do universo em toda a sua majestade, autoridade e poder. Etimologicamente†, *elohim* é a forma plural para o termo *eloah* (אלוה)[259], vinculado também à palavra *el* (אל), um termo às vezes genérico para indicar um deus. Esta forma plural, *elohim*, indica a Deus como sendo de categoria divina, porém acima e separado de qualquer outro deus. Estas distinções do uso dos termos *elohim* e *YHWH* não é sempre obedecida, não sendo portanto uma regra inalterável. Mesmo assim parece explicar de modo geral o uso dos termos.

Nota-se que na narrativa de Gênesis 2.4-3.24 o narrador utiliza um conjunto dos dois termos, *YHWH elohim* (יהוה אלהים), a não ser no discurso entre a mulher e a serpente em 3.1-5[260]. Nesse ponto o narrador evita utilizar o nome pessoal *YHWH*, aparentemente para não atribuir a *YHWH* tais atributos como malévolo, sigiloso e restringidor. Nesta narrativa, é essencial lembrar que as duas faces de Deus estão sendo apresentadas em conjunto[261].

---

[249] WOLDE, 133.
[250] BERKHOF, 47, 625 e HARRIS, 1578-1579.
[251] WOLDE, 155.
[252] BERKHOF, 48.
[253] BANDSTRA, 138.
[254] WOLDE, 133.
[255] WENHAM, G., 87.
[256] ROBINSON, 52.
[257] BERKHOF, 49.
[258] WENHAM, G., 87 e WOLDE, 133-134.
[259] BERKHOF, 48.
[260] O mesmo caso aparece na narrativa de Gênesis 22, onde Abraão é provado referente à necessidade de sacrificar a Isaque.
[261] WENHAM, G., 55-57 e 87.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Quando o texto de Gênesis menciona Melquisedeque, ele é apresentado como o sacerdote de *el elyon* (אל עליון)[262], *elyon* devendo ser traduzido por "O Mais Alto"[263]. Assim encontra-se uma frase caracterizando "O Mais Alto Deus". *Elohim* bem pode ser compreendido como refletindo certo aspecto da mentalidade dos povos, tal que *YHWH* seria visto como "o deus de todos os deuses". *YHWH* é aquele único Deus que está por detrás, acima e além das concepções falhas de deuses entre todos os povos. Relacionadamente, pode-se entender o termo *elohim* como designação pelos autores hebreus† para indicar a plenitude de Deus—a singularidade de Deus refletida em sua grandeza. Pode ser ao mesmo tempo uma forma hebraica de criar certa distância do uso desapropriado do nome pessoa de Deus, como os judeus† até hoje omitem pronunciar o termo *YHWH*.

No contexto do espiritismo afro-brasileiro, vale salientar que no conceito hebraico e nos conceitos dos povos ao redor os outros "deuses" equivaliam aos orixás e exú da perspectiva espírita. Não são grandes deuses no patamar de *YHWH*, mas deuses restritos em geral a atuação sobre localidades bem restritas. Estes deuses seriam pouco maiores do que os seres humanos, com um ou outro deles exercendo força e autoridade maior. Isto se vê ilustrado no épico† ugarítico† *Aqhat*†, no qual um homem luta contra uma deusa, sendo uma luta física entre semi-iguais, também em Gênesis quando Jacó luta com "*elohim* e homens"[264].

Gênesis 3.1-24:

Muitos compreendem que esta narrativa é uma descrição histórico-literal do primeiro pecado cometido pelo homem. Assim é visto nas gravuras religiosas nas igrejas católicas e em revistas seculares, bem como em livros de histórias bíblicas. Esta narrativa da tentação "apresenta-se como uma narrativa histórica, porém a presença das misteriosas árvores e de uma serpente falante o distingue do tipo de história com a qual estamos acostumados"[265]. Para entender bem a sua mensagem, é necessário que o leitor encontre-se dentro da narrativa. Os termos usados são representativos, e é cada ser humano que está sendo representado. A narrativa concerne ao próprio leitor, relatando a sua própria ação.

Voltando a considerar o uso do termo *adam* (אדם—homem, humanidade), nesta parte do relato temos representado o início da vida cotidiana da humanidade. Até o fim de capítulo 2, tem-se realmente o relato apenas da criação da humanidade. No capítulo 3, porém, há uma mudança no interesse da narrativa, agora em tratar de um evento de vida dentro de padrões do cotidiano. Agora encontra-se o início da ação humana que o narrador começa a definir.

É importante também compreender que este termo usado, *adam* (אדם), indica essencialmente que não foi o pecado de algum terceiro que causou a queda, mas o pecado do próprio homem. Cada um é espelhado no texto. Deus criou o homem e lhe deu a opção de viver num paraíso, porém cada um escolheu outro caminho. Desde o princípio, o homem é pecador, até homicida. Nada mudou, pois cada um se encontra envolvido no relato do capítulo três. Não é a culpa do primeiro da raça humana, mas a culpa de todos. Não foi a ação daquele que causou as circunstâncias da atualidade, foi cada indivíduo que escolheu o mesmo caminho. Não existe lugar, então, para jogar a culpa em cima de 'Adão', pois "ele sou eu".

---

[262] MULDER em WOUDE, 11.
[263] BRONGERS em WOUDE, 117.
[264] Gênesis 32.24-29. O termo usado para referenciar a divindade aqui é *elohim*, seja Deus ou deuses.
[265] PAGE, 12.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

É necessário manter certas reservas quanto ao lidar com especificações detalhadas referente aos símbolos ou às figuras da narrativa. Não é preciso tentar identificar a "árvore do conhecimento do bem e do mal" nem a "árvore da vida". Estas figuras não são descritas e aparentemente exercem uma função representativa mais do que uma realidade física. A "árvore da vida" é mencionada no texto para indicar que a imortalidade até poderia ser parte integral da vida humana, se não fosse pelo pecado. Erickson comenta que "a árvore do conhecimento do bem e do mal simbolizava [a] escolha ... [de] obedecer ou desobedecer a Deus"[266]. A indicação essencial do narrador é de mostrar qual teria sido a intenção divina para o homem—que ele vivesse eternamente—porém sua escolha pelo pecado necessita de intervenção divina em misericórdia. Para que o homem não se danifique eternamente em seu pecado, *YHWH* intervém para que seja mortal.

A "árvore do conhecer" é geralmente tomada como a distinção experiencial entre o bem e o mal, porém outra interpretação deveria ser considerada. Por bem e mal, pode-se bem compreender certa totalidade de discernimento 'desde o bem até o mal'. Assim, o conceito apresentado é de que o homem está considerando o seu conhecimento como suficiente para fazer o seu próprio julgamento, em lugar de confiar e obedecer às instruções de Deus[267]. Encontra-se aqui o mesmo tipo de contraste apresentado pelo Apóstolo Paulo[268] de confiar no que o homem entende por sábio, em lugar de aceitar a indicação de Deus, que pode ser vista até como loucura entre os homens[269].

Esta compreensão se indentifica mais claramente com as expressões apresentadas, referentes ao entendimento que a árvore poderia oferecer. Comendo da árvore, a mulher teria a suposta possibilidade de compreender tudo, exatamente como Deus o compreendia. O hebraico, como também o português, diferencia entre o saber (ciência) e o conhecer (experiência), indicando que ela participaria de um conhecimento íntimo de sabedoria abrangente. A idéia lançada pela serpente, então era a ilusão de que o homem poderia chegar a compreender todos os mistérios, aperfeiçoando-se até chegar a ser igual a Deus!

Vinculada ao conceito de conhecimento oferecido pela árvore, encontra-se na passagem certa paronomásia† no hebraico, que concerne às expressões traduzidas por "nudez", "sagaz", e "compreenderam". Estas palavras que giram em torno do procedimento do homem em comer da árvore estão vinculadas no hebraico a uma só raiz. Esta paronomásia† liga todo o conceito referente ao pecado em termos da dependência deste pecado com o conceito de procurar conhecer para tornar-se igual a Deus, "discernindo desde o bem até o mal"[270].

Outra consideração a mencionar é a de que à mulher não é dado um nome até *depois* do pecado e o sentenciar por Deus. A indicação aqui parece ser que ela fora criada para ser igual ao varão, porém a instância do pecado tornou necessário uma hierarquia de comando.[271] Isto não contraria a igualdade dos dois, porém estabelece uma linha de comando. Aqui se vê em conjunto uma retomada da atividade do homem em nomear (indicação de domínio), responsabilidade dada por Deus em capítulo 2. Agora o homem dá um nome à mulher, indicando seu domínio e responsabilidade por ela, indicados no sentenciar divino.

---

[266] ERICKSON, *ITS*, 189.
[267] WOLDE, 46-47.
[268] 1ªCoríntios 1.18-25.
[269] BRUEGGEMANN, 43, 52.
[270] WENHAM, G., 72-73 e WOLDE, 50.
[271] O Novo Testamento (especialmente em Efésios) levará isto a indicar que a posição do homem dentro da família necessariamente deve espelhar as normas do amor sacrificial de Cristo. Porém em algum dado caso, quando há divergência de opinião, um do par terá que fazer uma decisão. É dada então ao homem esta responsabilidade—segundo Efésios no sentido de revelar o amor sacrificial de Cristo.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Sendo este o caso, também nota-se que este nome não indica necessariamente que agora o texto trata do primeiro casal no sentido histórico-literal. O nome dado à mulher no hebraico, *chawwa* (חוה—Eva) quer dizer essencialmente, "vida", seja, "(aquela que dá) vida"[272]. Ela é chamada Chawwa (Eva), porque ela é "mãe de tudo que vive", já que o seu nome especifica esta mesma função de dar vida[273]. Sendo assim, o texto diz que a mulher do homem é vida. Vida dada por Deus, criando-a para o homem. É interessante notar que o nome dela também vincula-se com 2.7, onde *YHWH* concede ao homem *neshamah hayyim* (נשמה חיים—"folego de vida"), logo, a criação do homem está mais uma vez completa com a criação da mulher. Ela é sua vida.

Pode-se ver também que em sua vida (a primeira ação da humanidade sendo pecar) todo ser humano é espelhado já que todos são igualmente pecadores. Sendo fiel ao texto aqui, não se deveria falar do pecado de "Adão" como figura histórica, tratando do "pecado original" no sentido do evento do primeiro pecado. Para tratar o conceito de "pecado original" em termos de uma transmissão biológica[274], aparecem sérias dificuldades em afirmar que o pecado veio ao mundo através do primeiro ser humano do gênero masculino (o que se diz ao culpar "Adão" pelo primeiro pecado e por sua transmissão).

No contexto presente, seria melhor afirmar o texto como tratando de forma representativa ou figurada o primeiro pecado da humanidade, retratando enfocadamente a essência de todo pecado. Já que o termo *adam* (אדם) indiscutivelmente leva este sentido representativo em outras partes da narrativa em questão[275], é melhor dar-lhe sentido igual aqui. O pecado original, então, é apenas isso: o primeiro. A culpa que cada um tem referente a esse pecado é simplesmente que cada um também escolheu tomar o mesmo caminho pecaminoso adotado pela humanidade desde o princípio da criação. Como Calvino† especifica, "o pecado de Adão é nosso também"[276]. Como retratado na narrativa, cada ser humano pecou, sendo como um todo culpado, como se fosse um só homem.

Desde o início, o homem é pecador e carece da intervenção divina para resgatar a sua vida do seu próprio erro. "Não há justo, nem sequer um"[277]. Desde o princípio foi assim, e assim continua sendo. Esta narrativa, então retrata o viver do próprio leitor, pois retrata a experiência de cada ser humano.

Serpente Tentadora:

O símbolo da serpente é tomado por muitos como a personificação† de Satanás. Existem problemas com esta interpretação que serão tratadas aqui. Primeiramente, o narrador de Gênesis "desconhece qualquer tensão entre uma força maligna independente e Deus"[278]. Para começar, ressalta-se que Satanás não era conhecido nos relatos do Antigo Testamento, sendo um conceito posterior ao texto veterotestamentário[279]. Há textos do Novo Testamento que referenciam a

---

[272] LASOR, 20.
[273] WOLDE, 51.
[274] Esta posição foi adotada por Agostinho com base em interpretação alegórica.
[275] Gênesis 2.5 e 3.22, como também em 4.23, 5.1-2, 6.3.
[276] GEORGE, 214.
[277] Romanos 3.10b.
[278] FRANCISCO em ALLEN, 129.
[279] WEST, 87. Quando encontra-se o termo השטן (HASATÁN: [O Satanás] O adversário, acusador, promotor de justiça) usado no livro de Jó, temos uma figura de um agente de Deus, que desempenha o papel de acusar o ser humano de pecado e de certa forma também a Deus. Esta acusação aparentemente incluía um aspecto de provar a fidelidade ou infidelidade do acusado. O Antigo Testamento não liga esta personagem diretamente a um grupo de seres caídos como no conceito neotestamentário (PAGE, 59). Veja também DAY para uma discussão do termo na Bíblia hebraica. ALDEN (22n) concorda que em Jó não se trata de um inimigo de Deus.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

serpente aqui como personificação†, porém estes olham para trás com uma nova perspectiva. É necessário, porém, ler em primeira instância o texto segundo sua própria perspectiva. Somente depois se pode ampliar a perspectiva do ensino, incorporando informação obtida em outras passagens[280]. O Antigo Testamento reconhece a existência de forças hostis à atuação de *YHWH* (יהוה), porém, toma cuidados minuciosos para não personificar estas forças cósmicas como na perspectiva atual de "Satanás"[281]. Lendo o texto com cuidado, nota-se que a serpente é realmente uma figura quase acidental à narrativa. Ela foi incluída na narrativa e desempenha uma função necessária ao propósito do narrador, porém a sua identidade em si é insignificante, apenas sendo aproveitada para oferecer uma sugestão à mulher que ele tome a sua própria decisão em lugar de confiar em Deus.

Dentro do contexto desta narrativa, o tentador é descrito como uma serpente, um dos animais criados por Deus, especificando assim que "ninguém poderia recorrer à especulação de o tentador ser o deus da maldade em contraste com" o Deus da bondade, *YHWH*[282]. "Não pode haver dúvida de que a palavra *serpente* fora usada para indicar especificamente um animal. Duas vezes a serpente é comparada a outros membros do reino animal"[283]. A serpente era o inimigo natural do povo nômade que andava pelo deserto, inimigo que atacava sem aviso[284]. Por outro lado, a serpente era símbolo de vida, sabedoria e caos entre os povos do antigo oriente, e estes temas todos tem referentes na narrativa a mão[285].

Muito se tem discutido referente à habilidade da serpente em falar, porém "o texto não apresenta a menor noção de que a mulher fosse assustada ao ouvir a serpente falar. ...De maior interesse e significância ... é aquilo que o animal diz", pois apresenta-se como sabendo mais sobre o fruto do que Deus havia revelado[286]. Em todo o seu discurso, porém, a serpente nunca diz nada que seria precisamente uma contradição à palavra de Deus, mas distorce a intenção divina através de "meias-verdades" e frases um tanto ambíguas que a mulher mal interpreta como a serpente queria que ela fizesse[287].

Há mais de uma razão para negar que esta narrativa trata a serpente como representação ou intermediário de Satanás. "Primeiro, Satanás não é mencionado na narrativa.... Segundo, já que não há evidência de uma doutrina desenvolvida sobre Satanás até muito tarde na história do judaísmo, seria forçado presumir que o narrador de Gênesis capítulo três tivesse uma compreensão bem definida de Satanás"[288]. Isto não quer dizer que não existe uma ligação entre a imagem da serpente aqui e o conceito posterior de um ser maligno que atua em oposição à vontade de Deus. Nota-se como importante, porém, que esta passagem não ensina diretamente sobre tal ser, um arquétipo† maligno. Na verdade, a serpente representa morte, pecado, inimizade a Deus, e também ao homem[289], mas não tanto em sentido de personificação†. É tratado mais no sentido da serpente espelhar a sua raça, seja, todas as raças de serpentes, ou

---

[280] Veja a seção **Imposições Teológicas** na página 99.
[281] HARTLEY, 238.
[282] HARBIN, L. B., *TAT*, 19.
[283] PAGE, 12.
[284] Gênesis 49.17. Veja também os textos seguintes que retratam a serpente em sentido de inimigo: Êxodo 4.3; Números 21.4-9; Jó 20.16; 26.12-13; Salmo 58.3-5; 91.13-14; Provérbios 23.32; Isaías 11.8; 14.29; 27.1; 30.6; 59.5; 65.25; Jeremias 8.17; Amós 5.19; 9.3-4; e Miquéias 7.16-17.
[285] WENHAM, G., 72.
[286] PAGE, 13.
[287] WENHAM, G., 73-74.
[288] PAGE, 15-16. As referências frequentes a Jó 1-2, Isaías 14, Ezequiel 28 são comumente lidas da perspectiva de uma doutrina polida referente a Satanás, enquanto as passagens por si lidam com conceitos diferentes. O Novo Testamento utiliza una doutrina de Satanás, mas ela é simplesmente nova, não encontrada na Bíblia até o Novo Testamento. Agostinho e outros leram Isaías e Ezequiel alegoricamente†, como também fizeram com a serpente em Gênesis 3, mas esta leitura é contrária à intenção dos autores inspirados da Bíblia.
[289] WENHAM, G, 80.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

mesmo toda a oposição maligna, da mesma forma que o texto utiliza o *adam* (אדם), macho e fêmea, para espelhar toda a raça humana.

Muitos perguntam se as serpentes antigamente tinham pernas, porém esta é uma pergunta com base em curiosidade e pesquisa de padrão científico, não de interesse bíblico. A intenção da narrativa referente ao caminhar da serpente é outra. Parece que o narrador está indicando que "havendo desencaminhado aqueles que foram criados do pó (2.7), ela é condenada a viver no pó"[290] e até mesmo comer este pó. O comer pó é uma figura de severa humilhação, a qual durará toda a existência da serpente[291].

Seguindo a linha de investigação referente à serpente, é importante salientar que "o Novo Testamento não cita Gênesis 3.15 como um texto cristológico†"[292], mesmo que comentaristas judeus† já no terceiro século a.C. interpretavam esta passagem como refletindo o personagem de Satanás em contexto do reino do Messias[293]. Tal conceito é uma imposição sobre a intenção da narrativa. O texto em si dá uma ênfase específica "no conflito, não em sua resolução", o que força o leitor a ter cuidado com expressões de uma declaração vívida de uma vitória sobre o Inimigo expresso nesta passagem. "Satanás não é mencionado em Gênesis 3, porém o retrato da serpente sugere que esta criatura representa algo mais do que um animal comum, ...[porém] a sua atuação na tentação não envolve compulsão. Quando [a mulher] peca, ela o faz por sua própria vontade"[294].

Em conclusão, dir-se-ia que a serpente reflete o conceito de forças ou agentes que se opõem a Deus, mas não vem a ser um tratamento do personagem de Satanás[295]. De qualquer forma, a serpente não é o enfoque da narrativa. Ela apenas serve como útil nas mãos do narrador para lançar a idéia da tentação como proveniente da uma sutileza contrária a Deus, opondo-se ao Criador. Até a própria mulher logo vem a exercer esta função idêntica para com o seu marido. Logo um tentador sobrenatural nem é necessário aos propósitos do narrador, pois já está no homem tentar-se a si mesmo e ao outro. A ênfase da narrativa é neste aspecto da oposição humana à vontade do Criador que quer o melhor para a sua criação.

Pecado:

A narrativa de Gênesis capítulo três é um dos capítulos mais ilustrativos da Bíblia referente à essência do pecado. A forma narrativa é aqui usada com diligência para oferecer um tratamento profundo referente à definição do pecado e como Deus trata com a humanidade na condição do pecado humano. O propósito essencial de Deus nesse contexto é de ajudar o homem a orientar a sua vida num relacionamento de confiança[296].

Muitos procuram encontrar nesta passagem uma descrição histórica do primeiro pecado, como se isso fosse informação importante para se ter. A tentação ao pecado não concerne o comer, mas a falta de reconhecer a autoridade e posição de Deus. O tentador instiga Vida a tomar para si atribuição divina, determinando o seu próprio curso em desrespeito às instrução e revelação

---

[290] PAGE, 20.
[291] WENHAM, G., 79.
[292] PAGE, 22.
[293] WENHAM, G., 80-81.
[294] PAGE, 22-23.
[295] WENHAM, G., 80.
[296] ANDERSON, *COTT,* 3. Fé na Bíblia em geral é "um relacionamento entre seres humanos e Deus". No Antigo Testamento, a fé é uma confiança em Deus em meio à dificuldades da vida. Neste documento usaremos por norma o termo "confiança" em lugar ao termo "fé".

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

divina[297]. Ela age, então tomando para si privilégios devidamente pertencentes ao Criador[298]. Interessante também é que a serpente nunca convida a mulher a comer a fruta proibida. Levantando a questão de que Vida deve tomar as suas próprias decisões e julgamentos referentes à proibição é o suficiente, pois ela imediatamente toma iniciativa própria em dirigir a sua própria vida[299].

A serpente ofereceu a opção de rejeitar a palavra de Deus como digna de confiança, e assim usurpar a posição que pertencia devidamente apenas a Deus. É nessa indulgência que se encontra o elo essencial do pecado. Adotando para si privilégios divinos de orientar a própria vida e não depender do conselho de outros, encontra-se o centro do pecado: não confiar em Deus.

Nesse contexto, alguns comentaristas, especialmente entre os judeus† , procuram ver aqui não o pecado original da teologia de Agostinho, mas em sentido representativo, obedecendo mais as indicações de Calvino†[300]. De acordo com o Apocalipse de Baruque† 54.19, "Adão não é a causa, a não ser referente à de sua própria alma, mas cada um de nós tem sido o Adão de sua própria alma"[301]. Cada um escolheu individualmente o mesmo caminho de desconfiar em Deus.

Orientação de Vida →	**PECADO** (Confiança no Eu)	⇔	**FÉ** (Confiança em Deus)
↓	↓		↓
Resultado →	**Pecados**	⇔	**Obras**

Como o gráfico acima ilustra, há uma diferença entre o "Pecado" (orientação de vida) e os "pecados" (atos pecaminosos que se comete). A mensagem bíblica, especialmente do novo testamento, enfatiza mais a questão de corrigir a orientação básica da vida. Corrigindo a orientação de pecado a um relacionamento de fé, a conseqüência natural é modificar a questão das ações específicas.

Analisando o texto de Gênesis 3.1-7, pode-se ver que a mulher não foi enganada pela serpente, mas decidiu desconfiar em Deus. Rompendo o relacionamento que tinha de confiança em Deus, resolveu confiar em seu próprio pensamento e orientação decisiva. Fazendo a sua própria escolha, seguiu uma orientação de vida pecaminosa, tomando para si o lugar devido a Deus. Assim mesmo, quando qualquer um peca, está reorientando a sua vida ao pecado. Estabelecendo um relacionamento de fé e confiança em Deus, orienta-se a vida para seguir a vontade de Deus.

O "primeiro pecado" não era tanto o comer de alguma fruta do Jardim Paraíso, mas desconfiar de Deus. Como desde o princípio, o problema do pecado é a falta de confiar que Deus realmente quer o melhor para o ser humano. Deus realmente procura satisfazer as necessidades do homem. As suas diretrizes são para o próprio bem do homem, não para satisfazer algum desejo arbitrário de um Deus que estabelece leis e regulamentos ao acaso. Deus procura ensinar ao homem a melhor forma de viver, porém o homem se recusa a confiar em Deus, querendo ser o seu próprio senhor.

É necessário fazer aqui uma pequena ressalva. Dizer que o mais sério é endireitar a orientação de vida não quer dizer que o ato pecaminoso em si não é coisa séria, pois definitivamente o é. A

---

[297] PAGE, 19.
[298] WENHAM, G., 75.
[299] PAGE, 19.
[300] GEORGE, 214.
[301] Apocalipse de Baruque 54.19, citado em WENHAM, G., 91

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

questão é que uma ação individual não leva o peso de uma vida voltada em direção contrária à vontade divina. A vontade de Deus é de que o homem viva uma vida sem pecado, expressamente porque o pecado tem conseqüências que afetam negativamente o ser humano.

Acrecentando à questão do resultado do pecado, poder-se-ia mencionar que o pecado também produz medo. Quebrando a comunhão com Deus, o homem encontra-se com medo de apresentar-se diante do altíssimo. Como a criança que comete algum erro instintivamente quer escondê-lo, o homem se esconde de Deus, com medo de que seu pecado seja reconhecido. Deus, porém, não o trata em condenação, mas em amor, procurando reconciliar o homem consigo.

Perdão:

O perdão de Deus é um tema importante das narrativas nos primeiros capítulos de Gênesis. É importante lembrar que Deus sempre toma a iniciativa de chamar o homem a restabelecer o relacionamento cortado. No capítulo três, o homem se esconde e Deus vai atrás. A atitude de Deus não é a de alguém enraivecido e vingativo, mas de um pai que procura ajudar os filhos a consertar os seus erros. O mesmo está espelhado no relato de Caim, no qual Deus atua em redenção. No relato do dilúvio, Deus ainda está agindo na proteção de sua criação, motivado pela sua dor causada pela maldade humana.[302]

Existe muito corrente hoje o conceito de que Deus impõe uma regra arbitrária ao homem. Este conceito compreende a idéia de que este Deus é arbitrário, estabelece leis e regras somente para impô-las ao homem. Assim, Deus é um ser até malevolente, raivoso, invejoso, e logo vingativo, quando o homem não cumpre a arbitrariedade divina. O texto não apresenta um Deus tal. Deus estabelece limites no sentido da proteção ao homem! O mandamento aqui é mais no sentido de "Não ponhas a mão no fogo, pois no dia em que o fizeres te queimarás". Deus indica para o homem que uma busca por conhecimento pode ser perigosa, pois leva o homem a confiar no seu próprio entendimento, em lugar de confiar em Deus[303].

O perdão de Deus, então, é no sentido de corrigir a situação do homem, que se desviou dos padrões próprios para a sua vida. Pelo seu perdão, Deus oferece ao homem a oportunidade de regressar ao caminho que deveria seguir. O "livre arbítrio" dado por Deus não vem a ser a possibilidade de optar pelo mal, mas o optar pelo bem, já que Deus juntamente com a opção capacita o homem a poder fazer aquilo que é de seu próprio melhor interesse. Deus perdoa, não em sentido de aplacar a raiva divina, mas em sentido de ajudar o homem a voltar ao caminho devido. Deus cria para o homem uma nova chance.

Salvação:

Vinculado com a idéia de perdão, lança-se nesta narrativa os inícios de um tratamento do conceito de salvação. Lembra-se que os termos para tratar de salvação—ambos no hebraico (חלצ, ישע, מלט, נצל, e פלט) e também no grego (σωζω)—denotam vários aspectos da restauração

---

[302] Veja seção referente ao dilúvio, **Gênesis 6.5-8.22**, na página 89.
[303] Provérbios 3.5-6.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

do homem como um todo, não apenas o que trata-se hoje de seu aspecto espiritual[304]. Isso maiormente porque o homem é visto como um todo, não um composto de partes distintas.

Além da compreensão do homem como um ser integral, na maior parte do Antigo Testamento não se encontra um ensino claro referente a questões de imortalidade e o que o Novo Testamento chega a referenciar em termos de "espiritual". Por esta razão, é comum pensar que o Antigo Testamento não trata de questões espirituais mas de materiais e legais. Na realidade, porém, o que é tratado é de caráter espiritual, porém é geralmente cogitado em termos de aplicabilidade soteriológica† sobre a terra, não num mundo por vir. Algumas passagens refletem perspectivas que sobresaem a esta perspectiva, especialmente nos profetas, mas é o caso de modo geral.

É preciso apreciar, portanto, que o Antigo Testamento trata de salvação geralmente em termos holísticos†, incluindo saúde, longa vida, liberdade e bens materiais, mas não completamente negligenciando aspectos que seriam chamados hoje de espirituais. Não há um tratamento explícito sobre vida eterna com *YHWH*, mas há demandas de caráter espiritual, mesmo quando tal esperança não seja especificado.

Podia-se dizer que em certo aspecto, as exigências espirituais do Antigo Testamento são mais dignos por não refletirem recompensas eternas. Pode parecer que o tratamento temático do Antigo Testamento limita-se em termos de salvação, mas ao mesmo tempo oferece condições para o tratamento neotestamentário do mesmo.

Ressaltando que fé é um relacionamento de confiança em Deus, nesta passagem encontramos *YHWH* intervindo no caos criado pelo homem para oferecer ao homem outra chance de relacionar-se com o seu Criador. A salvação aqui provém de *YHWH* que intervém para preservar o homem e restituí-lo a um novo relacionamento, protegendo os seus interesses e intervindo para oferecer novas opções em meio ao novo caos que o homem há gerado.

Unidade Narrativa:

De certo, Gênesis 2.4-3.24 é uma unidade narrativa, a qual é logo complementada com a narrativa de 4.1-26. O estudo da mesma não deve terminar sem olhar seriamente para a narrativa como uma unidade completa. As partes devem ser minuciadas, mas a narrativa é uma unidade que deve também ser respeitada como tal.

A primeira narrativa da criação ofereceu certas colocações teológicas em contraste a formulações populares do dia do narrador em conjunto com o estabelecimento de outros princípios que não necessariamente vinham em contra de posicionamentos da época. Esta narrativa também tem como enredo a criação, mas o enfoque de suas colocações teológicas é bem diferente. Deus ainda aparece como Criador incontrovertido, mas o interesse do narrador é mostrar de forma mais clara o caráter do ser humano. Como se usa o termo genérico para homem no texto, deve-se ler a narrativa como sendo uma narrativa sobre o próprio leitor/ouvinte, não apenas como um relato histórico. "Esse personagem tratado ali sou eu".

O enfoque principal desta narrativa se vê na valorização do ser humano pelo fato de sua própria existência resumir o propósito da criação. Tudo foi criado em função do ser humano, para que

---

[304] BROWN, 475, 680-684, 840, 991, 1216 e BAUER, 798-799

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

vivesse em comunhão com *YHWH* (יהוה). As bases para uma vida de confiança em *YHWH* são postas aqui, no amor e provisão do criador, porém é colocado em contraposição à resposta humana de desconfiança em Deus.

Deus anda ainda provendo reconciliação com a criatura desconfiada, mas esta continua confiando apenas em si—guácho que não sabe depender de outro, dando-se mal nas suas iniciativas falhas e impróprias.

Aqui este comentário do estado da raça humana é posta em termos universais—a humanidade pecou, desconfiando da bondade de *YHWH.* Segue logo um exemplo mais vívido e específico, dando mais corpo aos conceitos aqui lançados.

Princípios Teológicos:

Como nas outras narrativas, encontram-se muitos princípios teológicos nesta narrativa. Não serão anotados aqui por questão de espaço. Ao final do estudo, apresentar-se-á uma tabela contendo os resultados destas pesquisas teológicas dos alunos do Programa de Educação Teológica por Extensão do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul, no percurso do semestre. Menciona-se que até Gênesis 3.24, os alunos encontraram acima de 90 atributos de Deus apresentadas nessas narrativas.

Em conjunto com os atributos de *YHWH* apresentados nas narrativas, é de importância refletir sobre o que as narrativas tem a ensinar referente à humanidade. É na conjunção das duas linhas de pesquisa que vem à tona a importância dessa reflexão teológica. Quando se estuda e conhece quem é Deus e quem é o homem em contraste, as implicações da reflexão teológica tem mais validade para a vida de fé, expressando com mais clareza as bases do compromisso humano. Deve-se, portanto fazer a pergunta "O que esta narrativa ensina sobre Quem é Deus?". Logo pergunta-se também, "O que esta narrativa ensina sobre Quem é o Ser Humano?". Em seguida, pergunta-se pelo ensino sobre a responsabilidade humana perante Deus.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Reflexão:

Deus criou o homem, provendo para todas as suas necessidades, porém o homem escolheu desobedecer às indicações de Deus referentes à vontade divina para a sua vida. O homem, a humanidade escolheu formar seu próprio caminho, mesmo que Deus havia indicado que isto resultaria em dano. O homem é pecador desde o princípio, o homem não confia em que Deus realmente sabe o que é melhor para ele. O homem projeta de si mesmo sobre Deus, pensando de Deus em termos muito humanos, fracos e débeis.

Para a humanidade, Deus é uma espécie de homem mais poderoso do que a norma. Deus não é Deus. Deus não é o criador. Deus não é onipotente. Deus não é bondoso. Deus é uma espécie de homem poderoso, vingativo, que quer, como um ser humano, simplesmente impor sua vontade sobre outro. Por isso o homem busca contrariar a vontade de Deus porque não confia Nele. Quer confiar em seu próprio caminho, quer enaltecer-se e colocar-se na posição de Deus, em que o homem diz que sabe melhor como conduzir sua própria vida. Não quer crer em Deus.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Mesmo assim, Deus é paciente. Deus como pai amoroso vem atrás do homem, chamando-o para voltar ao relacionamento com seu Criador. Deus chama o homem e a mulher de volta para si, dizendo: 'Homem, onde estás'? Não que Deus havia esquecido, mas que o homem se esquece, esquece o seu caminho, não sabe para onde vai, mesmo que projetando um caminho que para si mesmo pensa ser o melhor e Deus, paciente, o chama dizendo: Vem. Deixa-me te ajudar. Deixa-me endireitar o teu caminho errado.

Deus é paciente, revelando seu amor, seu carinho, sua bondade. Estende a mão para convidar o homem de volta para o relacionamento, mas o homem até hoje foge. Foge porque não confia, porque não pode confiar num Deus que não conhece, porque não quer topar-se com a realidade do seu pecado. Foge porque teme, e Deus anda atrás, para chamá-lo de volta para si, para conciliá-lo. Deus não o chama apenas para conciliá-lo consigo, mas para ajudar o homem a conciliar-se consigo mesmo. Não é Deus que precisa de um relacionamento com o homem, é o homem que precisa estar em relacionamento com Deus.

Deus chama o homem de volta não para impor um jugo sobre ele, mas para ajudar o homem a endireitar o seu caminho, encontrando o seu propósito de vida. Deus anda atrás para consertar aquilo de que o homem tem se esquivado. O perdão de Deus não é um perdão que consiste em esquecer prejuízos feitos contra Deus. É um perdão que consiste em retificar o homem caído. O homem que cai, o homem que tropeça, machuca-se, danifica-se. Deus não é danificado pelo pecado do homem a não ser no fato do seu amor, pois Deus quer restaurar o homem à condição que o possibilite a realizar o seu ideal.

Deus chama o homem para começar de novo, reconhecendo as novas limitações causadas pelas conseqüências que o pecado traz sobre a vida do homem, pois já caído não pode voltar à condição original. O osso quebrado não pode voltar a ser restaurado cem por cento, mas pode cicatrizar, pode-se juntar às partes quebradas e começar de novo. Mesmo que não de estaca zero, pode-se ainda ter um novo começo, uma nova chance, já dentro de um novo contexto. Mas Deus intervém na vida do homem para que ele possa ter uma nova chance—uma chance de estabelecer um relacionamento com Deus e viver às sombras desse relacionamento. Deus chama o homem de volta para ser aquilo para o que Deus o destinou. Deus quer restabelecer este vínculo para que o homem possa desfrutar da plenitude da criação de Deus, para que ele possa espelhar a imagem de Deus, através de um relacionamento íntimo e pessoal com o seu Criador.

Muitos questionam a Deus por haver criado um mundo em que o mal e o pecado abundem. Não diríamos, porém, que Deus criou o pecado, pois não o fez. Deus criou a liberdade de escolha para o homem. O homem abusou desta escolha, pecando. Estaríamos, então, forçados a dizer que foi o homem que criou o pecado, a sua única obra realmente criativa!

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Considerações Históricas:

Há algumas considerações de sentido histórico a serem tratados. Pelo texto bíblico ser tão antigo, certa pesquisa de conceitos e perspectivas históricas é de muito proveito para uma boa interpretação. Sempre que se lê um texto chega-se com uma série de conceitos já formulados, ainda mais quando se trata de textos já "conhecidos". Seguindo com a intenção de resgatar o sentido original pretendido pelos narradores bíblicos, é necessário resgatar alguns elementos de discordância entre as suas formas de enxergar o mundo, definir os interesses e conceitos deles referentes às narrativas que transmitiam e clarificar algumas pressuposições† atuais que divergem dos conceitos tidos pelos narradores bíblicos.

Conceito de "Ciência":[305]

O povo hebreu† não compartilhava a forma atual de conceituar e falar de ciência (conhecimento). O seu método científico não obedecia às normas e aos padrões atuais de investigação, crítica e análise de hipóteses, teorias e leis. Isto se deve ao fato de que a ciência moderna com a sua metodologia de pesquisa e o seu chamado "método científico" simplesmente não existiam na época do povo através do qual o texto bíblico foi transmitido. Além de a Bíblia não ser um texto de ciência, o processo científico dos autores teria sido completamente distinto do processo em uso na atualidade. Mesmo as suas preocupações científicas do povo hebreu† teriam sido muito distintas das preocupações vigentes.

Por estas e outras considerações não se deve forçar uma perspectiva científica moderna sobre o texto das narrativas bíblicas, especialmente porque a narrativa não tem os mesmos interesses e enfoques da ciência atual. Como já foi exposto, o propósito central das narrativas bíblicas é teológico, não científico. "O Antigo Testamento nunca foi dado a pretensão de ensinar ciência.... Um estudo cuidadoso da íntegra do Antigo Testamento revela ao leitor que o interesse dominante do autor era religioso"[306]. O enfoque do seu ensino não é historiografia†, ciência política, geografia, cartografia†, zoologia†, biologia, astronomia, e nem cosmologia†. O propósito é revelar *YHWH* (יהוה), este único e supremo Deus que criou os céus, a terra e a humanidade. Enquanto a ciência procura investigar o *como* e o *quando* da criação, a Bíblia procura responder o *quem* e o *porquê* da criação.

"Calvino† entendeu que a Bíblia não era um livro fonte de ciência natural, ...o propósito das Escrituras consistia em revelar o que era proveitoso saber sobre Deus e sobre nós mesmos"[307]. A ciência tem outro objetivo, sendo este descrever a realidade e o seu funcionamento, procurando discernir aquilo que é comprovadamente "a verdade" em termos dos fatos específicos dos eventos. Quando o teólogo e o cientista efetuam os seus papéis dignamente, não há nenhum conflito a ser percebido entre os dois campos de estudo, pois são bem distintos os seus propósitos, interesses e metodologias.

---

[305] Para um tratamento de caráter específico do tema, veja também a seção **Números–Idades Antediluvianas**, na página 76.
[306] PRICE, 35.
[307] GEORGE, 198.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

O que geralmente se percebe como um conflito entre a teologia e a ciência tem mais do que nada a ver com uma forma de expressar a verdade sendo descrita do que um conflito em si. "Aquele que percebe o Antigo Testamento como sendo a 'palavra inspirada de Deus' não precisa [proteger] os livros do Antigo Testamento, escritos em palavras e linguagem humana, da pesquisa científica normativa"[308]. A ciência e a Bíblia tem propósitos e preocupações diferentes uma da outra, "uma sondando o mundo observável; a outra revelando mormente o inobservável, a relação de Deus com o homem"[309]. É dentro do propósito da Bíblia que ela deve ser lida e apreciada, sendo este propósito "possibilitar aos homens relacionarem-se de forma salvadora com Deus. Ela não foi dada para satisfazer nossa curiosidade, nem para fornecer informações que podem ser obtidas pelo estudo da criação de Deus"[310].

Os conceitos bíblicos que expressam declarações "científicas" que hoje são consideradas inválidas, refletem apenas a perspectiva não-científica do povo por intermédio de quem Deus revelou a sua vontade. "... São frases que aparentemente não se classificam tanto por categorias de certo e errado, mas pelas de modernas e antigas"[311]. É preciso lembrar que o ser humano é imperfeito ainda hoje em suas declarações de verdades científicas. O que hoje se declara com muita segurança bem pode ser deixado de lado amanhã com novas informações obtidas através de novas investigações. Mesmo as considerações teológicas do Antigo Testamento mostram um processo de revelação e certo desenvolvimento que deixa certas formas de lado para aceitar uma verdade mais plena[312], ainda mais em termos de conhecimento científico que já é acidental aos propósitos do texto bíblico.

> *...Não é uma questão de acusar de* falsidade[313] *uma declaração científica feita há dois ou três mil anos, mas de aceitar o fato óbvio de sua antigüidade. A inadequação dessas formulações nunca prejudica a validade da mensagem da Bíblia, como as afirmações científicas de hoje ... não deveriam condicionar a veracidade da nossa fé*[314].

Aliás, o propósito bíblico não é o de ensinar física quântica, biologia, geologia, astronomia, nem química. O testemunho bíblico foi preservada e escrita para induzir a humanidade a um relacionamento íntimo e pessoal com o único Deus, *YHWH*, Criador do Universo. As narrativas "não devem ser tomadas nem como história, nem mito..., [mas] proclamação do tratar decisivo de Deus com sua criação"[315]. É essencial lembrar que este é o propósito bíblico. O que as narrativas podem ensinar o homem referente a história ou outra ciência é assunto de caráter apenas secundário, pois está fora do propósito essencial da narrativa[316].

Como fora mencionado na lista de pressupostos† teológicos acima, a preocupação do intérprete deve ser de resgatar o ensino bíblico referente às perguntas como "Quem é Deus?", "Quem sou eu?" e "O que Deus quer comigo?". Vale salientar que as perguntas de caráter científica concernem o esclarecimento de detalhes e definições de perguntas como "Quando?", "Como?",

---

[308] MULDER em WOUDE, 3.
[309] KIDNER, 25.
[310] ERICKSON, *ITS*, 165.
[311] SOGGIN, 41.
[312] DAVIDSON, A., 8-11.
[313] Exemplos de possíveis acusações de "falsidade": criação em seis etapas versus dias; descrição física do universo (janelas do céu, firmamento, etc.); dilúvio abrangendo todo o globo terrestre versus o mundo conhecido; água e sangue saindo do corpo de Jesus realmente sendo uma separação do sangue; a impossibilidade astronômica do sol andar para trás.
[314] SOGGIN, 42-43.
[315] BRUEGGEMANN, 16.
[316] Às vezes é difícil enxergar que o narrador bíblico não está interessado em fazer historiografia, mas nestes casos deve-se identificar a ótica ou perspectiva dada ao relato. Lembra-se que uma crônica de história é sempre uma interpretação dos eventos, nunca sendo "apenas" um registro isento de interpretação dos fatos.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

"Quanto?" e "Como será?". Tais perguntas colocam o pesquisador a certa distância do assunto, para que possa estudar a questão de forma clínica e "objetiva".

Estas linhas de investigação podem até entrar no campo teológico, mas na maioria dos casos tratam de especulações que procuram satisfazer a curiosidade humana. O problema com estas especulações surge quando o pesquisador é distraído da tarefa principal de conhecer a *YHWH* e a sua responsabilidade perante o Criador. Desvincular-se ao seu compromisso com o Criador não é coerente com o conceito de revelação e dependência.

O homem não pode definir o infinito. Pode apenas aceitar em fé o que lhe é revelado. Nesta revelação encontra-se o que é necessário que compreenda, mesmo que tenha que suportar muitas dúvidas e questionamentos para os quais provém apenas a resposta dado a Jó por *YHWH*[317]. Esta não é a resposta que o homem procura, mas é a resposta que Deus lhe oferece. De forma semelhante, Jesus desconsidera a perguntas dos discípulos em Atos 1.6-7 referente ao futuro, partindo logo para o que realmente lhes interessava saber, mesmo que a pergunta feita era completamente outra. Deus comunica o que o homem precisa saber, mesmo se a linha de questionamento do homem seja outra.

Tradição dos Hebreus e dos Povos Vizinhos:

A inspiração† do Antigo Testamento está de certa forma relacionada às literaturas dos povos vizinhos dos hebreus†. Os hebreus† tinham certos conceitos em comum com os seus vizinhos, havendo até mesmo paralelos entre certas narrativas, como a do dilúvio. No entanto, o povo hebreu† contrariou certas idéias religiosas mantidas por seus vizinhos[318]. São esses contrapontos que mais se destacam na comparação entre os relatos de Gênesis e paralelos existentes entre os povos ao seu redor[319].

"Provavelmente a forma mais adequada para tentar descrever o conceito de inspiração† no Antigo Testamento é o de perguntar: em que forma difere a narrativa bíblica de outras narrativas do mesmo tipo literário entre os povos vizinhos?"[320]. Os hebreus† compartilhavam muitas idéias referentes ao mundo em que viviam com os povos ao seu redor. As suas narrativas muitas vezes concernem a assuntos comuns entre eles e os seus vizinhos, porém o tratamento hebraico era diferente numa série de questões.

Havia certo fluxo de idéias referente ao mundo e às realidades sobrenaturais do mundo entre o povo hebreu† e os povos ao seu redor. Estes povos não viviam isolados uns dos outros, pois em muitos aspectos, as suas culturas participavam de um mesmo contexto. Parte dessa troca de informação, idéias, e conceitos religiosos e científicos vinha como resultado dos conflitos perenes entre estes povos. Em muitas coisas o povo hebreu† rejeitou fortemente a influência externa, mas não em tudo. Como geralmente se compreende que o Pentateuco tomou a sua forma atual no contexto histórico do exilo babilônico, uma resposta a conceitos teológicos babilônicos se fazia de extrema urgência para o povo de Deus, ainda mais nessa época.

---

[317] Jó 38.1-42.6.
[318] DAVIDSON, A., 30-32.
[319] LASOR, 23.
[320] SOGGIN, 43.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Alguns tem visto a influência externa não apenas como constante, mas também como intensa. Havia influência suficiente para ocasionar defesa contante à pressão de submeter à influência das religiões vizinhas[321]. A influência até leva alguns estudiosos a admitir que partes das Escrituras (*i.e.* Êxodo 15.11 falando da existência de outros deuses) refletem práticas e conceitos religiosos dos outros povos mais do que o ponto de vista hebraico[322]. Esta aproximação entre os povos, porém, é de mais significância em termos de suas diferenças do que nas suas similaridades. A influência forte dos povos pagãos ao redor fez com que em muitos aspectos o povo prescrevesse com definição árdua respostas apologéticas a estas influências externas[323].

O teor e a qualidade desmistificada das narrativas veterotestamentárias reagem em contraste sensível com os relatos provindos dos povos ao redor dos hebreus†. A compreensão hebraica da atuação e identidade de *YHWH* atua em reação severa contra os posicionamentos apresentados pelos outros povos. Um relato mitológico egípcio serve para ilustrar a magnitude da divergência entre as narrativas hebraicas e as mitologias vizinhas, em termos de conteúdo descritivo, qualidade temática, e qualidade teológica:

> *Do Egito provinha o mito de Ísis† e Osíris†, segundo o qual o deus Seth† havia matado e esquartejado Osíris†, e depois havia espalhado seus membros por todo o Egito. Ísis†, a esposa de Osíris†, os havia recolhido e dado nova vida a Osíris†. Mas os órgãos genitais de Osíris† haviam caído no Nilo, e por essa razão é que o Nilo é a fonte de fertilidade para todo o Egito[324].*

Houve influências teológicas dos outros povos atrás de certos relatos, direta- ou indiretamente. No contexto de pluralidade religiosa pagã no qual o povo vivia, às vezes, a narrativa inspirada até possuía raízes com relatos existentes que foram modificados para expressar a real identidade de *YHWH.* Assim no relato da criação, o narrador hebreu†, tomou o conceito referente à criação como resultado de uma luta cósmica entre os deuses e o recontou com propósito e enfoque completamente distintos.

Assim inspirado pelo Criador, os narradores hebreus† abandonaram os elementos mitológicos pagãos que refletiam conceitos politeísticos e teologias inadequadas e apresentou uma narrativa que centraliza a atuação e a pessoa de *YHWH.* A expressão do conceito cosmológico† hebraico desmistifica o mundo criado em contraposição ao politeísmo panteísta† ao seu redor[325]. O ensino desta narrativa é expressamente teológico e não científico. É uma reação não a registros secularizados de posicionamentos científicos sobre a origem do mundo, mas contra as construções teológicas do seu próprio dia[326].

Nessas diferenciações, o povo hebreu† definiu limites para essas influências externas, assim resguardando os princípios essenciais da fé e da revelação de Deus. Como se vê no relato da criação em Gênesis 1.1-2.4a, a divergência introduz o conceito de que a criação é obra do único Deus, o qual é distinto da sua obra criada e intencional em seus propósitos. Entender algo das perspectivas dos povos vizinhos dos hebreus† é, então, de ajuda para ver as distinções feitas no relato bíblico, de tal forma a compreender melhor os princípios teológicos que os portavozes de *YHWH* estão querendo ressaltar.

---

[321] KAPELRUD, 29.
[322] DAVIDSON, A., 63-64. Não quer dizer que o texto bíblico fora contagiado, pois a norma é de suas narrativas se colocarem em contraposição aos conceitos vigentes entre os povos vizinhos, como nas narrativas da criação e do dilúvio e as conceituações comuns. Em outros textos, idéias comuns nem chegam a ser tratados, mesmo que uma temática incoerente seja levantada , pois o texto não tem a intenção de responder a todo conceito errôneo, como a idolatria de Rebeca em Gênesis 31.33-34. Parece que a idolatria for curado apenas no exílio, conforme URETA, 56.
[323] KAPELRUD, 30. Os conceitos tidos como influência externa podem bem refletir herança comum de épocas já distantes.
[324] GONZÁLEZ, 27.
[325] LASOR, 24.
[326] PRICE, 45.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Fazer um estudo das perspectivas científicas, mitológicas, e teológicas dos povos vizinhos dos hebreus† ajuda a esclarecer aquilo que os autores bíblicos queriam transmitir. Já que o intérprete bíblico tem como seu primeiro objetivo no estudo de uma passagem identificar aquilo que o autor pretendia transmitir, "é necessário apreciar as associações que ele fazia com as suas palavras e expressões"[327]. É nestas associações que se encontram as correlações com influências externas vinda dos outros povos. Estas associações podem tanto oferecer definições de termos como também gerar um sentido de crítica a perspectivas populares.

Assim o autor de Gênesis capítulo 3 pode falar da "árvore da vida" sem explicar-se, pois já é um símbolo entendido e aceito pela sua audiência. O narrador do dilúvio não precisa mencionar que os outros povos viam o dilúvio como uma resposta dos deuses à superpopulação do mundo, pois o povo já conhecia tal posicionamento. O narrador da narrativa de Babel não precisava explicar a identificação da torre com o templo de Esagil em Babilônia† que pretendia ter o seu cume no céu[328]. Estas coisas eram conhecidas do povo ao qual as narrativas foram designadas. O leitor atual, porém, carece de certa explicação para enxergar a polêmica original.

Cosmologias Antigas:

Em vários casos, saber algo da cosmologia† do povo hebreu† da época do Antigo Testamento é indispensável para que o leitor possa ter uma boa compreensão daquilo que um texto específico está tentando comunicar. A sua cosmologia† está vinculado aos conceitos dos povos vizinhos, porém é ao mesmo tempo distinto desses outros conceitos. É importante conhecê-los, especialmente ao lidar com as narrativas que fazem referência à criação e ao dilúvio. Marcas deste conceito se encontram também em outras narrativas, em descrições tanto do além-túmulo como de aspectos do universo físico.

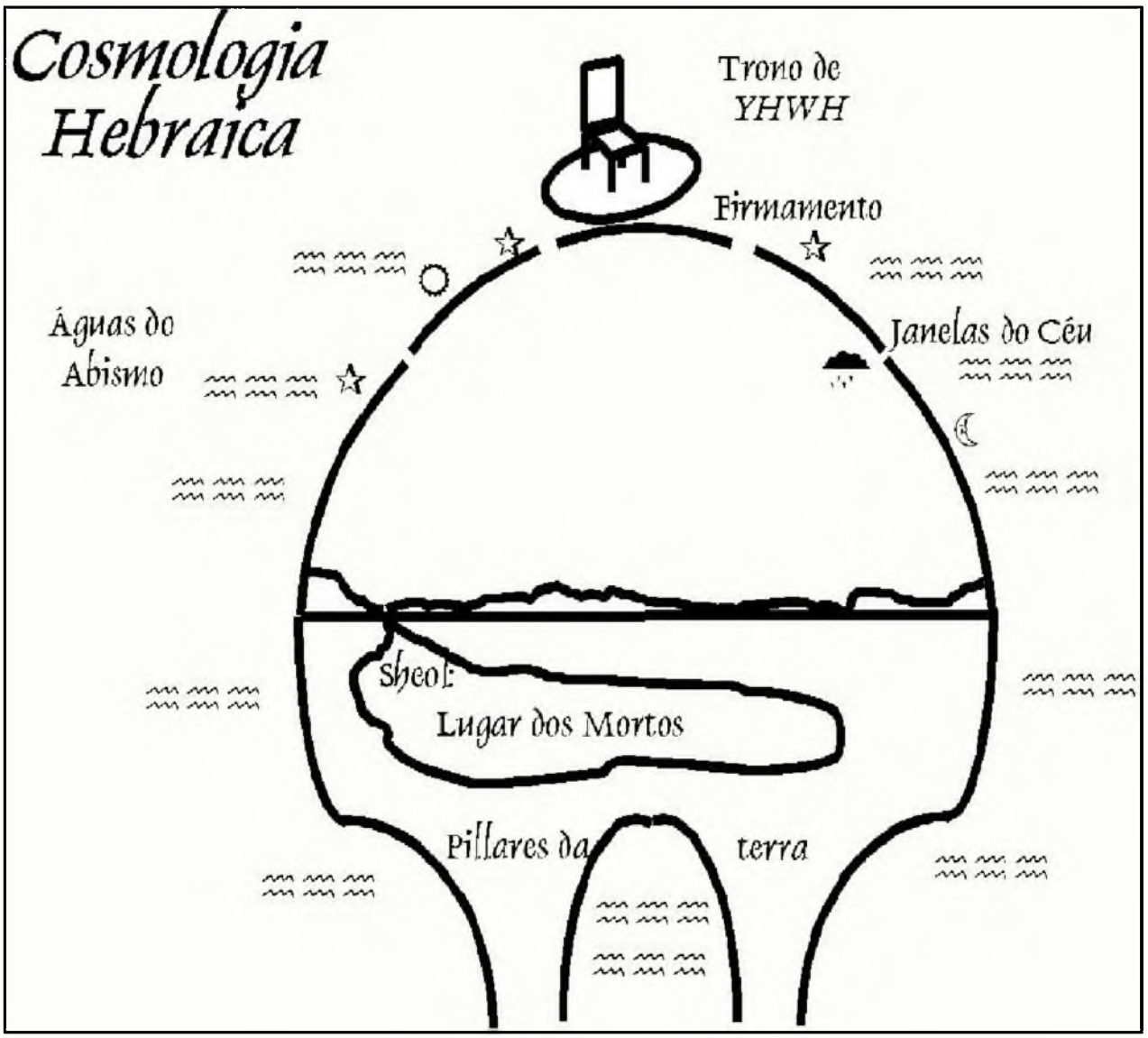
O conceito hebraico do formato do universo deve ser considerado ao tratar de assuntos tais como a criação. Os hebreus† tinham a mesma percepção "científica" do mundo dos outros povos de sua época, porém faziam suas distinções. Em matéria do formato físico-estrutural do universo, tinha muito em comum com os outros povos. O texto bíblico usa termos como "abismo"[329], "expansão" (em algumas traduções "firmamento†")[330], "janelas dos céus"[331], e outros termos que de certo soam um tanto estranhos no século presente. Estes termos refletiam a forma antiga de se refletir sobre o mundo—a sua perspectiva do universo criado por Deus. Pode-se ver que certos assuntos atuais, como a preocupação de encontrar vida em outros planetas, não tem cabimento no texto bíblico pelo simples fato de que estas perguntas baseiam-se em outra cosmologia†, muito distinta daquela dos hebreus†[332].

O gráfico apresentado a seguir ajuda na compreensão da perspectiva "científica" dos hebreus† referente ao formato do universo, refletido especialmente em passagens como Gênesis 1-11 e de Jó 38-41, na qual Deus faz perguntas a respeito da criação do universo que Jó não consegue responder. Os elementos comuns entre os hebreus† e os outros povos são diferenciados em seus termos representativos, e especialmente da sua explicação religiosa. É importante lembrar que mesmo quando o conceito hebraico reflete certas noções tidas em comum com os outros povos, a

---

[327] KAPELRUD, 30.
[328] WENHAM, G., 239.
[329] Refletido em passagens como Gênesis 1.2; 7.11; 8.2; 49.25; Deut. 33.13; Jó 28.14; 38.16; 38.30; 41.31-32; Salmo 36.6; 42.7.
[330] Refletido em passagens como Gênesis 1.6-8, 14-15, 17, 20; Salmo 19.1; 150.1; Ezequiel 1.22-26; 10.1; Daniel 12.3.
[331] Refletido em passagens como Gênesis 7.11; 8.2; 2ª Reis 7.2, 19; Malaquias 3.10.
[332] Segue-se o quadro: "Cosmologia Hebraica", conforme BANDSTRA, 56, KASCHEL, 159 e WEST, 81.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.



ênfase das narrativas hebraicas é a de oferecer uma crítica nos pontos em que divergem deles pela revelação de Deus.

Este gráfico do conceito hebraico da estrutura do universo limita-se a uma fração mínima da cosmologia† científica atual. Pode-se ver como a Bíblia utiliza certa terminologia que se refere ao conceito cosmológico† de seus autores[333]. Pode-se ver no gráfico o título de "firmamento†" (ou "expansão") para o círculo dos céus que separa as águas acima do firmamento† da zona que se denomina hoje por atmosfera. Estes termos ajudavam o povo a falar do mundo ao seu redor, mesmo que o seu conceito específico tenha sérios problemas em face da ciência atual. Entender a cosmologia† hebraica é de ajuda para compreender as implicações das narrativas que utilizam a terminologia do mesmo conceito. Quando o autor bíblico refere-se às janelas do céu, é bom saber que faz referência ao seu conceito de como a água acima do firmamento† chega até a terra em forma de chuva.

[333] Gênesis 1.2,6-8,16-17, 7.11; Êxodo 20.4.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.



CONCEITO EGÍPCIO DO UNIVERSO

Nut, a deusa do céu, é apoiada por Shu, o deus do ar, que se apóia em Geb, o deus da terra.

A cosmologia† é uma área da ciência que influe muito em vários aspectos da comunicação humana, pois muitos dos seus conceitos alteram a forma de conceber o que acontece em volta do indivíduo e a sua sociedade. A cosmologia† hebraica aparece até no livro de Apocalipse, aonde o "'abismo sem fundo' está vinculado a idéias concernentes à forma do mundo. A terra era concebida como um disco plano que flutuava em cima de água. O abismo refere-se às profundezas imensuráveis debaixo da terra, para o qual pensava-se existir uma fenda capaz de ser selada"[334]. Até o Novo Testamento, portanto, sente a influência desta cosmologia†.

O conceito egípcio era estruturalmente bem parecido ao hebreu, mas representado nas pessoas de seus deuses[335]. Estes representavam para os egípcios as várias partes do cosmos. Enquanto trata-se na atualidade do mundo fenomenológico† como objeto impessoal, "os antigos reagiam a ele como a uma 'pessoa'"[336]. Assim entre os egípcios, a mitologia e apresentação cosmológica† defendiam que o panteão de deuses era parte do cosmos em termos físicos e representativos. Assim o universo é tanto criação de seus deuses, como também os seus deuses compõem as partes do universo.

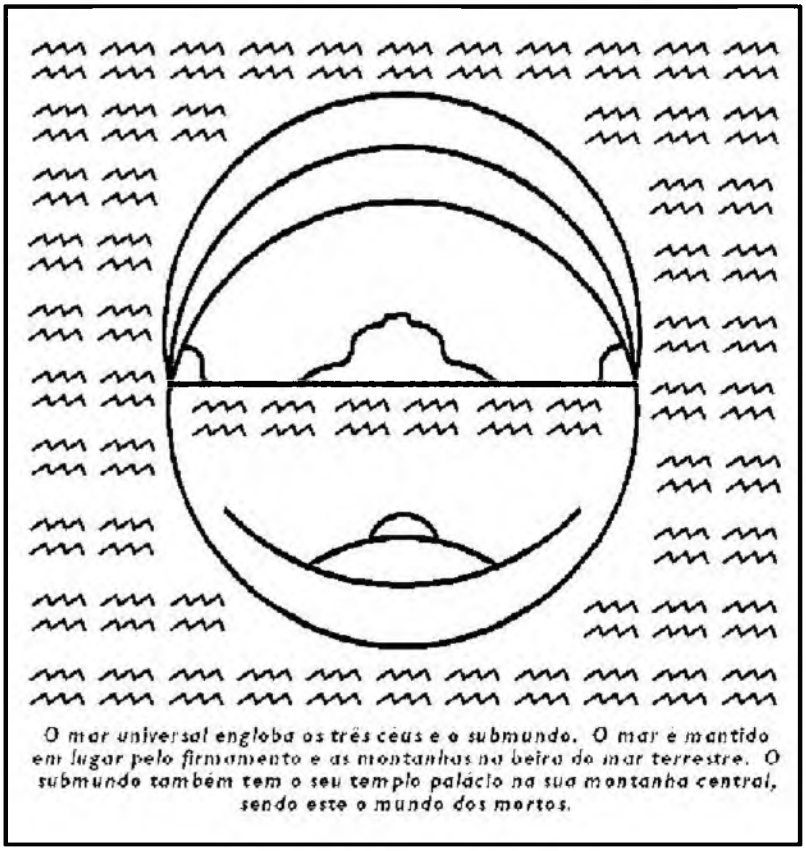
Não parece que houve muita diferenciação feita entre a obra resultante e o originador da mesma. No antigo conceito cosmológico† egípcio, o deus-céu é o céu, o deus-terra é a terra, o deus-Nilo é o Nilo e o deus-ar é o ar. (Portanto, no relato das pragas do Egito[337], Deus se revela como maior que os deuses do Egito, não apenas por dominar suas esferas de influência, mas, segundo a forma egípcia de ver as coisas, por dominar os seus próprios deuses!) Essa forma segue alguns aspectos da mitologia babilônica retratadas no seu épico†, Enuma Elish†[338], porém é diferenciada

---

[334] ROBBINS, 221-222.
[335] Aqui a deusa é retratada como suspensa pelo deus do ar, firmado no deus da terra. Veja WEST, 82.
[336] LASOR, 24 e 32.
[337] Êxodo 7-12, incluindo a morte do herdeiro de Faraó, que também se considerava um deus ou representante divino.
[338] Enuma Elish é um poema babilônico, retratando a criação do mundo a partir da perspectiva babilônica de um panteão (veja HEIDEL, 1-60).

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

em suas próprias expressões. Os relatos mitológicos dos egípcios referentes a este conceito cosmológico† divergiam em muito das narrativas que se encontram no livro de Gênesis. Essas primeiras relatam lutas e intrigas entre deuses que atuam tais como ou até piores do que os seres humanos. Esses deuses têm muito a em comum com os deuses dos gregos, romanos, e babilônicos, porém pouco ou nada com *YHWH* (יהוה), Senhor de Israel.



O mar universal engloba os três céus e o submundo. O mar é mantido em lugar pelo firmamento e as montanhas na beira do mar terrestre. O submundo também tem o seu templo palácio na sua montanha central, sendo este o mundo dos mortos.

O conceito babilônico (ou seja, mesopotamiana) do universo é parecido com os conceitos hebraico e egípcio em seus termos estruturais, mesmo que apresenta outro formato que centraliza a montanha da terra. Esta montanha era muito importante para os babilônicos, refletindo a idéia de que no seu ápice era a morada de seus deuses. O épico† Enuma Elish†[339] amplia a perspectiva narrativa e histórica do conceito babilônico em termos de como o mundo chegou a ser formado. Este épico† enfatiza mais o relacionamento com a perspectiva do panteão de deuses egípcios, pois ele relata que alguns deuses são mortos e partes do cosmo formadas de seus corpos. O mesmo relato diverge do egípcio em que os deuses usados para essa "construção" já não existem, pois usou-se seus cadáveres na estrutura física do mundo.

A estrutura física resultante desta cosmologia†, porém, apresenta-se bem semelhantemente à hebraica. Tem-se também uma reflexão da perspectiva cosmológica† do Apóstolo Paulo, ao mencionar um homem que foi levado até "o terceiro céu"[340]. Esta citação reflete sua visão estrutural do universo. O quadro acima ilustra a cosmologia† babilônica[341]. Nota-se que a perspectiva á da terra ser uma espécie de ilha, com água na volta por todos os lados. Tal era o conceito geral dos hebreus† e seus povos vizinhos[342]. Um detalhe faltando no quadro é o túnel por debaixo da superfície da terra pelo qual o sol passava cada noite para chegar de novo a seu lugar de nascer[343].

Nota-se nos relatos babilônicos uma série de conflitos, lutas e intrigas. Estas sucedem tanto entre os seus próprios deuses, como também entre os deuses e o caos do universo quando da criação do mundo habitado pelos homens. Desde a perspectiva babilônica, "a criação é realmente nada mais que a vitória sobre os poderes caóticos que ameaçam a vida dos deuses e das pessoas"[344]. Os deuses até conseguem vitória sobre o caos do universo, mas não há uma certeza de vitória entre

---

[339] HEIDEL, 78-79.
[340] 2ª Coríntios 12.2.
[341] Segue-se o quadro: "Conceito Babilônico do Universo" – WEST, 83.
[342] BANDSTRA, 55.
[343] SASSON, 40-41.
[344] BRONGERS em WOUDE, 116.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

si, já que existe entre eles uma disposição a intrigas. Também as suas narrativas referentes ao dilúvio revelam este mesmo caráter de incerteza, desconfiança, capricho e intriga.

Na cosmologia† babilônica pensava-se que a criação do mundo era o resultado da junção dos oceanos de água salgada e de água fresca na pessoa dos deuses, Tiamat e Apsu. Estes nomes servem de igual para designar os oceanos referentes[345]. Era na junção ou união destes deuses que a terra seca se formou[346]. O formato do mundo, portanto era concebido de modo essencialmente igual, trocando o estilo e especificidade da atuação e identificação dos personagens divinos associados à criação.

Assim, as mitologias narradas destes outros povos divergem muito das narrativas hebraicas de Gênesis. No texto bíblico encontra-se conflito, mas este conflito é procedente do homem, não dos céus entre um panteão de deuses. Em Gênesis, Deus cria a partir de uma decisão de sua livre e soberana vontade e até domina o "caos" ao começar sua obra criativa. A descrição do restante deste primeiro relato da criação mostra como Deus operou para impor ordem ao caos que já lhe obedecia e lhe serviu de base para o restante de sua criação. O narrador continua mostrando ainda a soberania divina sobre o caos na descrição do dilúvio, apresentando o conceito de *YHWH* ser muito acima do conceito dos outros povos referente a seus deuses.

O conceito estrutural da forma do universo, então, era mantido basicamente em comum com os outros povos ao seu redor, porém as considerações teológicas que os hebreus† mantiveram referente a essas estruturas físicas é algo completamente diferente. Como participavam dos conceitos cosmológicos† dos seus vizinhos, a sua ciência geofísica e geográfica era muito diferente daquela aceita no século vinte. Estas diferenças devem ser levadas em consideração para uma melhor compreensão de textos tão antigos.

Mesmo com as diferenças enormes entre conceitos da estrutura do universo entre hoje e entre os povos do mundo antigo, as considerações teológicas destes que apresentam conceitos divergentes são aplicáveis aos dias de hoje, sem qualquer necessidade de alteração. O texto bem pode falar com um linguajar geográfico ao considerar a vida além do túmulo, sem alterar o significado do ensino teológico da expressão.

Hoje mesmo se fala com o mesmo tipo de linguagem sobre o viver com Deus "nos céus", ainda que se sabe que Deus não mora num lugar fixo acima das núvens. Ainda refere-se a um inferno que se localizaria abaixo da crosta da terra, mesmo que não mais se pensa no inferno como uma habitação por debaixo da superfície da terra. Estas formas de expressão remontam a cosmologias† bem diferentes à atual. O problema maior para o intérprete é descobrir a intenção teológica do texto, não considerar a validade científico do pensamento do povo e do autor.

Não deve-se cometer o mesmo tipo de erro que a igreja enfrentou na época de Galileu Galilei†, opondo-se a novos posicionamentos científicos para "proteger" os vínculos que havia-se construído entre questões de fé e conceitos científicos. Aceitando o propósito bíblico básico como sendo teológico, recorre-se a ela para embasamento de questões de fé e prática, não de conceituações intelectuais referentes ao mundo criado por Deus. A Bíblia interessa-se mesmo em explicar Quem criou, não o método, nem o formato da criação.

As narrativas bíblicas pretendem demonstrar a identidade de *YHWH* em relação e contraste com o homem, não pretendem ensinar ciência. O importante das narrativas, então, não é uma

---

[345] BANDSTRA, 51.
[346] COOGAN, 9.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

veracidade detalhada de suas considerações científicas e descritivas do universo, mas o seu ensino referente a *YHWH* e Seus desígnios para a humanidade. É interessante lembrar que as narrativas não contam toda a história da interação de *YHWH* e o Seu povo. Como o autor do Evangelho de João coloca, há muitas coisas que poderiam ter sido escritas referente aos acontecimentos históricos de Deus entre o seu povo, mas estas foram escritas com propósito específico. Assim como o Evangelho de João foi escrito para suscitar a fé real, também é este o propósito das narrativas bíblicas em geral—"para que, crendo, tenhais vida em seu nome"[347].

Gênesis 4.1-26:

Tratando o termo *adam* (אדם) em termos representativos, em lugar de um nome pessoal, entende-se que neste capítulo começa-se a tratar de um descendente da humanidade, agora de forma mais pessoal, sendo reconhecido por um nome mais próprio. Como o início da narrativa trata do personagem do capítulo anterior que representa a humanidade à uma, não é necessário perguntar pela esposa de Caim, a população humana que ele teme, nem definir como ele consegue construir uma cidade, pois entende-se que a terra já está parcialmente populada no tempo dos eventos desta narrativa.

Seria coerente ler Gênesis 4.1-2 da seguinte forma, entendendo o uso do termo filho como indicação de linhagem, mesmo como o povo hebreu† referia-se a si mesmo como sendo "filhos de Abraão" ou "filhos de Israel": "Conheceu o homem (humanidade representada) a vida, sua mulher; ela concebeu e, tendo dado à luz a Caim, disse: 'Alcancei do Senhor um varão'. Tornou a dar à luz um *descendente*—seu irmão Abel..." De igual forma, Mateus 1.8 indica que Jorão gerou a Uzías, mesmo que Uzías era realmente o seu ta-ta-ra-neto[348]. Esta não é necessariamente a leitura mais óbvia do texto, porém serve de um alerta sobre a imprecisão histórica do relato.

A importância do relato não gira em torno da data em que os personagens viveram, mas da irmandade de Caim e Abel[349]. O importante não é o tempo da história em que viveram, nem a sua linhagem ancestral específica, mas o relacionamento entre eles e deles para com Deus. Não se torna necessário entender que foram "irmãos de sangue", sem injustiçar muito o texto (porém esta leitura é um pouco forçada, dado contextos sociais da época)[350]. O narrador reconhece no mínimo que os personagens aqui compreendem que são criaturas iguais perante Deus, descendentes da mesma origem ancestral. No versículo 25, tem-se a mesma opção de compreender o texto como especificando outro descendente humano com uma linhagem divergente de ou relacionada à de Caim.

O que aconteceu antes de Sete e de Caim não importa ao narrador. A intenção é de narrar certos eventos que são importantes para ilustrar as verdades descritas na narrativa de Gênesis 2.4b-3.24: O pecado não se limitou à primeira figura humana, pois todos os homens fizeram de forma igual. O homem é assassino desde o princípio, matando até o seu próprio irmão.

---

[347] João 20.30-31.
[348] ALLEN, 138.
[349] *Kana* [קנא]—criar, produzir, adquirir e *Hevel* [הבל]—vapor, respiro, algo transitório - WOLDE, 76-77.
[350] A brecha para esta liberdade interpretativa é de que os pais mencionados não são tidas como personagens históricos pelo narrador, como se há visto: "o homem e sua mulher, vida".

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

No capítulo 4, o narrador parece tratar agora de personagens "históricos", divergindo da forma de tratamento nos capítulos anteriores. No decorrer dos capítulos, o narrador parece ter mais e mais informação sobre os personagens, como da vida de Abraão e de José. Mesmo assim, certos personagens não contam com a mesma importância e significado aos propósitos do narrador, como é o caso de Isáque.

Pondo de lado questões de curiosidade histórica, o texto aqui apresentado é muito rico em dar continuidade à questão do pecado e como Deus trata com o homem pecador. O leitor que quiser enfatizar o lado humano do texto (história, a vidas dos personagens, questões científicas, etc.) não verá a riqueza do texto no que concerne ao ator divino. Olhando para a ação e a atitude divina na narrativa, encontra-se tanto conteúdo teológico como nas narrativas anteriores.

Caim obviamente não se interessa muito por seu irmão. O texto hebraico, relatando as palavras de Caim a seu irmão, apenas diz que ele "disse para o seu irmão Hevel. E estando eles no campo...". Não há qualquer conteúdo no hebraico para esta conversa, especialmente indicando que ele não tinha nada para lhe dizer[351]. Sem qualquer coisa para dizer ao irmão, ele o mata e aquele que era nada mais que um vapor ou respiro transiente pára de existir.

Para o narrador, agora, o importante da narrativa é "o destino do assassino, um destino assombrado por um relacionamento esquivado para com Deus"[352]. Como Deus havia atentado para o irmão mais fraco, agora Deus lida com Caim, enquanto ele encontra-se num estado difícil[353]. A ação realmente interessante aqui, então, concerne ao tratamento entre Deus e Caim[354]. Estes são os atores da narrativa. Deus sendo o ator principal. É no relacionamento entre Deus e Caim que se encontra a riqueza do ensino teológico na passagem.

Com relação a Abel, surgem perguntas sobre a ausência ou falta de intervenção e proteção divina. Deus havia aceito a oferta de Abel, mas parece que Deus interage mais com Caim do que com o irmão aceito. Um olhar mais cuidadoso para o texto mostrará que enquanto Caim é deixado assassinar Abel sem intervenção além das alertas divinas a Caim, Abel permanece sob os cuidados de Deus. No conceito hebraico de sacrifício, o sangue to animal era aspergido sobre o altar e compreendido mediar a presença do cultuador perante o trono de Deus. Aqui o próprio sangue de Abel fala perante Deus a partir do mero local onde fora assassinado. Ele ainda está perante a presença de Deus, e de alguma forma permanece sob os cuidados de Deus.

Deus ainda é a preocupação principal da narrativa. Deus é o ator. Deus é o revelador da sua vontade para com o homem e o mais interessado em ajudá-lo a alcançar o propósito devido para sua vida. Aquele que realmente quer o melhor para a sua vida deve entregar o seu caminho ao Senhor do Universo, pois só Deus pode comunicar-lhe qual é o melhor caminho a seguir. O egocêntrico que quer procurar seu próprio caminho, nunca alcançará o seu objetivo de fazer o melhor para si mesmo!

---

[351] WOLDE, 81.
[352] BRUEGGEMANN, 55.
[353] WOLDE, 83.
[354] BRUEGGEMANN, 56.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

"Começaram a invocar o nome do Senhor":

Quando a passagem menciona que os homens começaram a invocar o nome do Senhor[355], existe um problema interpretativo para o leitor. A ênfase aqui pode ser mais de uma coisa. Pode referir-se a que os homens começaram a adorar a Deus, o único Deus, criador do universo. Também pode-se compreender que os homens começaram a adorar este mesmo Deus pelo seu nome, *YHWH* (יהוה). Speiser indica que o hebraico especifica que o nome próprio de Deus, *YHWH*, começou a ser invocado[356]. Outra hipótese que foi lançada é de que aqui se trata de um culto corporativo e normativo, ou seja, o homem como comunidade está cultuando a Deus de forma organizada[357].

Muitos consideram problemático aceitar a declaração de Speiser, pois vêem Êxodo 3.14 como sendo a primeira revelação divina do nome *YHWH*. Outros não vêem o problema, já que esta passagem em Êxodo não declara firmemente que este nome está sendo revelado pela primeira vez. Uns até alegam com certa base que não se pode dizer que os hebreus† foram o único povo a adorar a *YHWH*, pois Abraão até entregou o seu dízimo a Melquisedeque. Como a passagem não especifica tão claramente qual é a sua intenção, o leitor não tem muita base para lidar com as especificações.

Genealogias:

Dentro das narrativas de Gênesis, encontram-se várias listas de genealogias. "Estas genealogias são uma forma resumida de relato histórico. Nelas o passado é condensado ao seu núcleo biológico para a transmissão de material ancestral.... Em segundo lugar, a história pode ser conhecida como uma série de experiências transmitidas.... Em Gênesis, estas histórias encontram-se entre as genealogias: estes dois aspectos juntos, ambos os fatos históricos e biológicos com os seus significados, definem o passado humano. Precisamente por combinar os dois, Gênesis revela os dois níveis da história"[358]. Isto ainda não quer dizer que em Gênesis temos "história" que revela os padrões atuais de relatos históricos, mas que nestas narrativas o povo hebreu† encontrava-se com o seu passado, especialmente em termos de como Deus atuava neste passado com o seu povo escolhido.

Para o hebreu† e depois para o judeu†, as genealogias eram muito importantes[359], mesmo que muitas culturas atuais não dão tanto valor a conhecer e traçar com precisão as raízes genealógicas. As suas origens são aqui expressas em dependência num passado de interação com o Criador do Universo, que os chamou para ser um povo, "um reino sacerdotal, uma nação santa"[360]. A história é acidental ao propósito abrangente, porém de muito interesse ao povo em compreender como *YHWH* (יהוה) havia tratado com o seu povo através dos anos, por meio das gerações e em eventos de caráter pessoal. O Criador se relaciona com a criatura pessoalmente, sem esquecer de seus descendentes.

---

[355] Gênesis 4.26.
[356] SPEISER, 37.
[357] WENHAM, G., 116.
[358] WOLDE, 2-3.
[359] veja 1ª Timóteo 1.4 e Tito 3.9.
[360] Êxodo 19.6.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Além destas considerações, as genealogias servem uma função na seqüência das narrativas, primeiramente por ligar os relatos selecionados e oferecer assim continuidade na estrutura. Além do mais, as pequenas diferenças dentro das listas genealógicas podem funcionar como luzeiros que sobresaem do resto do texto. Um exemplo supremo disto é Enoque, que em lugar de nascer, gerar filhos e morrer depara-se com uma experiência dramaticamente diferente. Ele nasce e tem filhos, mas ele anda com Deus e sua vida de repente tem um significado radicalmente distinta. Como este versículo é singular no meio de narrativas que tratam da extensão do pecado entre a raça humana, funciona em discordância para mostrar que a vida pode ser diferente. Tudo isto não tem que ser em vão. É possível para alguém ser confore a descrição de Noé, singular em sua geração, ou até singular no meio de suas gerações. O leitor deve, portanto, prestar atenção para as interupções nas genealogias, pois estão ali com propósito.

Unidade Narrativa:

Há certos princípios teológicos da narrativa que devem receber destaque em termos da unidade narrativa como um todo. Deve-se lembrar que esta narrativa tem vínculo com a narrativa que a antecede, dando seguimento à temática da entrada do pecado no mundo. O essencial do pecado na narrativa anterior era uma desconfiança de Deus. Aqui se repete a dose, demarcando um evento mais próximo à realidade vivenciada pelo povo. Assim o narrador mostra como a desconfiança de Deus opera criando distância entre Deus e o ser humano, e entre os próprios seres humanos também.

A desconfiança em Deus tem vínculo com um aspecto de autosuficiência. O ser humano traça seus próprios planos ignorando as indicações divinas. Nesse trajeto, não consegue enxergar as conseqüêncais de suas ações a longo prazo. Deus continua a intervir, pedindo a Caim que analise as suas ações e os resultados. Quando este percebe os problemas nos quais se encontra, Deus fornece uma nova opção e saída para a sua dificuldade. Os mandamentos de Deus não figuram aqui como centrais ao enredo. O aspecto central é trazer o indivíduo a confiar em Deus. Caim aparentemente aprende tal, mas sua descendência precisa aprender a lição, pois repetem os mesmos erros do pai.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

Desde o princípio, o homem é assassino. A narrativa de Caim e Abel reflete essa verdade. O homem parece ser governado apenas por avareza, inveja e ganância. Até o objetivo que o homem procura realizar com o seu pecado foge dele, pois o pecado não traz benefício, apenas distorção, mágoa, distância e destruição do próprio indivíduo.

Caim aparentemente queria que Deus olhasse para ele da forma como olhava para o seu irmão. Resolveu ignorar as indicações de Deus para consertar o seu caminho e tomar as suas próprias providências. Matou o seu irmão, mas esse feito não resolveu o seu problema. Até que Caim recebeu a atenção de Deus, mas não o tipo de atenção que queria desfrutar. Deus havia advertido a Caim, porém este não quis dar ouvidos às advertências do Altíssimo. Agora Caim encontra-se

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

no estado de fugitivo, temendo que outro tome a sua própria vida em vingança, como ele também a tomou do seu irmão.

É interessante como o homem insiste em que o seu pecado apenas atinge ao outro, não afetando a sua própria vida. O ser humano não aceita que o pecado age contra o próprio pecador. Quando a Bíblia indica que Deus age para resgatar o homem de seu próprio pecado, em geral se pensa que quer dizer que Deus está oferecendo virar o rosto para não criticar ou condenar o homem. O ensino bíblico, porém, vai muito além desta interpretação. É Deus que toma o primeiro passo em advertir o homem referente às conseqüências do seu pecado. Logo Deus oferece em graça e misericórdia uma saída para a encrenca na qual o homem se encontra após o seu pecado. Deus não elimina as conseqüências do pecado, mas orienta e provê para o homem a melhor das opções que lhe restam.

Muitos procuram ver nesta narrativa um Deus vingativo e justiceiro, que procura maltratar o pecador. No entanto, a narrativa revela a graça e a misericórdia de Deus. Deus não chega a punir Caim, simplesmente o adverte e depois o instrui referente ao seu pecado e as suas conseqüências naturais. As palavras de Deus não chegam a revelar um tom de sentença jurídica. O tom é de instrução, advertência e clarificação. Deus logo oferece proteção para o ofensor. Deus não age contra Caim, mas em seu próprio benefício.

"Se Deus é por nós", porque o homem insiste em ser contra Deus? "Se Deus é por nós", porque se duvida de sua bondade e misericórdia? "Se Deus é por nós", porque o homem age contra si mesmo? Não é Deus o vingativo, justiceiro, punidor e instigador—é o próprio homem. O homem não precisa de outro inimigo, pois já tem a si mesmo. Precisa de Deus, o seu único amigo fiel.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

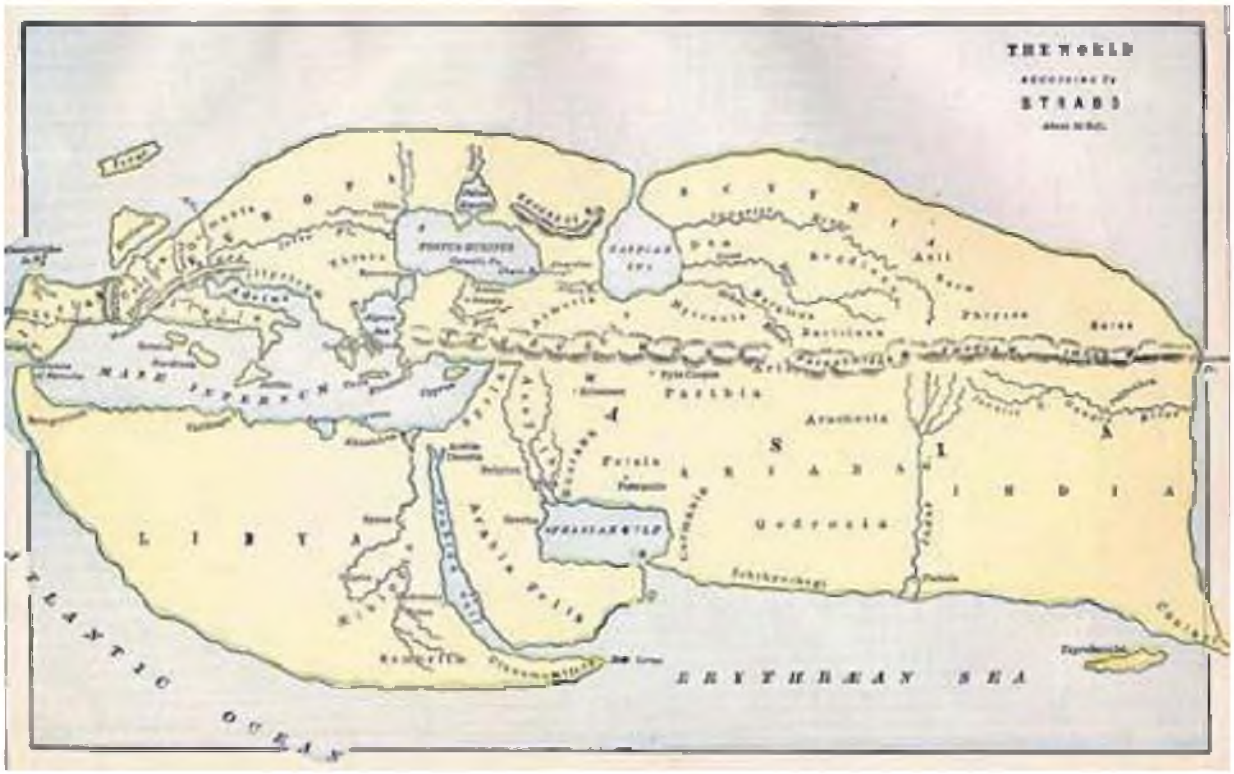
Mundo Físico:

←Mapa de Hecataeus, c. 520 a.C. [361]



Não se dispõe hoje de mapas do mundo provindo do povo hebreu, porém existem alguns provenientes de outros povos ao seu redor. Em tese estes refletem algo da perspectiva dos povos mediterrâneos em geral, incluindo com isso os próprios hebreus†, sobre a organização e o tamanho da superfície da terra. Sua perspectiva cosmológica† era diferente da atual, como também era diferente a sua perspectiva cartográfica. As distâncias, medidas e conceitos geográficos no Antigo Testamento não refletem as precisões costumeiras dos dias atuais de pesquisa científica.

Mapa de Strabo, c. 18 d.C. [362]



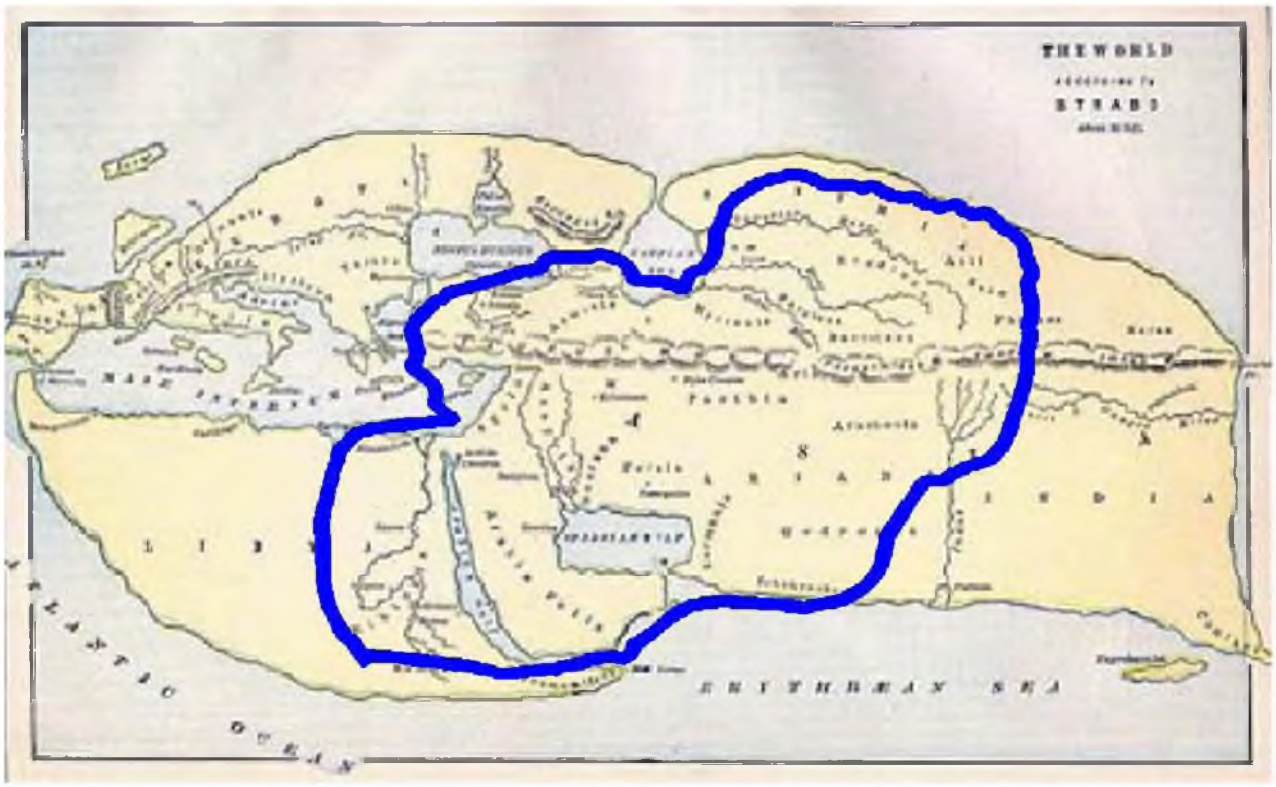
[361] BAIN.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

O Pentateuco provavelmente teria chegado à sua forma atual por volta do exílio do povo hebreu† na época entre os séculos sexto e quarto a.C.[363], mesmo que alguns apontem para uma data ainda mais recente[364]. A forma atual reflete tradições orais muito mais antigas, porém pelo menos a expressão escrita chegaria a mais ou menos a data de Hecataeus†, um cartógrafo† grego que viveu por volta de 520 a.C.[365]. Este mapa ajuda a posicionar uma referência mundial relativamente parecida à que o povo hebreu† poderia ter conhecido por volta desta época. Esta perspectiva é provavelmente mais desenvolvida do que os hebreus† teriam ao seu dispor, portanto eles provavelmente não teriam conhecimento de um mundo maior daquele aqui representado. Como o povo hebreu† não era um povo marítimo, é bem provável que sua perspectiva do tamanho do mundo era razoavelmente menor que a perspectiva refletida por Hecataeus†, mesmo que apareça no Antigo Testamento certo conhecimento da Índia.

Estudando o mapa de Hecataeus†, é necessário lembrar que o centro do mundo para os hebreus† seria o crescente fértil e mais precisamente a Palestina, não as montanhas do norte da Grécia (o Monte Olimpo sendo central nas mitologias gregas e também neste mapa). Assim, poderia se tomar uma perspectiva de tamanho deste mapa e vinculá-lo com o mundo conhecido por Strabo†, grego do primeiro século depois de Cristo. Strabo† reflete descobertas das conquistas de Alexandre após a época de Hecataeus†.

O povo hebreu† na época do Antigo Testamento provavelmente conhecia algo entre a metade e dois terços do mundo representado por Strabo†. Provavelmente desconhecia a maior parte da Europa e a parte da África denominada como Líbia ao oeste do Egito, também como o extremo leste do mapa que representa a Índia. Sabia-se a respeito da Índia, porém é provável que o conhecimento fosse pouco. Esses dois mapas em conjunto mostram um grande aumento no



[362] BAIN.
[363] BARR, James em MAYS, 68.
[364] DURHAM, xxv.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

conhecimento grego do mundo, como resultado das conquistas de Alexandre. Com o crescimento do conhecimento grego, viria também um crescimento entre os judeus† , especialmente com o evento da Diáspora, no qual os judeus† entraram em contato com os ensinos gregos de uma forma muito mais abrangente. O povo hebreu† provavelmente não teve muito contato com as terras ao oeste da Palestina até esse período, após o exilo babilônico e de o Antigo Testamento chegar à sua forma atual.

Gênesis 5.1-6.4:

Existe certa dúvida em termos de onde se deveria entender que esta narrativa termina. Segue-se aqui as indicações que termina com Gênesis 9.29, porém é necessário subdividir, para tratar a questão do dilúvio, uma interrupção importante desta genealogia. Wenham aponta o fato de que encontra-se no livro de Gênesis várias genealogias intercaladas com narrações sobre pessoas específicas. Nesta intercalação, apresentam-se os limites da narrativa[366]. Esta é, então, a genealogia da humanidade desde aquele que é chamando não por nome, mas por *adam* (אדם) até Noé, onde o narrador transpõe o limite da lista genealógica, para então introduzir o leitor a um contexto de caráter mais "historiográfico†". O parêntese do narrador no início do capítulo seis é exatamente isso—um parêntese.

Nesta narrativa, o propósito específico do narrador parece ser o estabelecimento de uma ligação (e uma separação em termos de tempo) entre a narrativa do jardim, de Caim, e da maldade geral do mundo no tempo de Noé. O que for muito além desta declaração será difícil de afirmar com muita certeza e em geral distrai o leitor do propósito intencionado pelo narrador do texto. A noção apresentada é de revelar especificamente que a terra havia sido populada. A menção na lista de patriarcas que todos tiveram filhos e filhas além da descendência especificada, leva o leitor a compreender que na época de Noé a terra já se encontrava bem povoada. Possivelmente, a duração de anos sugere ainda mais especificamente que havia muito tempo para a raça humana crescer. A encenação está sendo trabalhada aqui, para introduzir ao leitor a situação do mundo quando Deus chega a lidar com a geração de Noé.

Números—Idades Antediluvianas:

O propósito abrangente desta narrativa genealógica é de introduzir Noé ao leitor. Muito se tem discutido referente às idades aqui mencionadas. O problema específico em tratá-las é que não se sabe distinguir com precisão a que se referiam esses números. As dúvidas giram em torno de quatro questões: o que se entendia com o termo 'anos', quando se começava a contar idade, qual era a intenção do emprego desses números (símbolos ou medida específica), e a especificação dos nomes (indivíduos ou clãs).

O termo 'anos' pode-se referir tanto a anos solares, como se utiliza hoje na maior parte do mundo, como pode também referir-se a anos lunares, o que se chamaria hoje de meses lunares (29,5 dias), ou possivelmente a estações (a menos provável das opções apresentadas). O

---

[365] BAIN.
[366] WENHAM, G., 129 e 121.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

problema em compreender as idades mencionadas no texto é complicado, não apenas por compreender o uso do termo ano, como também a data de início da contagem.

Certos povos, como os chineses, contam idade a partir da fecundação, a maioria dos povos contam a partir do nascimento. Numa época e contexto em que existia um grande índice de mortalidade infantil, seria de se esperar que não se teria dado muita expectativa de vida a um recém nascido. Nesse contexto existem certos povos que nem dão nome às crianças até que atinjam certa idade. Dados estes fatos, foi sugerido que as idades poderiam ter sido contadas a partir do desmame, como a festa no desmame de Isáque[367]. Tem se comentado também o fato do povo hebreu† considerar o filho como "homem" aos treze anos, ou seja, em torno de sua puberdade, daria alguma base para sugerir a hipótese de que a contagem começara com a puberdade do moço (o tempo em que chega a ser homem: 'alcancei um varão' Gênesis 4.1).

Em relação ao uso dos números em si, sabe-se que muitos números no Antigo Testamento e em partes do Novo têm um significado além de apenas expressar uma medida. "...Muitos números no Antigo Testamento funcionam como símbolos, tanto como simples indicadores de alguma medida. Números como 3, 5, 7, 12, e 40 desempenham um papel importante"[368]. Mulder menciona na mesma passagem que as idades dos patriarcas também refletem uma ligação matemática, no emprego destes números multiplicados entre si com os seus valores ao quadrado (Abraão – $7x5^2=175$; Isáque – $5x6^2=180$; Jacó – $3x7^2=147$). A dúvida referente ao seu emprego específico, então leva o leitor a tratar com cautela estas referências numéricas, já que a sua importância é um tanto difícil para ser captada hoje.

Outra linha de questionamento que se tem levantado referente a estas genealogias dos primeiros onze capítulos de Gênesis concerne aos nomes citados. Esta genealogia refere-se a indivíduos em sentido de pai e filho biológico, ou referem-se a uma linhagem de dinastias ou clãs? Este questionamento se preocupa com que a genealogia em geral faz menção de um sucessor por nome, apenas mencionando que havia outra descendência. Dentro dessa perspectiva, tem sido sugerido que a lista completa de descendência tenha sido encurtada, porém o texto hebraico não faz nenhuma sugestão de brechas entre os nomes alistados[369].

Enfatizando a questão de que as idades refletidas nesta passagem não correspondem necessariamente a datas históricas específicas, tem-se encontrado que, segundo os cálculos das idades dos patriarcas neste capítulo, Metusalém teria morrido no ano do dilúvio e o filho de Noé teria sobrevivido até que Abraão chegasse a 107 anos de idade, Noé morrendo apenas 43 anos antes do nascimento de Abraão[370]. Também, o texto masoreta† do hebraico (o qual segue as traduções que se usam atualmente) difere do texto do Pentateuco Samaritano†, e também da tradução da Septuaginta† no referente às idades estipuladas para os patriarcas. Nestes outros textos, mais de um patriarca morre no ano do dilúvio, e um até sobrevive a ele por quatorze anos. Uma reconstrução que visava encontrar uma suposta "idade original" para estes patriarcas chegou à conclusão de que três patriarcas sobreviveram ao dilúvio[371]. Deve-se lembrar também que as idades refletidas aqui são minúsculas, em comparação aos antediluvianos† das narrativas pagãs.

"Até a atual data, então, nenhum escritor ofereceu uma explicação adequada destes números. Se são simbólicos, não é claro o que simbolizam. Se devem ser tomados literalmente, topa-se com

---

[367] Gênesis 21.8.
[368] MULDER em WOUDE, 10.
[369] WENHAM, G., 133.
[370] SPEISER, 43. Veja o quadro em anexo, **Datas no Pentateuco**, na página 179.
[371] WENHAM, G., 130-132.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

as mesmas dificuldades históricas com as quais se começou.... Pode ser que Gênesis 5 esteja ... sugerindo que a história da humanidade aponta atrás para um passado inconcebivelmente distante.... Gispen sugere que estes cálculos tinham intenção de mostrar que mesmo que a narrativa diga respeito a tempos muito antigos, é certa forma de história, e seja qual for o tempo em que os homens viveram, eram mortais"[372].

Referente à literatura apocalíptica†, Robbins comenta que "Os números têm sentidos simbólicos em lugar de sentidos numéricos. O número dez era o número de um homem completo. Mil é o cubo de dez, que simboliza um período de tempo compreendendo toda a humanidade"[373]. Pode bem ser que o uso dos números aqui em Gênesis 5 coincida de certa forma com o tratamento numérico da literatura apocalíptica†. Porém, a interpretação específica do referente destes cálculos segundo o uso do texto é algo sobre o qual pode-se apenas especular[374].

Afirma-se que estes números eram importantes para o povo da época, porém com a presente ignorância dos calendários das épocas do Antigo Testamento, "é impossível ser dogmático sobre o significado das idades da narrativa do dilúvio. ...Os povos antigos acreditavam que [os números] continham a chave dos mistérios do universo"[375].

Dito tudo isso, a pergunta básica que resta a ser feita é definir entre os dados apresentados o propósito do narrador em reter e passar esta genealogia, quaisquer que sejam as suas conotações específicas em termos de idades, definição de termos, e sua historicidade† específica. Ressalta-se o propósito básico que já fora mencionado na parte introdutória deste trabalho.[376] O propósito geral das narrativas não é tratar da ação humana em si, nem de dar detalhes históricos de épocas antigas: é revelar a *YHWH* (יהוה). No contexto específico, o narrador mostra um espaço de tempo após o qual *YHWH* intervém outra vez para resgatar o homem.

Simplesmente não há como definir a interpretação correta destas idades com precisão, mas parecem mais do que nada terem algum valor simbólico. O que pode ser afirmado além disso é que funcionam para mostrar que houve tempo entre a vida de Caim e a situação pecaminosa nos dias de Noé—tempo no qual o pecado da humanidade multiplicou-se com apenas raras exceções.

Gênesis 6.1-4:

Em Gênesis 6.1-8, encontra-se uma introdução ao cenário da narrativa do dilúvio. Dentro desta apresentação do cenário, encontra-se uma curta míni-narrativa nos versículos de Gênesis 6.1-4. Nesta introdução, encontra-se uma reflexão voltada para certos conceitos apresentados até agora em Gênesis. Antes de tratar a unidade do texto até versículo oito, é bom tratar esta míni-narrativa separadamente para então ligá-la novamente ao resto da passagem, procurando então analisar como o narrador está utilizando a passagem dentro do contexto maior do Pentateuco.

Muitos tomam versículos 1-4 como uma narrativa independente (pelo menos em sua origem), sem referência cronológica à passagem anterior[377]. Está ligada com a passagem seguinte de Gênesis 6.5-8, porém parece ser que o narrador tenha citado material mais antigo que já conhecia e logo

---

[372] *Ibid.*, 134.
[373] ROBBINS, 222.
[374] SPEISER, 42.
[375] WENHAM, G., 179.
[376] Veja a seção **Propósito das Narrativas**, na página 33.
[377] von RAD, 113.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

acrescentado os versículos cinco a oito[378]. A passagem em si é independente em sua origem, ambos podendo e devendo ser em primeira instância tratada como uma unidade distinta. Ressalta-se que este texto é um dos mais obscuros e controversos em todo o Antigo Testamento, por questões de vocabulário especializado, ambigüidade dos seus referentes e sua brevidade[379]. Por tais razões, deve-se tomar mais precaução em definir posições interpretativas referentes ao texto.

Tratando estes versículos como uma unidade distinta, encontra-se uma narrativa brevíssima referente à multiplicação do homem sobre a face da terra. É interessante notar que não há nenhuma palavra neste trecho que indique qualquer ato mencionado como sendo mau[380]. Trata-se aqui da multiplicação do homem sobre a terra. O propósito da narrativa parece ser a ação divina em limitar a expectativa de vida do homem. Neste ponto vale lembrar que narrativas paralelas de outros povos explicavam o dilúvio em termos do grande barulho ocasionado pela multiplicação da raça humana que vivia anos tão longos. Esta curta narrativa serve para desmentir tal conceito.

Por causa do tamanho deste fragmento narrativo e seu caráter, é um tanto desencorajador para uma interpretação segura[381]. A maioria dos comentaristas apontam para uma compreensão de que aqui existe uma crítica expressa nesta pequena porção, crítica referente à multiplicação da maldade do homem. Wolde, porém, não vê nenhuma crítica no texto, e aponta que os comentaristas querem ver uma crítica, baseando-se nos versículos que seguem a esta narrativa[382]. Alguns apóiam-se em textos paralelos ou semi-paralelos de outros povos, mostrando que representa algo que teria sido abominável ao povo hebreu[383].

A idéia apresentada em Gênesis 6.3 é de que "sem a contínua habitação do espírito" dado por Deus, "a carne (*bassar* בשר) perece e volta ao pó"[384]. Deus está ativo na criação, sustentando a vida através do "fôlego da vida" que foi dado a "todo ser que respira". A vida pertence a Deus, pois Deus a deu, e Deus a sustém. Sendo este o caso, não há lugar para qualquer crítica da parte do homem, referente à decisão e ação de Deus em destruir os seres vivos na terra[385].

A partir do versículo cinco, encontra-se o começo da narrativa concernente ao dilúvio. Nesta porção, encontra-se claramente uma preocupação do narrador em apontar a maldade da raça humana. É neste ponto que o texto começa a tratar da disposição divina de limpar a ruína causada pelo homem e começar novamente a criação. Na seção seguinte, termos apontados aqui como "arrependimento" e "destruição" serão tratados, por isso dispensa-se comentário destes conceitos neste ponto.

Existem outras dúvidas apresentadas e discutidas pelos comentaristas concernentes a esta passagem. O essencial parece ser que esta narrativa deve ser tomada de uma forma um tanto inconclusa e aceitar aquilo que é inteligível. O importante do texto está claro: O homem se multiplicou sobre a face da terra e Deus impôs a mortalidade sobre o homem, limitando o tempo de sua vivência.

---

[378] WENHAM, G., 137.
[379] PAGE, 43-44.
[380] WENHAM, G., 141 e WOLDE, 115.
[381] SPEISER, 45.
[382] WOLDE, 115.
[383] SPEISER, 46.
[384] WENHAM, G., 142.
[385] Isto é especialmente o caso quando o texto afirma que o homem já havia destruído a criação de Deus através do seu pecado! (Gênesis 6.12).

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Em outras palavras, "o tema central de Gênesis 6.1-4 é a mortalidade, não questões de bem e de mal"[386]. Wenham dá apoio a este conceito, citando outro autor, que aponta para o fato de não existir nenhuma palavra crítica referente às ações dos filhos de Deus (ou filhos dos deuses) nem às filhas dos homens[387], mesmo que ele não aceite as implicações da observação. A preocupação do narrador parece ser de mostrar que a humanidade se multiplicou, mesmo dentro do contexto do pecado que fora apresentado nas outras narrativas e na que há de seguir. A intenção é que a imortalidade conheceu o seu fim.

***Benei Elohim*, "Filhos dos deuses/de Deus":**

A distinção feita entre os *benei haelohim* (בני־האלהים—"filhos de Deus/dos deuses" e as *benot haadam* (בנות האדם—"filhas da humanidade/do homem"[388]), tem gerado muita polêmica. A referência é tida por alguns como uma distinção entre os que adoram a Deus e os que não o adoram. Também tem sido interpretado como referindo-se a seres não-humanos (como os deuses dos povos ao redor dos hebreus†—anjos, demônios, etc.), tendo relações sexuais com seres humanos. Cada interpretação apresentada, porém, oferece certos problemas.

Parte do problema interpretativo concentra-se em que não se conhece muito bem o emprego da terminologia, como também se trata de um texto muito reduzido, que não oferece muito contexto para explicar o emprego de sua terminologia. No entanto, o problema maior parece ser o desgosto de aceitar o óbvio apresentado pelo texto. "Não pode haver dúvida de que compreender Gênesis 6.1-4 como referindo-se a matrimônio entre seres celestiais e humanos combina muito bem no contexto histórico e cultural do narrador"[389].

Aceitar essa proposta como sendo a intenção do narrador é um tanto chocante às sensibilidades teológicas e culturais do leitor bíblico pelo menos desde o segundo século antes de Cristo, refletido em 1º Enoque 6-11 e na maioria dos comentaristas desde então[390]. Ao mesmo tempo, é importante notar que esta míni-narrativa não parece ter qualquer problema em apontar tal acontecimento como um evento razoável, fértil e esperado!

Os *nefilim* (נפלים—"gigantes", "poderosos", "fortes") mencionados nesta primeira parte da narrativa oferecem certa dificuldade interpretativa. O termo em si quer dizer "poderosos", traduzido às vezes em Números 13 como "gigantes". Não há muito a dizer referente ao termo, a não ser que algo se perdeu de sua distinção e sentido específico. O texto trata os nefilim como homens de fama e renome, o que gera um sentido positivo. Por gerar um sentido positivo referente a estes *nefilim* (נפלים), produto da união entre os *benei haelohim* ("filhos de Deus/dos deuses") e as *benot haadam* ("filhas da humanidade/do homem"), o texto indica que esta união é até benéfica! Foi benéfica no sentido de que impulsionou a multiplicação da humanidade sobre a terra.

Feitos as observações acima referentes ao acasalamento entre *benei haelohim* ("filhos de Deus/dos deuses") e as *benot haadam* ("filhas da humanidade"), salienta-se que muitos outros textos bíblicos apresentam ensino que contraria a noção de que tal acontecimento seria algo

---

[386] WOLDE, 115.
[387] WENHAM, G., 141.
[388] O termo hebraico aqui para "homem" está na forma singular, não no plural. Assim, a tradução devida deveria ser "filhas do homem" ou "filhas da humanidade".
[389] PAGE, 45.
[390] *Ibid.*, 46.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

natural, normal, dentro da vontade de Deus, e até possível. A importância desse texto, porém, não se encontra em apontar culpabilidade ou retidão a tal acasalamento. Parece que o propósito do narrador em citar resumidamente a narrativa é de indicar a superpopulação da humanidade sobre a terra, tal que até os *elohim* (אלהים) "deram uma força", motivando a multiplicação da humanidade sobre a terra. Neste contexto, então, *YHWH* (יהוה) resolve limitar a extensão de vida do homem[391].

Unidade Narrativa:

Há certos princípios teológicos da narrativa que devem receber destaque em termos da unidade narrativa como um todo. Deus aparece aqui em soberania, agindo para delimitar a longevidade humana, sendo o mundo repleto de seres humanos no espaço de tempo demarcado desde a criação até a época do dilúvio. Ao mesmo tempo, a narrativa apresenta a complicação do pecado humano no quadro. O ser humano tem se multiplicado sobre a face da terra, mas ainda não aprendeu a confiar em Deus.

Deus delimita a ação humana, abreviando a sua longevidade. Ainda assim, sente o peso da falta de confiança que a raça humana demonstra. O ser humano também sente o peso das conseqüências do pecado, conforme o anhelo do pai de Noé, buscando consolo através do filho. A cena está posta para a narrativa do dilúvio, enfatizando que a desconfiança do ser humano não parou com a época da criação, nem com Caim, nem na sua descendência imediata. O ser humano continua prefirindo traçar os seus próprios projetos, desconfiando de Deus.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

[391] Gênesis 6.3.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Reflexão:

O homem deveria estar arrependido pelo seu desvio moral, porém é Deus que se apresenta como entristecido por causa da falha humana. Quando o homem deveria "cair na real" de sua situação pecaminosa e desastrosa, Deus intervém para corrigir a situação. Parece que há apenas uma ressalva da condição do homem—Noé. Noé achou graça aos olhos de Deus. Porém, a colocação de que achou graça não quer dizer que Noé merecia escapar do dilúvio. Deus tratou com ele em graça e misericórdia, e Noé obedeceu.

Mas o homem esquece do fato de que Deus tratou com Noé em sua graça. O homem olha para a narrativa a seguir e quer apontar o dedo na direção de Deus e acusar o Criador de injustiça e crueldade. Mas Deus não foi cruel. Até se pode dizer que foi injusto, pois ele poupou a Noé. Se Deus houvesse sido estritamente justo, ninguém haveria escapado do dilúvio. Toda a raça humana é pecadora. O mundo até hoje está cheio de iniqüidade. Ainda bem que Deus é mais do que apenas justo. Deus é misericordioso e remidor.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Porque insiste o homem em querer acusar a Deus, quando a situação constrangedora no mundo é culpa do homem? Mas o homem não aceita a sua responsabilidade. Se aceitasse, não se envolveria com o seu pecado em primeira instância. "Dizendo-se sábios, tornaram-se estultos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível..."[392]. Mas, em sua sabedoria, Deus escolheu a Noé, homem justo, para construir a arca, para que através dele resgatasse a criação da destruição que o homem operara.

O injusto é o homem. O destruidor é o homem. É o coração do homem que imagina apenas iniqüidade e destruição. Deus é Criador—criador da nova chance e do novo começo. Deus é remidor da criação que foi esquivada pela criatura desobediente.

[392] Romanos 1.22-23.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Considerações Teológicas e Filosóficas:

Há algumas considerações de sentido teológico e filosófico a serem tratados. Os conceitos e pressupostos† teológicos e filosóficos do povo hebreu† eram em grande parte diferentes dos atuais no mundo ocidental. É de muita valia tentar resgatar os pressupostos† originais do povo hebreu† antigo. Esse esforço ajudará a clarificar as intenções autorias dos narradores bíblicos.

Ênfase Teológica:

Muitos procuram afirmar que o Antigo Testamento precisa ser até jogado fora por causa de sua ênfase na lei, enquanto o Novo Testamento fala de salvação pela graça de Deus mediante a fé. Nem todos vêem o assunto desta maneira, especialmente os autores do Novo Testamento[393]. Como Paulo retoma a Abraão para falar de graça e justificado pela fé[394], também o autor de Hebreus utiliza-se do Antigo Testamento para exemplificar o seu ensino referente à centralidade da fé desde a antigüidade[395].

O Antigo Testamento era a Bíblia para Jesus e os seus discípulos. Comumente citavam o Antigo Testamento para fornecer base de seus posicionamentos teológicos. O livro de Apocalipse tem mais referências e alusões ao Antigo Testamento do que tem versículos. Sem um estudo cuidadoso do Antigo Testamento, muitas partes do Novo Testamento se tornam simplesmente incompreensíveis[396].

Além do mais, Jesus nunca disse ter eliminado a lei, nem contradiz o Antigo Testamento em si. Reivindica ter vindo expressamente não para abolir a lei, mas para cumpri-la![397]. A crítica maior de Jesus referente aos fariseus e saduceus não tinha a ver com a lei como tinha a ver com as suas tradições referentes à lei. As suas tradições vinham anulando a lei, mas Jesus dá uma nova ênfase e força à lei[398]. Logo a instrução da lei é revigorada no ministério de Jesus e ganha uma abrangência maior. É proveitoso lembrar, porém, que a lei é forçosamente declarada como não sendo salvífica.

A melhor tradução do termo hebraico seria realmente "instrução", não "lei", pois a Torá é a instrução de Deus para que o homem conheça como deveria de viver[399]. Desde Gênesis, o Antigo Testamento vem reivindicando que a salvação é pela fé mediante a graça—já desde os dias de Abraão[400].

Pode-se afirmar que "a religião do Antigo Testamento como um todo firma-se na fé na graça divina"[401]. "Será que esta história bíblica registrada pode ser a fonte de significado e unificação

---

[393] 1ª Timóteo 3.16.
[394] Romanos 4.3.
[395] Hebreus 11.1-40.
[396] A exemplo, João 3.13-15 depende de compreender a passagem em Números 21 à qual Jesus faz referência. O livro inteiro de Hebreus não faz nenhum sentido se não houver uma compreensão da lei sacrifical do Antigo Testamento.
[397] Mateus 5.17.
[398] Mateus 15.1-9 e 5.27-28.
[399] HOUTMAN em WOUDE, 166 e LASOR, 3.
[400] Gênesis 15.6 e Romanos 4.3.
[401] ROBINSON, 31.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

teológicos?"[402]. "A unidade [veterotestamentária] é de uma fé contínua de que *YHWH* (יהוה) é o Deus de Israel, que sua personalidade é tão real e viva como a do homem, que o relacionamento entre a personalidade corporativa de Israel e a Pessoa Divina é moral, e que nenhuma outra divindade tem qualquer valor"[403].

Kaiser afirma que é preciso fazer "a exegese do texto individual à luz de uma teologia total do cânon†", porém para fazer isso é preciso primeiramente "identificar um padrão normativo"[404]. Identificar uma teologia total do cânon† é um trabalho no mínimo difícil em extremo. Tem sido alegado até, que uma teologia nem é apresentada no cânon† do Antigo Testamento, apenas idéias religiosas isoladas, porém não sistematizadas[405]. Assim uma teologia abrangente especificada seria o produto de uma sistematização externa ao texto.

Propõe-se com Kaiser que até existe um certo elo teológico de padrão normativo, porém salienta-se que uma definição precisa do mesmo deve ser mantida sob suspeita ou precaução, nos termos de ser uma hipótese ainda a ser testada, já que o texto bíblico não fornece tal elo com clareza. Pensamento hebraico parece manter muitos conceitos opostos em tensão, como Levenson trata no seu livro. Um elemento unificador em tal contexto provavelmente não obedecerá uma expressão ou definição simples. Deve-se, portanto, cuidar que uma tal definição de elo sistematizador não seja apenas outra imposição externa a se forçar sobre o texto bíblico.

Na busca de definir um elo teológico sistematizador para a leitura do Antigo Testamento, geralmente entende-se que o "contexto antecedente e mais antigo torna-se a base para a teologia que se seguia em cada era"[406]. Podia-se apontar para um elo de "promessa" através de todo o parâmetro bíblico, desde que se compreende que tal "conceito unificador" inclui aspectos de desenvolvimento e transformação[407].

Por outro ângulo de estudo sistemático do Antigo Testamento, podia-se apontar para o propósito básico das narrativas, sendo este simplesmente a apresentação da identidade de *YHWH*—Aquele que chamou o mundo para existência, formou a humanidade[408], e dentro dessa humanidade um povo particular[409], por intermédio do qual procura revelar-se à humanidade por completo[410].

Assim também, pergunta-se referente à própria necessidade de uma sistematização temática para teologizar o texto do Antigo Testamento, ao invés de empregar a estratégia da própria Bíblia, que organiza sua apresentação de acordo com os "grandes atos reveladores de Deus", registrados para apreciação e reflexão teológica nas narrativas[411]. Desta forma, começa-se a perceber elementos de apreciação teológica em comum entre narrativas, ainda que não um "elo sistematizador" ao padrão do ideal de Kaiser. É de lembrar que qualquer esforço teológico sistematizador sempre encontrará limites para sua formulação, pois o homem não pode conter o infinito por razão dos seus próprios limites. A teologia depende da revelação divina outorgada à humanidade para sua redenção, quer seja teologia vetero- ou neotestamentária.

---

[402] KAISER, *TdAT*, 27.
[403] ROBINSON, 36.
[404] KAISER, *TdAT*, 8.
[405] DAVIDSON, A., 11.
[406] KAISER, *TdAT*, 10.
[407] *ibid.*, 13-14, 24.
[408] Gênesis 1.26, 2.7, 5.1.
[409] Gênesis 12.1-2; 22.16-18; 50.24; Êxodo 6.6-8.
[410] Êxodo 19.3-6; Josué 2.9-11.
[411] HARBIN, *TAT1*, 12.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

"A religião do Antigo Testamento é, a seu modo, uma religião de redenção tanto quanto a do Novo Testamento"[412]. A religião de Israel "descansava numa decisão voluntária que estabelecia uma relação ética entre o povo e seu Deus por todo o tempo"[413]. Assim a teologia do Antigo Testamento fornece a base para a apresentação teológica do Novo Testamento. Por exemplo, o Antigo Testamento apresenta salvação como um livramento físico de implicações morais, enquanto o Novo Testamento estende o conceito e o focaliza no âmbito espiritual.

Referente a esse interesse de livramento físico, ético, e moral, encontra-se a "literatura de sabedoria"[414] que tem como objetivo principal aplicar a moralidade e a justiça† apresentada ao cotidiano prático, possibilitando o fiel a viver segundo a instrução do criador. "Foi esta intensidade moral, então, que mais do que qualquer outra coisa, ergueu a religião de Israel acima de todos os seus contemporâneos, e lhe deu o poder para assimilar contribuições estrangeiras, sem a perda de sua força e continuidade natural"[415].

Certamente há vários indícios da existência de deuses ou demônios no texto do Antigo Testamento. Não é raro encontrar referências a demônios e cultos pagãos de classificação espírita. Há pelo menos quinze termos hebraicos a serem examinados num tratamento de entidades suprahumanos[416]. O que não aparece é explicação e ensino referente a tais entidades apontadas, mesmo quando apontadas por nome. No seu comentário sobre Levítico, Hartley dedica cinco páginas para tratar das dúvidas sobre a identificação do deus Moloque† no capítulo vinte de Levítico[417]. O povo é severamente admoestado para não prestar culto a tal deus, porém, nem se preservou suficiente informação precisa para saber identificar bem esse tal deus, nem o tipo de culto que lhe era oferecido, seja fosse sacrifício crematório de crianças ou a prostituição cúltica delas.

O Antigo Testamento desconhece o personagem que hoje se chama pelo nome Satanás[418]. Enquanto existe uma base veterotestamentária para a formulação posterior do conceito de um principal agente maligno pessoal que se opõe a *YHWH*, a tese não é tratada especificamente no Antigo Testamento, sendo desenvolvido durante e após o exilo babilônico. É escasso também um tratamento específico de demonologia no Antigo Testamento, especialmente "em comparação com o crescimento abundante de crenças babilônicas e a idéia universal dos *jinn*† entre os árabes; mas isto se explica pelo caráter do Yahwismo, que não tolerava rivais"[419].

"Há pouca dúvida que a religião israelita aceitou a existência de seres malignos preternaturais, porém, não há consenso sobre o que os antigos israelitas criam a seu respeito"[420]. O pano de fundo do Antigo Testamento tem uma base de crenças populares que espelham a aceitação da existência de "demônios" ou "deuses" pagãos, porém não chega a personificá-los ou enfatizá-los de qualquer forma[421]. Encontra-se, então, a primeira base de monoteísmo, já que esses outros deuses eram desconsiderados em contraste a *YHWH*, em oposição ao politeísmo a seu redor[422].

---

[412] ROBINSON, 32.
[413] BUDDE, citado em ROBINSON, 39.
[414] Provérbios, Eclesiastes, etc..
[415] ROBINSON, 43, 45-46.
[416] HARBIN, *D.*
[417] Moloque é referenciado por nome nove vezes na Bíblia—Levítico 18.21; 20.2,3,4,5; 1ª Reis 11.7; 2ª Reis 23.10, Isaías 57.9 e Jeremias 32.35, mesmo assim, não há ensino suficiente para definir com precisão o tipo de culto prestado (HARTLEY, 333-337).
[418] DAY, 7. O conceito de Satanás é neotestamentário, mesmo que aproveitando o termo hebraico na sua formulação. Veja discussão na seção **Serpente Tentadora**, na página 50.
[419] ROBINSON, 47.
[420] PAGE, 43.
[421] HARTLEY, 238.
[422] BORING, 12-21. Conforme menciona URETA (56), é no cativeiro, na época da redação final dos textos veterotestamentários, que o monoteísmo chega finalmente a ser definido para o povo.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Não era importante tratar esses chamados deuses, pois havia um único Deus para Israel, que é o eixo das narrativas—*YHWH*, o Criador do Universo e o Criador do Povo Escolhido.

Em contraste aos povos ao seu redor, apenas no culto hebreu† existia "o conceito de que todo o ritual do sacrifício permanece na circunferência da religião" [423]. Assim, os rituais sacrificais não compreendiam a sua religião. Para o hebreu, os rituais cúlticos expressos supremamente no ritual sacrifical "contém em si apenas o significado de um símbolo"[424]. Logo, Robinson explica que obviamente nem todos de Israel compartilhavam deste conceito, porém a idéia era tomado pelos conhecedores de Deus entre o povo—coisa que noutras partes e noutros povos não existia por razão de seu desconhecimento d'Ele.

Dessa forma, nas narrativas bíblicas identifica-se a *YHWH*, o Deus de Israel, como sendo "o agente num evento histórico, intimamente afetando o futuro de Israel"—revelado e identificado não por uma elaboração proposicional† sistemática, mas através do seu agir entre o povo[425]. Logo é esta identificação dos feitos de *YHWH* nos eventos relatados que forma algo da essência da inspiração† do texto, não o feito do texto relatar os acontecimentos descritos. As narrativas interpretam a história da intervenção de *YHWH* na vida do seu povo. É esta interpretação dos acontecimentos que tanto importa para o leitor do texto, pois formam a impressão teológica canônica referente à identidade e às intenções de *YHWH*.

Pressupõe-se a existência de Deus no mundo dos antigos hebreus† e seus povos vizinhos. A questão é a identidade desse Deus, *YHWH* em particular[426]. "Assim o israelita chega à interpretação da história, e, eventualmente, da natureza, com uma fé axiomática† em *YHWH*. Quando ele descobriu, como comumente fazia, que a sua idéia do caráter e da atitude de *YHWH* não explicava adequadamente o que acontecia, ele tinha que revisar os conteúdos da própria idéia, assim dando um passo para a frente no desenvolvimento religioso"[427], não que essa revisão tenha sido feita a sós. Essa tal "evolução" ou reformulação teológica não é nem foi uma processo aleatório sem direcionamento. Em nada é um processo desvinculado à ação divina. É o fruto da revelação de *YHWH* sobre a sua própria identidade e ação no mundo.

Os portavozes[428] de *YHWH* anunciaram, então, a mensagem recebida aos poucos por revelação do Criador. Assim anunciavam através de suas narrativas o que vinham aprendendo do caráter de *YHWH*, mesmo sendo sua compreensão do Revelador limitada. A criatura simplesmente não pode compreender[429] plenamente o Criador, sendo limitada por questão de sua própria finitude e incapacidade. Mesmo que o homem é limitado, permanece que é o caráter de *YHWH* que brilha através das narrativas em contraste ao caráter dos "deuses" dos povos vizinhos[430]. Aos poucos *YHWH* vinha se revelando mais e mais claramente através dos seus profetas, mostrando-se ser ético, pedindo muito além de meros sacrifícios uma retidão moral, levando o povo a aceitar que os *elohim*† (אלהים), que o profeta chega a afirmar serem nada mais do que madeira[431] não "chegavam aos pés" de *YHWH*.

---

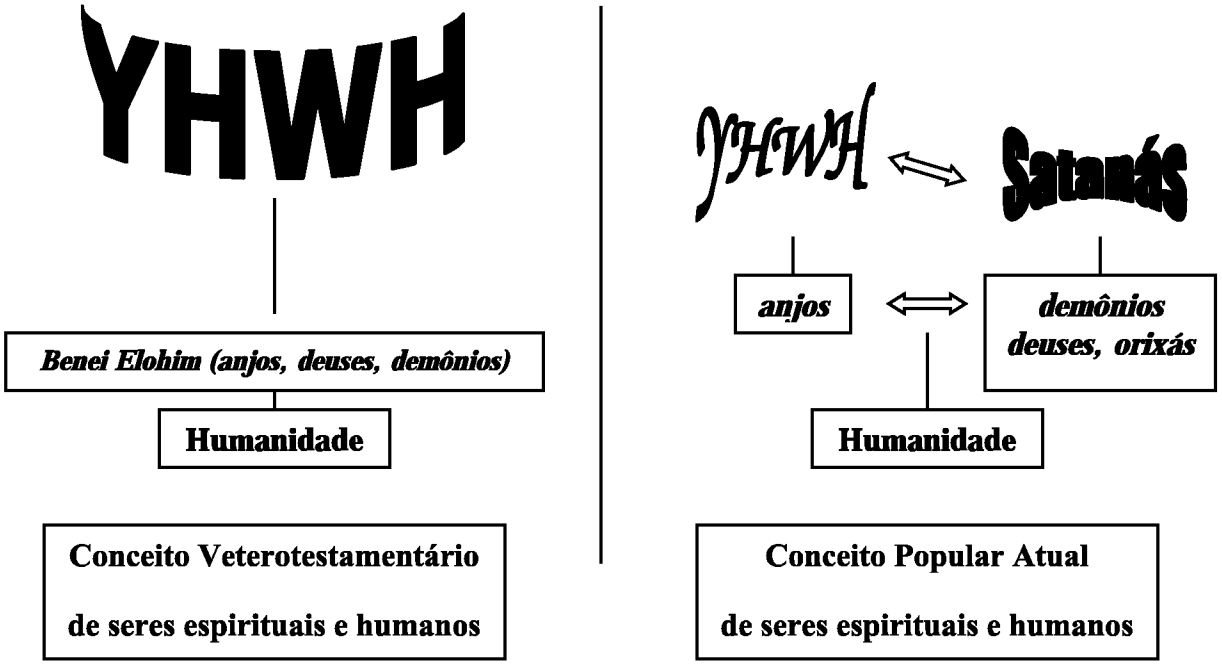
[423] SELLIN citado em ROBINSON, 49.
[424] *ibid.*.
[425] ROBINSON, 51.
[426] DAVIDSON, A., 30-31.
[427] ROBINSON, 54.
[428] Salienta-se que o termo traduzido do hebraico por "profeta" quer dizer principalmente portavoz, ou arauto, seguindo o termo grego para o mesmo (BONDT, 12 e TELUSHKIM, xxii).
[429] Colocar limites e definições que encerrem a identidade do estudado.
[430] LASOR, 23.
[431] Isaías 37.19.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Seres Espirituais:

A este ponto vale salientar algumas diferenciações entre conceitos bíblicos referentes à existência de seres acima da humanidade. No contexto brasileiro atual, isso incluiria não somente a *YHWH*, mas também aos anjos, demônios, exús, orixás, e deuses de outras religiões. Na Bíblia, encontra-se certo desenvolvimento na compreensão e "classificação" dessas entidades espirituais, mas o essencial estaria incluído no gráfico a seguir. Deve-se lembrar que nem todos lidam com o mesmo conceito referente à "classificação" dos seres espirituais aqui refletido. Será comum também encontrar que muitos indivíduos trabalham com dois conceitos em conflito, mesmo sem perceber a duplicidade e conflito entre os conceitos. O mesmo podia-se ter apreciado no próprio povo de Israel que lidava com conflitos entre o ensino teológico de panteões mesopotâmicos† e do monoteísmo surgindo entre o próprio povo de Israel[432].

Há textos bíblicos que geram várias idéias referente à grandeza de *YHWH* em contraste a outros seres espirituais. Deve-se lembrar que a Bíblia contém o registro de certa progressão da revelação da identidade de Deus. Alguns textos não diferenciam muito entre *YHWH* e os demais deuses, como as palavras de Moisés em Êxodo 3, perguntando o que *YHWH* poderia fazer contra os deuses do Egito. Em Josué 2, *YHWH* é colocado como maior dos deuses vizinhos, porém estes ainda existem e são temidos pelos povos. Em Isaías e Salmo 96, os demais deuses são traçados como surdos e mudos, seja inexistentes,[433] ou simplesmente impotentes em contraste a *YHWH.*



A exemplo do conflito atual entre conceitos sobre Deus, pode-se ver como muitos evangélicos professariam como sendo realidade incontestável que *YHWH* é muito acima de qualquer outro ser. Mantém como ensino fiel a onipotência, onisciência e a onipresença de Deus. Ao mesmo tempo nota-se que muitos dos mesmos indivíduos tem um real temor a Satanás e aos seus demônios, como inimigos ativos do cristão. Aceitariam a confissão de Paulo que "maior é

---

[432] O conflito no Monte Carmelo demonstra algo da presença simultânea de conceitos em conflito referente à existência e soberania de *YHWH* em contraste a outros deuses como Baal (1ª Reis 18).
[433] KAISER, *MOT*, 34.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Aquele que está em ti do que aquele que está no mundo". Ao mesmo tempo enfatizariam não a onipotência de Deus e a proteção divina, mas a força e poder do inimigo. Na sua prática, portanto, o seu Deus é apenas um pouco maior do que o seu inimigo, mesmo que a sua declaração oficial seja de que Deus é onipotente em contraste à severa limitação do inimigo.

No Antigo Testamento há muitas expressões de seres acima do ser humano. Em geral os atuais conceitos de anjo, demônio, orixá e exú englobam a reflexão sobre estes seres. O texto usa de nomes próprios para os deuses como Moloque† e Baal†, enquanto também utiliza termos muito imprecisos como "mensageiro" (a palavra grega para o qual [αγγελοσ] é a que nos dá o termo anjo). Às vezes é usado a frase hebraica *benei elohim*, "filhos dos deuses" ou "filhos de Deus".

Algumas passagens bíblicas utilizam um conceito que inclui um conselho de deuses, no meio do qual YHWH é o soberano. Pode ser essa a atribuição do autor de Gênesis 1.26 ao empregar o verbo no plural, mas de certo o conselho de deuses aparece em outros textos como Jó capítulo 1 sem dúvida qualquer[434]. Salmo 82 reflete algo deste conceito, mesmo que não de forma nítida:

> *Elohim* se levanta na assembléia de *el*, no seu meio *elohim* pronuncia juízo:
> "Até quando julgareis vós injustamente, respeitando os ímpios?
> Fazei vós justiça† ao pobre e ao órfão, procedendo retamente com o aflito e desamparado;
> livrai vós o pobre e o necessitado, livrando-os da mão dos ímpios;
> nada sabem, nada entendem, andam vagando às escuras,
> morrem todos os alicerces de terra[435].
> Eu vos declarei *elohim* e filhos de *elyon*[436] todos vós,
> porém como um homem morrereis, e como qualquer dos príncipes caireis".
> Levanta-te *elohim*! Julgue a terra, pois a ti pertencem todas as nações[437]!

De certo o mundo bíblico reflete a existência de muitos seres além do homem, mas não chega a dar muita orientação para especificar detalhes com respeito aos mesmos. Aceita a sua existência, mas não concentra a sua atenção nos mesmos. O enfoque do texto é ensinar a respeito de YHWH e as demandas de YHWH para com o ser humano. A existência de outra classe de seres é de menos importância à Bíblia. Em algumas passagens a Bíblia nega até a existência de outros deuses, mas é bem provável que a intenção é de fazer comparação com a grandeza de YHWH.

Gênesis 6.5-8.22:

A narrativa do dilúvio aqui apresentada é bem provavelmente uma narrativa composta por material de fontes[438] distintas, os quais tem sido intercaladas para compor uma narrativa extensa. Entre outros, Gerhard von Rad tem feito um grande esforço para separar as várias partes da narrativa, apontando para as narrativas originais que foram misturadas para compor a narrativa encontrada no livro de Gênesis. Ele define, por exemplo, a narrativa Yahwista† (J) como sendo 6.5-8; 7.1-5, 7, 16b, 8-10, 12, 17b, 22-23; 8.6a, 2b, 3a, 6b, 8-12, 13b, e 20-22. A narrativa

---

[434] Em Jó os *benei elohim* são tratados como sendo os ministros de Deus.
[435] No hebraico: *môt kal-môtdey erets*.
[436] Altíssimo.
[437] Salmo 82, tradução do texto hebraico própria do autor, com base na versão da IBB, melhores textos.
[438] Ver seção **Autoria**, onde é tratado a questão de fontes, na página 28.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

sacerdotal (P), é vista no resto da passagem: 6.9-22; 7.6, 11, 13-16a, 17a, 18-21, 24; 8.1-2a, 3b, 4-5, 7, 13a, e 15-19[439].

Esta divisão de von Rad não é a "palavra final" referente à separação entre as fontes originais, porém serve para ilustrar o conceito das fontes por trás da narrativa encontrada. Se fosse lida em separado as porções designadas por ele como sendo de uma ou outra fonte, pederia-se apreciar cada uma como uma narrativa contínua. Há muita discussão referente à separação "correta" dessas fontes[440], porém o que mais importa é simplesmente reconhecer que esta narrativa tem um rico histórico de transmissão, provavelmente contada de várias formas muito ante de ser redigida na sua forma canônica atual. Como Kidner menciona em seu comentário, a busca pelas fontes originais tem levado muitos a extremos[441], porém o conceito geral pode ser de algum proveito para o leitor.

Esta divisão pode ser interessante para facilitar a compreensão dos propósitos originais dos narradores, como também na compreensão de frases que parecem um tanto contraditórias (tratamento detalhada v. tratamento geral). Mais importante é estudar a narrativa na forma em que ela foi transmitida até o dia de hoje. O redator final a compôs com o seu próprio propósito, o que vale ainda mais para a aplicação pessoal e a compreensão e esforço teológico.

Nacham (נחם– "Lamentar", "Consolar", "Suspirar", "Alterar Curso"):

É preciso salientar que a palavra traduzida por "arrepender" não tem necessariamente uma conotação moral. O significado básico ou original do termo *nacham* (נחם) parece ser "respirar profundamente"[442]. O seu sentido geral é traduzido por "lamentar", "sentir pena", "sentir dolo", ou "consolar", o que geralmente conduz um indivíduo a fazer uma "mudança de conduta ou propósito", de onde vem então a tradução de "arrepender"[443].

Como em outras línguas ocidentais, usa-se o termo no Português em sentido de uma necessidade de mudança de vida ou conduta moral. O sentido aqui, no entanto, não tem necessariamente a ver com princípios de conduta ética e moral. Esta passagem indica que a forma de Deus tratar com o homem está prestes a mudar, por causa do problema que a humanidade enfrenta[444]. A motivação divina aqui, então, parece ser que sentiu *pena* (misericórdia, dolo) da humanidade que vivia sob a opressão do pecado em conjunto com a dor sofrida referente ao estado da criação às custas do pecado da humanidade.

Panorama Diluviana Geral:

Essencialmente esta narrativa concerne a interação entre o Criador e a sua criação. A polêmica poderia ser descrita pela frase "A criação recusou ser a criação de Deus"[445]. Neste contexto, a dinâmica do dilúvio é apresentada, mostrando a reação divina à inclinação má da humanidade. À

---

[439] von RAD, 116-130.
[440] WENHAM, G., 167-169.
[441] KIDNER, 16-21.
[442] HARRIS, 951.
[443] Veja a seção a seguir referente a **Noé**, na página 95.
[444] WENHAM, G., 144.
[445] BRUEGGEMANN, 74.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

tona para a discussão é os acontecimentos no interior de *YHWH* (יהוה), não tanto as especificações históricas ou científicas do dilúvio. Este acontecimento é apenas o cenário para tratar as mudanças no Criador, e sua forma de tratar com a sua criação. Como no caso das outras narrativas bíblicas, o interesse essencial é teológico. O que realmente interessa é o que a narrativa ensina sobre Deus e em particular como tal ensino reorienta a caracterização ou compreensão do mundo[446].

Algo essencial da narrativa do dilúvio é o interesse divino em manter intactos os seus propósitos para a criação. Tais propósitos são tomados a sério por *YHWH*[447]. Mesmo assim, a narrativa coloca a questão de que *YHWH* não é estático, mas responde às circunstâncias do mundo, aqui com dor, pesar, sofrimento e dolo[448].

Paralelos:

A narrativa do dilúvio tem paralelos entre os povos da Mesopotâmia†, porém como no caso das narrativas de criação, estes paralelos apresentam questões muito divergentes para com o relato bíblico. O narrador está pelo menos utilizando certos conceitos orientais conhecidos na sua apresentação, porém não é uma simples transposição de idéias, pois os vínculos com outros relatos têm sido rotos na nova apresentação[449]. O quadro a seguir ilustra em parte estas diferenças.

O motivo do dilúvio não corresponde à questão da superpopulação humana sobre a face da terra (nem a um problema de muito barulho na terra que não deixa Deus dormir!), pois isso já fora respondido na passagem de Gênesis 6.1-4[450]. Também havia sido tratada na expulsão do jardim a questão da mortalidade do homem. O dilúvio não era a culminação de várias tentativas de Deus para realizar os seus propósitos, como o último de uma série de pragas no épico† de Atrahasis†. A questão do dilúvio era corrigir os excessos maléficos da humanidade. A terra deveria ter sido repleto de população humana e animal, porém o homem a encheu de sua violência [*chamás*—חמס][451].

O único apontador para a qualidade da retidão de Noé na extensão da narrativa (além da menção de sua retidão) é o simples fato de que Noé obedece a Deus. Realmente, essa é a única descrição dele em toda a passagem[452]. Os heróis das narrativas dos outros povos foram até homens dignos e esforçados, porém Noé é apenas obediente, silencioso e servil perante os mandamentos de Deus. Ele não exibe nenhuma característica marcante em termos humanos, porém considerado por Deus como o único que andava em justiça†[453].

Há também outras diferenças entre os relatos diluvianos†, porém, estas são provavelmente as mais importantes em termos teológicos[454]. Como as diferenças ilustradas aqui revelam, o relato de

---

[446] ALLEN, 139 e BRUEGGEMANN, 74-75.
[447] BRUEGGEMANN, 77.
[448] *ibid.*, 78.
[449] WENHAM, G., 138.
[450] WOLDE, 118.
[451] WENHAM, G., 129 e 171.
[452] *ibid.*, 165.
[453] Justiça no AT geralmente leva mais o significado de retidão, seja "fazer o que é certo" LASOR, 333.
[454] A arca que Deus ordena Noé a construir mediria 135m x 22m x 13m, enquanto o barco em outros relatos chega a ser até quatro vezes maior (WENHAM, G., 173).

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Gênesis não depende dos relatos paralelos entre os seus vizinhos, tendo até caráter de traçar polêmica e resposta teológica a esses paralelos.

NARRATIVA HEBRAICA[455]		NARRATIVAS PAGÃS[456]
Um só Deus atuando (*YHWH* (יהוה) ou *Elohim* (אלהים))	↔	Muitos deuses atuando
Razão da maldade humana	↔	Razão do barulho humano
Correção do caminho do homem	↔	Resolver a questão da superpopulação para que os deuses possam dormir
Deus decide e cumpre seu propósito	↔	Os deuses tentam várias formas de realizar a sua vontade, até que acertam
Deus trabalha com propósito definido no sentido de redenção pela sua graça	↔	Os deuses destroem tudo e logo se arrependem, pois sentem a falta dos sacrifícios
Deus age para consertar o mal que o homem tem feito no mundo	↔	Os deuses agem para responder às suas necessidades físicas
Deus atua como Senhor do universo, em soberania e confiança, para oferecer nova vida	↔	Os deuses atuam como seres humanos, destruindo sem planejar para o futuro
Deus atua em completo poder e onisciência	↔	Os deuses são surpreendidos com os eventos e as conseqüências que causam
Deus é o autor do dilúvio	↔	O dilúvio é uma força que foge do controle dos deuses
O herói humano apresenta-se como um escravo completamente submisso	↔	O herói humano é uma figura esplêndida, cheia de vigor, vitalidade, e iniciativa
Há uma ênfase da narrativa na entrada na arca e o que a sucede	↔	Há uma ênfase da narrativa na construção da arca

Justiça Compassiva de Deus:

Olhando-se para trás no conceito hebraico do universo e nos relatos da criação por ordem de Deus, pode-se ver dentro do relato do dilúvio uma nova criação. Desta vez, Deus faz com que o caos se restabeleça novamente, invadindo e conquistando a ordem criada. As janelas do céu deixam de manter a água separada da face da terra. O abismo solta as suas águas de baixo da terra, e a ordem instituída por Deus desaparece. Retorna-se ao caos, igual a antes da obra da criação! Nesse contexto, Deus restabelece a ordem, criando-a novamente e provendo outra vez para a possibilidade de vida sobre a face da terra seca. Deus se posiciona outra vez como sustentador da ordem criada, o que impele a humanidade a curvar-se diante daquele que faz de acordo com a sua vontade inquestionável.

Sendo Deus o criador, Deus tem todo direito de atuar sobre a sua criação da forma que bem quiser. Como se menciona em Gênesis 6.3, o respiro do homem (espírito, fator que lhe fornece vida) pertence a Deus. Não pertence ao homem, então, julgar entre o certo e o errado, nem oferecer qualquer crítica ao autor da vida. O seu lugar é de obedecer e confiar. Intrínseco à narrativa do dilúvio está o conceito de que o mundo existe e persiste agora, apenas por razão da benevolência divina e a sua contínua fidelidade em sustentar a sua obra criada[457]. *YHWH* (יהוה) é não somente criador, e sustentador, mas também digno da confiança humana por causa destes papéis que desempenha.

Deus planeja o dilúvio para corrigir a iniqüidade do homem. Deus é soberano para fazê-lo, pois a vida na terra já pertence a Deus[458] que a deu. Para o relator da narrativa, a crise da passagem não vem a ser a questão da agua. É a crise do interior de *YHWH*, que responde com mistura de

[455] Veja a seção **Gênesis 6.5-8.22**, na página 89.
[456] Veja WENHAM, G., 129, 138, 159-166, 174, 178 e WOLDE, 116-119, 124-125.
[457] LEVENSON, 16.
[458] Gênesis 6.3.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

julgamento e dolo às circunstâncias do mundo frente ao pecado e à destruição humana[459]. Deus responde às atividades de sua criação, participando sensivelmente do estado de sua obra.

Deus está cansado com o sofrimento em seu coração e gostaria que as coisas fossem diferentes. A descrição do seu sofrimento utiliza a mesma palavra referente ao sofrimento do homem ao cultivar a terra[460]. Deus sente esta mesma dor como conseqüência do pecado do homem. Este sentir dolo e pesar é o que distingue *YHWH* de todo e qualquer outro deus e criatura[461]. A palavra usada para referir-se à destruição lavrada pelo homem[462] e no plano de Deus[463] é a mesma palavra. Deus fará com a raça humana o que a raça fez com a criação[464]. O texto indica no versículo 13 que Deus olhou para o mundo e viu que já estava destruído (arruinado, segundo outra tradução)[465]. O seu propósito, então é desenvolvido em cima da condição da ruína do mundo, lavrada pela própria humanidade. "Vou arruinar (acabar com) o mundo que o homem já trouxe à ruína"[466].

O mundo[467] como sendo não eterno é um conceito comum no pensamento hebraico, expresso tanto no Antigo Testamento como no Novo (Salmo 97.5; 102.26; Isaías 51.6; Marcos 13.31; 2ª Pedro 3.10) e entre cientistas do pasado próximo[468]. Na narrativa do dilúvio, a ordem criada deixa de existir, até que Deus intervém para criá-la de novo. As águas do caos existem ainda, mas *YHWH* as mantém no seu lugar[469]. Se Deus houvesse deixado o homem livre para fazer a sua vontade sem intervenção qualquer, o resultado teria sido destruição completa, sem a possibilidade de um novo começo. Esta consideração fica ainda mais explícita ao considerar que o texto apresenta a necessidade da sustentação da obra criada por parte de Deus.

O homem havia corrompido a criação no seu pecado e no seu desrespeito para com a vida dada por Deus, exemplificado no relato de Caim. A maldade no mundo provém da própria humanidade[470]. "As pessoas perguntam de onde vem o mal! Aqui diz claramente: dos seres humanos!"[471]. Em resposta à condição da criação criada pela maquinação má da humanidade, a narrativa do dilúvio expressa fortemente a soberania de *YHWH*, pois até as águas, aqui caracterizadas indiscutivelmente como agentes do caos, obedecem ao seu mandar[472], mesmo se o homem não o obedece! Já que a humanidade havia comprometido o universo todo através de sua iniqüidade, foi necessário que Deus fizesse tudo perecer, a fim de corrigir a situação[473]. Deus planeja e faz, com base soberana como criador e sustentador de sua obra.

Nesta correção, o que Deus faz deve ser entendido dentro dos padrões cosmológicos† do povo hebraico. Deus elimina a ordem que havia empregado sobre o caos, retornando tudo a seu estado preexistente. Logo, Deus re-estabelece a ordem de sua criação. Tem sido mencionado o uso preciso das indicações temporais apresentados pelo narrador. Esta delimitação específica e tão

---

[459] BRUEGGEMANN, 78-79.
[460] WOLDE, 120.
[461] BRUEGGEMANN, 82.
[462] Gênesis 7.11.
[463] Gênesis 7.13.
[464] WOLDE, 121.
[465] Possivelmente a melhor tradução aqui seria de usar a palavra ruína, que pode conter ambos a idéia de destruição como também de apodrecimento (WENHAM, G., 171).
[466] WENHAM, G., 172.
[467] Robertson trata em termos de "matéria", porém as referências que cita tratam a questão da obra criada por *YHWH*, não a matéria por si. Matéria é realmente conceito científico e filosófico surgindo com considerações gregas, não partindo de dentro do povo hebreu.
[468] ROBERTSON, 463.
[469] LEVENSON, 48.
[470] Gênesis 6.13.
[471] WOLDE, 120.
[472] LEVENSON, 21.
[473] WOLDE, 122.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

ordenada e definida do tempo parece tratar de um sentido mais simbólico dos números do que de datas precisas, no entanto, a especificação desses símbolos é mais difícil estipular.

Dias:	*APRESENTAÇÃO DA NARRATIVA*[474]
7	O dilúvio começa 7 dias depois que Deus envia Noé dentro da arca
40	A chuva cai sobre a terra por 40 dias e noites
150	As águas triunfam sobre a terra por 150 dias
150	As águas recuam da face da terra por 150 dias
40	Noé abre a janela da arca após 40 dias
7	Noé desembarca após 7 dias

Muitos olham para esta narrativa e questionam que Deus possa ser justo ao mesmo tempo em que sentencia todo o mundo de uma só vez. No entanto, a narrativa revela que é mesmo a misericórdia, a justiça† e a graça de Deus que o impelem a enviar o dilúvio. Também em Romanos 3.25 encontra-se o mesmo senso da justiça† de Deus o impelir a uma resposta de compaixão. A narrativa exibe um relacionamento desviado, no qual *YHWH* comove-se em dolo por causa da resistência do mundo a uma relação devida com o Criador[475]. O homem havia já destruído o mundo, Deus interfere para restabelecer a criação dentro de seus propósitos originais. Se hoje se reclama da injustiça de Deus, dever-se-ia compreender que Deus nem sempre faz justiça†, mas trata com misericórdia. O questionamento referente à justiça† deveria ser "Por que Deus não acaba logo com a humanidade, já que o homem continua a operar destruição, violência e calamidade?".

Graça:

A ação divina em resgatar a Noé é uma conseqüência da graça divina, não um produto de mérito, mas de amor[476]. Em Gênesis 8.1 Deus lembra-se da criação, e essa preocupação pelo mundo traz uma mudança do contexto da destruição humana ao compromisso divino de proteger e redimir[477]. Deus não estava sobre obrigação de resgatar a Noé, nem de "lembrar" dele, porém é em sua graça que Deus intervem para sustentar a vida e recuperar a ordem criada. A graça de Deus é visível no resgate a Noé e no re-estabelecimento da ordem da criação, e também na aliança de declaração unilateral que o Redentor oferece no final do dilúvio[478]. O fato de *YHWH* (יהוה) lembrar de Noé revela a sua graça e compaixão por Noé, e conseqüentemente por toda a criação[479].

Em Gênesis 6.18, aparece pela primeira vez no Pentateuco o termo para aliança (*berit*—ברית). Muitos têm refletido sobre o sentido específico deste termo, porém o consenso é de que é usado para indicar uma aliança que parte da graça de *YHWH*, oferecida unilateralmente, com certas condições a serem cumpridas pelo homem. Não é um acordo no qual o homem participa em termos de negociação, mas em termos de aceitação de sua responsabilidade. Deus estende a aliança e exige que o homem cumpra com a sua responsabilidade.

---

[474] veja WENHAM, G., 157 e WOLDE, 123.
[475] BRUEGGEMANN, 81.
[476] WOLDE, 123.
[477] BRUEGGEMANN, 86.
[478] WOLDE, 131.
[479] BRUEGGEMANN, 85.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Na narrativa como um todo, a proposta de segurança à humanidade é de que *YHWH* prometeu não destruir a terra. Os agentes caóticos ainda existem, mas mesmo assim é *YHWH* que assegura a continuidade de ordem. Esta segurança é dada com a expectativa de que *YHWH* é realmente soberano, mesmo que não tenha aniquilado toda oposição, mas estabeleceu limites segundo sua própria vontade. Esta narrativa tem um vínculo temático com a narrativa de criação no primeiro capítulo de Gênesis, mas tem ao mesmo tempo certo vínculo com a narrativa do Êxodo, no qual *YHWH* faz aparecer terra seca em meio das águas[480], envia as águas para inundar o homem inimigo de Deus, e cria condições para o estabelecimento de nova vida num novo estado de dependência em *YHWH*.

Esta segurança provém da graça de *YHWH*. Essa nova vida é fruto da graça divina. A nova terra e o novo começo são frutos de graça, como também a sustentação da ordem criada e recriada por *YHWH*. Deus criou, Deus sustenta, e Deus dá novas oportunidades com base em sua graça regeneradora.

Noé:

Noé, o "herói" humano da narrativa, é descrito como "homem justo que caminhava com Deus". O termo hebraico traduzido por "justo" (*Tsadiq*—צדיק), não tem as mesmas conotações do termo no Português, mas bem poderia ser traduzido melhor por "bom", em contraste ao termo "ímpio"[481]. O texto apresenta que Noé é um homem reto diante de Deus, porém a descrição dele não chega a ser muito notável em termos humanos.

Noé não é um personagem muito heróico segundo os moldes normativos de um herói. Em contraste ao que se esperaria dele, Noé aparece como um homem silencioso que aceita em submissão a destruição predita[482]. Essa forma não coincide muito bem com a expectativa atual, nem com os heróis das narrativas paralelas de outros povos, nem da narrativa de Abraão frente à destruição de Sodoma e Gomorra[483]. Porém em contraste à situação geral da humanidade, Noé é apresentado como um homem que aceita o seu estado de criatura e torna-se obediente ao Criador, deixando que *YHWH* (יהוה) seja Deus[484]. "Noé faz tudo precisamente como Deus lhe ordena. Ele não faz nada por sua própria iniciativa"[485].

O nome Noé no hebraico tem vínculo paronomástico† com outras palavras importantes na narrativa, que podem ser traduzidas com os seguintes termos: graça, descanso, conforto, vingar-se, mudar de pensamento, sentir dolo, destruir, arruinar, incenso, lamentar e até quinhentos[486]. Este vínculo nem sempre é etimológico† no conceito atual, porém é uma associação que depende de uma similitude sonora, o que é um vínculo normativo para o hebraico[487]. Em termos do sentido específico do termo e sua raiz verbal, o termo usado para nomear este personagem designa descanso ou repouso[488].

---

[480] LEVENSON, 76.
[481] WENHAM, G., 169-170.
[482] WOLDE, 124.
[483] Gênesis 18.23-33.
[484] BRUEGGEMANN, 79.
[485] WOLDE, 125.
[486] DAVIDSON, B., 1039-1040, WENHAM, G., 128-129, 137, 171 e WOLDE, 124-126.
[487] WENHAM, G., 128.
[488] HARRIS, 936-938.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Em Gênesis 6.6, encontram-se três verbos referentes à interação de Deus com a sua criação: arrependeu-se/sentiu dolo (*nacham*—נחם), haver feito (*ashah*—עשׂה), e pesou-lhe/indignou-se (*atzav*—עצב). Cada um desses três verbos foi usado pelo pai de Noé ao dar-lhe seu nome: "Este nos consolará (*nacham*—נחם "trazer descanso") acerca de nossas obras (*mashah*—מעשׂה: de trabalho, de obras) e do trabalho (*atzav*—עצב "ardor, dor, sofrimento") de nossas mãos". Lameque anela consolo através de Noé, consolo correspondente ao desapontamento do criador para com a sua criação[489].

Unidade Narrativa:

Olhando a narrativa do dilúvio como um todo, certos destaques podem ser feitos. O dilúvio é um novo começo para o mundo criado por *YHWH* (יהוה). Como no início, ao ser humano é dado mordomia e autoridade sobre o mundo criado por Deus. O ser humano é provisto de tudo que lhe é necessário para o seu sustento. A provisão divina inclue todo o evento de preservação do homem durante o dilúvio, sendo necessário que o ser humano confie nas instruções divinas.

O contraste da raça humana com Noé é interessante naquilo que diz respeito à questão de confiança. Noé não toma nenhuma iniciativa própria, mas cumpre as instruções dadas por Deus. A humanidade à sua volta perece, seguindo os seus próprios caminhos desconfiando do Criador.

As temáticas da provisão e confiabilidade de Deus ressurgem na narrativa como nas que antecedem. Deus é criador, mas também sustenta e ama o mundo que criou. O seu amor inclue o ser humano, mas também engloba toda a sua obra criativa. Como dantes, Deus se entristesse com as conseqüências desastrosas da atividade humana contrária à vontade divina. Em resposta, Deus traça planos para recuperar a criação, porém esta recuperação depende ainda da resposta humana à iniciativa redentora de Deus.

Em contraste com o que muitos pensam, Deus não é justiceiro, mas atua para a redenção da raça humana e toda a criação. O problema é a falta de confiança do ser humano no Criador.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____		

[489] WENHAM, G., 144.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

Deus olhou e viu que a terra estava destruída por causa do homem e ficou magoado intensamente por causa da maldade do homem. Resolveu então que a única forma de corrigir a situação era começar a criação de novo. Em graça, *YHWH* (יהוה) dirigiu-se a Noé e indicou que construísse uma arca para escapar do dilúvio que estava por vir. Noé foi obediente e cumpriu os mandamentos de Deus. Não confiou na sua própria sabedoria, nem contestou a Deus—simplesmente obedeceu.

Que herói! Não existe registro de que pronunciou qualquer palavra até depois do dilúvio. Que herói! Não fez nada segundo a sua própria iniciativa. Que herói! Parece atuar quase como um robô, sem personalidade, sem conflito e sem vontade própria. Será que Deus não errou em sua escolha do homem justo para resgatar do dilúvio? Será que Deus não poderia ao menos ter

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

escolhido alguém com mais vigor, iniciativa, ou personalidade? É interessante notar que o texto apresenta que essas características não tinham importância para Deus. Noé era justo especificamente por não tomar suas próprias decisões e iniciativas. Noé mostrou sua fidelidade através de sua obediência e humildade.

As narrativas diluvianas† dos outros povos enfatizam o vigor do seu herói. Gênesis apresenta a obediência e humildade de Noé perante o mandamento de Deus. Deus é o herói da narrativa, não Noé. Deus é o restaurador da criação. Deus é o soberano do universo. Deus é o agente de transformação. Deus é o dono da vida e o reconciliador. O interesse da narrativa é apontar à soberania de Deus e ao seu interesse em preservar aquilo que havia criado. Deus é quem sente dor frente à destruição operada pelo homem. Deus é quem atua para reconciliar o mundo consigo. Deus é quem reintegra o universo a seu propósito original.

Como Noé, o homem hoje precisa apenas reconhecer e aceitar a sua posição devida perante o Criador Soberano. Apenas aceitar que ele precisa obedecer às indicações de Deus. Porém, o homem desconfia de Deus, insistindo que sabe melhor do que Deus o caminho ideal para seguir. O problema é que esse caminho do homem o leva à destruição. Não que Deus vá atrás dele para destruí-lo, mas que o caminho do homem já é destruidor. Como o homem já havia destruído o mundo antes do dilúvio, também o homem até hoje insiste em destruir a sua própria vida. Desde o princípio, o homem é assassino, desconfiado, injusto, mentiroso, rebelde e destruidor.

A saída é aceitar sua condição de criatura e obedecer. Deus sabe o que é melhor para o homem. É o homem que insiste em fazer o seu próprio caminho, pois ele pensa que Deus é como ele: assassino, desconfiado, injusto, mentiroso, rebelde e destruidor. O Deus de Noé, porém, é Deus de graça, misericórdia, empatia, amor e reconciliação. Este Deus é digno de ser obedecido. É digno de confiança.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Imposições Teológicas:

Um problema a ser evitado no tratamento de textos bíblicos – especialmente concernente ao Antigo Testamento – é o da imposição de posições teológicas ou doutrinárias sobre textos que não refletem uma dada posição por si. É comum, por exemplo, procurar fundamentação em textos do Antigo Testamento para ensinar conceitos teológicos do Novo Testamento, como a trindade de Deus[490] e o personagem de Satanás. "Deve ser o primeiro objetivo [interpretativo] descobrir quais eram as perspectivas dos profetas e outros escritores do Antigo Testamento..., e tomar cuidado para não impor conceitos neotestamentários sobre tais perspectivas"[491].

Kaiser dá um bom tratamento deste problema de imposição teológica, citando falácias normativas que abusam de textos bíblicos[492]. Como Kaiser também menciona, o problema de imposição normalmente não é tanto uma distorção teológica, mas uma falha na escolha do texto apropriado para com o tema a tratar. Se um intérprete força um conceito externo sobre uma passagem, acaba usurpando a autoridade do texto bíblico. O aspecto essencial da tarefa é de simplesmente deixar que o texto explique os princípios tratados pelo seu autor e/ou redator. Em lugar do leitor procurar uma mensagem de Cristo em todo texto veterotestamentário, deveria procurar entender qual a intenção do próprio autor da passagem. De outra forma o leitor estará fazendo ísegese (impondo alguma perspectiva *sobre* o texto). A tarefa do intérprete bíblico é de encontrar a mensagem do autor do texto à mão, para depois encontrar os princípios desta mensagem que se aplicam à sua própria vida. Ler e estudar o texto desta forma exige mais tempo e dedicação, porém os resultados são também mais valiosos.

Como exemplo, não se deve procurar textos que ensinam uma perspectiva trina de Deus quando se trata de textos do Antigo Testamento. Foi Jesus que esclareceu conceitos a respeito do Espírito do Santo[493] para que se chegasse à compreensão do Espírito em termos de ser a terceira "Pessoa" da trindade. Jesus veio após a composição do Antigo Testamento. O fato de ser Jesus quem ensinou de forma concreta sobre o Espírito Santo, limita o leitor a passagens do Novo Testamento que ensinam a respeito desta doutrina cristã em termos de ensino específico sobre a trindade. Pode-se encontrar passagens no Antigo Testamento que *apóiam* ou fornecem base para a doutrina, mas não que a ensinem. A revelação superior (ensino específico referente ao Espírito Santo e ao Pai) veio em Cristo Jesus[494]. As bases para entender o conceito da trindade aparecem no Antigo Testamento, porém a essência deste ensino veio somente em Cristo. Também vale ressaltar que o Antigo Testamento "não prepara os seus leitores para o evento da crucificação do Messias de Deus e, o outro lado desse evento, a sua ressurreição vitoriosavitoriosa de entre os mortos"[495].

Neste trabalho procura-se enfocar os ensinos teológicos das narrativas por si mesmas. Às vezes, trabalhar-se-á com alguma correção ou revelação além da narrativa, porém o objetivo principal é um tratamento de cada narrativa dentro de seu próprio contexto, podendo-se ver como esta é usada pelo narrador e redator na composição obra final. Em certos casos será necessário tocar

---

[490] Calvino trata textos como Gênesis 1 e Isaías 6.3 como "prova fraca e espúria" para sustentar a doutrina da Trindade, sendo essa de caráter merecedor de melhor embasamento (GEORGE, 199).
[491] DAVIDSON, A., 11.
[492] KAISER, *TaET*, 132 e 188-193.
[493] Mais precisamente poderia ser traduzido como "Sopro do Santo".
[494] João 14-16.
[495] ANDERSON, *COTT*, 8. Veja também a discussão de BARTH, 14-20.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

em algum ponto de revelação subseqüente, mas primeiramente procura-se limitar a discussão ao texto à mão.

Imposições Filosóficas:

É importante destacar a necessidade de deixar de lado considerações filosóficas que divergem da perspectiva hebraica. Por isso, refere-se à forma de usar palavras na expressão de conceitos tais como verdade, eternidade, imortalidade, vida, matéria, ciência, perfeição, etc.. A herança filosófica moderna tem muito mais vínculo com conceitos gregos do que com as cosmovisões hebraicas refletidas na Bíblia. A Bíblia retrata a Deus em termos relacionais, assim o conceito bíblico é de que deveria se pensar em Deus de forma relacional em vez de forma proposicional†[496]. Também os termos teológicos da Bíblia giram mais em torno de tensões dinâmicas[497] do que em posições estáticas, as quais são mais comuns na atualidade.

Uma cultura usa palavras para expressar conceitos, porém os conceitos sendo expressos por palavras parecidas podem ser muito diferentes de uma cultura para outra. A definição dos termos deve levar em consideração o conceito que o termo é usado para expressar. Logo, o hebreu† usava o termo coração para expressar o centro decisivo de sua vida, o que se expressaria no Brasil com o uso do termo "mente". Em compensação, no Brasil se usaria o termo "coração" para expressar o centro emotivo da vida, enquanto o hebreu† expressaria o mesmo com o termo "entranhas", ou "intestinos". Relacionado a essa diferenciação terminológica, encontram-se conceitos que podem prevalecer numa cultura e nem existir noutra. Nos Estados Unidos, tem-se aprendido que o termo hispânico "mañana" quer dizer "amanhã", porém o seu sentido real seria expresso melhormente em muitos casos por "não hoje". A dificuldade é que no inglês não existe um termo equivalente, principalmente porque o tempo é avaliado e valorizado de forma divergente da forma hispânica.

Destacam-se como exemplos de divergências filosóficas entre os hebreus† e o tratamento geral do ocidente os pontos que seguem. Esta lista não tem pretensão de ser exaustiva, porém serve como guia para a avaliação de distinções filosóficas.

O conceito hebraico de "nada" está mais ligado a expressões de desordem, injustiça, morte e enfermidade do que a um vácuo[498]. O conceito aristotélico de perfeição estática e imutável contrasta com perspectivas bíblicas de um Deus que sofre com a iniqüidade humana e responde a necessidades e contextos em mudança[499]. Utiliza-se hoje muito o conceito grego da composição do homem em compartimentos de corpo, alma e espírito, enquanto o conceito hebraico trata do homem como uma unidade[500]. Pensa-se na atualidade ocidental que criação destaca o processo da origem de matéria, quando na perspectiva dos povos do oriente antigo† destacava-se a ordenação de um cenário que pudesse sustentar a vida. Relacionado, encontra-se o conflito entre a noção comum de o universo ser autônomo e o conceito bíblico de o universo depender da continuação de solicitude divina[501]. Pesquisa científica sobre a origem do mundo retrata o conceito de uma

---

[496] LEVENSON, xxi . Por proposicional, entende-se que Deus é estudado como um objeto em laboratório, enquanto a forma relacional insiste na convivência da experiência vivida baseado no relacionamento e dependência. Assim, *YHWH* não pode ser definido, mas se revela àquele que o entrega sua vida em fé e dependência.
[497] Tensiona-se os conceitos da justiça de Deus com sua misericórdia, sua bondade com sua severidade.
[498] WENHAM, G., 15-16 e LEVENSON, xxi, xxix.
[499] LEVENSON, xxv.
[500] Gênesis 2.7.
[501] LEVENSON, 12.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

estruturação mecânica do universo, enquanto era visto pelos antigos como uma vitória após batalha contra os agentes do caos[502]. Enquanto se pensa hoje em termos proposicionais estáticos de Deus como sendo "eterno", o pensamento hebraico O classifica em termos de continuidade[503]. O texto bíblico revela comumente um conceito de criação dentro dos confins de uma situação de vida, em contraste com o tratamento teórico e filosófico da norma atual[504]. Muitos reivindicam a soberania absoluta do Criador sobre a criação recalcitrante, enquanto na Bíblia tal seria uma declaração de fé, uma perspectiva de confiança em Deus, mesmo que a polêmica permaneça semi-aberta[505]. Declara-se pela fé confiança no caráter de Deus, "Eu sei que o meu Redentor vive!"[506].

Deve-se lembrar também que na Bíblia a fé não é o aceitar de um ajuntamento de propostas doutrinárias, mas uma expressão de confiança depositada em *YHWH* (יהוה). A fé é algo ativo, não estático, um relacionamento de confiança e dependência[507]. A ênfase no texto bíblico, portanto, é no relacionamento de confiança em Deus, não tanto em especular ou forçar aceitação de conceitos específicos sobre Deus. Trata-se de explicar melhor quem e como é esse *YHWH* de quem testemunha, mas o essencial é incentivar que se confie em Deus e entre no relacionamento de fé e dependência devida com Deus.

Mencionada a preocupação com o problema de impor perspectivas científicas e filosóficas sobre o texto bíblico, é importante ressaltar que o enfoque da interpretação do texto deve ser o de chegar a compreender a intenção do autor bíblico. Não se pode chegar a um texto com a mente vazia, porém, deveria se vigiar para não impor perspectivas alheias sobre o texto à mão.

Tipo de Linguagem:

Outra forma comum de se impor noções estranhas sobre um texto deve-se à falha em desrespeitar o tipo de linguagem empregado pelo autor de uma narrativa. Muitos aspectos de tipo de linguagem dependem do estilo literário em uso. Interpreta-se uma parábola partindo do pressuposto† de que não se trata da descrição de um evento histórico específico. Ninguém procura investigar a identidade e os eventos histórico-específicos do pai e os filhos da parábola de Jesus sobre o filho perdido[508]. Não se procura as particularidades históricas, pois entende-se claramente que não se trata da crônica de um evento específico, mas a descrição de um evento genérico fictício que retrata uma verdade.

De forma parecida, não se procura identificar o dono de uma ovelha e o rico da passagem de 2ª Samuel 12.1-6. Davi até entendeu que a descrição do profeta era uma descrição histórica, precisa. Tal interpretação dada por Davi foi um erro de interpretação da parábola do profeta. O profeta aparentemente até queria que Davi interpretasse mal a parábola, porém, estava junto para oferecer a explicação ao rei no momento do erro interpretativo. No caso, a parábola tinha o propósito de revelar a qualidade do erro do próprio rei. Se Davi houvesse interpretado corretamente a parábola, teria dito ao profeta já no versículo seis, "O que farei agora que cometi tamanho erro e ainda mais está morto o dono da ovelha?". Houve, porém, uma falha de

---

[502] *ibid.*, 69.
[503] HARBIN, "RE: Êxodo 3".
[504] LEVENSON, 91.
[505] BRUEGGEMANN, 20-21.
[506] Jó 19.25.
[507] ERICKSON, *ITS*, 402, HESCHEL, 138, e MOODY, 309, 327.
[508] Lucas 15.11-32.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

interpretação por não reconhecer o tipo de linguagem empregada pelo profeta. Neste caso, a falha interpretativa foi intencionada pelo próprio profeta para efeito de convicção que causaria. No entanto, esse problema pode suceder também ao intérprete do texto bíblico na atualidade. Se o intérprete não perceber o tipo de linguagem empregada pelo autor do texto, pode chegar a distorcer a intenção e a mensagem do texto.

Normalmente uma leitura cuidadosa já indica para o leitor o tipo de linguagem que está sendo empregada, mas nem sempre isso é tão óbvio por causa das próprias expectativas do intérprete. Em Êxodo capítulo doze, espera-se pelo contexto uma continuação da linguagem descritiva que vem sendo empregada desde o capítulo primeiro. Espera-se ver no capítulo uma crônica dos acontecimentos da noite da primeira celebração da páscoa. Se o leitor ler com cuidado, porém, perceberá que o tipo de linguagem sofre uma modificação da crônica histórica. No versículo 10, fala-se de não deixar a carne do cordeiro ficar até a manhã, mas deveria ser uma crônica dos eventos da noite na qual o povo saiu do Egito à meia-noite! O versículo 15 trata de o povo não poder comer pão com fermento sob a pena de ser cortado de Israel. Israel ainda não existia, e o povo ainda estava no Egito! Entende-se também que a ordem para comer pão sem fermento por sete dias remontava à experiência da fuga corrida quando não havia tempo para que a massa do pão crescesse antes de assá-lo.

Fica claro, portanto, que um texto foi inserido dentro da descrição histórica do evento que espera-se encontrar neste capítulo. Êxodo 12.1-20 muda o tipo de linguagem empregada, mesmo que não ofereça um alerta ao leitor referente à mudança. Inserida aqui, encontra-se a descrição da fórmula da celebração do povo de Israel referente à sua participação no memorial do evento referido, atuando como comentário oferecido em conjunto com a descrição histórica. Encontra-se, então, um texto litúrgico no meio de uma descrição histórica[509]. No versículo 21, o texto retoma a narrativa crônica do evento, o texto sofrendo outra modificação no tipo de linguagem. A intenção do autor não era criar confusão, mas de ligar a prática ritual da celebração ao fato histórico para o qual aponta. Respeitando o tipo de linguagem empregada, vê-se a intenção do autor e a interpretação devida é clarificada.

É comum encontrar linguagem figurada ou simbólica que apresenta uma verdade (comunica), mesmo que a forma de expressão fuja de padrões normativos. Não há confusão, desde que se compreende que a linguagem não pretende comunicar de forma literal. Um anúncio no jornal leva a foto de uma jovem que tem um cabo paralelo fixado na testa. O anúncio tem com a foto as palavras "ULBRANET. Ligue-se já."[510]. Outro anúncio no jornal mostra um gafanhoto arrancando uma mordida de uma peça metálica automotriz, com a frase "Cuidado com a peça bichada"[511]. Outra página mostra um carro esportivo saindo de dentro de uma tela de computador com o título, "Caia na rede"[512]. Reconhecendo os aspectos figurativos de um texto é essencial para a compreensão de sua mensagem.

Estilo Literário:

Uma área de estudo bíblico que vem sendo até então pouco visto é a análise dos estilos literários empregados na literatura bíblica. Certas definições são claras e vem sendo respeitadas. É fácil

---

[509] DURHAM, 158.
[510] *Zero Hora*, V, 12.
[511] *Zero Hora*, SR, 3.
[512] *Zero Hora*, SR, 1.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

definir entre poesias, narrativas, discursos, sermões, visões e literatura apocalíptica†. Por outro lado, muitos textos bíblicos utilizam de várias formas literárias, sem necessariamente avisar o leitor de uma mudança de estilo.

A dificuldade de definir e respeitar o estilo literário é ainda mais severa quando se depara com o texto em tradução. Por norma bem arraigada encontra-se o texto bíblico em português dividido por versículos, nem ao menos respeitando limites de parágrafos ou versos poéticos. Tal dificulta para que o leitor lembre que o texto é mais do que uma coletânea de frases. Em lugar de ler passagens completas, o leitor é estimulado a ler apenas frases incompletas, divorciadas do seu contexto imediato e desligado de qualquer função literária maior.

Tratando o texto a partir das línguas originais (hebraico, aramaico† e grego), deve-se lembrar que a forma escrita do texto bíblico originalmente nem ao menos fazia distinção entre as palavras. TODOOTEXTOERAESCRITODEFORMACORRIDAEMLETRASMAIUSCULASSEMPONTUACAOOUACENTUACAOGRAFICAENEMMEMSOCOMESPACOENTREASPALAVRASDOTEXTO. O povo que escrevia e lia textos nesta forma sabia apreciar as diferenças estilísticas sem necessidade de se apoiar nas diferenciações escritas que se utiliza hoje como norma. Para o leitor atual, no entanto, a forma escrita original, mesmo que transmitido por outras formas de escrita, dificulta ainda mais para que o leitor defina com precisão o estilo literário que está sendo empregado em alguma dada passagem. Isso porque há brechas entre a recepção de textos e as inferências estilísticas antigamente passadas de forma oral.

A razão que o estilo literário deve ser respeitada tem vínculo com o tipo de linguagem. Esperamos uma linguagem mais figurada e menos literal quando se trata de verso poético, visão profética, ou apocalíptica†. Espera-se algo mais literal em passagens legislativas ou crônicas históricas. Em certos casos, no entanto, o texto bíblico insere um estilo dentro de outro, utilizando-se de uma mudança verbal para ajudar o leitor fazer a distinção de estilo. O modo de diferenciar estas modificações de estilo nem sempre tem sido bem transmitido no processo de tradução do texto. Como exemplo, pode-se ver a passagem acima mencionada de Êxodo 12. Em meio à crônica histórica, encontra-se um comentário a respeito da forma adequada de celebrar o Pêssach†. De forma semelhante, encontramos Gênesis 9.16 sendo uma resposta litúrgica inserida na crônica histórica. Também no livro de Jó encontra-se um prefácio e uma conclusão em prosa, sendo a maior parte do livro poética[513]. Outras passagens bíblicas são até únicas em termos de estilo literário[514], o qual complica o esforço exegético para definir o sentido e a forma de emprego das palavras em uso.

O estilo literário de um texto define certas características e expectativas essenciais para a sua compreensão e interpretação correta. O estilo ajuda o leitor a ver o que está fora da norma no texto lido. Na maioria dos casos da leitura normal, este processo é feito sem qualquer esforço, pois já se conhece o tipo literário antes de começar a ler um texto.

Se um texto começar com a frase "era uma vez...", já se sabe que o que se segue não é uma crônica histórica, mas um conto da imaginativo. Assim, as marcações do estilo ajudam o leitor a saber como interpretar o texto que segue—neste caso não de forma literal, mas por analogias ou similitudes de formas de agir que se possam assemelhar às necessidades e a vivência do quotidiano do indivíduo. Procura-se em tal texto ver que aspectos se assemelham à vivência individual para então extrair alguma lição pessoal, mas nunca para asseverar e identificar com precisão todos os fatos históricos e detalhes científicos contidos na narrativa.

---

[513] The Talmud refers to Job as never having lived and that the book is a parable, *cf.* citation of Baba Bathra 15*a* in COHEN, 145.

[514] A exemplo, Gênesis 2 e 3 são bem distintos do resto do relato bíblico, e não tem antecedentes na literatura dos povos vizinhos de Israel.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

De modo igual, quando Jesus diz "O reino é semelhante a..." já não se espera ouvir a seguir o registro de um fato histórico, nem uma profecia futurística. O que se espera ouvir uma parábola ou uma similitude da qual extrair uma comparação entre o relato de Jesus e algum aspecto do vida no reino de Deus. Quando um texto começa com "Esta é a genealogia de...", muitos leitores simplesmente pulam para outra porção de texto sem ler a passagem referida. Fazem assim por causa de seu reconhecimento dos marcadores estilísticos† para listas de genealogias e estas listas não são de seu interesse literário. Geralmente estas pessoas preferem ler um texto que começa com uma frase como "Paulo, servo de Jesus Cristo aos santos em...", pois com esta frase sabem que trata de uma epístola de Paulo.

Frases como essas servem como marcadores estilísticos† que ajudam o leitor a identificar a forma literária do texto a seguir. Nem sempre os marcadores estilísticos† são tão óbvios, mas são importantes para uma boa compreensão e interpretação do texto. Em decorrência do seu estilo, versos poéticos tem mais licença para fugir de padrões de interpretação literal do que a prosa geralmente recebe. Há, no entanto diferentes tipos e estilos de prosa. Um texto em prosa pode conter ironias cuja presença afeta em muito a interpretação de uma passagem ou frase. Outro texto em prosa pode ser uma crônica histórica, e outro um sermão. Dentro de uma passagem em prosa pode-se encontrar uma porção de verso poético que interrompe o estilo em uso[515]. Olhando cuidadosamente para o estilo literário sendo empregado, tem-se um melhor posicionamento para a interpretação digna de uma passagem.

Limitações do Leitor:

Em certos casos, o leitor encontrará no texto da narrativa bíblica uma palavra, uma frase ou um conceito que não é esclarecido pelo contexto e não se encaixa dentro do referencial do leitor. É necessário lembrar que a leitura do texto e sua interpretação devida não é um processo de pesquisa científica que sempre dará respostas de pronta entrega. O leitor terá que viver com certas dúvidas referentes a certas passagens, reconhecendo as suas próprias limitações de interpretação. Não existe caixa tamanha para conter Deus, nem um molde de fabricação humana no qual cada texto bíblico se encaixe perfeitamente. Como exemplo, a compreensão da encarnação de *YHWH* em Jesus Cristo excede a compreensão humana. O gráfico a seguir pode ser de ajuda em compreender o mistério, mas não fará justiça† ao mistério da encarnação divina[516].

Ao encontrar um texto difícil, a responsabilidade de fazer uma leitura criteriosa do texto aumenta. Aumenta também a necessidade do leitor apoiar-se em Deus em meio à falta de compreensão. Deus não muda, porém a interpretação humana do texto pode mudar através do estudo e da iluminação divina. Por outro lado, a Bíblia indica[517] que nem tudo está ao alcance da sabedoria humana. Deus não se preocupa em responder todas as dúvidas e perguntas do homem, pois nem todas são de interesse real. A curiosidade humana em si não é má, pois é por meio dela que se aprende. Não é lícito, porém, exigir respostas referentes às curiosidades, antes de aceitar o que o texto ensina claramente. O homem é responsável pelo que conhece e a convocação

---

[515] Em Êxodo 15.1-22, o texto em prosa é interrompido duas vezes com porções de versos poéticos.
[516] Deus em Cristo Jesus entra na "linha de espaço e tempo", tornando-se igual ao homem, porém Deus ao mesmo tempo transcende as limitações de espaço e tempo. É algo semelhante, porém além do exemplo de uma linha unidimensional que passa por meio de um plano bi-dimensional. O ponto de interseção pertence ambos à linha e ao plano, porém a linha é finita demais para em qualquer momento conter tudo que é o plano. O infinito não cabe no finito, como duas dimensões não podem ser contidas numa só.
[517] Veja o livro de Jó e as perguntas que Deus o faz, Jó 38-41.

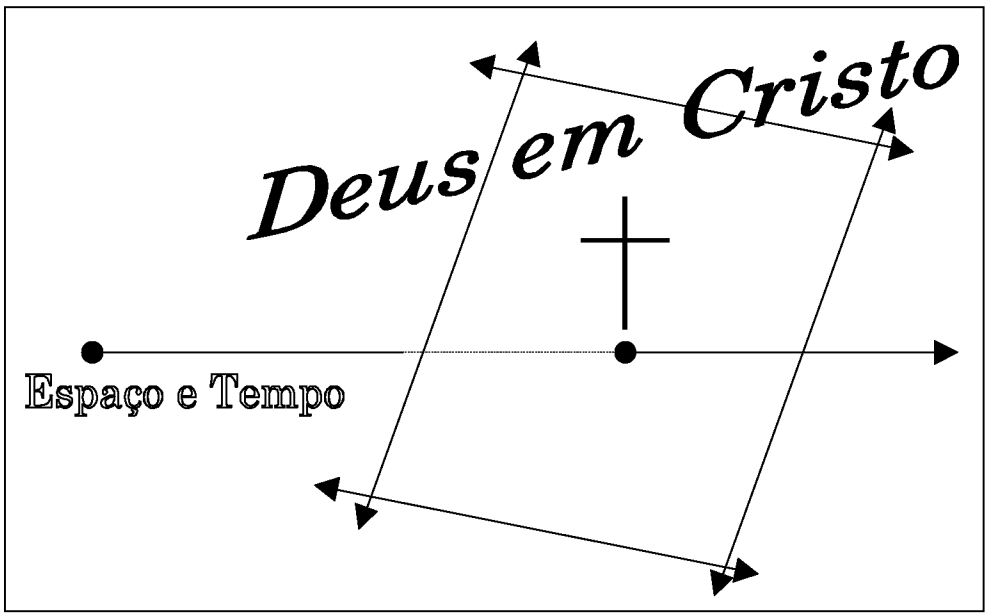
 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

divina exige compromisso com Deus desde o chamado à obediência, sem importar a compreensão ou falta de compreensão dos detalhes.[518]

É bom lembrar, também, que a revelação bíblica tem origem na limitação humana para compreender o Criador e Sua vontade. Se o homem tivesse pleno conhecimento, a revelação bíblica não teria sido necessário. Por causa da incapacidade do ser humano para compreender o infinito é que *YHWH* se revelou. Logo o homem deve lembrar-se de suas limitações ao aproximar-se para interpretar a revelação divina.

Algo dessa limitação pode ser vista nas palavras de Harrelson:

> *Israel não sabe o significado completo do nome divino. Ela conhece nada, ou quase nada, sobre o céu. Ela pode falar do poder de Deus em hino e salmo de ações de graças, pode figurar a sua presença acompanhadora em tempo de batalha, pode falar de seus atos de juízo e salvação. Mas ela não poda capturar a essência, a natureza de Deus em qualquer tipo de imagem plástica*[519].



Em termos de revelação, o leitor é limitado primeiramente ao texto bíblico. A Bíblia é a regra de fé e prática. Isso não quer dizer que todos concordarão na interpretação devida de uma dada passagem. Quando um texto apresenta dificuldades interpretativas, o leitor responsável estuda com mais cuidado e usa cautela referente às suas conclusões interpretativas. O texto claro sempre deve ter mais peso de que o texto enigmático† (de difícil interpretação), porém nem sempre se terá uma conclusão definitiva sobre um texto difícil. O próprio Apóstolo Paulo disse que "agora conhecemos em parte"[520]. O enfoque, então, deve sempre cair sobre a mensagem clara do texto, não sobre assim chamadas "mensagens escondidas". Segundo disse um aluno do Programa de Educação Teológica por Extensão, "Se o texto não diz, não inventa!"[521]. Permanece, então, a

---

[518] Há também indícios de que o homem é responsabilizado por coisas que não compreende, pois é sua responsabilidade compreendê-las. Em Lucas 24.25-26, Jesus demonstra que os discípulos deveriam ter compreendido e aceito a palavra dos profetas. Deuteronômio 11.16-22 indica que o povo de Israel deveria memorizar toda a lei de *YHWH* para poder cumpri-la na sua íntegra e assim herdar a terra prometida. Não havia espaço para alegar falta de conhecimento.

[519] HARRELSON, 17.

[520] 1ª Coríntios 13.12.

[521] Alunos PETE.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

necessidade de procurar com diligência a mensagem originalmente intencionada dos autores bíblicos, para que possa então ser aplicado também ao contexto atual.

Gênesis 9.1-17:

Encontra-se nesta narrativa a iniciativa de Deus para estabelecer um novo pacto com Noé e os seus filhos, também como com toda a criação. Esta iniciativa inclui bênção e promessas divinas para proteção e redenção que *YHWH* (יהוה) oferece à sua criação que restabeleceu. De certa forma o pacto não é tão diferente da forma que *YHWH* agia, mas agora *YHWH* estabelece certas limitações para sua ação futura.

Arco:

Nesta passagem encontra-se a conclusão da narrativa do dilúvio, Deus confirmando sua aliança com a criação. O arco mencionado no texto como símbolo desta aliança renovada por Deus é geralmente tomado como sendo o arco-íris, porém o texto não é tão claro a respeito. O que é claro é que este arco cobre toda a terra e a protege[522]. De acordo com a cosmologia† hebraica, podia-se entendê-lo até como sendo o próprio firmamento† que Deus havia reconstituído para separar as águas de cima das nuvens, para que houvesse terra seca.

Um intérprete tem visto no arco a possibilidade de o arco representar uma arma [arco e flechas], sendo que o Criador ganhou a sua vitória sobre o caos como também de sua inclinação a punir[523]. É certo a questão de que o texto apresenta Deus modificando a sua atuação de disciplinador a protetor da criação. Nesses termos, o arco parece indicar o firmamento† da cosmologia† hebraica. No entanto, como o texto não explica bem o termo usado, a interpretação do termo deve ser mantida como imprecisa.

Valor da Vida:

Parece que o enfoque divino na nova 'aliança' após o dilúvio tem a ver com o valor intrínseco da vida, e da vida humana em destaque. Dentro da aliança, seja a promessa de Deus, ao homem é dada responsabilidade de cuidar da criação e respeitar a vida das demais criaturas. Deus quer que o homem novamente se multiplique sobre a face da terra, porém no contexto de respeitar a nova criação, pois exige do homem um certo prestar de contas[524] como de um mordomo[525].

A primeira vista, esta passagem parece ampliar a liberdade dada por Deus referente à comida, sendo que a humanidade é dada abertura para comer não apenas plantas, mas também carne. Olhando mais de perto aos capítulos três a sete mostrará, no entanto que a carne parece já fazer

---

[522] WOLDE, 132.
[523] MENDENHALL citado em BRUEGGEMANN, 84.
[524] Gênesis 9.5.
[525] WOLDE, 128-131.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

parte da dieta humana[526]. Ao ser humano é dado margem para comer não somente das plantas, mas também dos animais. A ressalva do texto é que estes animais devem ainda assim serem respeitados. Suas vidas podem bem serem sacrificadas para prover alimento ao homem, mas esta vida deve ser respeitada.

O hebreu† tomava o sangue como símbolo de vida[527]. Esta vida deveria ser respeitada como pertencendo a Deus que a deu[528]. Nos cultos de vários povos da época, o sangue era usado no sentido de apoderar-se da força vital do animal[529]. No sistema sacrifical hebreu, o sangue era usado para mediar a presença do ofertante perante Deus. O mandamento aqui indica que a vida (sangue) não deve ser desrespeitada dessa forma, pois não foi dada para mantimento humano. Valorizando a vida, o narrador indica que não deve ser comido o sangue[530]. O homem deve, então, respeitar o que Deus criou e curvar-se diante do Criador, reconhecendo a sua posição de mordomo do mundo criado por *YHWH* (יהוה).

Liturgia:

No relato da aliança aqui demarcada, aparece no versículo 16 uma frase que soa uma nota distinta do resto da passagem. Em meio às palavras de Deus sobre a aliança que está sendo promulgada encontramos este versículo que é de certa forma uma interrupção. Interrompe de tal forma que para prosseguir no versículo 17 o narrador enxerga a necessidade de usar a frase "E disse Deus a Noé ainda...". No versículo 16, encontramos algumas distinções gramaticais perante os quais Deus se encontra sendo tratado em terceira pessoa na frase, indicando uma mudança na identificação do sujeito do versículo. É agora o povo que ouve o relato que está falando neste versículo, apropriando para si os efeitos do pacto perpétuo de Deus perante a criação.

Essa frase indica, portanto, que o texto inclue aspectos especificamente litúrgicos na sua formulação atual. Aqui temos uma forma do povo responder à narrativa, aceitando a sua validade de forma pessoal. O versículo 17 fecha a passagem, indicando aqui com a descrição das palavras de Deus que Deus permanece atento para também resguardar o pacto que tem afirmado.

Unidade Narrativa:

A ênfase da narrativa tem como cerne a aliança promulgada por Deus para proteger o mundo e a vida criada. A aliança promove confiança na provisão e na sustentação da criação pela iniciativa divina. Deus tem se mostrado confiável em sua palavra desde a primeira narrativa de Gênesis. Tudo que Deus há planejado tem se cumprido conforme a Sua palavra. Com esta base de confiabilidade, Deus agora firma a Sua aliança com a humanidade, para não mais destruir a terra ao fazer desabar o firmamento†, deixando tudo se perder noutro imenso dilúvio.

---

[526] No capítulo três, Deus veste o ser humano em peles. Abel pastoreia animais, e Noé distingue entre animais limpos e imundos, uma designação de quais animais podiam ser comidos.
[527] Gênesis 4.10-11; 9.4-5.
[528] Gênesis 6.3.
[529] Tem vínculo com os conceitos por detrás da prática dos índios da América do Norte, que tomavam o couro do cabelo e os aztecas que tomavam o coração do guerreiro para sacrifício e comida.
[530] Sangue é um símbolo da vida, confrome retratado em Gênesis 9.5-6.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

A ênfase da aliança é de proteger e dar valor à vida—tanto humana como animal. *YHWH* (יהוה) promete proteger a vida sobre a terra, enquanto exige do ser humano um respeito pela vida animal e do ser humano ao seu lado. Esta temática de proteção da vida e da criação em geral faz lembrar a ruína da criação efetivada pela raça humana, conforme descrito no capítulo seis. O ser humano tem se mostrado inconfiável e destruidor. Em resposta, a aliança divina ressalta a responsabilidade de seu mordomo para proteger e cuidar da terra posta aos seus cuidados.

O pecado permanece um problema, mas até este ponto a sua presença está em pausa. Noé tem sido exemplar por confiar plenamente em Deus, obedecendo todas as instruções que lhe foram dadas. Não houve até aqui nenhuma iniciativa própria sua, apenas obediência, confiança e dependência. Agora a aliança será colocada a prova na seguinte porção da narrativa. Deus tem se mostrado fiel, agora depende do ser humano aceitar a sua responsabilidade de responder a Deus em confiança.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Reflexão:

Em essência, o pacto com Noé é o mesmo pacto que Deus havia oferecido de primeira instância para o homem desde a criação. Agora porém, há uma distância marcada entre a raça humana e o resto da criação. É lícito comer carne, mas o mesmo era já implícito antes do dilúvio, como se pode ver na atividade pecuarista de Abel. O outro aspecto mais significante de mudança gira em torno da promessa divina de não destruir a terra novamente com um dilúvio. A terra foi criada por Deus, entregue aos cuidados do ser humano, mas será protegido agora por Deus.

O pacto de Deus não é apenas para o ser humano, mas engloba todo ser vivente da terra. O interesse divino vai além do ser humano, pois toda criatura é preciosa para Deus. Existe no pacto, portanto uma ressalva contra o desprêcio da vida alheia. O sangue era considerado o cerne da vida do animal, pelo qual não deveria ser comido em sentido de apoderar-se da vida de outro. A vida pertence apenas a Deus, e é valiosa para o Criador. Como Deus respeita a vida de Suas criaturas e promete proteger a terra contra um futuro dilúvio, o ser humano também deve respeitar a vida e proteger a criação de Deus.

Deus é Senhor de toda a criação, e preocupa-se com suas criaturas. Ao ser humano é dado a posição de mordomo sobre a criação. O mordomo deve respeitar a vida dos demais, lembrando a quem a vida pertence.

Gênesis 9.18-10.32:

Nesta primeira parte desta passagem[531], encontra-se uma introdução para a genealogia ou "tabela das nações" a ser apresentada a seguir no capítulo 10.1-32. Como fica claro nesta passagem, o mal não foi erradicado com o dilúvio[532]. As ações de Cão são explicitamente apontadas como

[531] Gênesis 9.18-29.
[532] BRUEGGEMANN, 84.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

desrespeitosas e desonrosas[533], mesmo que não haja clareza quanto ao pecado específico de Cão aparte de desonrar ao pai[534]. O enfoque da narrativa centra-se neste filho, não no pai.

Há ensino de outras partes das Escrituras de que a embriaguez é algo para ser censurado. Mesmo assim, a questão da embriaguez de Noé não é de interesse particular. É até possível entender que Noé esteja sendo colocado como decadente, mesmo se antes prestigiado como homem justo e reto[535], mas o enfoque realmente não recai sobre ele. O relato revela a questão da superprodutividade da terra. O assunto real é o relacionamento entre os irmãos, especificamente em relação futura a Israel no contexto político das nações ao seu redor na época de Salomão[536].

Como é aparente no texto, o narrador não se interessa em especificar com precisão o erro de Cão[537]. *YHWH* (יהוה) não tem ilusões de que o pecado fora erradicado com o dilúvio, pois o caráter humano permanece inclinado à maldade e ao erro[538].

Sem, "Nome":

O nome dado ao filho primogênito de Noé é simplesmente o termo hebraico que significa simplesmente "nome"[539]. O termo *shem* (שם) designa um sinal externo que marca uma distinção pessoal, seja o nome do indivíduo. Este nome, porém indica a pessoa em toda sua essência, podendo dizer que erradicar o nome equivale a aniquilar a pessoa[540]. Por conseqüência, este fato revela certa declaração de que o povo de Israel é o "povo do nome", ou seja, seguidores do nome. Há certa tradição rabínica que pronuncia o nome de Deus como *ha-shem* (השם—"o nome"), funcionando então como substituto e referente a *YHWH* (יהוה), Deus de Israel[541], como também é usado na passagem de Levítico 24.10-16.

Unidade Narrativa:

O povo que se via como seguidores e propriedade peculiar de *YHWH* (יהוה) encontrava-se em meio de muitos outros povos. Um aspecto muito significante da narrativa é que ela indica que todos estes povos diferentes são essencialmente irmãos. Enquanto as nações geralmente denigriam as demais nações e contavam histórias de como seus deuses haviam criada a sua nação individualmente, o povo hebreu† compreendia e defendia o fato de todas as nações estarem debaixo do senhorio de *YHWH*, sendo todos criaturas de igual valor a Deus.

A narrativa faz e reconhece uma distinção entre Israel e os cananeus, mas no mesmo instante reconhece a sua irmandade com as demais nações, incluindo os seus vizinhos. Quando comparado com a prática comum de completo desrespeito ao estrangeiro, esta distinção é muito importante. A diferença feita entre o povo hebreu† e os seus vizinhos não é uma criação peculiar, mas sua inclinação de servir a *YHWH* dignamente. Canaã fora maldito pela escolha

---

[533] WENHAM, G., 198.
[534] WOLDE, 146.
[535] WENHAM, G., 199.
[536] BRUEGGEMANN, 89 e 91.
[537] *ibid.*, 90.
[538] WOLDE, 149.
[539] *ibid.*, 155.
[540] HARRIS, 1578-1579.
[541] WOLDE, 155.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

imprória do filho de Noé—pela ação, não por falta de valor inerente. Como todos tem a mesma origem e valor, todos são dignos de receber os benefícios da aliança de Deus e a atenção do povo que se chama pelo nome de *YHWH*.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

No dilúvio, *YHWH* (יהוה) criou o mundo novo. Limpou a terra do pecado e deu um novo começo a tudo. O pecado, porém, logo ergeu o seu rostro na desonra do filho de Noé. O próprio Noé se mostrou menos que digno no registro de sua primeira palavra pronunciada, "Maldito!". Havia uma expectativa de que em Noé o mundo receberia alívio da maldição do pecado, mas nada mudou no interior do ser humano para que se cumprisse o anelo.

O dilúvio destruiu a terra e Deus a fez novo, mas a desconfiança do ser humano continuou a ter os seus efeitos. Entre os filhos de Noé, ineqüidades continuam a confundir e machucar a união familiar, criando afrontas e conflitos.

Existe ainda esperança, mas não através de iniciativa e ação humana. A esperança está naquilo que Deus faz. O ser humano novamente se multiplica sobre a face da terra conforma a ordem de Deus, e é no desenvolvimento dessa história que Deus intervirá novamente para redirecionar a história para prover alento e esperança com a descendência daqueles que se chamam pelo nome de *YHWH.*

Gênesis 11.1-9:

Esta narrativa bem conhecida apresenta a crise da criação na época posterior ao dilúvio[542]. É apresentado como um paralelo a Gênesis 3, no sentido da rebelião humana contra os limites e as diferenciações entre o divino e o humano[543]. Semelhantemente é usado como um paralelo ao capítulo 10, como também capítulos 2-3 paralelam o relato do capítulo primeiro[544]. Percebe-se que a cronologia deste relato não segue a genealogia do capítulo anterior, mas de alguma forma encontra-se dentro do tempo da genealogia. Esperar-se-ia nesta narrativa um estado positivo para a criação com base nas promessas feitas após o dilúvio, porém esta passagem entrega uma surpresa em tal contexto[545].

Ao chegar ao versículo 4, a narrativa apresenta que o povo resolve fazer para si um nome. Como foi discutido na seção referente a Gênesis 9.18-10.30,[546] o termo aqui (*shem* [שם]—"nome") também tem certa conotação associado a *YHWH* (יהוה). Como o termo também gera conotações de renome e de progeneidade, ainda mais espelha-se a idéia de que a humanidade visa tomar o lugar de *YHWH,* questionando a sua soberania[547]. Mesmo que esse aspecto do termo não

[542] BRUEGGEMANN, 97.
[543] MAYS, 93.
[544] WOLDE, 164.
[545] BRUEGGEMANN, 97.
[546] Veja página 110.
[547] MAYS, 93 e MCCAULEY, 32.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

seja necessariamente central ao seu emprego, pode contribuir algo da noção de que as atitudes humanas aqui apresentadas ambos contrariam a vontade de *YHWH* e denotam um desejo de usurpar a autoridade do Criador. Estes dois aspectos são claros no tratamento da narrativa, os quais podem encontrar algum apoio na colocação mencionada referente ao emprego deste termo no contexto da narrativa genealógica anterior.

É esta busca ou desejo de ter poder que traz eventualmente a justiça† ou juízo de *YHWH* sobre o povo[548]. Em contraste à soberba apresentada pela humanidade em seu esforço para usurpar o lugar de Deus, o narrador ironiza que *YHWH* encontra-se forçado a baixar-se do céu para enxergar esta torre que deveria ter o seu topo acima na morada de Deus[549]. Encontra-se nesta narrativa, então, um símbolo poderoso dos resultados da tentativa humana para viver segundo sua própria orientação e conselho em oposição aos planos de Criador[550]. Quando o homem tenta colocar-se em oposição a Deus, por um tempo ele consegue alguma coisa, mas a palavra final é de *YHWH*[551].

Unidade Narrativa:

Como nas narrativas anteriores, esta enfatiza a desconfiança que o ser humano tem para com Deus. A ironia contra a Babilônia† está presente no texto, mas não é a chave para a sua compreensão. O enfoque do narrador é no desprezo do ser humano pelos mandamentos de *YHWH* (יהוה) em contraproposta da soberania divina. Aqui a desconfiança encontra-se em conflito direto com os mandamentos de Deus, não em nível individual, mas corporativo.

A humanidade planeja contrariar a vontade divina, chegando até o ponto de traçar como objetivo o destronamento de Deus, fazendo *ha-shem* (השם—"o nome") para si. A usurpação do trono do universo era arrogância demais, porém era o plano proposto aqui. O narrador ironiza a tentativa como insignificante perante a grandeza de *YHWH*. No final, o ser humano acaba cumprindo com o desígnio de Deus, espalhando-se pela terra e enchendo-a, fazendo grande não o nome do homem, mas *ha-shem* (השם) o nome de Deus. O ser humano insignificante que em arrogância age contrariando a vontade de Deus, acaba sendo revelado como dependente do Altíssimo.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

_____

[548] HAMILTON, 52.
[549] MAYS, 93.
[550] WENHAM, G., 245.
[551] MCCAULEY, 33.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

Deus queria que o ser humano se espalhasse pela face da terra. Deu ordem que se multiplicasse e enchesse toda a face da terra que havia criada. Deus pretendia suprir as necessidades do ser humano, como havia criado a própria terra com esse mesmo propósito. Havia provisto sustento alimentar, terra produtiva, e tudo mais necessário para suprir as suas necessidades.

O ser humano, porém, andava desconfiado. Não queria depender de Deus, nem de obedecer as ordens do Criador. Em lugar de confiar na provisão divina e o amor de Deus, o ser humano

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

resolveu traçar planos para tomar o lugar de Deus para si. Projetou uma enorme torre para o levar até a corte celestial, onde pretendia destronar ao rei do universo, usurpando o Seu lugar.

A torre foi começada com materiais de segunda e não tinha chance de alcançar os céus. Mesmo assim, Deus não esperou a obra terminar por desabamento. Deus interveio e enviou o ser humano novamente para multiplicar-se e encher a face de toda a terra, desta vez à força de confusão por uma miríade de idiomas. O ser humano, portanto, cumpriu o desígno de Deus em termos do mandamento específico. Por outro lado, perdeu a bênção maior do relacionamento de confiança em Deus.

Se o ser humano houvesse confiado, não haveria a necessidade de ansiedade que o levou a projetar a torre. Não se teria envolvido em traçar planos para usurpar o lugar de Deus. Em vez de tentar tomar para si uma posição impossível, poderia ter aceito o caminho melhor de servo e mordomo do Altíssimo.

Será que nós também não nos encontramos na mesma dificuldade? Será que é necessário que lutemos contra as instruções de Deus por falta de confiança no Seu amor e na Sua provisão? Às vezes Deus nos chama a seguir caminhos que nos trazem certa angústia e incerteza. Será que Deus não é fiel o suficiente para confiarmos n'Ele?

Deus criou o mundo para suprir todas as nossas necessidades. Deu intruções para nossa melhor conduta. Desde o início, porém, agimos contrariando as suas instruções e planos. Tentamos tomar para nós mesmos o lugar de Deus, mas não conseguimos desempenhar o papel de forma adequada.

Na cruz, Jesus mostrou o tamanho do amor de Deus. Entregou a Sua vida para revelar as boas intenções do Criador. Tinha todo direito de recusar a morrer daquele jeito, mas entregou-se em nosso benefício. Revelou ali também a grandeza da nossa desconfiança e rebeldia. Mostrou o quanto nós lutamos contra aceitar o senhorio de Deus. A cruz, porém, foi um pouco diferente que a torre de Babel. Na torre o ser humano não enxergou a presença de Deus em seu meio. Mas Deus estava ali. Na cruz, Deus não somente está presente, mas oferece ao ser humano acesso direto ao trono do universo. Temos acesso direto a Deus. É necessário, porém, entregar a vida em submissão e confiança para receber a bênção. Tentativas de usurpação nunca alcançam o trono de Deus. Deus, porém, está disposto a trazer o seu trono para dentro de nós.

Que ironia! O ser humano queria tomar o trono do universo para si, mas não o alcançava. O Senhor do Universo estava presente bem próximo, mas tinham os olhos voltados apenas para si mesmos e não O enxergavam. Deus já ofertava, mesmo então, acesso à sala do trono, mas o homem que queria possuí-lo não alcançava. O que fazemos nós com o acesso que nos é extendido? Será que estamos prontos a confiar em Deus e receber a bênção de Sua presença? Ou será que estamos ainda tentando reclamar posse de um trono que nunca nos pertencerá?

Gênesis 11.10-30:

Com esta narrativa, anela-se um novo começo da iniciativa divina, primeiramente proclamado sobre o vazio, depois sobre a destruição do mundo pelo pecado, agora sobre a esterilidade[552].

---

[552] BRUEGGEMANN, 97.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Como seria possível um novo começo para a humanidade quando a esposa do homem justo encontra-se estéril? Para que a humanidade alcance a meta do Criador, existe aqui a necessidade de intervenção do mesmo. Assim, termina a história premeva, introduzindo os planos de *YHWH* (יהוה) para resgatar a humanidade e criar novamente vida em meio a caos, desordem, e morte. O que o ser humano não consegue, *YHWH* intervém para realizar, sempre atuando em benefício da humanidade, o seu tesouro pessoal. Em Abrão, *YHWH* criará um novo povo, dando mais um começo e impulso para a humanidade, refletindo no homem a identidade do criador.

Um estudo detalhado das genealogias revelará que Noé teria falecido apenas 43 anos antes do nascimento de Abrão, enquanto que Abrão chegasse aos cento e sete anos de idade quando morre Sem, filho de Noé![553] Esse detalhe contraria a montagem do cenário, pelo qual se espera enxergar um grande espaço de tempo entre Noé e Abrão. As idades aqui refletem uma tendência a encaixar a longevidade dos indivíduos nos parâmetros de Gênesis 6.3, limitado a 120 anos. De certo as idades são decrescentes desde Sem, com 600 anos, até Tera, com 205 anos. Atenção aos detalhes numéricos aqui é distração da intenção do narrador, o qual quer desenvolver continuidade e distância temporal de Noé e o dilúvio para com Abrão.

Unidade Narrativa:

Esta porção narrativa fornece um espaço de tempo entre o dilúvio e o aparecimento de Abrão. Vindo logo depois da narrativa da torre de Babel e da genealogia do capítulo 10, cria-se uma certa distância entre o dilúvio e Abrão para que o ouvinte consiga ver a terra repleta de gente quando Abrão entra em cena.

Depois do dilúvio, a terra parece brotar de forma intensamente fértil, incluindo a rápida povoação da terra pela raça humana. Agora na narrativa de Abrão, a infertilidade entra em cena. No contexto da época, questões de fertilidade era muito mais sérias do que no contexto atual. Todo aspecto da vida, não só de riqueza, mas mesmo a própria sobrevivência era considerado dependente da fertilidade dos campos, dos rebanhos e dos seres humanos. Sem que o narrador mencional especificamente, parece que esta infertilidade é fruto de nova desobediência humana, pois esta seria a compreensão normativa do assunto. O pecado novamente há se multiplicado sobre a terra, e a raça humana depende de *YHWH* (יהוה) para intevir de novo, recriando um espaço apropriado para a vida como fora esta projetada a ser. A necessidade do ser humano está para ser suprida por Deus, pois o ser humano não consegue suprir as suas necessidades, apenas cria para si novos problemas.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____ _____ _____

_____

[553] Veja quadro em anexo "**Datas no Pentateuco**", na página 179.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

Deus havia dito ao ser humano para espalhar-se sobre a terra, e na descendência de Noé pode-se enxergar o cumprimento da ordem. Deus também havia determinado a limitação da longevidade humana a 120 anos, o que pouco a pouce se vem tornando realidade nas idades refletidas na genealogia. O mundo, portanto, parece estar engrenando em conformidade com os planos de

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

YHWH (יהוה), porém a desconfiança do ser humano continua também gerando pecado e as duas conseqüências desastrosas na criação. Assim enxerga-se a limitação da fertilidade no final desta passagem, necessitando que *YHWH*, Deus da Vida, entre novamente em ação para alterar as conseqüências do pecado.

A criação enfrenta problemas que tanto provém da desconfiança do ser humano como dependem da intervenção divina para sua resolução. A saída para a humanidade não é de inventar novas soluções e maneiras de reverter as catástrofes, mas de confiar e depender de Deus para mostrar o caminho a seguir. Em meio à esterilidade, Deus pode operar vida e fertilidade. O difícil é agir em confiança e submissão às instruções divinas.

Gênesis 11.31-12.9:

Na narrativa de Abraão, o texto de Gênesis sofre uma certa modificação, pois o enfoque passa um pouco (em termos superficiais) de revelar a Deus pela descrição da ação divina para agora revelar a Deus na descrição da humanidade e em especial do povo escolhido.

Os povos ao redor de Israel viam o mundo como repartido territorialmente entre os deuses de seus panteões. Na narrativa bíblica, porém, é o povo com o qual *YHWH* (יהוה) se preocupa, muito mais do que o território. No mundo antigo, esse conceito é novidade[554].

A Fé de Abraão:

É comum equacionar a fé com afirmativas de verdades teológicas. Tal não faz justiça ao aspecto relacional dos termos hebraicos e gregos para fé. O conceito hebraico exige uma confiança que implica em descansar nesse relacionamento com Deus[555].

Fé é confiar em *YHWH* (יהוה), não apenas saber ou crer coisas a respeito de Deus, pois fé é ação[556]. Nas palavras de Heschel, "Não devemos ... equacionar o ato de fé com a sua expressão. A expressão da fé é uma afirmação de verdade, um julgamento definitivo, uma convicção, enquanto a fé em si é *um evento*, algo que acontece, em vez de algo que é guardado; é *um momento* no qual a alma do homem tem comunhão com a glória de Deus"[557]. Poderia-se e deve-se ir além de Heschel, no entanto, descrevendo a fé como muito mais do que um evento, uma série de eventos num relacionamento de dependência. Este relacionamento é composto de muitos eventos nos quais se percebe a fé do indivíduo. É, porém, o relacionamento, ou seja, o compromisso relacional, que mantém o indivíduo na trajetória de fé. Esta caminhada com Deus é o que se pode mais claramente enxergar no exemplo de Abrão.

O chamado de Deus sobre Abrão exigia que ele confiasse plenamente em que Deus era diferente dos deuses dos povos ao seu redor. *YHWH* o levaria por terras desconhecidas, protegendo-o no caminho extenso onde os povos da época pensavam que os deuses estavam limitados a agir em territórios específicos. Pediu que Abrão confiasse que Deus poderia dar-lhe um futuro, mesmo

---

[554] BLOCH, 25.
[555] ERICKSON, *ITS*, 397.
[556] MOODY, 309 e 327
[557] HESCHEL, 138.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

que não tinha filho (e não tinha um conceito de vida além-túmulo—immortalidade após a morte). Pediu que Abrão confiasse que *YHWH* tinha poder sobre a esterilidade, mesmo que não havia mostrado evidência de tal capacidade. Pediu que Abrão saísse de sua comodidade e entrasse num relacionamento pessoal de confiança além de sua visão pessoal. O pedido parece ter um éco nas palavras de Jesus aos seus discípulos, "Segue-me."

Abraão não ouviu falar de Jesus. Abraão não conhecia a cruz de Cristo. Abraão não compreendia questões relativas a céu e inferno. Nunca fora batizado e não participava de cultos dominicais, nem sabáticas numa igreja, sinagoga ou templo. Abraão não tinha uma Bíblia, Cantor Cristão, Harpa, Hinário Para o Culto Cristão, nem retroprojetor com a letra de cânticos. Não participava da Escola Bíblica, nem de células da igreja. Não temos nenhum registro de altos exemplos de boas obras, a não ser o resgate de seu sobrinho (o que poderia ser interpretado em termos um tanto interesseiros e egoístas)[558] e a oferta de Isaque. Ele não tinha uma compreensão de sacrifício expiatório[559] pelos seus pecados e não levava uma vida de perfeição moral. Mesmo assim, Abraão é chamado exemplo de fé. Com que base? Como se identifica essa fé de Abraão? De que maneira se relaciona com a nossa fé?

Paulo e o autor de Hebreus tratam Abraão como o pai da fé. Nos moldes bíblicos, a fé é algo de caráter relacional. É um relacionamento de confiança, não apenas uma aceitação lógica ou "crença". O termo fé denota a forma adequada de relacionar-se com Deus e a forma conseqüente de viver nesse relacionamento[560]. "A fé salvadora exige...que a pessoa se comprometa de modo ativo com Deus"[561]. Menno, um dos reformadores anabatistas, referiu dez exemplos de heróis bíblicos que "tinham em comum uma fé viva que os levou a uma ação decisiva e ao serviço de Deus"[562]. São estes aspectos da vida de Abraão que levam a tal conclusão a seu respeito. Ele adotou uma postura de dependência e confiança em *YHWH*, seguindo caminho com Deus.

No contexto de Abrão, a mensagem divina do evangelho foi apresentada de uma forma diferente. As estruturas para a fé eram distintas, a formulação do chamado foi diferente, mas os autores do Novo Testamento (inclusive Jesus) parecem indicar que Abraão era participante do Reinar de Deus ao igual ou em posição superior aos discípulos do primeiro século. É tempo de redefinir a apresentação que fazemos do evangelho para que faça justiça com aquilo que Abraão, Moisés, Samuel, Elías, Eliseu, Mateus, Pedro, João e Paulo todos entenderam, pois o escritor de Hebreus diz que a fé sempre foi o mesmo.

Esta mensagem de boas novas foi por muito clarificada em Jesus Cristo. *YHWH* (יהוה), Criador do Universo, criou carne e ergueu sua tenda em nosso meio[563]. Tomou a iniciativa para extender comunhão ao ser humano pecaminoso. Na cruz, Deus cumpriu o papel de ofertante do sacrifício. Ao mesmo tempo cumpriu o papel de sacerdote. Foi igualmente o próprio sacrifício. Igualmente este sacrifício divino foi oferecido a Deus, comunicando aceitação incontrovertida perante o Criador e Rei Soberano.

---

[558] No mínimo, Abraão resgata a Ló por este estar sob os seus cuidados e ser família. Não aceita recompensa oferecida pelos reis por motivos éticos, ou mesmo por orgulho próprio.
[559] BARTH, 60-61.
[560] MOODY, 309 e 327.
[561] ERICKSON, *ITS*, 402.
[562] GEORGE, 265.
[563] João 1.14.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

O autor de Hebreus pode então dizer que temos não ousadia, mas confiança completa para chegar perante o trono de Deus[564]. Jesus abriu o caminho—o único caminho—de acesso direto a Deus, o caminho da fé.

Essa fé é o relacionamento de confiança completa de que Deus tem feito tudo quanto possa ser necessário para que o ser humano pecador possa desfrutar de comunhão com o Senhor. Quem quiser procurar outro caminho se dará mal. Que boa obra se compara com a vida e oferta de Jesus Cristo? Que sacrifício se compara com o sacrifício divino que Deus ofertou a si mesmo em nosso benefício? Que oferta entregarei Àquele que deu tudo por mim? A única resposta coerente é a de aceitar a graça de Deus em Cristo Jesus e entregar-me a serviço em gratidão.

Será que não foi essa a resposta de Abraão ao chamado de Deus? Não foi essa a demonstração de fé em Moisés? Não foi essa a maneira de Paulo, que definiu que todas as suas tentativas de ofertar boas obras eram banais, trapos de imundícia, e comparáveis com um esgoto?

Em Lucas 18.1-30, Jesus ensina sobre três pessoas que não tem qualquer maneira de reivindicar um direito qualquer na sociedade (a viúva, o publicano, e a criança). Mas a viúva insiste e é atendida, o publicano aceita o seu erro em humildade, e a criança vem em simplicidade e completa dependência. Em contraste o fariseu e o jovem rico teriam tudo a reivindicar nos moldes da comunidade religiosa. Deus aceita o humilde que se entrega e depende apenas da graça divina.

Às vezes temos deixado elementos místicos infiltrar em nossos conceitos do evangelho. Muitos tem aprendido que somente um pastor consagrado, ordenado e capacitado tem condições de levar alguém a Cristo. Quem sabe precisamos estudar melhor o cerne da mensagem de fé relacional em Cristo—confiança e compromisso de dependência no Criador.

Jesus chamou a Deus de Pai—Papai. É tempo de lembrar as nossas congregações para levar essa mensagem ao mundo. Deus é um Pai que ama e chama os filhos para voltarem em dependência. Deus é o Pai da parábola do filho desgarrado, esperando a volta do errante. Não há nada que o filho possa fazer para merecer aceitação. Também não é necessário, pois o Pai já quer oferecer a reconciliação.

Abraão confiou em Deus, e esta fé foi considerada justiça†. Ele confiou na maneira em que os discípulos deram resposta ao "Segue-me" de Jesus. Tal fé não se defina em termos proposicionais, mas deve ser vivida. Abraão foi chamado para começar uma jornada de fé. Deveria confiar em Deus frente ao desconhecido, dependendo do amor e da proteção divina. Assim é fé.

Unidade Narrativa:

No contexto de infertilidade, temos um começo inédito de confiança demonstrada por Abrão de depender de Deus. Abrão deixa a sua terra e seus parentes para gauderia com *YHWH* (יהוה) a uma terra desconhecida. Demonstra confiança em Deus, mesmo que os povos à sua volta compreendiam que os deuses eram limitados geograficamente no seu exercício de senhorio.

---

[564] Hebreus 4.16.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

O mais importante aspecto de poder divino para a maioria dos povos girava em torno de questões de fertilidade. No caso de Abrão, ele segue caminho com *YHWH*, mesmo com a esposa sendo infertil. O chamado de Deus o convoca para fazer prova da confiabilidade divina, pois não tem aparentemente muita experiência direta com Deus. É no caminhar que Abrão irá conhecê-lo e aprender a confiar verdadeiramente no Criador.

Princípios Teológicos:

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade de Deus apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características de Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a identidade do ser humano apresentado neste relato, tal para chegar às tuas próprias conclusões sobre o ensino da passagem. Esta narrativa apresenta as seguintes características do ser humano:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____.

Voltando a ler a narrativa de novo, reflita sobre a responsabilidade do ser humano perante Deus, conforme apresentado nesta narrativa. Esta narrativa apresenta os seguintes aspectos da responsabilidade humana perante Deus:

_____	_____	_____
_____	_____	_____

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____

_____ _____ _____.

Reflexão:

Em meio ao conflito da esterilidade de sua esposa, com o seu futuro inseguro na ausência de qualquer herdeiro, *YHWH* (יהוה) chamou Abrão para deixar tudo que conhecia para seguir em peregrinação a uma nova e desconhecida terra. Abrão tomou o passo de confiar em Deus, que Deus poderia protegê-lo e prover por suas necessidades no caminho. Os povos pensavam que os deuses eram limitados em exercício geográfico de autoridade. Abrão resolveu confiar que *YHWH*, seria fiel em protegê-lo em qualquer lugar.

Abrão tomou o passo de entregar-se aos cuidados de Deus perante o desconhecido. Não tinha como provar a fidelidade de Deus, mesmo que houvesse recebido relatos de como *YHWH* havia sido fiel com outros. Deus pedia que Abrão confiasse de antemão em Sua palavra. Seguiu caminho, confiando que Deus seria fiel.

A fé de Abrão não dependia de uma elaboração teológia nítida, mas de um relacionamento de confiar em Deus. Entregou sua vida em dependência para descansar na provisão divina. Esse tipo de fé é mais difícil em suas exigências sobre o indivíduo. Requer uma entrega sem poder enxergar todas as respostas. Requer dependência em lugar de suficiência. A fé de Abrão é uma fé real e viva.

Conjunto de Narrativas como uma Unidade:

Deve-se tomar tempo para discutir as implicações da leitura do complexo das narrativas de Gênesis 1 a 11. Muitas vezes se pensa que estas são uma aglomeração de narrativas completamente desvinculadas uma à outra, a não ser por uma organização cronológica da interação entre Deus e a humanidade. Estas narrativas, porém, foram compiladas propositadamente para levar o ouvinte a uma compreensão geral de Deus. Como um todo, elas traçam alguns parâmetros básicos para compreender quem é *YHWH* (יהוה), Criador do universo, e quais as Suas exigências básicas para o ser humano.

Começamos o livro de Gênesis compreendendo que *YHWH* criou o universo de livre vontade sem interferência alguma. Deus é soberano, mas resolveu criar o universo para sustentar a vida humana, pois a humanidade era o propósito real da criação. Deus preparou tudo necessário para suprir as necessidades do ser humano, mas o ser humano tornou-se desconfiado das intenções de Deus. Em lugar de aceitar a sua posição de mordomo, o ser humano tentou definir o seu próprio caminho, dando-se mal. Desobedeceu a Deus, tomando para si privilégios que não lhe

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

pertenciam, matou o seu irmão, e viu as suas ações gerando a ruína da criação. Deus interveio para dar um novo início à criação, mas a humanidade persiste desconfiando de Deus.

Geração trás geração segue os passos da geração antecedente, sempre desconfiado do Criador. Ao mesmo tempo, Deus sempre persegue, oferecendo alívio em meio aos desastres que o ser humano ocasiona. Com a narrativa de Abrão, o complexo de narrativas toma um novo enfoque. Já cientes do pecado e de suas conseqüências, começamos a enxergar o que quer dizer confiar em *YHWH*. Abrão não é perfeito, e nunca será, mas ele começa a sua jornada confiando em *YHWH*, e esta confiança é designada como retidão perante Deus.

Deus é poderoso, Deus é fiel, Deus é amor. A lição para agora ser aprendida é como se pode confiar plenamente em Deus. Os exemplos a seguir são de seres humanos falhos, mas oferecem uma esperança de como a vida pode ser diferente quando se confia em Deus.

.....

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Homilética Narrativa

Pregando as Narrativas:

Não há como separar o estudo da homilética† narrativa do estudo teológico e exegético das narrativas a serem pregadas. Para pregar a mensagem de um texto, é indispensável o estudo do texto sobre o qual se pregará. Por esta razão nesta obra dá-se ênfase prioritária à mensagem teológica da narrativa a ser tratada, observando os princípios teológicos expressos pela narrativa. Somente depois deste estudo é possível tratar um texto devidamente sob a forma de pregação. Tem sido observado que a maioria dos pastores no Brasil não têm hábito de fazer exposição bíblica nas suas mensagens, porém é através desta exposição que o ouvinte chega a ser realmente alimentado pela Palavra de Deus[565].

Homilética† refere-se à pregação da Palavra de Deus. É interessante lembrar, porém, que o termo em si tem um significado mais específico. O termo vem ao português dos termos gregos *homo* (ομο—"igual") e *lego* (λεγω – "dizer"). Esse conjunto de termos, então, designa a arte e ciência de dizer a mesma coisa que o texto[566]. O pregador deve interpretar o texto, porém, o enfoque devido é o de transmitir ao ouvinte aqueles princípios inerentes ao próprio texto bíblico. Em nenhuma hipótese deve-se preparar um sermão e depois procurar um texto sobre o qual pendurar o sermão elaborado. O sermão deve depender forçosamente do texto escolhido de tal forma a não ser possível fazer uma separação entre texto e sermão.

Este texto utilizará o termo masculino pregador, porém entende-se que a tarefa de pregar não se limita ao sexo masculino. Pregar é transmitir a verdade bíblica, seja a mensagem de Deus. Esta tarefa é dada para todo crente, sem respeitar o sexo. Pregar é ser portavoz de Deus, para o qual não há distinção entre homem e mulher. Pregar também não se limita à tarefa pastoral, já que a Bíblia ensina que todos devem agir para compartilhar as boas novas de salvação em testemunho. Mesmo que se aproveite do termo masculino, portanto, deve-se entender que a aplicação é genérica, incluindo a todo crente.

Tem sido observado que a homilética† fiel e verdadeira "compreende ... o uso correto do conteúdo bíblico, princípios hemernêuticos, perspectivas teológicas, orientação psicológica, regras retóricas, e princípios oratóricos"[567]. Neste trabalho será dada ênfase sobre os aspectos teológicos e bíblicos da pregação, oferecendo ao mesmo tempo algumas regras básicas da retórica e oratória. Já que o conceito de homilética† tem por base o "falar o mesmo" que o texto, oferece-se uma forma para ajudar o discípulo a interpretar o texto bíblico à mão para este fim específico: dizer ao ouvinte o que o próprio texto diz numa linguagem em que possa ser compreendida.

Muitos falam a respeito de várias interpretações de um texto bíblico. Para ser sincero, existem muitas formas de interpretar um dado texto bíblico, porém apenas uma dessas interpretações será válida! Um texto tem o significado que foi intencionado pelo autor. Este é o seu significado, e o processo de interpretar o texto bíblico tem como primeiro objetivo entender este mesmo

---

[565] LACHLER, 9.
[566] KAISER, *TaET*, 193.
[567] H. C. BROWN, Jr citado em FASOL, 5.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

significado[568]. Outras "interpretações" são simplesmente erros interpretativos, mesmo que bem intencionados. Por outro lado existe inúmeras aplicações apropriadas para um texto corretamente interpretado. O sentido do texto é único, mas aplica-se ao indivíduo dento do seu contexto diário específico, possivelmente de muitas maneiras.

Dito isto, deve-se ter cuidado na forma de tratar o texto bíblico, lembrando a tendência humana para falhas interpretativas, e fincar a mensagem a ser pregada nas questões claras do texto bíblico. Não é recomendável pregar sobre uma passagem de difícil interpretação, pois há muitos textos cujas mensagens são claras, e as mensagens claras são geralmente as mais importantes a serem transmitidas. É impossível sobre-enfatizar a importância do estudo detalhado do texto bíblico para a homilética†, pois nenhuma tarefa tem tão grande potencial de culpabilidade quanto a de pregar a palavra de Deus[569]. Assim o pregador deve tomar a sério o preparo de sua mensagem e o estudo do texto bíblico a ser tratado. Este estudo deve compreender o ensino teológico do texto, pois "a pregação e a teologia são tão vitais uma à outra quanto o inalar é o exalar"[570].

Conseqüentemente, com o estudo feito das narrativas bíblicas até este ponto[571], é necessário ressaltar o que se tem aprendido referente a Deus até Gênesis capítulo onze. Estas narrativas são importantes no que revelam a respeito de Deus, sendo essa revelação elemento essencial de sua inspiração†. Para ressaltar esta aprendizagem, é bom trazer certas questões, perguntas, dúvidas e críticas do cotidiano ao texto, para que as narrativas iluminem a verdade referente aos temas do dia. O propósito do estudo das narrativas é que o leitor possa utilizá-los em recontagem, "para ensinar, para repreender, para corrigir, e para instruir em justiça†"[572].

Por homilética†, entende-se o processo de transmitir a verdade bíblica de forma verbal—em especial, compartir a experiência do pregador com Deus. Em geral, pensa-se em um sermão do púlpito no templo de alguma igreja, porém o sentido do termo homilética† é bem mais amplo. O enfoque que se tomará aqui é de uma homilética† informal, que pode também ser aplicada dentro de um contexto formal. Na realidade, é a mesma coisa transmitir a mensagem bíblica do púlpito de uma igreja, a um colega de trabalho ou a um companheiro no ônibus. O que diverge é o tempo da exposição, a formalidade da ocasião e as limitações para obter-se um diálogo.

Porque Homilética Narrativa?:

Qual é a razão para enfatizar a homilética† narrativa? Obviamente ela é apenas um estilo de homilética†, porém oferece vários pontos fortes a serem considerados. O contar de histórias é uma das formas mais fáceis de comunicar, se não a mais fácil. É também dentro deste padrão que a maior parte da Bíblia desenvolve os seus temas. O ensino aplicado através de histórias (narrativas) é lembrado com mais facilidade pelo ouvinte, pois a narrativa fornece uma armação própria do ensino. A narrativa compele a memória[573], incentivando o ouvinte a reviver a narrativa na sua própria reflexão.

---

[568] Um texto tem um *significado*, porém pode ser *aplicado* em múltiplas formas.
[569] MACARTHUR, xiii.
[570] FASOL, 13-14.
[571] Entende-se que este estudo baseia-se na parte introdutória da apostila **Homilética Teológica das Narrativas**.
[572] 2ªTimóteo 3.16.
[573] BAUSCH, 29.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

"O poder da narrativa reside em sua habilidade para imitar a vida, para evocar um mundo parecido como o nosso, para reproduzir eventos e situações semi-reais, para recriar pessoas que possamos compreender e a quem podemos nos relacionar"[574]. A narrativa evoca o ressurgimento do evento descrito, tal que o ouvinte possa participar de forma vicária do evento original através das palavras do narrador.

Por outro lado, o sermão em estilo da narrativa enfatiza o próprio texto bíblico e conseqüentemente chama o ouvinte a ler e estudar o texto por si mesmo. A narrativa também oferece autoridade para o sermão, pois quando as lições são extraídas da narrativa, é a própria narrativa que ensina, não o pregador. Comunica-se assim o que a Palavra de Deus ensina, não o que o pregador pensa e transmite.

Por outro ângulo, a narrativa é geralmente mais gostosa de se ouvir, pois o ouvir e contar histórias é uma das diversões mais naturais do ser humano. As crianças gostam de ouvir histórias e os adultos também. A narrativa é por natureza ilustrativa e convoca o ouvinte para prestar atenção e criar imagens para dar corpo ao narrado. Quando o ouvinte participa de tal modo da pregação, ele retém melhor o ensino e tem condições para repassar a outros os princípios teológicos apresentados.

A pregação narrativa tem como centro o texto bíblico. Quando se trata apenas deste texto, o pregador evita "caçar lebre" e mantém-se direcionado a tratar o texto dentro do objetivo definido a partir do estudo textual e a situação dos ouvintes. A pregação começa com o texto, trata o texto e conclui chamando o ouvinte a viver o ensino do texto bíblico. Com essa limitação do pregador tratar apenas o texto bíblico, vem ao sermão a autoridade do próprio texto bíblico sendo tratado. A autoridade do texto passa-se ao sermão, pois o sermão depende de um vínculo claro com o texto bíblico e tem a mesma mensagem a transmitir. Assim, não será ouvido aquilo que tal pregador pensa, mas aquilo que a Palavra de Deus tem a dizer.

"Quando o Livro é bem lido e feito viver para o povo, pode fazer por eles aquilo que sermões freqüentemente falham em fazer: pode ser a mera voz de Deus para as suas almas"[575]. Essa é a intenção deste estudo—ajudar o cristão a comunicar a narrativa bíblica de tal forma que o ouvinte ouça a voz de Deus e venha a encontrar-se com o Senhor dos Senhores. Que o ouvinte possa ouvir a palavra de Deus perante a exposição de sua palavra.

Observação: Outros estilos homiléticos podem bem apresentar uma mensagem bíblica clara e ter todo apoio e fundamento bíblico. O que se procura salientar, porém, é que o estilo de homilética† narrativa demonstra mais facilmente a autoridade textual e bíblica da mensagem. Mantendo-se centrado no texto bíblico e no desencadear da narrativa em questão, o ouvinte não tem opção, senão enxergar o vínculo da mensagem com o texto tratado.

Processo Homilético:

O primeiro passo da homilética† é o estudo detalhado do texto bíblico. No caso da homilética† narrativa, concerne o estudo da narrativa bíblica em questão. Sem este estudo, não há o que proclamar. Se o texto bíblico é o que será pregado, é necessário estudar com cuidado o texto. Negligenciando esta etapa, o pregador poderá apenas propor os seus próprios pensamentos, os

---

[574] GUNN, 47.
[575] W. E. SPRANGER citado em FASOL, 81.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

quais podem ou não refletir a mensagem do texto. Deve-se estudar a narrativa como um todo, ao mesmo tempo minuciando os detalhes. Dentro do possível, recomenda-se também que o pregador estude como a narrativa trabalha em concerto com as outras narrativas ao seu redor. Sendo que as narrativas bíblicas encontram-se dentro de contextos maiores dos livros bíblicos, é salutar observar o efeito coletivo das narrativas individuais tratados por um autor bíblico.

O estudo da narrativa deve conduzir o leitor a conseguir visualizar a narrativa. O leitor deve poder visualizar a narrativa, passo a passo em ordem, sem perder os pontos salientes nos quais se penduram o significado e a mensagem do texto[576]. Quando o leitor consegue internalizar a narrativa para que seja a sua própria, então pode prosseguir a outros passos da preparação da homilética†.

Feito o estudo cuidadoso da narrativa, o segundo passo é definir o objetivo da mensagem, ou seja, o propósito de pregar o texto a ser tratado. Pode soar um tanto estranho a colocação de um objetivo a tratar, porém como tem sido mostrado, as narrativas podem ser aplicadas ao ensino de múltiplos atributos de Deus. A definição do objetivo deve coincidir com uma necessidade entre os ouvintes da mensagem. Não é suficiente simplesmente recontar uma narrativa bíblica. A recontagem deve ter um propósito definido, como também o narrador bíblico teve um propósito em recontá-lo aos seus ouvintes. As narrativas encontram-se dentro de um contexto no qual cada uma tem a sua função para desenvolver os seus propósitos. Como o sermão também deve ter um objetivo, a recontagem da narrativa já deve começar a responder às dúvidas, colocações, ou necessidades a serem tratadas.

Certo artista plástico foi perguntado como ele fazia a figura de um elefante a partir de um bloco de pedra. A resposta dele foi certamente simplista, mas direto ao ponto. "Simplesmente tiro tudo aquilo que não parece um elefante". Ele mantinha sempre em sua mente o objetivo final. Mantendo aquele alvo sempre na sua frente, somente deixava permanecer no bloco de pedra aquilo que o levasse a atingir o seu alvo. Assim também, um objetivo bem especificado para um sermão fornece uma regra para avaliar cada detalhe do estudo textual a ser ou não incluído no sermão. Somente aquilo que ajuda a levar adiante o objetivo para o sermão deve ser incluído na recontagem da narrativa, nas reflexões sobre as implicações de vida dos personagens, e na aplicação da mensagem às vidas dos ouvintes. Estudando o texto, portanto, logo se chega a definir um propósito ou objetivo em pregar o texto à mão. Este objetivo deve retratar algo das necessidades dos ouvintes da mensagem.

Segue aqui uma lista de colocações que podem bem ser respondidas com o que se tem estudado das narrativas dos primeiros oito capítulos de Gênesis. Os princípios teológicos listados com suas referências narrativas podem ser de ajuda para identificar quais narrativas tratam os temas referenciados. [577] Pode-se também ver que certos princípios teológicos estão presentes em todas as narrativas estudadas até este ponto.

1. "A Bíblia não tem nada para ensinar".
2. "A moralidade da Bíblia é ultrapassada".
3. "Como é que Deus pode ser bom – se foi Ele quem fez o mal!?".
4. "Deus é amor, e não vai me condenar por algum pecadinho qualquer".
5. "Deus é aleatório/arbitrário".
6. "Deus é distante".
7. "Deus é impessoal".
8. "Deus é injusto".
9. "Deus é ocupado demais para cuidar de mim".
10. "Deus é vingativo".
11. "Deus não ama de verdade".
12. "Deus não é misericordioso".
13. "Deus não sabe o que é melhor para mim".
14. "Deus não se interessa pelo homem".
15. "Deus não tem o direito de exigir".
16. "Deus não tem o direito de tirar a vida de uma criança".

---

[576] BERSCH, 81-82.

[577] Veja o anexo, **Princípios Teológicos das Narrativas**, na página 175.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

17. "Deus precisa de mim (louvor, sacrifícios, adoração, etc.)".
18. "Deus quer que façamos a sua vontade, sem respeitar as nossas necessidades".
19. "Deus vai te castigar por isso!".
20. "Deus vai ter que respeitar a minha vontade!".
21. "É so cumprir certos requisitos, que Deus tem que fazer o que tu queres!".
22. "Estou sofrendo por causa de Adão".
23. "Eu não preciso de Deus".
24. "Eu sei o que é melhor para mim".
25. "Não há salvação para mim".
26. "O mundo é o resultado de um acidente cosmológico†".
27. "O pecado é culpa de Adão".
28. "O pecado não é tão sério assim".
29. "Se Deus fosse bom, acabaria com o mal no mundo".
30. "Se Deus não fizer assim e assim, não é Deus".

Escolhido o enfoque (objetivo) a ser tratado, começa o terceiro passo na homilética† narrativa— recontar a narrativa, dando destaque aos princípios teológicos a serem enfatizados. Se a pergunta essencial a ser respondida tem a ver com o poder de Deus, a recontagem deve enfatizar as ações divinas que ilustram este aspecto de sua natureza. Se a reclamação é de que Deus é distante, a ênfase deve recair sobre como o homem se distancia de Deus e como Deus o persegue para restaurar a comunhão perdida. Se a dúvida é sobre a bondade, misericórdia e graça de Deus, é nestes pontos que a contagem deve ter a sua ênfase. Em geral, são vários princípios teológicos apresentados numa dada narrativa que correspondem em conjunto para responder adequadamente a uma crítica ou a uma pergunta específica.

O quarto passo da homilética† narrativa é o de resumir e explicar os princípios teológicos apontados na recontagem. Aponta-se como a narrativa revela os aspectos da identidade de Deus, que foram assinalados como importantes a serem ressaltados. Neste ponto, é válido apontar ao ouvinte outras narrativas que apóiam o ensino apresentado, se for necessário afirmar a centralidade bíblica do assunto. Deve-se cuidar de deixar, porém, que a narrativa primeiramente fale por si mesma, mantendo a sua posição central no sermão.

Em conclusão, as implicações destes princípios teológicos devem ser apontadas. Estas implicações podem ser apontados em forma de perguntas, as quais o ouvinte responde com a sua própria análise. Não é sempre necessário que o narrador faça a aplicação pelo ouvinte, mas que aponte para a aplicação apropriada. Se o ouvinte faz a sua própria aplicação, em geral terá mais efeito em sua vida, pois partiu de sua própria reflexão sobre as implicações da narrativa. Como outro autor tem colocado, "Uma boa história não requer uma interpretação, qualquer que seja a circunstância, o seu sentido já clarificado na sua contagem"[578]. Sendo bem contada a narrativa, a aplicação da mesma é um processo natural para o ouvinte.

Se Deus é Criador e Senhor, qual é a resposta adequada do ser humano? Se Deus é criador, dono, e originador da vida, o homem tem base para criticar suas ações? Se Deus é presente, companheiro, gracioso e acolhedor, quem é culpado quando o homem sente-se longe de Deus? Se Deus é estabelecedor de limites e alianças, misericordioso, amoroso e bondoso, pode o homem entendê-lo como arbitrário e vingativo? Se Deus é maior que o universo, além do controle humano, e soberano, o homem tem a possibilidade ou o direito de mandar em Deus? Se Deus é eterno e infinito, o homem tem condições de elaborar alguma forma ou algum sistema para defini-lo adequadamente?

Nesse processo homilético, procura-se apresentar a narrativa ao ouvinte de tal forma que a própria narrativa responda às suas preocupações. O estudo textual informa ao pregador a respeito das limitações do texto, bem como os princípios teológicos apresentados na narrativa em questão. Isto, porém, é o fundamento sobre o qual trabalhará para desenvolver sua homilética†. Nesta, o pregador vai contar a narrativa, ressaltando as implicações dos eventos para a vida dos

---

[578] BERSCH, 124.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

personagens, apontando para a importância teológica do texto, e traçando as ligações entre o texto narrado e o contexto presente.

Por outro ângulo, pode-se alistar os passos no preparo do sermão da seguinte maneira:

1. Ler a narrativa.
2. Estudar a narrativa (investigar dúvidas, perguntas, vocabulário e alistar os pricípios teológicos).
3. Ler a narrativa.
4. Meditar sobre a narrativa.
5. Ler a narrativa.
6. Recontar a narrativa em tuas próprias palavras (passar ao gauchesco, deixando de lado vocabulário "bíblico", e verificando que realmente conheces a linha de eventos da narrativa).
7. Definir o objetivo específico para o sermão, elaborado em forma de pergunta para reflexão[579].
8. Recontar a narrativa dentro do objetivo especificado (tratando o objetivo desde a primeira frase da recontagem).
9. Refletir sobre as implicações do evento para os personagens da narrativa[580].
10. Aplicação (perguntas para puxar o ouvinte a refletir sobre as implicações para a sua própria vida, traçando vínculo com os personagens).
11. Avaliação/Reformulação (o sermão alcançou o objetivo?).
12. Pregar o sermão (elaborado nos passos 8, 9, 10).

Estes passos não devem ser vistos como estáticos, pois muitas vezes será necessário voltar a estudar alguns aspectos do texto bíblico quando dúvidas surgirem dentro de outra parte do processo. Recomenda-se que o pregador escreva o texto da recontagem, reflexão, e aplicação para que possa mais facilmente avaliar e criticar o seu trabalho. Um elemento essencial que foi deixado fora desta lista é a oração. Não foi ignorada por não ser importante, mas porque ela deve permear todo o processo, e não se encaixa nem antes e nem após os passos do processo—permeia a todos. O que deve também ficar claro nesta lista é que a ocupação do pregador é de transmitir a mensagem do texto bíblico, por isso a ênfase na leitura do texto a ser tratado.

A leitura repetida do texto bíblico é essencial, não para que a recontagem siga o pé da letra do texto, mas para manter a recontagem fiel ao sentido e conteúdo teológico do texto. Estando bem comfortável com a narrativa, o narrador pode então empregar as suas proprias palavras para usar a narrativa na transmissão do objetivo especificado.

Definindo o Objetivo:

Talvez o mais difícil da homilética† narrativa é a definição de declaração do objetivo. Uma narrativa recontada sem um direcionamento específico não terá bom sucesso. Uma narrativa

---

[579] Usa-se basicamente a fórmula "Eu quero que o ouvinte _____", em que o espaço deve ser preenchido com um verbo e complemento, de preferência um verbo de ação, pois geralmente se quer levar o ouvinte a um ponto no qual precisa posicionar-se de forma nova perante o chamado de Deus, mesmo se em confirmação.

[580] Procura-se criar aqui uma ponte entre a narrativa bíblica e a atualidade, no sentido de "esse personagem é igual a mim".

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

também pode ser direcionado, mas so o objetivo não for declarado de forma suficiente não atingirá tão facilmente o alvo.

Um objetivo deve ser definido em termos dos princípios teológicos percebidos no estudo do texto bíblico. Se o texto apresenta o amor de Deus, o objetivo pode ser comunicar que Deus ama o ouvinte. Se o texto apresenta fé em termos de confiança em Deus, o objetivo pode ser estimular o ouvinte a confiar em Deus. Pode também ser clarificar a definição de fé para evitar confusão com o simples aceitar conceitos e propostas teológicas.

O objetivo deve revelar aquilo que o pregador deseja realizar ao recontar a narrativa. "Eu quero que o ouvinte ..." é comumente uma "fórmula" apropriada para o próprio pregador definir, ou expressar para si mesmo o seu objetivo. Quando o objetivo for clarificado e definido, deve-se averiguar que realmente provém da narrativa em questão. Caso não, deve-se procurar outra narrativa ou definir outro objetivo que apoie o objetivo. Pode ser que o objetivo escolhido por alguém seja inválido. Deve-se, portanto, ter cuidado para estudar bem o texto bíblico ao definir o objetivo.

Já definido o objetivo de forma clara, deve-se procurar uma forma de expressá-lo como a frase introdutória à recontagem da narrativa. A fórmula acima é para o uso pessoal do pregador na clarificação do objetivo. Agora é necessário transmitir o objetivo de outra forma para o ouvinte. O ideal é usar uma pergunta de reflexão que inclui tanto o ouvinte como também o pregador como alvos do objetivo e pergunta de reflexão introdutória.

Uma boa frase introdutória resumirá a direção que a narrativa tomará, tal para preparar o ouvinte para ouvir a narrativa já pensando na aplicação. Abre-se uma reflexão sobre uma proposta, pedindo que o ouvinte reflita sobre como a narrativa apoia ou responde o pergunta sendo feita. Veja o exemplo a seguir:

> **Muitos passam momentos de angústia e até depressão. *"Será que um servo fiel de Deus pode sentir-se deprimido?***
>
> **Em 1ª Reis 18, encontramos uma narrativa do profeta Elias. Para o povo judeu,† Elias era o maior de todos os profetas. Elias tinha enfrentado os 450 profetas de Baal† no Monte Carmelo, mas logo depois ele fugiu de Israel, pois a rainha declarou que o mataria. Caminhou vários dias até chegar ao Monte Sinai, onde Deus havia estabelecido a aliança com o povo de Israel. Pedia que Deus o deixasse morrer, pois não via nenhuma saida e sentia que era o único justo e reto perante Deus. Deus enviou mensageiros cuidar de suas necessidades fisicas e animá-lo a seguir sue caminho. Quando chegou e teve o esperado encontro com Deus, Deus o encorajou e enviou-lhe devolta para Israel. Disse-lhe que ainda havia 7.000 homens retos e justos em Israel. Deus animou e encorajou a Elias, sem criticá-lo por causa de sua depressão. Aceitou o desânimo e a depressão de Elias e o encorajou para seguir em frente dependendo não das emoções mas na provisão de Deus."**

A frase introdutória leva o ouvinte a refletir sobre a temárica, sem criar barreiras para a mensagem a ser transmitida. Direciona a reflexão para que o ouvinte atenda ao assunto durante a recontagem da narrtiva. Agora falta uma conclusão nos moldes da introdução:

> ***"Será que Deus não trata os seus servos hoje da mesma maneira? Será que Deus aceita que seus servos sofram desânimo e depressão sem criticá-los ou puní-los? Mesmo quando o desânimo vem por falta de confiar plenamente em Deus, será que***

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Deus se interessa em resgatar e animar o servo para seguir a frente? Será que mesmo um servo fiel pode sentir depressão e ainda ser usado por Deus? Será que em nossos momentos de angústia e desânimo podemos cobrar forças ao confiar na fidelidade de Deus, mesmo em meio às nossas incertezas?"

Processo Avaliatório:

A preparação de um sermão nunca está completo—é necessário sempre avaliar e polir o sermão. Por isso o pregador deve procurar um equilíbrio entre a necessidade de sempre melhorar o sermão e a necessidade de pregá-lo. A responsabilidade do pregador é de estar preparado. Além dessa preparação entra a intervenção e a atuação do Espírito do Santo em utilizar o esforço humano e suprir as suas fraquezas. Deve haver confiança em Deus, como também o lembrar que Deus exige que o servo desempenhe a sua responsabilidade de preparação.

Pelo lado humano, porém, existe a constante necessidade de avaliar e melhorar o sermão individual e a forma ou técnica geral do pregador. Para suprir esta responsabilidade, é sumamente necessário utilizar-se de um processo avaliatório. Sempre que possível, essa avaliação deve incluir o retorno de outras pessoas, porém começa já com o próprio pregador. Essa avaliação deve ser feita mesmo antes da exposição do sermão, porém inclui também a avaliação após a exposição.

É normativa a crítica de que o pregador precisa viver aquilo que prega, pois se não for assim não terá autoridade para pregar. Esta questão é muitas vezes colocada como empecilho para o pregador em tocar algum tema. Tal colocação tem certo mérito, porém deve-se lembrar outra questão importante vinculada ao tema levantado. Nenhum pregador tem plena autoridade por viver o que prega, pois todo ser humano é pecador. Mais importante nesse contexto é a questão do pregador pregar aquilo que vive. Quando o pregador prega a partir de sua vivência, mesmo colocando a sua fraqueza e necessidade perante os ouvintes, gera-se a compreensão de que todos precisam ouvir a mensagem, especialmente sendo que o pregador se inclui na lista de ouvintes.

O pregador deve lembrar que todo sermão que pregar será avaliado. A decisão que lhe cabe é querer ou não saber dessa avaliação. Se souber, poderá aproveitar o retorno para melhorar no futuro. Recomenda-se que o pregador reúna-se com outros líderes da igreja que o ouvem pregar para receber deles uma avaliação. Se o pastor tiver tal prática com líderes de sua igreja, estará ao mesmo tempo capacitando leigos de sua congregação para cooperar na pregação da Palavra de Deus, seja do púlpito ou em eventos evanglísticos. Esta reunião avaliatória deve ressaltar pontos positivos, como também negativos. Os positivos são gostosos de ouvir e às vezes ajudam o pregador a estar consciente da aplicabilidade de uma ou outra técnica. Os pontos negativos, porém, são de mais ajuda para melhorar o estilo, formato e apresentação para ocasiões futuras.

Oferece-se a seguir uma lista de questões a serem considerados no preparo, na entrega e na avaliação do sermão. Esta lista não é exaustiva, devendo ser vista como um ponto de partida para ajudar no processo avaliatório.

Aplicabilidade:

- Coerente com o cotidiano dos ouvintes
- Resulta de forma natural da exposição bíblica
- Desafia sem pressionar

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

- Todo ouvinte se encontra precisando aplicar algo do sermão
- Há espaço para o ouvinte fazer sua própria aplicação

Bíblia:

- Central para toda a pregação
- Utilização de uma só passagem bíblica
- Fornece a base da mensagem
- Desenvolve o tema tratado no sermão
- O ouvinte é convocado à própria leitura do texto
- É mantida aberta durante toda a pregação

Clareza:

- Vocabulário claro
- Voz clara
- Objetivo claro
- Exposição clara
- Aplicação clara

Contato:

- Olhar nos olhos dos ouvintes
- Toque físico quando apropriado
- Sair da plataforma
- Sair de trás do púlpito
- Obter participação dos ouvintes
- Ouvinte encontra-se na situação do texto

Direcionamento:

- Toda a mensagem direcionado aos objetivos desde o início
- Direcionada a todos os ouvintes
- A mensagem inclui o próprio pregador como alvo

Estudo Textual:

- Mensagem demonstra a preparação do pregador
- Não se usa o sermão para mostrar a erudição
- Apóia a mensagem e fornece base bíblica e teológica da mensagem
- Suficiente para dar confiança ao pregador e ouvinte

Gestos:

- Naturais
- Não repetitivos
- Expressivos

Hábitos de Nervosismo:

- Passar a mão no rosto
- Balançar os pés
- Mexer no bolso (moedas, dinheiro)

Ilustração/Música:

- Ilustra e apóia o objetivo do texto e do sermão
- Não distrai o ouvinte da mensagem/texto
- Amplia o ensino do texto
- Oferece um "gancho" para lembrar o ensino
- Usada quando a narrativa não ilustra por si

Mensagem:

- Aplicável à situação vivida dos ouvintes
- Demonstra vínculo com o texto bíblico
- Demonstra ser a mensagem de Deus, não do pregador
- Identifica-se com os ouvintes
- Reflete a vivência do pregador

Objetivo:

- Expresso desde o início do sermão
- Desenvolvido através de todo o sermão
- Coerente com o texto bíblico tratado
- Desenvolvido no texto bíblico de forma natural
- Beneficia/Estimula os ouvintes
- Requer compromisso do crente
- Encoraja/estimula o não-crente a interessar-se no evangelho
- Desafia o ouvinte no seu relacionamento com Deus
- Limitado em número (ideal de um único objetivo)

Voz:

- Audível por todos
- Variação de volume
- Variação de tom
- Variação de expressão

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Homilética Narrativa Exemplificada:

Para explicar bem o que é homilética† narrativa, é necessário fornecer exemplos da técnica, pois não é um estilo de pregação comumente usado no Brasil. Apresenta-se, portanto, um sermão como exemplo, apontando para cada passo de sua construção. Como já fora mencionado, cada sermão precisa de avaliação, e mesmo com avaliação rigorosa há sempre elementos que possam ser melhorados. O sermão que segue é fornecido como um modelo—não em sentido de ser exemplar e ideal em todo aspecto, mas simplesmente como um modelo.

Êxodo 3.1-15

(O texto a seguir está baseado na versão da Bíblia da Imprensa Bíblica Brasileira, de acordo com os melhores textos em grego e hebraico, sofrendo algumas modificações interpretativas do autor deste poligrafo)

Texto Bíblico:

Ora, Moisés estava apascentando o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e levou o rebanho para trás do deserto, e chegou a Horebe, o monte de Deus.
E apareceu-lhe o mensageiro do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia;
pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e por que a sarça não se queima.
E vendo o Senhor que ele se virara para ver, chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui.
Prosseguiu Deus: Não te chegues para cá; tira os sapatos dos pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.
Disse mais: Eu sou o Deus do teu pai[581], o Deus de Abraão, o Deus de Isáque, e o Deus de Jacó. E Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus[582].
Então disse o Senhor: Com efeito tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheço os seus sofrimentos;
E desci para arrancá-los da mão dos egípcios, e para o fazer subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel; para o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do perizeu, do heveu, e do jebuseu.
E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel é vindo a mim; e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem.
Agora, pois, vem e eu te enviarei a Faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel.
Então Moisés disse a Deus: Quem sou eu, para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?
Respondeu-lhe Deus: Pois bem,[583] eu sou contigo; e isto te será por sinal de que eu te enviei: Quando houveres tirado do Egito o meu povo, servireis a Deus neste monte.

---

[581] "Pai" é expressamente singular aqui (DURHAM, 31).
[582] *ha elohim* (האלהים): usado aqui o artigo definido no hebraico (DURHAM, 32).

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Então disse Moisés a Deus: Suponha que eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Quem é ele? Que lhes direi?
Respondeu Deus a Moisés: EU SOU QUEM EU SOU (QUE ESTOU SENDO). Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.
E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isáque, o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é o meu nome eternamente, e este é o meu memorial de geração em geração.

Princípios Teológicos da Narrativa:

Com a escolha do texto bíblico a ser tratado, é imprescindível um estudo profundo do texto. Neste estudo pretende-se ampliar a compreensão do texto e das suas implicações. A narrativa de Êxodo 3.1-15 apresenta pelo menos os seguintes princípios teológicos:

Deus Abençoa;
Deus Acolhe;
Deus Adverte;
Deus é Além do nosso controle;
Deus Ama;
Deus Aprecia;
Deus Atende;
Deus Atua;
Deus é Autoridade;
Deus é Beneficente;
Deus é Benevolente;
Deus é Bom;
Deus Acompanha;
Deus Comunica;
Deus Conhece;
Deus Controla;
Deus Convoca a Compromisso;
Deus Cria;
Deus Cumpre;
Deus é Decisivo;
Deus Delega;
Deus Desafia;
Deus é Detalhista;
Deus é Determinado;
Deus é Digno de Louvor;
Deus Discerne entre Bem e Mal;
Deus Dá uma Segunda Chance;
Deus Domina;
Deus é Dono;
Deus é Econômico;
Deus Ensina;
Deus Envia;
Deus Estabelece Alianças;
Deus Estabelece Limites;
Deus Estimula;
Deus é Ético;
Deus Executa (Sua Vontade);
Deus é Exigente;
Deus é Fiel;
Deus é Gracioso;
Deus é Harmonioso;
Deus Idealiza;
Deus Imagina;
Deus é Imutável em Propósitos;
Deus é Incontestável;
Deus é Indefinível;
Deus Inova;
Deus é Inteligente;
Deus é Intencional/Proposital;
Deus Interessa com a humanidade;
Deus Julga;
Deus é Justo;
Deus Liberta;
Deus é Maior que o universo;
Deus é Misericordioso;
Deus Observa;
Deus é Ordeiro;
Deus Ordena;
Deus Organiza;
Deus Ouve;
Deus é Paciente;
Deus Participa;
Deus Persegue;
Deus Persiste;
Deus Planeja;
Deus é Poderoso;
Deus Cuida;
Deus é Presente;
Deus Preserva;
Deus Prevê;
Deus Protege;
Deus Provê;
Deus Realiza;
Deus Faz o Impossível;
Deus Reconcilia;
Deus Redimer;
Deus Repreende;
Deus Respeita a Escolha humana;
Deus Restaura;
Deus é Sábio;
Deus é Santo;
Deus é Seletivo;
Deus é Senhor;
Deus é Sensível;
Deus Sentencia;
Deus é Soberano;
Deus Sofre;
Deus Sustenta;
Deus Trabalha;
Deus é Único;
Deus Utiliza Recursos;
Deus é Visionário;
Deus Vive;
Deus Não é Aleatório/Arbitrário;
Deus Não é Omisso;
O Homem Desconfia;
O Homem é Injusto;
O Homem é Inseguro;
O Homem é Limitado;
O Homem Teme;
O Homem é Necessitado;
O Homem Oprime;
O Homem Reclama;
O Homem é Servo.

Os princípios teológicos listados acima têm base no texto bíblico, porém a percepção dos princípios depende do estudo cuidadoso do texto. Na recontagem da narrativa, deve-se apresentar apenas alguns desses princípios. A maioria desses princípios não serão tratados na recontagem e reflexão para dar a devida ênfase aos princípios que apóiam o direcionamento da recontagem. Às vezes princípios levantados são apenas mencionados de passagem, como o fato de Deus dar uma segunda chance a Moisés. Às vezes o princípio teológico é enfatizado de várias formas na recontagem, como o fato de Deus ser Senhor, convocador e exigente. O narrador precisa recontar a narrativa para conscientemente destacar os princípios teológicos a serem

[583] "A questão é" ....

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

tratados. A contagem da narrativa deve ter um propósito, e este propósito deve aparecer através da própria contagem da narrativa, não apenas aparecer ao final. Na contagem a seguir, e ênfase será dada sobre tratar a questão de procurar emoções e experiências, em contraste com aceitar a convocação de Deus.

Após a recontagem da narrativa em si, o pregador extrai as lições que já havia escolhido para salientar na recontagem. O ouvinte é convocado para encontrar-se com os personagens da narrativa e logo a encontrar-se consigo mesmo dentro do próprio texto bíblico. Em geral, o enfoque do ensino textual é a revelação de que tal como Deus atuou com os personagens do texto, Deus também trabalha com o ouvinte da narrativa. O ouvinte participa da narrativa, porque o ouvinte encontra-se espelhado nas personagens do texto.

A recontagem a seguir parte de um processo de estudo do texto escolhido, no qual o autor vem lidando com certos aspectos do texto por anos, tendo pregado e ensinado do texto em múltiplas ocasiões em muitos contextos. Esta recontagem, porém responde certos assuntos (dentro dos parâmetros do texto) que estão gerando polêmica na atualidade desta exposição. Em outro contexto, a recontagem tomaria outro rumo para responder outras questões mais pertinentes. Pede-se ao leitor que ouça a recontagem no sentido de perceber qual a orientação do sermão revelado na própria recontagem, mesmo antes da parte da reflexão que segue a recontagem da narrativa em si.

Na parte final da recontagem e extração de lições, o enfoque é dado à aplicação pessoal. O posicionamento deste autor é de que em geral vale muito mais oferecer ao ouvinte as bases para fazer a sua aplicação, mas convocando-o a traçar para si mesmo a linha específica da aplicação. No pensamento do autor, quando o ouvinte é induzido a tomar uma posição frente ao texto, seu compromisso é maior do que quando o pregador exige dele uma certa atitude ou ação. Por este motivo, a conclusão é feita em perguntas que exigem respostas, mas respostas pessoais que exigem uma reflexão interior do ouvinte.

Recontagem da Narrativa:

A Sarça de Moisés
(Êxodo 3.1-15)

Será que Deus pode usar aquele que não se sente preparado?

Longe do Egito, longe do povo, e longe de Deus, Moisés andava ocupado com seu trabalho. Estava a seu encargo o rebanho de seu sogro, e andava procurando pastos nos quais apascentar o rebanho. Sua vida passada estava muito longe de sua realidade atual. Havia se esquecido do povo sofrendo opressão lá no Egito. Numa época passada havia tentado ser um libertador do seu povo, mas havia fracassado. Agora, anos depois daquele tempo no qual tentara remir o povo, encontrava-se seguro, fazendo o trabalho de um pastor de rebanhos, longe do alcance do Faraó que o queria matar. Em meio de sua comodidade, Deus vem ao seu encontro.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Moisés não estava procurando Deus. Não estava à procura de um meio de libertar o povo da escravidão no Egito. Não estava buscando uma experiência dramática com Deus. Estava seguro em sua fuga, trabalhando em sua comodidade, esquecendo-se do povo no cativeiro. Longe do povo e longe de Deus, o Libertador vem à sua procura.

Caminhando em seu trabalho, Moisés viu algo extraordinário que lhe chamou a atenção. Desviou-se de seu caminho para ver mais de perto. Ao acercar-se de um arbusto em chamas que não se queimava, ouviu a voz de Deus chamando-o pelo nome. "Moisés! Moisés!". Imagino que Moisés levou um susto! Quem o estaria chamando pelo nome aqui em pleno deserto? Percebendo que a situação era algo extraordinário, prestou atenção.

Moisés respondeu à voz que provinha das chamas, "Eis-me aqui". Ouvindo outra vez a voz que agora lhe dizia para não se aproximar, mas para tirar as sandálias, logo indentificando-se como o Deus do seu pai, de Abraão, de Isáque e de Jacó, Moisés jogou-se ao chão em reverência e temor. Era o seu próprio Deus que vinha à sua procura!

Deus explicou a Moisés a razão da visita. Deus havia visto a aflição do povo no Egito, havia ouvido o seu clamor e havia resolvido resgatar o povo do Egito e levá-lo para a terra que havia prometido a Abraão. Para cumprir este propósito havia escolhido Moisés. E Deus disse a Moisés, "Vem, e eu te enviarei a Faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel".

Moisés lhe respondeu como qualquer um de nós teríamos feito: "Como é? Eu? Tu queres que Eu faça o quê? Deus, tu não sabes o que estás pedindo. Tu precisas falar com outra pessoa. Eu não sirvo de libertador de povos escravos. Será que tu não anotaste o endereço errado? Quem sou eu para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?".

Veio a resposta de Deus. "Moisés, Moisés, não fui eu que errei o endereço, foste tu que não ouviste bem o recado. A questão não tem a ver com as tuas qualificações, mas que EU SOU contigo. Vou até te dar um sinal de que realmente EU SOU que te envio. Depois que tu tiveres tirado o povo do Egito, servirás a Deus neste monte".

"Barbaridade! Brincadeira! Que tipo de Deus dá um sinal como esse? Que sinal é esse que somente se vê após a tarefa cumprida! Mas não é possível! Olha, Deus, se eu for aos filhos de Israel e disser-lhes que o Deus dos seus pais me enviou, eles vão rir da minha cara! Vão perguntar pelo teu nome. Vão quere saber mais a teu respeito. Dirão, 'Que deus é esse? Quem é ele contra os deuses egípcios? O que pode ele fazer?'. Que resposta darei?".

"EU SOU o que EU SOU—que ESTOU SENDO. Dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. YHWH, o Deus de vossos pais me enviou a vós. Este é o meu nome para sempre. Assim serei lembrado de geração em geração".

Deus continuou a falar com Moisés, Moisés sempre procurando uma forma de livrar-se do chamado. É que Moisés já havia tentado livrar o povo e havia fracassado. Moisés, filho do Faraó do Egito, havia enfrentado a opressão dos escravos hebreus†, porém havia apenas conseguido que o Faraó o condenasse à morte. Por suas próprias forças, Moisés já havia tentado libertar o povo e apenas condenou-se a si mesmo. Agora Deus vem, chamando-o para cumprir a tarefa na qual havia fracassado.

Será que Deus não entendia? Será que Deus não via que era impossível que Moisés fizesse tal coisa? Será que Deus não poderia encontrar outra pessoa, melhor capacitada para a tarefa à mão? A época em que Moisés queria libertar o povo já havia passado. Com o seu fracasso,

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

havia morrido também a esperança de remir o povo. Porque Deus não aceitava o óbvio e lhe deixava em paz? Moisés não era a esperança do povo. Sua própria gente se havia revoltado contra a sua tentativa de ajudá-lo. Não, Deus tinha que estar enganado. Estava pedindo demais.

Deus deixou que Moisés reclamasse, porém não retirou dele o seu chamado. Respondeu às suas críticas, perguntas, e dúvidas. Disse, "Moisés, EU SOU contigo. Não te peço que vás sozinho contra o Egito como da última vez. Vem e Eu te levarei a Faraó, e ele deixará o povo ir. Não te estou enviando para fazeres isso por tua própria conta. Eu sei que isso não funciona, como também tu já o provaste. Agora que tu aprendeste esta lição, Eu estou pronto para te usar. Vem".

... (Feito a recontagem da narrativa, segue agora a parte da reflexão, extraindo as lições do texto e convidando o ouvinte a ver-se espelhado na narrativa, na situação do próprio Moisés.)...

A primeira coisa que muitos vêem nesta narrativa é a "experiência dramática de Moisés com Deus". Por isso, muita gente anda procurando ter uma experiência de uma sarça ardente como a de Moisés. Muitos chegam a pedir tal experiência a Deus. Porém, existem pelo menos três problemas em procurar ter tais experiências. O primeiro problema é que não compreendemos o significado de tal experiência. O segundo problema é estarmos procurando uma experiência. O terceiro problema é que não estamos dispostos a assumir o custo de uma experiência tal.

Ter uma experiência com Deus é ser confrontado com um chamado especial de Deus. Não é apenas ter uma experiência marcante, que pode ser lembrado por muitos anos. É a experiência de ser confrontado com a vontade de Deus, vontade tal que implica num compromisso sério com Deus, que muitas vezes será difícil de suportar. Deus não se revela de forma especial à toa. Na Bíblia, não se encontra relato de pessoas que andaram procurando ter uma experiência dramática com Deus, mas de Deus perseguindo aqueles que em geral andam desgarrados. Estas experiências partem da iniciativa divina em chamar a atenção de alguém que Deus deseja utilizar. Estas experiências chamaram as pessoas a confiar de antemão em Deus. Essa não era uma confiança qualquer à qual Deus estava convocando estes indivíduos. Esta convocação especial necessariamente envolvia um sério compromisso de vida.

No caso de Moisés, ele se encontrava foragido de Faraó, quando Deus o chamou para arriscar a sua própria vida para libertar o povo da escravidão. O profeta Jonas estava fugindo de Deus e Deus o chamou para pregar arrependimento aos seus inimigos. Saulo, no caminho de Damasco, encontrou-se com o Senhor a quem andava perseguindo, e que o chamou para que fosse ele mesmo perseguido, preso, chicoteado, e apedrejado. Gideão estava se escondendo dos midianitas, quando Deus o chamou para levar trezentos homens para lutar contra um exército de milhares.

A experiência da sarça, porém, é detalhe mínimo desta narrativa. Enfocar toda a atenção na sarça é perder a importância da narrativa. Como já foi mencionado, a sarça foi usada por Deus para chamar a atenção de Moisés. Deus tinha uma tarefa especial para Moisés e viu ser necessário um sinal especial para chamar a sua atenção. A lição principal da narrativa concerne a convocação a esta tarefa.

Deus queria que Moisés atuasse conforme o propósito de Deus em libertar o povo da escravidão e da opressão. Moisés já havia tentado fazê-lo, mas tentou libertar o povo segundo as suas próprias artimanhas e planos. Deus o estava chamando a confiar nos planos e meios de Deus. Deus sabia que Moisés não podia libertar o povo, mas Deus estava disposto a libertá-lo

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

através de Moisés. O chamado era um desafio para Moisés, pois pedia dele que pusesse a sua vida em risco, voltando para o Egito para enfrentar o Faraó.

Este desafio e chamado de Deus para Moisés não foi algo completamente fora de seus próprios interesses. Moisés queria ver o seu povo livre. Numa época havia até tentado realizar aquilo para o que Deus agora o chama. Isso não altera a dificuldade e seriedade da proposta, porém. Moisés havia tentado libertar o povo da opressão, e havia fracassado completamente. A diferença agora é que Moisés está sendo convocado para depender de Deus, não de si mesmo.

Parecem quase as palavras de Jesus aos seus discípulos, "Sem mim nada podeis fazer". Esta lição de impotência Moisés havia aprendido. Estava prestes a aprender que com Deus nada é impossível. Era impossível para Moisés, mas não para Deus. Moisés, porém, teria que depender de Deus e fazer conforme as estratégias divinas. Devia libertar o povo sendo portavoz de Deus, seguindo sempre as suas orientações.

... (Feito a reflexão, extraindo as lições do texto, convoca-se o ouvinte a tomar uma decisão, aplicando os princípios estudados na recontagem e reflexão à sua própria vida. O ouvinte é confrontado com a realidade do texto, agora é necessário tomar uma decisão.)...

Será que a situação é a mesma hoje? Será que Deus tem planos para o seu povo que vão além das possibilidades dos que são chamados a cumpri-los? Será que Deus tem interesse em libertar os oprimidos hoje? Será que Deus atua hoje como atuou com Moisés?

O nome que Deus indicou para si a Moisés reflete que Ele é o mesmo de sempre, imutável em seus princípios. A questão para nós é "O que Deus nos está chamando para fazer?". Junto com essa pergunta vem outra, uma dúvida do próprio Moisés: "Será que Deus sabe o que está fazendo?". Moisés reclamou do chamado, até aceitar que Deus era Deus e que a sua posição devida era de servo obediente. Ainda assim, Deus exigiu dele confiança para andar com Deus em meio ao desafio além do seu controle. Moisés teve de confiar no sinal que ainda não podia ver. Teve que andar segundo a promessa de Deus, tal qual Abraão.

Nós não queremos esse tipo de desafio. Queremos algo feito, definido, que possamos analisar com cuidado, tranqüilidade e comodidade. Queremos exigir de Deus que ele nos leve a realizar os nossos próprios propósitos, segundo os nossos próprios conselhos, sempre protegendo o nosso conforto pessoal. Não estamos preparados para ouvir o chamado de Deus. Não estamos dispostos a seguir aonde não conhecemos o caminho de antemão.

O que Deus te chama a fazer? Estás ainda reclamando da dificuldade? Estás reclamando que tu não tens possibilidade de cumprir o encargo? Estás lutando contra Deus por já ter sofrido derrota? Estás inseguro e desconfiado daquele que te chama? Até quando lutaremos contra o chamado do Eterno? Até quando reclamaremos que a tarefa é difícil demais ou que deveria ser dado a outro? Até quando recusaremos sermos os servos do Senhor? Até quando pediremos sarças ardentes, sem estarmos prontos para aceitar o compromisso da convocação divina?

Deus nos convoca para atuarmos com Ele. Seremos nós fiéis? Se formos fiéis, a sarça continua sendo necessária?

Objetivo de Contar a Narrativa:

Como já fora mencionado, toda recontagem de uma narrativa deve ter um objetivo central específico. A recontagem acima teve como propósito traçar uma distinção entre a procura de

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

experiências e a convocação divina do servo humano. A avaliação do sermão deve primeiramente analisar se esse objetivo ficou claro e pôde ser aplicado pelo ouvinte.

Outros aspectos da avaliação são secundários ao alcance do objetivo. Lembre-se que a recontagem da narrativa sem um objetivo específico não tem propósito algum. Deve-se saber a razão pela qual se relatará uma narrativa. Sem definir um propósito, a recontagem não vale a pena. (Obviamente contar o texto bíblico tem propósito, mas é muito mais valioso quando se sabe definir um objetivo na transmissão do texto. Deus pode usar a leitura de um texto bíblico, mas quando o servo de Deus transmite uma palavra divina objetivamente através da recontagem é mais fácil a aplicação para todos os ouvintes.)

Outra Recontagem da Narrativa:

Tem sido mencionado que uma narrativa pode ser contada de acordo com vários possíveis objetivos. Não é "errado" contar a mesma narrativa com enfoque diferente a ser dado, pois é o objetivo que norteia a recontagem e a individualiza. Como ilustração de que uma narrativa pode ser recontada a partir da escolha dentre vários objetivos possíveis, segue outra recontagem da mesma narrativa. Esta recontagem conta com outro propósito da anterior, ressaltando outros princípios teológicos encontrados na passagem bíblica, direcionando-se a outro objetivo. Lembra-se que o objetivo escolhido deve partir do estudo do texto e ser coerente com seu ensino teológico, porém, as narrativas geralmente transmitem mais do que um só princípio teológico, podendo ser aplicados a mais de um possível objetivo.

Pode-se enxergar no seguinte exemplo que ênfase foi dada a outros versículos específicos da passagem, os quais são centrais para o objetivo especificado. Toda a narrativa não será conrada, apenas aquelas partes integrais ao objetivo à mão.

O Deus Que Ouve
(Êxodo 3.1-15)

Às vezes o ser humano se sente sozinho, clamando em vão a Deus. Será que Deus ouve o clamor de um mero ser humano?

Parecia que Deus não ouvia. O povo, a descendência de Abraão, estava passando dificuldades no Egito e clamando a Deus para livrá-los dos opressores. Sentiam que Deus estava longe e despreocupado com eles. O povo estava em dificuldades. Parecia que Deus estava bem longe. Uns teriam dito que Deus se esquecera deles. Fazia tempo que sofriam mas Deus aparentemente não fazia nada. Em desespero, gritaram a Deus, mesmo que muitos não esperavam uma resposta. Será que Deus não ouvia? Será que Deus não se importava com eles?

No outro lado do deserto, Moisés andava apascentando o rebanho do seu sogro, longe do povo sofrendo opressão nas mãos dos egípcios. Numa época havia se preocupado com a opressão, mas agora andava foragido e despreocupado com o sofrimento de seu povo. Afinal, o povo havia rejeitado a sua tentativa de ajuda e ele teve que fugir para proteger a sua própria vida.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Tinha ocupação, família, e sossego. O povo estava bem longe da sua realidade. Deus, porém estava ouvindo o clamor do povo. Deus ouvia. Deus se interessava.

Ocupado em seus afazeres, Moisés viu algo estranho e resolveu olhar mais de perto. Acercando-se do arbusto em chamas que não se queimava, ouviu a voz de Deus chamá-lo. Prontificou-se a ouvir a voz de Deus e obedeceu então a ordem de retirar os sapatos em reverência, escondendo também o seu rosto.

Deus terminou de identificar-se e disse: "Moisés, Eu tenho visto a aflição do meu povo no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa do sofrimento e da opressão vinda dos egípcios. Eu vou livrar meu povo e levá-lo àquela terra que prometi dar a Abraão e aos seus descendentes. Tenho ouvido o clamor dos filhos de Israel e agora vou te enviar a Faraó para livrares o meu povo do Egito".

Moisés respondeu, "Mas quem sou eu? Tu queres que eu tire o povo do Egito? Deus, eles podem estar gritando para socorro, mas eu não posso tirá-los de lá!".

Deus voltou a falar com Moisés e disse: "Eu serei contigo. Tu vais tirar o povo do Egito, e depois de tirar o povo do Egito, tu me servirás neste monte".

"Mas Deus, como vou dizer para o povo que Deus me enviou para livrá-los do Egito. Eles não me querem! Eles vão dizer 'Que deus é esse que te enviou para livrar-nos? Qual deus é este que te envia?' Eles estão servindo a muitos deuses. Como vou responder?".

"EU SOU quem EU SOU. Assim dirás a eles: 'יהוה (YHWH) me enviou, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isáque, de Jacó me enviou'". Deus não havia esquecido do povo, nem de Abraão, nem de Isáque, nem de Jacó—Israel.

A situação do povo estava bem difícil. Parecia que Deus estava bem longe—longe do seu sofrimento, longe do seu clamor, longe da opressão que viviam. Parecia que Deus não escutava o seu choro. Mas Deus estava atento. Deus estava interessado. Deus estava preparando tudo para livrar o povo do Egito e levá-lo de volta para a terra prometida a Abraão.

Olhando bem, não era Deus que estava longe e despreocupado, mas era Moisés! Moisés havia no passado tentado libertar o povo, só que não esperou em Deus e não procurou seguir os planos de Deus para livrar o povo. Impaciente, tomou a sua própria iniciativa em resgatar o povo e fracassou. Seu fracasso foi tanto que o próprio povo o entregou e ele teve que fugir do Egito sob condenação de morte. Finalmente Deus chega a Moisés e diz, "Chega. Está na hora de livrar o povo. Volta, pois desta vez tu farás segundo o que Eu te disser, e desta vez livrarás o povo das mão dos egípcios".

O próprio povo se havia rebelado contra Moisés e agora Moisés encontra-se em crise frente ao chamado de Deus. Pode ser que o povo estava até reclamando da opressão, mas não havia chegado até o ponto de submeter-se aos planos de Deus para sua libertação. Como Moisés, queriam ser libertos, mas à sua maneira. Quem sabe, a maioria queria ser liberto da escravidão, mas permanecer no Egito, conforme a primeira tentativa de Moisés para resgatar o povo. Haviam reclamado da opressão, mas agora clamaram a Deus, prontos para se submeterem aos planos de Deus.

Não restava outra saída e o povo estava agora pronto para ouvir a Deus. Não é apenas a imaginação que nos leva a esta conclusão, pois vemos no decorrer do livro de Êxodo que Deus insiste com o povo para largarem os seus outros deuses e servirem apenas a יהוה (YHWH).

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Olhando para trás, encontra-se Raquel, a esposa amada de Jacó e mãe de José, que adorava ídolos. O povo vivia no Egito, dentro de um contexto de um povo que adorava muitos deuses. Antes de livrá-los do Egito, Deus revela nas pragas que há um só Deus, soberano acima de todos os deuses do Egito. É este Deus que vem para socorrer o povo em seu clamor.

Não era Deus que estava longe, mas era o povo. Não era Deus que não ouvia, mas o próprio povo. Não era Deus que era impotente, mas o povo que procurava outras formas de resolver a sua situação desastrosa. Deus era fiel. Eles eram os infieis de ouvidos tapados.

Parece que Deus estava esperando para que o povo estivesse pronto para ser liberto, e que Moisés estivesse pronto para ser usado por Deus. Alguns estavam prontos. Alguns estavam clamando. Alguns estavam esperando em Deus. No tempo certo, Deus veio ao resgate.

O povo reclama e o povo clama. O povo aponta o dedo a Deus e diz "Faça alguma coisa! Livra-nos daqui!".

Deus responde: "Vem. Vou te enviar ao Faraó para que tires o meu povo do Egito". Ao pedir que Deus atue, é preciso estar pronto para ser o veículo de sua ação. Ao reclamar libertação divina, é preciso prontificar-se para aceitar o compromisso exigido por Deus.

Será que mudou muita coisa entre o contexto vivido pelo povo hebreu† no Egito e o povo de hoje, que somos nós? Somos muito prontos a reclamar da situação em que vivemos. Estamos prontos para aceitar o compromisso que Deus exige de nós? Estamos prontos para sermos agentes da libertação divina? Quais são os motivos da nossa gritaria hoje? Deus está longe sem ouvir, ou somos nós que nos recusamos a nos prontificarmos para a ação divina? Enquanto nós clamamos a Deus, o que será que Deus quer de nós? Estamos prontos para ouvir? Será que ainda não aprendemos de nossa necessidade de nos dispormos a Deus como servos obedientes? Estamos reclamando apenas para lançar a idéia de que Deus é distante, ou estamos prontos para que Deus atue para libertar?

Deus nos ouve. Deus conhece o nosso contexto e as nossas dificuldades. Como está a nossa audição? Estamos prontos para ouvi-lo?

Exemplos de Homilética Narrativa:

Apresenta-se a seguir uma série de sermões em estilo de homilética† narrativa para que o leitor tenha mais contato com o estilo apresentado. Inclui-se aqui apenas os textos dos sermões, o estudo textual tendo já fornecida a base para os sermões. Espera-se que com esses exemplos a exposição do estilo fique mais clara. Como poderá ser percebido, mesmo no emprego deste estilo há muita possibilidade para elementos criativos e flexibilidade na extensão do sermão.

A Criação do Homem
(Gênesis 2.4b-3.24)

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Muitas vezes a gente gosta de culpar o outro quando a falha é nossa. Alguns até desconfiam de Deus, pois vêem ao seu redor gente que não merece confiança. Imaginam que Deus seja um pouco como nós. Será que não poderia ser diferente?

Deus criou tudo que era necessário para o homem, incluindo comida, ocupação, companheirismo, e até suas necessidades estéticas. Tudo aquilo que Deus fez foi bom. Qual foi a primeira coisa que o ser humano fez por sua própria iniciativa—pecou na primeira oportunidade! O mal foi criação do homem, não de Deus! Será que não é assim hoje também? Nós apenas gostamos de jogar a culpa em Deus para não nos sentirmos responsáveis pelas nossas ações. Não é assim?

Será que Deus não é digno da minha confiança? Ou será que não sou eu quem não deveria receber a confiança de outro? Eu sou o culpado, pois fui eu que neguei a provisão de Deus para mim. Fui eu que desconsiderei que *YHWH* (יהוה) sabe o que é melhor para a minha vida. Sou eu que ando tentando fazer o meu próprio caminho, não confiando na palavra do Criador.

Desconfiança na Provisão de Deus
(Gênesis 2.4b-3.24)

De início, Deus proveu tudo que era necessário para o ser humano. Será que a criatura aprenderia a confiar na provisão de Deus?

Criando a humanidade, Deus providenciou também o Jardim Paraíso, conhecido como Edem. Esse jardim era regado por água que subia da terra. Parece ter sido um jardim imenso, pois nele havia não somente o homem, mas também animais de toda espécie, quatro rios, pedras preciosas, ouro de alta qualidade, e plantas de toda espécie para comida. Além de tudo isso, Deus forneceu ao homem ocupação – cuidar do jardim – e também instrução para a sua vida, indicando que uma das árvores do jardim era mortífera. Deus providenciou ainda mais que o homem fosse completo, sendo macho e fêmea. Por cima de tudo, o homem andava em plena comunhão com o seu Criador.

Até aqui, a narrativa descreve um paraíso ideal. Tudo funciona corretamente. Há toda provisão divina para suprir todas as necessidades humanas, até mesmo as estéticas. YHWH há provisto tudo de forma ordenada e dado à humanidade domínio sobre toda a criação. Existe até mesmo uma intimidade e comunhão entre o ser humano e o Criador.

Com tudo isto que Deus havia providenciado para suprir as suas necessidades, o homem não se contentou. Queria mais. Queria não ter que depender de Deus, nem de obedecer às suas instruções. Não contentou-se em ser o mordomo do Criador, nem de seguir as ordens e os conselhos d'Aquele que criou o universo. Queria tomar para si o privilégio de fazer as suas próprias regras, de seguir os seus próprios conselhos, de tomar para si o lugar do Criador. Queria ser igual ao Senhor Deus e depender apenas do seu próprio conhecimento, fazendo o que bem lhe agradasse, sem prestar contas a ninguém. Deu tudo errado.

A tentação de desobedecer, seja, de não confiar nas provisões, intenções e instruções de Deus, já deve ter nascido dentro do próprio homem, pois não levou muita coisa para levá-lo a atuar em desconfiança. Quem sabe já tinha começado a projetar as suas próprias fraquezas sobre

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Deus. De qualquer forma, à primeira oportunidade o homem estabeleceu o seu próprio curso, desviando-se dos planos de Deus.

O animal mais sabidinho de todo o jardim aproximou-se à mulher e começou a instigar que Deus deveria mesmo estar escondendo do homem algum privilégio especial, retendo-o para si mesmo. Em lugar de confiar cegamente em Deus, não deveria o homem comer da árvore do conhecimento para poder fazer as suas próprias decisões e o seu próprio caminho? O própio nome da árvore era "árvore do conhecimento desde o bem até o mal". Deveria ser bom comer dessa árvore para ter pleno conhecimento! Qual poderia ser o problema? Afinal, conhecimento é coisa boa, e quem tiver um conhecimento pleno poderá certamente fazer decisões sábias e corretas! Também não teria que depender de Deus, já que certamente conheceria tudo quanto conhecia o Senhor.

Não levou muito até que a mulher tomou daquela árvore, e deu ao marido que também comeu. Que tragédia! Deveriam ter confiado na palavra do Senhor, em vez de dar lugar à voz de uma simples criatura, mesmo que sagaz entre as demais! Será que não compreendiam que a astúcia da serpente era muito mais limitada do que a de Deus? Será que não confiavam que o Deus que havia preparado todo aquele Jardim Paraíso o havia feito com a intenção amorosa de suprir todas as suas necessidades? Como podiam prestar mais atenção em outra criatura do que n'Aquele que havia criado aquele maravilhoso jardim? Em lugar de confiar no Criador, deram mais atenção a um bicho que nem tinha patas!

De mordomo do Jardim Paraíso, andando em plena comunhão com o Criador, o homem transformou-se em fugitivo, escondendo-se d'Aquele de quem desconfiou. O paraíso no qual vivia tornou-se uma ilusão, pois já não podia acreditar na benevolência do Criador, de sua provisão, e do seu amor. Em lugar de ter todo aquele conhecimento desejado, viu-se ainda mais dependente no Criador, pois havia atrapalhado a sua vida de forma inesperada.

Nem assim Deus o desamparou. O Senhor veio atrás do homem infiel, chamando-o de volta para uma nova comunhão. Vestiu o homem de peles e providenciou a melhor saída possível de sua nova condição. Em misericórdia retirou dele a possibilidade de ser imortal, pois em meio ao pecado não o agüentaria. Alertou ao homem referente às conseqüências do seu erro, para que entendesse mais uma vez a sua necessidade de confiar no Criador. Mesmo em meio de sentenciá-lo, Deus age outra vez para prover por suas necessidades.

Difícil é aprender a lição de confiar em Deus. Parecia muito melhor ser auto-suficiente, não dependendo de ninguém. Parecia ser melhor testar os limites estabelecidos por Deus, pois quem sabe Deus não estava protegendo o ser humano, mas defendendo interesses egoístas. Parecia muita coisa, até que o homem resolveu dar lugar à sua desconfiança. Nunca havendo experimentado outra coisa senão a provisão de Deus, deve ter sido muito tentador colocar os limites à prova. Conhecer algo diferente parece ser algo gostoso. Pelo outro lado do assunto, as coisas são bem diferentes!

Será que é realmente muito diferente hoje em dia? Não é que desconfiamos dos limites que Deus estabelece da mesma forma descrita no jardim? Será que o problema mesmo não é o de aceitar que Deus realmente sabe o que é melhor e é este melhor que escolheu para o homem? Não é mesmo que o que realmente nos falta é confiar no Criador?

Lá no Éden não deu certo desconfiar de Deus. Por que será que a gente insiste hoje não crendo na provisão de Deus? Por que será que continuamos a projetar sobre Deus as nossas

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

falhas, em lugar de crer? Será que não deveríamos confiar mesmo? A Bíblia atesta que Deus é fiel. Será que o nosso viver atesta para o mesmo?

Confiar em Deus... parece ser uma coisa fácil. Todo mundo diz crer e confiar em Deus. Será? Será que realmente confiamos?

O Perdão Dificil
(Gênesis 4.1-24)

Ouve-se muito falar sobre perdão, mas o aceitar ou aplicar é um tanto mais difícil. Será que realmente compreendemos e queremos oferecer e aceitar o perdão, mesmo quando for oferecido a outro?

Na narrativa de Caim e Abel, vemos de início uma diferença e conflito entre dois irmãos. Abel oferece do seu melhor em oferta a Deus, enquanto Caim parece dar uma oferta qualquer para cumprir com a obrigação. Como Abel inclina-se de coração a Deus, ele recebe o contato com Deus que procura. A atitude de Caim, no entanto, não é aceito, e ele procura desfazer-se da comparação com o irmão, para assim afastar qualquer crítica.

A esse ponto, Deus alerta a Caim para encorajá-lo no caminho certo. Caim recusa a aceitar a sua responsabilidade pelas atitudes e ações e arma uma forma de assassinar o irmão, livrando-se de comparativas. Em todo esse processo, Deus está presente, comunicando–se com Caim, na procura pelo seu resgate.

Parece que Deus aceitou a oferta de Abel, mas não tinha interesse em caminhar com ele para o proteger. Porque é que Deus tem que falar com esse assassino, enquanto não alerta Abel para o fato que Caim quer matá-lo? Onde está a justiça de Deus para proteger o justo? Por que Deus deixa Abel correr risco de vida enquanto Caim arma as suas ciladas?

Caim chama Abel para o campo e o mata. É o último contato direto que temos de Abel— morto no campo e aparentemente enterrado para ali ser escondido. E parece que Deus não interveio.

Deus logo chama a Caim para responder pelas suas atitudes e ações. Caim ainda procura esconder o seu feito, mas Deus está a par da situação. "A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra". Queremos ouvir, então uma voz de sentença severa, Caim pendurado pelas unhas dos pés, chicoteado, torturado até devolver a vida de Abel. Mas Deus já recebeu a vida de Abel, sua voz clamando e chegando diretamente à sala do trono do universo. Deus não está mais preocupado com Abel, pois Caim nada mais pode fazer contra o irmão.

O que nos preocupa, porém, é que Deus ainda preocupa-se com Caim. Não procura formas engenhosas para torturar e matar. Procura resgatá-lo e trazê-lo a confiar em Deus como Abel fazia. Deus procura libertar Caim de sua ansiedade de ser comparado com os demais, para que ele possa desfrutar da presença de Deus na sua vida.

Deus comunica a sentença, explicando para Caim os resultados de seu modo de agir. Caim começa a pesar as conseqüências e não enxerga futuro, a não ser ruína. O lavrador agora se transforma em errante e vagabundo, com medo do resto da humanidade.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Nesta condição, Caim clama a Deus e recebe misericórdia ainda. As conseqüências não são eliminadas de sua vida, mas Deus também não o abandona. Caim recebe misericórdia, perdão e uma nova chance de viver sob a graça de Deus. Não sabe, porém, comunicar essa graça para não gerar num conceito de libertinagem. Seu tataraneto Lameque não ouve da graça e misericórdia de Deus que conduz a responsabilidade de ação e uma nova vida. Este pensa que pode exigir uma completa proteção divina para si, enquanto trata os demais como quer.

Parece que Caim até recebeu graça e misericórdia—o perdão divino, mas não o soube compreender e comunicar adequadamente. Será que nós somos muito diferentes? Será que não vagamos entre exigir que Deus ignore as nossas responsabilidades de ação enquanto exigimos um rigoroso tratamento daqueles que nos ofendem? Será que entendemos o que é o perdão de Deus? Num contexto em que todos cumprem com os seus deveres, não teríamos que lidar com a questão de pecado e perdão. Não queremos lidar com isso no contexto no qual vivemos. É mais gostoso lidar com o perdão nos termos de Lameque, enxergando apenas proteção divina para reivindicar justiça para toda iniciativa própria. Por outro lado queremos eliminar o outro que contraria as normas de Deus, ferindo-nos de alguma maneira.

Será que temos compreendido e aceito o perdão de Deus? Quem sabe temos uma preferência por justiça cruel e vingança. Ainda bem que Deus continua oferecendo misericórdia, graça e perdão. Poderemos aceitar tal oferta?

A Espera de Abraão
(Gênesis 12.1-2, 15.1-6, 16.1-5)

Às vezes anelamos algo que parece não ter solução. Não vemos qualquer jeito de solucionar o problema e parece que a intervenção divina não está próxima. Será que Deus é fiel para suprir as nossas necessidades? Devemos esperar em Deus? Ou será que Deus quer que tomemos alguma iniciativa própria?

Abraão queria um filho. Fazia tempo que se casara, mas sua esposa não engravidava. Ele sabia que Deus lhe daria um filho, pois Deus havia prometido que teria um herdeiro, mas estava cansado de esperar. Bem, de certo modo já tinha um filho, pois Ló, seu sobrinho veio morar com ele, já que seu pai havia morrido. Mesmo assim, não era o mesmo que ter um filho próprio. Tinha um servo que amava a quem todos os seus pertences passariam, mas não era o mesmo. Parecia que sempre estavam lhe perguntando quando ele e Sara teriam um filho. Já não sabia o que fazer.

De acordo com o pensar dos povos da sua época, um filho significava tanto o herdeiro como a continuidade da própria vida dos pais. Não entendiam ainda o conceito da continuidade da alma, senão pela extensão de sua vida através dos filhos. Como o filho espelhava os pais, os pais continuavam a viver através da descendência.

Deus havia lhe prometido uma descendência enorme. Abraão confiava na palavra de Deus. Tinha certeza de que Deus cumpriria sua promessa. Mesmo assim, suas preocupações com um herdeiro, suas necessidades emocionais, e a pressão que vinha de seus conceitos de vida eterna e dos povos ao seu redor o vinham desgastando. Queria descansar na promessa divina, mas estava cansado: Cansado de perguntas... Cansado de piadas... Cansado de esperar... Cansado de explicar para as pessoas a respeito das impossibilidades que enfrentava... Cansado de viver

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

sempre numa expectativa que não se concretizava. Abraão queria um filho—um herdeiro, a extensão de sua própria vida. Queria uma resolução imediata, mas a resposta tardava ano após ano.

Cansado, triste, incerto com respeito ao futuro, tomou algumas decisões impróprias. Procurou fazer seu próprio caminho. Chegou a pensar que Deus esperava que ele mesmo agisse para realizar o sonho. Aceitou a forma de vida dos povos ao seu redor, deixando-se convencer que fazia a vontade de Deus. Não era verdade.

Por um tempo, seu esforço aplacou-lhe a intensidade do seu desejo, mas não foi a resposta desejada. Abraão reconheceu o seu erro, mas sentia ainda a pressão. Agora, porém, a pressão era maior, pois havia feito uma tentativa que foi frustrada. Esse erro lhe aumentou a angústia por um filho que fosse o filho que Deus lhe havia prometido.

Voltou a esperar. Cansado, triste, inseguro, angustiado, desesperado, mas Deus voltou a confirmar a promessa. Quem poderia crer? Era impossível pensar que realmente teria um filho! Sara já tinha idade avançada e ele ainda mais. Deveria realmente confiar em Deus? Sabia que sim, mas suas emoções lutavam com o seu raciocínio. Era tão difícil aceitar. Mas era necessário. Deus era fiel e cumpriria sua promessa.

E nós? Quais são as lutas que enfrentamos hoje? Quais as promessas de Deus que nos parecem impossíveis? Qual é a luta que as emoções trazem às nossas vidas? O que nos leva a questionar a fidelidade de Deus, dizendo "Será que Deus é fiel, mesmo"?

Abraão passou por essa prova. Em verdade, ele fracassou de inicio, mas depois voltou a Deus, confessando sua fraqueza, sua angústia, e, arrependendo-se, voltou a Deus para esperar a resposta divina. Qual será nossa resposta? Optaremos pela resposta que o mundo oferece, ou pela resposta de Deus? Esperaremos em Deus, ou buscaremos o atalho mundano?

Abraão aprendeu que o atalho oferecido pelo mundo não produz a resposta adequada. E nós? Aprenderemos pelo exemplo de Abraão, ou aprenderemos pela nossa própria experiência? "Entrega o teu caminho ao Senhor. Confia n'Ele, e o resto Ele fará"[584].

O Grande Sacrifício
(Gênesis 22.1-19)

OBS—na introdução da seguinte narrativa estão dois parágrafos didáticos. Este tipo de introdução não seria normativo, mas é uma opção no evento de uma temática que necessite certa explicação introdutória.

No mundo antigo entre os povos vizinhos de Israel e seus antecedentes (e quem sabe ainda hoje no espiritismo afro-brasileiro), o sacrifício animal tinha como propósito essencial aproximar o ofertante do seu deus. Compreendia-se que o fator animativo do ser humano e animal residia no sangue do mesmo. Assim vemos expressões bíblicas como em Gênesis 9.4-5 e Levítico 17.11-14 que a vida do animal está no seu sangue. Ao morrer, a vida do animal era liberado no

---

[584] Salmo 37.5.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

fluir do sangue (onde residia), voltando essa vida a Deus. Assim em Gênesis 4.10 é o sangue de Abel que clama a YHWH, culpando a Caim.

No ato de sacrificar um animal, portanto, os povos entendiam que o sangue derramado do animal aproximava o ofertante ao seu deus, garantindo-lhe audiência perante a divindade. Fazendo o seu sacrifício, o ofertante poderia transmitir seu pedido diretamente ao seu deus, por intermédio do sangue do animal sacrificado. O ato sacrifical, portanto, era uma forma de buscar a presença de Deus, dando ao ofertante atenção divina.

Também para Abraão o sacrifício era um meio de buscar audiência de YHWH e de confessar sua lealdade a Deus. Certos povos ao seu redor utilizavam também o sacrifício humano, como forma intensiva de buscar a atenção e ajuda de seus deuses. Para muitos, o sacrifício não encontrava sempre uma resposta positiva, pelo qual ofereciam muitos sacrifícios e até se imolavam, implorando a atenção da divindade, como está registrado em 1ª Reis 18.28. Era algo difícil para os povos receberem a atenção divina que procuravam. Suas formas de culto eram tentativas para alcançar essa audiência e aprovação divina.

Abraão havia esperado muito para ter um filho. Já com idade avançada o filho prometido por YHWH nasceu e o cumprimento da promessa tanto esperada torna-se realidade. Isaque era tudo que Abraão havia pedido—era a extensão de sua vida, era um filho que amava, era a visão e esperança de um povo que herdaria a promessa de YHWH para ser uma bênção a todos os povos da terra.

Sendo Isaque, o filho da promessa já moço, Abraão se via com a necessidade de dar a YHWH o que tinha de melhor. Ele sabia que todos os povos ao seu redor vinham mostrando a sua fidelidade aos seus deuses com sacrifícios que realmente importavam. Abrão sentiu que YHWH pedia que ele desse prova igual de sua fidelidade. Afinal, o que já havia ele entregue a Deus que realmente lhe importasse? Estava reservando para si o que lhe era mais importante. Precisava levar o seu filho, a realização da promessa de YHWH para entregar-Lhe em sacrifício.

Preparou tudo para a viagem e levou Isaque, a lenha e servos para irem adorar a YHWH. Seguiram viagem caminho o monte. Deixou os servos para trás e pediu a Isaque que levasse a lenha para o sacrifício que prestariam a YHWH. Muitos enxergam uma fé inabalada da parte de Abraão que YHWH certamente lhe restauraria Isaque, mas o texto não diz nada além de que Abraão deu uma resposta aos seus servos para que ficassem à sua espera. Indo mais adiante, Abraão e Isaque chegaram no local, e Abraão ouviu a preocupação do jovem: "Pai, onde está o animal para o sacrifício?". Respondeu da única forma que lhe era possível: "Deus verá".

Mesmo não compreendendo, Abraão precisava confiar em YHWH. YHWH havia provido um filho, o cumprimento da promessa. Abraão agora precisava entregar o mesmo de volta ao cuidado de YHWH. Abraão precisava uma aproximação de YHWH. Precisava da audiência divina e da aprovação divina. Sabia que lhe era necessário entregar o seu tudo e o seu melhor a YHWH.

Subiram o monte para o local apropriado e construíram o altar. Colocaram a lenha em ordem e Abraão tomou o filho e o amarrou para o sacrificar a YHWH. Estava para oferecer o seu melhor—toda a sua esperança para o futuro, o que lhe era mais precioso, o filho que por tanto tempo havia esperado e anelado. No último momento, YHWH envia o Seu mensageiro para que não machucasse o filho. YHWH não quer sacrifício humano. YHWH não exige que o homem faça nada mais do que vir com coração sincero a buscar audiência divina. Até mesmo o sacrifício necessário YHWH provê. YHWH faz tudo para que o homem tenha plena

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

oportunidade de ter livre acesso a Deus. O que ao homem é necessário é apenas sua sinceridade e fidelidade em servir a Deus.

Abraão aprendeu que Deus não apenas deixava o homem ter audiência divina de vez em quando, mas preparava tudo para dar essa audiência livremente. Abraão aprendeu que YHWH é digno de confiança e provê pelas necessidade do homem. Aprendeu que *YHWH* vê as intenções do ser humano e aprova a sinceridade. Abraão aprendeu que servir fielmente a YHWH é muito melhor que inventar o seu próprio caminho. Aprendeu que deveria depender completamente em Deus, colocando a sua vida inteiramente à Sua disposição. Por sua fidelidade, recebeu de volta a sua vida em dobro. Aprendeu que a grande exigência de Deus não é sacrifícios exagerados, mas confiança na provisão divina. YHWH está pronto a receber o homem ante sua presença. Será que estamos prontos a procurá-lo em sinceridade?

Compromisso da Aliança
(Êxodo 19.3-8)

Nem todos esperam que as promessas de Deus contenham compromissos de nossa parte. Será que compreendemos o que Deus espera de nós?

O livro do Êxodo dá início com o povo de Israel escravizado no Egito. Toma tempo para ilustrar quão sofrida era a situação do povo, bem como sua completa falta de esperança para um futuro diferenciado. Nunca na história havia um povo escravizado ter sido libertado. Escravidão era algo perpétua para o povo, mesmo que um ou outro indivíduo escapasse.

Com o nascimento de Moisés a narrativa começa a dar certa alusão esperançosa, mas tal esperança se perde rapidamente com o homicídio do Egípcio nas suas mãos. A única esperança do povo necessariamente corre para o deserto em fuga. O povo não tem qualquer esperança em vista, e nessa condição clama a YHWH (יהוה) a fim de alcançar socorro de algum modo. Desesperados, clamam por outra chance qualquer, pedindo clemência absoluta.

YHWH ouve o povo e envia a eles Moisés, o libertador rebelde. Moisés até tinha interesse em libertar o povo, mas não havia encontrado o jeitinho certo. Quando Deus o chama, ele até reclama antes de aceitar o encargo na ausência de melhores desculpas. Então reclama o povo, mesmo querendo liberdade, ansioso que nem seria possível. Faraó endurece o coração e dificulta ainda mais a vida do povo escravo. Até pedem que Moisés os "deixe em paz". Sem qualquer esperança por parte do povo, Deus continua a trabalhar com sinais que atacam todo aspecto importante do panteão egípcio, até chegar na pessoa do Faraó. Sem que o povo levante o braço em lutar contra o regime, YHWH o saca de sua escravidão, pelejando pelo povo. Egito, nação vista como poder de insuperável, é esmagada perante a decisão e ação divina.

Após esta tão grande libertação, na qual o povo tem sido convocado apenas a crer que YHWH atuaria em seu benefício, o povo se aproxima ao monte, onde é convidado para aceitar os termos de Deus para uma aliança. Vale ressaltar que o povo não vem atuando como povo de YHWH, mas agora que foram libertos vem a convocação para serem um povo—o povo especial de YHWH.

A convocação à aliança provém de YHWH, não do povo. YHWH chama a Moisés, pedindo que convoque uma assembléia especial para ouvirem os termos da aliança sendo

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

proposta. O povo tem todo direito para rejeitar a proposta sendo estendida. É uma proposta estendida por YHWH, com direitos e privilégios para ambos lados, bem como responsabilidades. É também uma proposta de livre escolha. O povo ganhava a proteção de YHWH, tornando-se seu povo especial, porém, comprometendo-se a aceitar suas responsabilidades. A escolha em aceitar era do próprio povo.

"Tens visto o que eu fiz aos egípcios, e como eu lhe saquei fora em asas de águias e lhes trouxe até mim. Agora, portanto, se obedeceis diligentemente a minha voz e guardares a minha aliança, sereis a minha possessão peculiar entre todas as nações; pois toda a terra me pertence, e vós se tornareis num reino sacerdotal e numa nação santa para mim."

YHWH os convoca a aceitarem o privilégio de serem o seu povo especial, com o compromisso de espelharem ao próprio YHWH que os havia liberto do Egito. Poderiam desfrutar de sua proteção, e teriam a obrigação de serem um luzeiro perante os povos. No meio da euforia após as vitórias realizadas sobre os egípcios, teria sido fácil demais para que o povo dissesse "Sim!" YHWH, porém os levou a caminhar mais três meses no deserto antes de convocá-los a aceitarem a sua aliança. O povo ainda via a necessidade de aceitarem, e deram resposta afirmativa. Passaram a ser o povo especial de YHWH!

O problema do enredo, gira em torno de apenas duas palavrinhas—"se diligentemente". Analisando bem, o povo até queria desfrutar das bênçãos da proteção divina, mas aceitar suas condições era outra coisa. Em todo o trajeto desde o Egito, o povo teve apenas de confiar em YHWH para suprir suas necessidades. Mas confiar é chato, e o povo queria fazer seus próprios planos, guiar suas próprias vidas, e fazer seu próprio caminho. O povo queria controlar o seu próprio destino, e o problema era que YHWH era grande demais! Não tinha jeito de controlar o Deus que os havia sacado do Egito, mas quem sabe um daqueles deuses do próprio Egito poderia ser manipulado?!

O compromisso da aliança é sério. Fomos chamados a sermos o povo especial de *YHWH* com a expressa preocupação de ser uma nação sacerdotal, mediando a presença e a identidade de *YHWH* perante todos os povos. Fácil até é dizer que queremos ser povo especial. Mais difícil é aceitar o compromisso e as responsabilidades do encargo.

Como o povo de Israel, nós também fomos convocados a assumirmos um compromisso sério, cheio de responsabilidades. O essencial é de atuarmos como sacerdotes ao mundo, fazendo Deus conhecido ao mundo. É um encargo missionário. Para aceitarmos as bênçãos de sermos povo de Deus, é necessário aceitar também as responsabilidades.

Será que estamos prontos para tal compromisso? As responsabilidades da aliança não são apenas divinas. Existe responsabilidade para o ser humano também. Será que estamos prontos para encarar essa verdade? "Se diligentemente guardardes a minha palavra, então..." Qual será a nossa resposta?

"Tinham Carros de Ferro"

(Josué 17.16-18, 23.1-16 e Juízes 1.19)

O que fazemos quando aparecem enormes dificuldades em nossa frente? Dizer que confiamos em Deus é fácil, mas será que confiamos mesmo?

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Depois da morte de Moisés, YHWH utilizou a Josué para liderar o povo na entrada para conquistar a terra prometida. Por intermédio de Josué, o rio Jordão foi aberto para o povo passar à terra de Canaã. Também foi sob a sua liderança que o povo teve a vitória sobre a cidade de Jericó, caindo as suas muralhas. Ao longo de sua vida, o povo enfrentou vários povos vivendo em Canaã, sendo muito vitoriosos, ao passo que obedeciam a YHWH. Ouve algumas desavenças no caminho, mas estas apenas quando o povo esquecia de confiar em Deus, e confiasse em si mesmos, escolhendo os seus próprios caminhos.

Na época da morte de Josué, ele se dá o trabalho de alertar o povo a confiar e cultuar somente a YHWH, Deus de Israel. Suas palavras no capítulo 24 são quase que assustadoras, ao percebermos sua falta de confiança na fidelidade do povo. "Não podereis servir ao Senhor, porque é Deus santo, é Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados. Se abandonardes o Senhor e servirdes a deuses estranhos, então ele se tornará e os fará o mal, e vos consumirá, depois de vos ter feito o bem" (Josué 24.19-20).

Dura palavra para ouvir! Será que o povo não vinha confiando em YHWH? Haviam recebido tantas bênçãos e provas da presença e atuação de YHWH em seu meio. Havia dado vitória inconcebível a esta mesma geração. Como é, então que Josué os adverte com palavras tão fortes? Como é que pode dizer "deitai fora os deuses estranhos que há no meio de vós" (24.23)? É realmente possível que o povo vinha adorando outros deuses também?

A narrativa conclui com a morte de Josué, e logo começa o livro de Juízes. Logo no capítulo primeiro encontramos algo muito estranho. De início relata como ainda havia povos a serem conquistados na terra, pois a promessa havia sido de que fossem expulsados pouco a pouco. Logo, vemos no versículo 19 que não foi possível que Judá não pôde expulsar os povos do vale de sua região "porquanto tinham carros de ferro". Que coisa mais estranha! O mesmo versículo diz que o Senhor estava com Judá e ajudou que tivesse vitória sobre a região montanhosa, só não podia contra os carros de ferro.

O que será que aconteceu? Será que YHWH havia enfraquecido? Será que não podia mais dar vitória completa? O que seria o problema para YHWH derrotar um exército com carros de ferro? Será que ferro não enferruja? Será que não se afunda na lama? Será que o mesmo Deus que afundou o exército do Egito com seus carros de ferro não pode mais agir? Será que YHWH estava cansado demais para lutar e realizar a sua vontade? Em Josué 17.18, o próprio Josué havia dito que os mesmos carros de ferro não eram razão de preocupação. Josué havia prometido que YHWH daria a vitória sobre os carros de ferro. O que aconteceu? Será que Deus enfraqueceu? Será que não cumpre a sua palavra? Será que aquelas vitórias narradas eram meras lendas ou contos de fadas? Será que YHWH não mais agia como naqueles dias?

YHWH não havia deixado Judá a sós, pois toda a passagem até o versículo 19 ilustra como Judá fora vitorioso em tantas batalhas. O sucesso já era tão esperado que já não era nem digno de menção. Logo lemos, porém, que Benjamin também não foi completamente vitorioso. Nem Manasés, nem Efraim, nem Zebulom, nem Aser, nem Naftali foram completamente vitoriosos. No capítulo 2, tudo se explica.

O mensageiro de YHWH vem perante o povo, lembrando as vitórias do passado, especialmente no Êxodo do Egito. Lembra ao povo também o pacto, incluindo o porém esquecido: YHWH expulsaria os povos, mas somente se o povo se mantivesse o pacto, sendo obediente a YHWH. Como o povo se rebelou, procurando outros deuses, então YHWH não lhe deu a vitória completa.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

O Senhor estava com Judá, mas não valia muita coisa. Judá não estava com o Senhor. Judá até conseguiu muita coisa, mas pouca em relação ao que YHWH tinha para dar. Que pena que o povo não podia confiar em YHWH. Que pena que voltaram atrás e procuravam outros deuses, outras formas de agir e atuar. Que pena que trocassem os planos e propósitos do Todopoderoso por perspectivas falhas e enfraquecidas. Pena que não chegassem a visualizar fé verdadeira.

Será que é muito diferente conosco? É fácil pensarmos nestas narrativas como sendo relatos de um mundo muito distante do nosso. É fácil esquecermos que este mesmo Deus que agia antigamente está agindo hoje em nosso meio. Será que também procuraremos nossos próprios atalhos e desvios? Será que aceitaremos deixar os inimigos de carros de ferro habitar o vale enquanto moramos apenas na selva montanhosa? Ou será possível entregarmos as nossas vidas aos planos de Deus? Se os inimigos à minha volta parecem grandes ou poderosos demais, será que eu posso confiar numa vitória completa, mesmo sobre eles?

YHWH é o mesmo, mas nós temos escolha. "Escolhei hoje a quem haveis de servir; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do Rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24.15). O povo clamou com voz forte que serviriam apenas a YHWH. Não durou muito. Qual será a nossa história? Dirá, "e o Senhor expulsou de diante deles todos os seus inimigos", ou dirá "mas não pôde desapossar os habitantes do vale, porquanto tinham carros de ferro"? A escolha é nossa. O que será?

A Espada de Gideão
(Juízes 6.1-7.25)

Muitas vezes sabemos o que devemos fazer, mas o evitamos por várias razões. Porque será que não fazemos logo o que já sabemos ser o correto?

O povo de Israel havia esquecido de *YHWH* (יהוה) mais uma vez, andando atrás dos ídolos dos outros povos. Os midianitas estavam dominando o povo, destruindo a lavoura, e furtando o mantimento israelita. O povo estava ansioso em face da praga midianita, que havia tomado conta da terra por sete anos. Nesse desespero, clamaram a *YHWH* por socorro. O profeta de *YHWH* subiu de Gilgal (o profeta sempre vinha de Gilgal!), chamando o povo para lembrar das coisas que *YHWH* havia feito e voltar de seus cultos idólatras e servir novamente ao Senhor. Nesse contexto, veio o mensageiro de *YHWH* a Gideão, sentando-se debaixo de uma árvore.

Onde estava Gideão quando o profeta veio ao seu encontro? O que fazia ali no lagar (lugar de prensar uvas)? É fácil malhar trigo num lagar embaixo de uma árvore? Para que o esforço perdido? Gideão estava escondendo o seu trigo, com medo dos midianitas.

"E aí, Valentão! *YHWH* é contigo!" Gideão não estava em condição nenhuma de valente. Estava malhando trigo no local onde se prensava as uvas, escondendo-o assim dos midianitas.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

A ironia do profeta encontrou terra fértil em Gideão. Esse virou e disse ao mensageiro do Senhor: "Ai, senhor! Se *YHWH* é conosco, porque estamos com tantos problemas? Se *YHWH* é conosco, não estaríamos nesta condição, e não estaria malhando trigo no lagar! Possivelmente *YHWH* nos fez subir do Egito, porém agora nos desamparou e entregou-nos nas mãos de nossos inimigos".

"Vai nesta tua força e livra Israel da mão de Midiã, *YHWH*, EU SOU, te ordeno".

Gideão não estava muito confiante na palavra intermediada pelo profeta. "Queres que eu livre a Israel da mão de Midiã? Estás louco, pois eu não sou ninguém, e a minha família também não é importante nem poderosa. Como esperas que eu possa fazer algo?".

"Tu farás, pois EU SOU contigo. Tu vencerás a Midiã como se essa multidão fosse apenas um homem".

Gideão ainda não estava muito confiante, mas sabia ser necessário medir a palavra ouvida a saber se por acaso não era realmente uma convocação de *YHWH* para sua vida, mesmo que improvável. Pediu que o profeta o esperasse enquanto preparava algo para comer. Trazendo o alimento ao profeta, este lhe pediu que pusesse a comida numa certa pedra, derramando o caldo por cima, ensopando-a. O profeta estendeu o seu cajado sobre a oferta, a qual foi devorada em fogo, e logo o profeta o deixou para que Gideão se acertasse com *YHWH*.

Gideão jogou-se por terra, reconhecendo que *YHWH* tinha planos para a sua vida e ele precisava adestrar os seus planos aos do Senhor. Atemorizado com o confronto com *YHWH*, Gideão edificou um altar, reconhecendo que *YHWH* vinha a ele em paz. Porém, naquele mesma noite, Gideão percebeu que ele tinha uma tarefa à mão, pois para ser fiel a *YHWH*, ele teria que primeiramente destruir o altar a Baal† do seu pai, e colocar em seu lugar um altar a *YHWH*. Como era um tanto desconfiado, levou dez homens consigo e realizou este feito às escuras da noite, sacrificando o boi de seu pai no altar a *YHWH*.

Logo de manhã, Gideão teve que enfrentar o povo. Vieram a ele para o matar por haver destruído o altar de Baal†. Seu pai interveio, dizendo, "Já que Baal† é tão forte e poderoso, deixe que se encarregue de Gideão". O povo resolveu que podia deixar isso nas mão de Baal†, assim fazendo prova de Baal† e também de *YHWH*. Mudaram o nome de Gideão a Jerubaal, "contenda Baal† contra ele", indicando que Gideão confrontaria a Baal†, e Baal† a Gideão. À primeira vista parece que o povo espera que Baal† o vencerá, porém *YHWH* transforma a situação. Não é Gideão que Baal† enfrentará, é *YHWH*! Afinal, não foi que *YHWH* havia dito "EU SOU contigo"?

Com tudo o que havia acontecido até aqui, Gideão ainda estava inseguro. *YHWH* havia falado com ele, mas ele não queria arriscar a sua vida sem ter plena certeza da vontade de *YHWH*. Pediu duas vezes que *YHWH* confirmasse o chamado, e a confirmação veio. Logo *YHWH* o chama a convocar um exército, o qual soma 32.000 homens. Convocado, *YHWH* manda 20.000 embora, logo manda outro grupo embora até restarem apenas trezentos. Trezentos homens contra um exército de mais de 100.000! Agora *YHWH* diz estar satisfeito com os números! Gideão está ainda inseguro! (Não imagino por quê! Quem aqui topa sair com trezentos contra 100.000?)

YHWH, porém compreende. Manda Gideão espiar o acampamento dos midianitas, onde ouve da boca de um inimigo pagão que a vitória já foi concedida por *YHWH*. Gideão retorna, agora mais confiante, pronto para levar a sua tropa para a batalha.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

(Quem está pronto para ir junto? Não é somente 300 contra 100.000, é também sem espada, nem escudo. É só pra levar uma tocha e uma trombeta. Como se defende com uma tocha numa mão e a trombeta na outra? É preciso confiar em *YHWH*!)

Olhando para trás, é fácil sermos críticos de Gideão. Afinal, muitas vezes pensamos na narrativa com apenas uma história, ou até mesmo um conto de fadas, que não tem nada a ver com a nossa realidade. Talvez até aproveitamos a narrativa para "colocar uma pele de lã" em sentido de que Deus comprove algo para nós. Uma aplicação que passa disso é difícil de ser encontrada.

A colocação de uma pele, porém, não vem ao centro da narrativa. O importante mesmo, é a confiança e o relacionamento de fé que Gideão desenvolveu com *YHWH*.

Confiança? Fé? Esse tal valentão que anda se escondendo no lagar? Esse tal que pede repetidas vezes confirmação antes de prosseguir com o chamado de Deus? Que confiança é essa? Que tipo de fé é esse?

É bom lembrarmos que Gideão estava apenas começando a relacionar-se e adorar a *YHWH*. Quando o profeta veio ter com ele, a primeira coisa que Gideão teve que fazer foi destruir o altar a Baal†, o qual pertencia a seu pai. Gideão não estava envolvido com culto a *YHWH*, mas *YHWH* veio ao seu encontro. Ele havia ouvido falar das coisas que Deus havia feito no passado, mas eram para ele histórias de tempos antigos, sem relevância para o seu contexto. Quando *YHWH* vem a lidar com ele, porém, ele atua conscientemente para desfazer-se do seu culto a Baal† e alinhar a sua vida com os propósitos de *YHWH*, Deus de Israel. Ademais, o que havia sido convocado para fazer incluía arriscar a sua própria vida para demonstrar a sua nova confiança.

Deus não chamou Gideão para lutar contra os inimigos de Israel, mas escolheu Gideão para ser o seu agente na batalha. *YHWH* iria guerrear, mas a Gideão correspondia prontificar-se para que Deus atuasse através dele. Teria que confiar que Deus lutaria se ele fosse apenas fiel, posicionando-se frente ao inimigo. Para isso, teria que sair de sua tranqüilidade e comodidade, quebrar com o culto a Baal†, e enfrentar a ira do povo e do povo inimigo. Teria que demonstrar a sua fé no Deus de Israel, mesmo se fosse covarde e inseguro. Teria que depositar a sua confiança em Deus, deixando de lado a fúria de suas emoções. Teria que obedecer, sem importar-se com os obstáculos à sua frente. Teria que declarar em suas ações que Deus seria fiel.

YHWH já havia prometido a vitória. Estava convocando Gideão para que participasse do que estava por fazer. O que pediu de Gideão era obediência e confiança. *YHWH* reconhecia que Gideão era incapaz de vencer os midanitas. Pedia, porém, que Gideão marchasse para mostrar que era *YHWH* que lutaria.

YHWH estava pronto para livrar o povo da opressão que sofria. Estava pronto para dar-lhe a vitória. Já havia prometido a vitória, mas esperava obediência e fidelidade do povo. A batalha estava ganha, mas faltava batalhar. Faltava fazer frente ao inimigo e confiar na vitória prometida. Faltava confiar na fidelidade de Deus.

Muitas vezes nós também enfrentamos dificuldades que parecem não ter soluções— problemas financeiros, familiares, físicos ou emocionais. É fácil cair no desespero pela nuvem de depressão que pode cair ao nosso redor. Mais difícil é confiar na fidelidade de *YHWH*, nosso Deus. É quase impossível lembrarmos aquelas palavras de Jesus "Buscai primeiro o Reino de Deus, e todas essas coisas [essenciais] serão acrescentadas". Jesus falava das necessidades básicas de comida, roupa e abrigo. Existe porém outra perspectiva pela qual devemos medir essas palavras. A perspectiva dos planos e propósitos de *YHWH*.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Gideão estava sendo convocado a crer e obedecer. Deveria crer nos propósitos e alvos de *YHWH*—entregar a terra nas mãos do povo. Era uma promessa temporal que se referia ao espaço físico de Israel, porém Deus tem um propósito parecido referente a esta terra. Jesus veio para estabelecer o seu reino aqui em nosso meio. Intencionou que todos viessem a participar do reino. Tem o propósito de que todos sejam ganhos para um relacionamento de fé e esperança em Cristo. A vitória foi prometida. A vitória já está ganha. Falta agora a nossa obediência.

Será que estamos prontos para sair e receber a vitória? Estamos prontos para fazer frente ao inimigo? Estamos prontos para confiar na vitória que Cristo já nos concedeu? Seremos encontrados fiéis?

Somos poucos contra milhares de milhares, mas Cristo já nos deu a vitória! Não temos espadas para erguer, nem força para lutar, mas temos a vitória já alcançada. O inimigo treme diante do nome de *YHWH*, o Senhor, nosso Deus, Criador do Universo. Marcharemos como Gideão? Proclamaremos com os 300 a uma voz a vitória de *YHWH*? "Por *YHWH* e por Gideão!"

Vamos para a batalha! Vamos aceitar a vitória que já nos foi concedida! Vamos sair para fazer frente ao inimigo e vencer pela palavra de Cristo! Proclamemos juntos que há um só Deus e um só Senhor! Ganhemos esta terra para Cristo, pois a vitória já está ganha!

> *Cantai, pois, a vitória é ganha, o inimigo afundou-se no mar! / Cantai, pois, a vitória é ganha, as coisas velhas ficaram pra trás! / Vencidas as barreiras que nos impediam, entremos na terra de Canaã! / Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia, aleluia, aleluia!*

Será que nós cremos nessa vitória? Será que realmente estamos prontos para levar a mensagem de Cristo para este povo? Afinal, quem é o nosso Deus? Estamos olhando para o número do inimigo, ou temos confiança real na grandeza de *YHWH*? Marchemos adiante, pois ele já venceu!

> *Cantai, pois, a vitória é ganha, o inimigo afundou-se no mar! / Cantai, pois, a vitória é ganha, as coisas velhas ficaram pra trás! / Vencidas as barreiras que nos impediam, entremos na terra de Canaã! / Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia, aleluia, aleluia!*

Confiando na Aceitação de Deus
(Rute)

Às vezes é necessário fazer decisões para confiar quando o futuro está incerto. Quando se reconhece não ter nenhuma forma de exigir nada de Deus, é comum sentir-se mais inseguro ainda. Nesses casos difíceis, será que podemos mesmo confiar em Deus?

Deus tomou uma jovem estrangeira, e através dela trouxe uma lição para o povo de Israel—uma moça chamado Rute. Ela havia se casado com um jovem de povo de Israel, enquanto ele e sua família estavam vivendo na terra de Moab, onde ela nascera. Após um tempo, faleceu seu sogro, seu marido, seu cunhado. Sua sogra disse "vou voltar para a minha terra. Fica tu aqui." Ela disse, "Não! Prefiro enfrentar as dificuldades de ser aceita na tua terra do que ficar aqui na minha. Aceitei teu Deus como meu quando me casei com o teu filho. Permaneço naquela confiança. Volto contigo."

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Seguiram viajem de volta para Israel. Chegando lá, sua sogra lhe indicou o que deveria de fazer para ver se a sua família aceitaria as responsabilidades que tinha para com Noemi, a sogra, e para com ela.

Deus foi fiel. Foi fiel não apenas em oferecer para ela um novo esposo, vinculada de volta para a herança da família com o qual casara. Deu também para ela um filho que foi antecessor ao rei Davi. Deus foi fiel, mesmo para essa jovem que era nada perante o povo—estrangeira, sem vínculo com a promessa feita para Abraão, a não ser pela sua própria aceitação e pela fidelidade de Deus.

Será que nós confiamos tal na aceitação de Deus sobre nós e sobre aqueles que estão à nossa volta?

Fé Verdadeira na Terra de Baal
(1ª Reis 16.29-18.46)

Fé verdadeira nem sempre aparece onde a esperamos encontrar. Será que sabemos onde encontrá-la?

Antes de tratar a narrativa de *1ª Reis 17.8-14,* precisamos situar-nos na história de Israel. O povo já saiu do Egito, e entrou na terra prometida. O rei Davi e seu filho Salomão já viveram e reinaram, cumprindo com a vontade de YHWH (יהוה). Após estes, porém, o reino se dividiu entre as dez tribos do norte, com o nome de Israel, e as duas tribos do sul, sendo chamados por nome Judá. Os reis também haviam levado o povo a prostituir-se atrás de outros deuses, Baal[†] em particular.

Este Baal[†] era um dos deuses de fertilidade dos povos ao redor de Israel. Considerava-se que Baal[†] fazia as sementes germinarem e as plantas darem os seus frutos. Consideravam que Baal[†] era responsável pela fertilidade do gado e também das mulheres. Consideravam que Baal[†] era quem mandava a chuva cair sobre a terra para assim regar os campos. Foi a este Baal[†] que Acabe se prostituiu a quem construiu um templo e altar. Foi a este Baal[†] que Jezebel, sua esposa, protegeu e manteve 450 profetas.

Quando Acaba, rei de Israel, se demonstrara infiel a ponto de erguer um altar e templo a Baal[†], YHWH interviu por meio de Elias. Mandou Elias apresentar-se perante Acabe em protesto ao culto a Baal[†]. Sua palavra tocou no cerne do culto a este deus estranho. "Já que tens prestado culto a Baal[†], suposto deus da fertilidade e suposto deus da chuva, Eu, YHWH, farei com que não mais caia chuva sobre a terra até eu mandar. A terra tornar-se-á seca por causa do teu culto a esse tal deus da fertilidade. Então toda Israel saberá quem é Deus".

YHWH secou os céus e houve uma grande fome na terra. No entanto, Deus enviou Elias para morar junto a um riacho, e ali enviou corvos para levar-lhe banquete de pão e carne de manhã e de noite. Era um banquete, pois o povo não comia carne todos os dias, apenas em ocasiões especiais. Baal[†] foi incapaz de regar a terra e contrariar a palavra de YHWH. Elias, porém, ficou naquele lugar conforme a orientação de YHWH, mesmo esperando que lhe sobreviesse a morte.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Após um tempo, a seca tornou-se tal que o riacho onde Elias estava acampado secou-se. YHWH enviou-lhe, então, a outro pais, a uma terra cujo povo prestava culto a Baal†. Lá YHWH prometeu cuidar do seu profeta através de uma viúva.

Elias saiu de Israel e chegou-se à terra de Jezebel, a rainha que mandara matá-lo. Ali encontrou a viúva do qual YHWH falara. Pediu para ela água, e logo que lhe fizera um pão para comida. Ela reclamou.

Por que razão deveria dar de comer a este estrangeiro? Afinal, ela estava prestes a preparar a sua última refeição, para si e para o seu filho. Era o último que tinha. Após esta refeição, ela e o seu filho estavam para esperar a morte chegar, pois não tinham nenhum outro sustento.

A palavra de Elias não foi fácil de ouvir. Toma este pouco que tens, e faça um bolo para o profeta estrangeiro, e com o restante para si e para o filho. O que ela tinha mal era o suficiente para si e o filho. Não havia o suficiente para repartir. Além do mais, que mãe aceitaria tal proposta de dar comida do filho para um estranho, quando tudo indica que o filho permaneceria sem comer? Era a sua última refeição! Porém o profeta dissera que não faltaria, nem a farinha, nem o azeite.

Ela reconheceu que ele era o profeta de YHWH, Deus de Israel. Havia ouvido falar de Elias, aquele que declarou a Acabe, o rei de Israel, que YHWH secaria os céus até segunda ordem. Reconhecia, também, que Baal† fora incapaz de contrariar a YHWH. Se YHWH pôde secar os céus, quem sabe era possível que provesse o seu sustento também. A final de contas, que diferença havia em comer mais uma refeição que não satisfaria mas seria a última, ou logo renegar a refeição como já havendo comido pela última vez? De qualquer forma, morreria tanto ela como o seu filho. Quem sabe o profeta seria fiel?

Teve que entregar a sua própria vida nas mãos de YHWH para realmente saber de sua fidelidade. Mais do que isto, teve que confiar a YHWH a vida do seu filho. Pela seu ato de confiança, recebeu de volta a sua vida, a do seu filho duas vezes! É que algum tempo depois, seu filho chegou à porta da morte, e ela decidiu que era o julgamento de YHWH sobre os seus pecados. Irou-se com Elias, perguntando porque ele tinha que repousar com eles, só para que YHWH visse a sua pecaminosidade e executasse justiça, tirando-lhe o filho. O profeta não respondeu à falha de sua reclamação, simplesmente pegou o menino, e orou a YHWH que lhe dera de volta em vida à mãe. Feito a recuperação, ela começou realmente a crer. Baal†, o chamado deus da vida e da fertilidade, realmente era impotente. YHWH, porém, é digno do título de Deus!

O que a viúva aprendeu ainda precisava ser aprendido por Acabe e a nação de Israel. É interessante que uma viúva pagã podia aprender a confiar em YHWH enquanto o povo escolhido escolhia crer em Baal†, que nem era deus. Elias voltou segundo a palavra de YHWH e enfrentou a Acabe, os 450 profetas e Baal† e toda a nação no monte Carmelo. Lá YHWH deu prova de ser Deus supremo e Baal† impotente. Logo YHWH enviou torrentes de chuvas para regarem a terra, mostrando ser realmente o Deus da Vida, de chuva, de água, de tudo.

Ao revelar-se, porém, YHWH desafiou o povo a confiar, como também desafiou aquela viúva. Pediu que entregassem aquilo no qual confiavam para o seu sustento, os 450 profetas de Baal†. Exigiu que declarassem a sua confiança apenas em YHWH de forma irreversível em oposição aos seus falsos deuses. Pediu que se rendessem por completo a YHWH e confiassem na sua misericórdia.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Será que nós também não precisamos fazer tal entrega e realmente confiar em YHWH? Para alguns pode ser necessário fazer a primeira entrega de fé, estabelecendo um relacionamento de confiança em Deus. Para outros de nós, será que não precisamos render aqueles rincões escondidos de nossas vidas a Deus? Será que ele não é fiel e poderoso para suprir as nossas necessidades? Os orixás dos terreiros são impotentes, tais como os santos pendurados nas paredes da cidade. O dinheiro é fugaz como também a chuva nos quais o plantio depende. Será que os nossos outros "deuses" não são também que nem o Baal† do povo ao redor de Israel. Pelo menos a viúva de Sarepta aprendeu a lição que apenas YHWH é Senhor. E nós?

"Abra os Seus Olhos!"
(2ª Reis 6.8-23)

O homem tende a olhar para as coisas erradas—problemas, dificuldades, perigos, barreiras—em vez de olhar para as coisas devidas. Enfocando assim nas dificuldades, fica difícil ver a saída que já está preparada. Será que o problema maior é termos uma perspectiva equivocada? Quem sabe se enxergamos pela perspectiva de Deus, a situação seja bem diferente do que pode parecer.

A Síria estava em plena campanha de guerra contra Israel. Vinha atacando utilizando de várias estratégias para derrotar Israel. O rei estava enviando seus soldados contra cidades específicas para as sitiar. Contudo, enfrentava problemas, pois Eliseu, o profeta de *YHWH* alertava o rei de Israel a respeito dos planos dos exércitos sírios e este alertava as cidades para estarem preparados para enfrentarem os ataques planejados. Como os seus ataques continuavam a dar errado, o rei sírio resolveu investigar a fuga de informação.

Mandou que se lhe buscasse a fonte da fuga de informes. Os seus servos lhe informaram que o profeta de *YHWH*, Eliseu era quem estava passando informações para Israel. Ao saber disto, o rei resolveu tomar o profeta cativo para que tivesse liberdade de atuar segundo os seus planos de guerra. Mandou que lhe reportasse a localização do profeta. Ao localizar a Eliseu, enviou um forte exército para trazê-lo de volta cativo.

De madrugada, um servo do profeta levantou-se e saiu. Estava bem contente por ser servo do profeta, pois Eliseu operava tantas coisas extraordinárias e o moço orgulhava-se por servir a esse homem de Deus. O moço saiu, mas o seu ânimo caiu por terra nessa madrugada. Levantando seu olhar, viu o exército sírio sitiando a cidade onde estavam. Correu em temor para reportar a Eliseu. "Ai, meu senhor! Estamos fritos! O exército sírio nos sitiou e nos levará cativo! O que faremos agora? Tem exército por todos os lados e não há saída! O que será de nós? O que faremos?"

Não parecia haver saída. Inimigos os cercavam por todo lado. Eles estavam sitiados sem caminho de retirada. O povo que vinha guerreando contra Israel havia atacado no ponto fraco. O próprio profeta que vinha alertando o rei de Israel contra os planos inimigos havia sido cercado. Deus aparentemente os havia abandonado. O drama de sucessos havia mudado, pois ao invés de atrapalhar os ataques sírios, estavam sendo atacados no ponto mais frágil. Tudo parecia ter caído por água abaixo. Agora não havia como escapar. Já não havia mais saída. E agora? "O que será de nós? Já não vejo mais saída! O que faremos?! Ai, meu senhor! Estamos fritos!".

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Eliseu não desperdiçou o seu tempo olhando para o inimigo. Não se preocupou em medir as forças adversárias. Nem ao menos saiu para ver se não havia alguma rota para escapar. Olhou para o moço e disse, "Fica calmo. Não se preocupe. Não tenha medo do inimigo. *YHWH* está ao nosso lado, portanto não há razão para temer. O nosso lado é mais forte do que o deles". Logo pediu que Deus abrisse os olhos do moço para que pudesse enxergar de outra perspectiva.

Quando o moço olhou, viu de uma perspectiva bem diferente. Enxergou o monte ao redor de Eliseu estar cheio de cavalos e carros de fogo, oferecendo proteção. A situação agora parecia bem diferente. Já não era assustador. Já não estava prestando atenção no inimigo. Agora estava prestando atenção em *YHWH.*

Quantas vezes isso nos acontece! Olhamos ao nosso redor e enxergamos apenas dificuldades, tropeços, situações difíceis, conflitos. Olhamos ao nossa redor e atrás de cada evento contrário vemos uma armação satânica. Lembramos do versículo que diz que o nosso inimigo anda ao nosso redor rugindo como um leão para no tragar. Logo esperamos ver sua atuação por toda parte. Temos inimigos reais. Temos problemas a enfrentar cujas origens são de além do nosso controle. Vemos tão claramente por toda parte expressões de inimizade contra os propósito de Deus. Somos tentados a identificar agência maligna em toda parte. Parece que ao nosso redor só existe inimigo. Não parece haver saída nenhuma, pois o inimigo é mais poderoso, mais numeroso, e nos há cercado por toda volta.

Às vezes chegamos a tremer de medo por dar mais atenção ao inimigo do que para o nosso Salvador! É muito mais fácil enxergar o inimigo, pois está cara a cara à nossa frente. Se olharmos com mais cuidado, poderíamos enxergar o Salvador. É falta de perspectiva, mas é também falta de fé.

A diferença entre o moço de Eliseu e o profeta provinha da diferença de relacionamento com *YHWH.* O moço seguia a fé do profeta e atava-se aos passos do homem de Deus. O profeta, porém, andava em plena comunhão com *YHWH.* Como conseqüência desse relacionamento, ele estava atento para aquilo que *YHWH* estava fazendo. Tinha os olhos fitos no Criador, o protetor fiel de Israel. O profeta havia se preocupado em conhecer a *YHWH,* logo não precisava preocupar-se com o inimigo. Confiava no Todo Poderoso, o que tinha para temer? O inimigo não merecia a sua atenção.

Onde está a nossa atenção? Estamos preocupados com aquilo que o inimigo está aprontando, ou estamos ocupados em conhecer e participar daquilo que o Todo Poderoso está fazendo? Temos os olhos voltados para encontrar toda armação inimiga que nos confronta, ou atendemos os planos do Criador? Medimos as barreiras ao nosso redor, ou confiamos que Cristo pode remover toda e qualquer barreira? Será que estamos temerosos de um inimigo que já foi derrotado na cruz? Será que ainda não entendemos que servimos o Criador do Universo, o Todo Poderoso, o único Deus, que nos amou e deu a sua vida por nós?

Será que estamos deixando de fazer a vontade de Deus por falta de atenção naquilo que ele está fazendo? Será que temos os olhos voltados para o lugar errado? Fixemos os olhos em Cristo, para assim cumprir com os seus propósitos!

Ou *YHWH* é onipotente, ou não é. Ou é fiel, ou infiel. Ou nos ama, ou não. Ou a vitória já foi ganha por Cristo, ou já fomos derrotados. Aonde colocaremos a nossa confiança?

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Abra os nossos olhos para que possamos crer e ver que a vitória realmente está em Tuas mãos!

O Adversário do Justo
(Jó)

Muita gente procura fazer tratos com Deus para de alguma forma manter controle sobre as suas vidas. Será que é valido esperar recompensa por obedecer o Senhor do Universo?

Era uma vez, um homem na terra de Uz—um homem chamado Jó. Este homem era exemplo ideal de integridade e perfeição—sempre servia a Yahweh e com diligência se distanciava do mal. Jó era um homem abençoado, com sete filhos e três filhas, enriquecido por Deus em ovelhas, camelos, bois, jumentas, e servos—era o maior de todos os homens do oriente. Sua família era exemplar em comunhão, e os seus filhos faziam sempre banquetes entre si, cada um por sua vez. Jó os cuidava e oferecia continuamente sacrifícios em prol deles, pelo caso de um deles ter cometido algum pecado sem perceber.

Certo dia, quando os servos de Deus prestavam seu relatório regular, entre eles chegou o adversário. A este Yahweh faz menção do nome de Jó, o seu servo por excelência, pois não há outro na terra como Jó—íntegro e reto em tudo o que faz. O adversário, porém, toma a acusar YHWH por estabelecer um sistema de recompensa material por atos corretos. Este indica que um sistema em que o homem recebe de acordo com as suas ações não resulta em mostrar aquele que realmente é íntegro. Tal sistema apenas aponta para aquele que sabe aproveitar-se do sistema. Acusa, então a Jó por não ser sincero em sua retidão e acusa a Deus por estabelecer um sistema incoerente de retribuição direta.

Este era o conceito teológico popular do dia, ainda nos dias do Novo Testamento. No decorrer do livro, porém, tal conceito é posto à prova. Os filhos de Jó morrem, seus animais são tomados, e seus servos mortos, mas Jó permanece fiel a Deus. O adversário volta a ter com Deus na próxima ocasião de relatório, ampliando sua avaliação. Não é apenas a questão de recompensa de bens que fazem injusto o sistema de recompensa, mas é essencial a questão saúde. Retirando de Jó a sua saúde, porém, este permanece fiel. Sua esposa o incita a negar a Deus, mas Jó permanece fiel, íntegro e reto.

Até este ponto, a narrativa corre bem. Começa a ser contado como se fosse um conto de fadas, tratando de um homem sem pecado algum, tratado como exemplar até mesmo por Deus. Este logo foi posto à prova para ver se sua retidão fosse real. Jó é provado, e mostra ser tão íntegro como antes. É neste ponto que a narrativa toma outra direção.

Os três amigos de Jó chegam para consolá-lo, porém difundem a teologia retribuicional vigente do dia. Reclamam que Deus há retribuído a Jó conforme algum pecado cometido, mesmo sendo que Jó insiste em não ter feito nada de errado. No responder a seus amigos, Jó aponta para o fato de que os injustos recebem prosperidade e nem sempre são punidos. Os seus amigos continuam a acusar a Jó de vários erros, porém não encontram nada, tal que Deus se intromete no discurso para fazer uma série de perguntas que não podiam ser respondidas. Desta forma, Deus mostra que todas as idéias dos amigos lançados para encontrar uma resposta ao sofrimento de Jó eram palavras de ignorância—Deus acusa aos amigos de falarem bobagem.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Ao final da narrativa, após Deus pedir sacrifícios dos amigos e a intercessão sacerdotal de Jó por eles, Deus restaura a Jó uma posição ainda mais elevada da anterior. Sua riqueza é dobrada, e seus filhos parecem ser ainda mais conceituados. Jó então vive feliz ainda por muitos e muitos anos, até mesmo ver os ta-ta-ra-netos. Final feliz, melhor do que se esperaria, mesmo no cinema de Hollywood. Essa reconstituição de Jó soa menos provável até que um conto de fadas!

Porque tanto drama para simplesmente dizer que uma teologia de prosperidade é apenas um "papo furado"? Porque insistir tanto para demonstrar que tudo aquilo que acontece no mundo não obedece um sistema tão fechado e limitado como aquele que como seres humanos gostaríamos de ver?

Olhemos um pouco para o papel desempenhado pelo adversário no primeiro capítulo. Este começa com uma acusação a Jó, acusação que vai sendo dirigida também a Deus. A acusação principal da narrativa, porém, não é nem contra Jó, nem contra Deus. O acusado é o que reclama um sistema bonitinho de retribuição direta de benção material sobre o justo e castigo sobre o ímpio. Em última análise, o acusador é Deus, e o adversário é aquele que mantém o conceito teológico dos amigos de Jó.

Começando a narrativa num estilo faz de conta, o narrador tranqüiliza o ouvinte a aceitar a proposta de um homem completamente justo e reto. Logo trata de mostrar a incredibilidade da idéia comum da teologia vigente de bênção material. Assim chegamos a ver que tal conceito baseia-se não na justiça de Deus, mas na própria avareza humana. Um sistema retribuicional reduz a fidelidade e a integridade a um egocentrismo cuidadosamente direcionado.

Qual é, então, o propósito de ser justo, reto e íntegro? Porque deveria o homem desviar-se do mal e servir a Deus em temor? Se não há uma recompensa clara para o justo, o que adianta e para que serve o esforço?

O desfecho do livro explica a razão—a grandeza e a majestade de Deus! A única razão para seguir os mandamentos e os conselhos de Deus é por causa de sua identidade e singularidade. Yahweh é digno de ser obedecido e seguido. Yahweh é digno de ser louvado e cultuado. Ser íntegro é apenas a responsabilidade do servo humano, criado por Yahweh para ser fiel um mordomo fiel. Foi o suficiente para Jó. Foi esta a razão de sua fidelidade e sua integridade de caráter. Mesmo quando não houve retribuição coerente com suas obras, Jó foi fiel e íntegro por razão da identidade de Deus.

Será que é suficiente para nós? Estamos prontos para obedecer e servir sem esperar qualquer recompensa como salário? Ou será que estamos dispostos apenas para viver uma avareza e um egocentrismo mascarado? Qual é a nossa motivação? Por quem seremos acusados—pelos amigos de Jó, ou pelo Yahweh?

Criaturas do Altíssimo
(Salmo 8.1-9)

Ouve-se muito do grande amor de Deus. Será que confiamos ser verdade?

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Cristo ama as criancinhas. Em toda a sua fragilidade, curiosidade, individualidade e dependência, Deus os ama. Quando nós olhamos para uma nova vida, quantas vezes pensamos de sua fragilidade e completa dependência em outros. Pensamos no contraste entre tudo aquilo que é necessário fazer em benefício deles, coisas que eles não conseguem lograr. É necessário, porém, lembrar-nos que nós também somos frágeis e dependentes—ainda que não queiramos admitir. Para melhor apreciar a nossa condição, porém, é necessário pensarmos um pouco a respeito do recém-nascido e o seu Criador. Refletindo sobre a identidade do nosso Criador, podemos melhor apreciar quem somos.

No Salmo 8 encontramos a seguinte reflexão sobre a grandeza de Yahweh, Deus de Israel, Criador do mundo. Também nessa mesma reflexão o salmista trata a condição do homem frente ao Criador.

Ó Yahweh, nosso Senhor! Quão admirável é o Teu Nome em toda a terra!
Tu, que revelaste a Tua glória desde acima dos céus!
Da boca das crianças e dos que mamam Tu sucitaste uma fortaleza contra Teus adversários, para calar o inimigo vingador.
Quando contemplo o firmamento†, obra dos Teus dedos, a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, para que Te lembres dele?
E o filho do homem para que o visites?
Contudo, pouco abaixo dos deuses o fizeste; de glória e de honra o coroaste.
Deste-lhe domínio sobre as obras das Tuas mãos;
Tudo puseste abaixo dos seus pés:
Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, as aves do céu, e os peixes do mar, tudo o que passa pelas veredas dos mares.
Ó Yahweh, nosso Senhor, quão admirável é o Teu nome em toda a terra!

Não há comparação entre YHWH e nenhum outro. Aquele que criou o universo, não pode ser comparado com qualquer outro, pois é infinitamente além. Olhando para a maravilha de uma nova vida, lembramos da diferença tamanha entre o que esta criança hoje é o que ela há de ser alguns anos para a frente. Essa diferença, porém, não chega a espelhar a diferença entre quem somos nós e quem é o Criador.

Entretanto, o objetivo do salmista não é apenas de apontar para a tamanha diferença entre Yahweh e o homem—Sua pequena e frágil criatura. O seu interesse é mostrar o quanto Yahweh ama à sua criatura, mesmo sendo ela pequena, frágil, e impotente. Esse amor vem expresso na posição que ao homem foi dada pelo seu Criador. Foi colocado numa posição de domínio sobre as demais criaturas, feito apenas pouco a menos da posição dos seres espirituais, sejam chamados deuses ou anjos.

O homem deveria ser insignificativo, porém o Criador o dotou do seu amor. YHWH não o ama por causa de qualquer mérito humano, nem por causa de alguma grandeza inerente ao ser humano. YHWH o ama por causa de sua benignidade e livre decisão de doar-se a outro. O ama como fruto de sua graça.

Por que razão deveria o Criador mesmo lembrar do homem? Nenhuma, a não ser por causa do seu amor. É obvio que o homem pouco se lembra do seu Criador e até foge de um relacionamento de comunhão com Ele. Mesmo sendo assim, YHWH não apenas lembrou-se dele, o elevou a um estado de senhorio sobre o universo. Ainda mais, veio a este mundo, nascendo como ser humano para mostrar o Seu amor de uma forma incontestável.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Que é o homem? Nada, a não ser uma criatura amada por seu Criador, o qual procura oferecer-lhe tudo aquilo que precisa para viver uma vida de plena comunhão com o Criador. Aparte de YHWH, o homem é nada e nada merece ser. Por causa da benevolência de YHWH, porém, o homem é especial. É especial por causa do amor que lhe fora dado.

Se o Criador realmente há dotado o homem com um amor tão profundo e uma posição tão especial, qual deveria ser a resposta do homem? Será que realmente entendemos esse amor de YHWH? Será que estamos prontos para aceitar a responsabilidade ao qual tal amor nos chama? Por que lutamos tanto para provar que somos merecedores de algo, ao contrário do que o Salmo ensina? Não seria melhor aceitar a proposta de amor do Infinito? O que nos impede de aceitar esse tão grande amor? Qual será a nossa resposta?

Ouça o Gaúcho!
(Isaías 6.8-10 e 46.8-13)

Ao iniciar o ministério de Isaías, temos o registro de sua visão de convocação no capítulo seis do livro de Isaías:

> ***8 Então ouvi a voz de YHWH, dizendo, "A quem enviarei, e quem irá por nós?"***
> ***E eu disse, "Aqui estou eu, envia-me" 9 E disse, "Vá e diga a esse povo:***
> ***'Estão ouvindo, mas não compreendem;***
> ***estão olhando, mas não percebem.'***
> ***10 A mente desse povo está grossa,***
> ***e seus ouvidos estão tapados,***
> ***e seus olhos estão fechados,***
> ***tal que não enxergam com os olhos,***
> ***nem escutam com os ouvidos,***
> ***e nem compreendem com a mente,***
> ***e arrependem para serem sarados." – Isaías 6.8-10***

O chamado de Deus sobre Isaías não ficou na visão descrita no capítulo seis. Deus continuou a falar ao povo através do profeta, este continuando a ser o portavoz de Deus ao transmitir também as palavras descritas no capítulo 46.

> ***8 Lembrai disso e considerai,***
> ***recordai à memória, vós transgressores,***
> ***9 lembrei da coisas passadas;***
> ***pois Eu sou Deus, e não há outro;***
> ***Eu sou Deus, e não há qualquer semelhante a mim,***
> ***10 declarando o fim desde o princípio***
> ***e de tempos antigos coisas nunca ainda feitas,***
> ***dizendo, "O meu propósito prevalecerá,***
> ***e eu cumprirei a minha intenção,"***
> ***11 chamando uma ave de presa desde o oriente,***
> ***o homem escolhido para o meu propósito de um país distante.***
> ***Eu o tenho falado, e eu o cumprirei;***
> ***Eu o tenho planejado, e eu o farei.***

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

12 Ouvi-me, vós duros de coração,
os que estão longe da libertação:
13 Eu farei chegar perto a minha libertação, não está longe,
e a minha salvação não tardará;
colocarei salvação em Sião,
em Israel a minha glória. – Isaías 46.8-13

Quando Isaías ouviu o chamado de YHWH (יהוה), foi uma palavra conflitante. Aceitou a proposta de tornar-se o portavoz de YHWH perante um povo que não queria ouvir. De certo, esta era parte da problemática que desencadeou o chamado a Isaías. As palavras de YHWH, "A quem enviarei e quem irá por nós?", chamavam a atenção para a situação do povo que vivia muito longe do compromisso da aliança de Deus. A aliança de Deus com o povo parecia ser uma piada, pois o povo andava vagando atrás de outros deuses, sem preocupar-se em servir a Deus em fidelidade. Isaías fazia parte desse povo idólatra, e por isso exclama da pecaminosidade do povo ao seu redor.

Deus alerta Isaías da situação que enfrentará no seu ministério. O povo não queria ouvir a palavra de Deus. Tinha informações sobre a aliança, mas não se prontificava para entender as suas implicações para o seu dia-a-dia. Chamava-se povo de YHWH, mas atuava desconforme a apelação. Conhecia os fatos, mas não havia aceito a realidade da aliança com Deus. Faltava-lhe compreensão.

Deus ainda queria resgatar o povo e efetivar a aliança, mas o povo não prestava ouvidos. O portavoz de Deus enfrentaria dificuldades para transmitir as boas novas de Deus, pois o povo não compreendia nem a sua necessidade, nem o cerne da mensagem. Pensava que havia outros meios de resolver a vida e realizar os seus objetivos. Andava atrás de outros deuses para fazer o seu próprio caminho, parecendo o Gaúcho com 60.000 centros espíritas no estado.

Foi necessário o exilo para acordar o povo à realidade de que apenas YHWH era Deus e digno de que o povo aceitasse o compromisso da aliança de Deus. Os deuses da Babilônia[†] se mostraram impotentes, apenas cumprindo a função de servos a YHWH. Não podiam socorrer, nem chegar perto de fazer o que YHWH havia feito pelo seu povo, mas esse conceito somente foi clarificado com uma nova e dura experiência de exilo que serviu para clarificar a mensagem de Deus.

Com a mudança para o exílo na Babilônia[†], o povo começou a compreender e aceitar de forma digna a aliança com Deus. Começou a ter um aprêcio da atuação de Deus na vida do povo, mesmo que sacados de sua terra. Começou a destapar os ouvidos e abrir os olhos para entender a salvação de YHWH, Deus de Israel. A mensagem de Deus pelo profeta foi transformada pela nova situação do povo. A mensagem não mudou em conteúdo, mas na forma de sua transmissão. Pela modificação do contexto no qual vivia, o povo começou a escutar a voz de Deus e enxergar a presença e atuação de Deus no seu meio.

No exilo o povo começou a escutar, pois a mensagem de Deus teve outra apresentação. A essência da mensagem permaneceu sempre igual, mesmo que o contexto e algo da apresentação foram modificadas.

Lá no cativeiro, YHWH visitou a seu povo através de seus profetas. Esses portavozes comunicaram a sua mensagem de forma clara e apreciável. A palavra pôde, portanto, ser aceito e compreendido. Isso por duas razões principais: o contexto do povo mudou e também a forma de apresentação.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Poderia a apresentação do evangelho de Jesus ser modificado para facilitar a sua compreensão e aceitação? No contexto vivido pelo povo gaúcho, qual é a necessidade que o leva a procurar soluções para a vida cotidiana?

Mas não foi somente no cativeiro que YHWH visitou o povo. Também criou carne e habitou no seu meio na sua própria terra. Viveu no seu contexto e apresentou o seu plano de boas novas no contexto vivido pelo povo em meio a outro exilo—exilo em sua própria terra, sobjugada pelos romanos. Viveu no meio do povo, compartilhando do seu sofrimento, e em meio ao seu contexto vivido anunciou o evangelho do reino.

Será que nós, os portavozes atuais de Deus, poderíamos nos acercarmos mais ao povo que está à nossa volta para compreendê-lo e encontrar melhores vínculos para a sua compreensão do evangelho? Será que não é necessário hoje também alterar algo da apresentação do evangelho de Deus? Será que não é necessário viver no meio do povo para levar a esperança do evangelho de Deus em Cristo, para ser ouvido no contexto do povo?

O povo de Israel andava longe de Deus, e foi necessário levar a palavra de Deus ao seu encontro. O que será necessário fazer para que esse povo gaúcho que anda em trevas abra os olhos para poder enxergar o evangelho em sua relevância? O que precisaremos fazer para transformar o nosso contexto de Isaías 6 para o de Isaías 46?

O evangelho contém esperança, mas apenas para aquele que escuta. Estamos sendo ouvidos? Pregamos o evangelho nos templos de nossas igrejas, mas dez milhões de gaúchos nunca entram em nossos templos. Como escutarão?

"A quem enviarei, e quem irá por nós?" E eu disse, aqui estou eu, envia-me. E tu?

A Missão dos Lavradores
(Êxodo 19.3-8/Mateus 21.33-46)

Deus tem planos para o ser humano. Será que entendemos a nossa responsabilidade perante os seus planos e oferta de graça?

Quando Jesus apareceu um Jerusalém na última semana de seu ministério na terra, veio clamando para que o povo de Israel voltasse à sua primeira obrigação—a de ser o povo especial de Deus em missão a chamar os povos para YHWH. Desde a promessa de YHWH a Abraão Deus vinha chamando o povo a reconciliar o mundo com YHWH, Criador do universo. Ao dar os dez mandamento a Moisés, YHWH reafirmou esse propósito do povo tomar para si a missão de trazer os povos perante YHWH, o único Deus.

> *"...Assim falarás à casa de Jacó, a anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, pois, se atentamente guardardes o meu pato, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas palavras que falarás aos filhos de Israel. ...Moisés ... expôs diante deles todas estas palavras, que YHWH lhe tinha ordenado. Ao que todo o povo respondeu a uma voz: Tudo o que YHWH tem falado, faremos...." (Êxodo 19.3-8).*

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Aceitaram a proposta de serem como povo sacerdotes de YHWH, mediando a presença do único Deus perante todos os povos da terra. Aceitaram o compromisso para trazer todos os povos ao pés de YHWH. Aceitaram o compromisso de serem um povo missionário que chamaria todo o mundo de volta ao Criador. Os profetas tinham que estar sempre lembrando o povo deste compromisso, pois o povo não lembrava do seu compromisso. Envolvia-se com muitas coisas, incluindo o prazer de ser o povo escolhido por YHWH, esquecendo do propósito do seu privilégio.

Jesus, porém, levou a mensagem dos profetas um passo adiante do que era costumeiro fazer. Especialmente naquela última semana de ensino Jesus lembrou ao povo que o chamado de Deus sobre eles era condicional. Eles seriam o povo escolhido somente enquanto atuassem como o povo missionário que haviam sido convocados a ser. Dentre uma série de parábolas sobre a temática, Jesus referiu a parábola dos lavradores maus. Os fariseus entenderam que esta parábola fora referida sobre eles, porém a suas implicações vão além dos fariseus e os principais sacerdotes daquele dia. Era um chamado para o arrependimento de todo o povo de Deus daquele dia e também deste.

A figueira estava infrutífera, e o povo também. Alguns diziam que não era a estação apropriada para figos, porém Jesus esperava colher fruto da figueira de qualquer jeito. Para Jesus, estação própria não era desculpa.

Apegavam-se às suas tradições interpretativas e negavam a atuação de YHWH no seu meio. Envolviam-se em suas atividades eclesiásticas e esqueciam de levar a mensagem de Deus ao mundo ao seu redor. O dia-a-dia ocupava o seu tempo e não encontravam como encaixar a missão de YHWH em suas vidas. De qualquer forma era mais seguro ficar na rotina do que ter que sair do conforto e depender de Deus.

De certo, as tradições dos seus anciãos amenizavam o rigor da lei dada por Moisés. Em muitos casos essas tradições procuravam apenas dar um jeitinho bem judaico para contornar as leis como otorgadas. Enquanto invalidavam as instruções do próprio YHWH, ignoravam também as suas responsabilidades para com os demais do povo e para com os povos ao redor. E a figueira permanecia infrutífera.

Mas nem era época de figos! Porque Jesus amaldiçoou a figueira? Não era culpa dela! Jesus não deveria ter esperado encontrar figos, pois era a estação errada! Não faz nenhum sentido procurar figos na época errada! O Senhor reclama, porém, que não há estação própria para o povo dar o seu fruto devido. A hora da colheita é já! Havia tempo que a figueira permanecia sem fruto. Já havia passado o tempo de colher, e não havia nada, senão apenas folhas! Tal figueira não presta a não ser como lenha para o fogo. O povo não estava produzindo o fruto devido.

E nós? Será que estamos nós também infrutíferos? Ou será que estamos rendendo o fruto devido. Será que reclamamos ser esta a estação errada para produzir fruto? Qual é a nossa desculpa? Será que não estamos ocupados demais com coisas boas que não produzem o fruto devido? Estamos lembrados do nosso compromisso? Será que prestamos para algo mais do que lenha?

"Que Queres Que Eu Te Faça?"

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

(Marcos 10.35-52)

De vez em quando, chegamos a Deus com o pedido errado. Nesses casos, será que não são as nossas atitudes que precisam de modificação?

Até no final do ministério de Jesus, os seus discípulos tinham muito a aprender. Vinham ouvindo Jesus ensinar, mas leva tempo para realmente compreender coisas novas. Jesus os ensinava de muitas maneiras. Em certa ocasião tiveram mesmo que aprender a lição de Jesus com um mendigo cego.

Jesus e seus discípulos estavam caminhando para fora de Jericó quando um mendigo começou a aprontar uma cena. Havia uma multidão ao redor, e este cego percebeu que Jesus estava passando por perto. Provavelmente havia ouvido falar de que Jesus havia curado um cego em outra cidade. Teria sonhado de ter a bênção de um encontro com Jesus, sonho alucinante. Percebia que a sua única oportunidade de obter uma nova chance na vida encontrava-se em Jesus. Ninguém jamais havia curado um cego até Jesus entrar na cena. Era a sua única chance.

Percebendo que Jesus vinha pelo caminho, começou a berrar. "Jesus, Filho de Davi! Tenha misericórdia de mim!". O povo indignou-se com o alvoroço do mendigo e mandou que se calasse. Afinal, a sua cegueira era comprovação para eles que sofria o castigo de Deus a causa de algum pecado, ou seu ou dos seus pais. A sua condição era, portanto, justa e merecida. Ele berrava e a multidão o repreendia. Berrava ainda mais. Logo tudo mudou.

Jesus ouviu os berros do cego e mandou que o chamasse. Este jogou para o lado a sua capa e apressou-se para ter com Jesus. A multidão, agora ajudando-o, o incentivava. Chegando para Jesus, Jesus lhe perguntou "Que queres que eu te faça?".

Que pergunta boba! Que outra coisa pediria um cego, senão a oportunidade de ver? Será que Jesus era cego também? Será que não sabia distinguir um cego? Se nem ao menos reconhecia a sua cegueira, como poderia curá-lo?

Pego de surpresa, o cego respondeu, "Mestre?! Que eu veja!". "Vai, a tua fé te salvou".

Às vezes, as perguntas de Jesus são cruciais para entender uma passagem. Às vezes, deveríamos questionar mais as narrativas de Jesus, em vez de passar por cima de algum detalhe que parece estranho.

Porque será que Jesus teve de perguntar ao cego o que ele queria? Será que não sabia que o cego queria ver? Para entender a passagem, é necessário olhar um pouco do contexto. Como normal nos evangelhos, a atenção do narrador não está voltado para este cego que recebeu vista, nem ao fato de que Jesus pôde curá-lo. A atenção do narrador concentra-se na interação entre Jesus e os seus discípulos. É nesta interação que se compreende aquilo que Jesus estava tentando ensinar a respeito do Reino.

Os discípulos vinham seguindo Jesus, ouvindo as suas palavras e vendo os seus feitos milagrosos, porém não quer dizer que compreendiam a mensagem do Mestre. Na maioria dos casos, um aprendizado real leva tempo para integrar aquilo que se ouve, como também era o caso dos discípulos.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Na passagem imediatamente anterior ao relato de Bartimeu, dois discípulos chegam a fazer um pedido para Jesus. Nesse relato encontramos Jesus fazendo a mesma pergunta que fez a Bartimeu, porém a resposta dos discípulos é diferente.

Estes dois irmãos chegaram a Jesus e disseram, "Mestre, diga sim!". Quantas vezes já ouvimos crianças fazerem o mesmo tipo de pedido! Do mesmo modo que um pai questiona a intenção da criança, Jesus questiona a intenção dos discípulos. "Que queres que eu te faça?" Estavam fazendo o pedido errado. Queriam ser os mais importantes no Reino, mas não haviam ainda compreendido o que o Reino era. Não entendiam o que deveriam pedir de Jesus. Foi necessário que aprendessem com um mendigo.

Se olharmos mais para trás, no capítulo oito de Marcos, encontramos outra circunstância em que Jesus cura um cego. Também nesse caso acontece algo estranho no lidar de Jesus no ato de curá-lo. Pelo menos desta vez Jesus percebeu que o homem era cego! O problema era que teve aparentemente que ensaiar a cura! Tentou e não conseguiu bem, então tentou de novo. Ou será que não fez exatamente o que queria fazer?

Os discípulos estavam confiando na sua perspectiva da realidade, mas não percebiam o que Deus queria que vessem. Para ajudá-los a compreender o que estava querendo transmitir, Jesus curou o cego em duas etapas. Queria que notassem que ver as coisas de perspectiva humana e divina eram bem diferentes. Sabiam que Jesus era o Cristo, mas não tinham a mínima de uma idéia do que isto significava. Tinham olhos, mas não viam. Tinham ouvidos, mas não ouviam. Eram cegos, porém não percebiam a sua própria cegueira.

Jesus começou a ensiná-los a respeito da diferença entre as suas expectativas do Reino e a realidade do Reino. Ainda assim não enxergavam a realidade. Em lugar de pedir ajuda na compreensão, insistiram na sua perspectiva falha. Um mendigo cego ensinou a pergunta certa. Proferiu o pedido que os próprios discípulos não sabiam fazer—"Mestre! Que eu veja!".

É bem fácil criticar os discípulos pela sua falta de visão, porém somos tentados a cair nas mesmas limitações e nos mesmos problemas. Como eles, queremos que Deus faça conforme nós enxergamos e queremos quando a perspectiva do Criador nos dirige noutra direção. Pedimos erradamente, pois não enxergamos adequadamente. Precisamos aprender a pedir como Bartimeu. Precisamos pedir de Deus uma nova perspectiva. Precisamos alinhar as nossas vidas conforme a orientação do Criador, não querer alinhar o Criador dentro dos nossos moldes!

"Mestre, Que eu Veja!". Que eu veja a vida como Tu a vês. Que eu veja esta cidade conforme a tua vontade. Que eu possa enxergar a Tua vontade e o Teu propósito. "Mestre, que eu veja como tu queres!"

Dá-me Tua visão, Senhor, ... (Hinário Para o Culto Cristão, 564).

A Páscoa da Traição
(Marcos 14-16)

Gostamos muito de apontar o dedo a certas pessoas como Judas Iscariote para sentirmos melhor sobre nós mesmos. Será que somos tão bons assim e ilesos de condenação?

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

A celebração da páscoa dos judeus† era uma festa de muita alegria, mas para Jesus seria o início de sua traição. Jesus estava para celebrar a páscoa com os seus discípulos, seguindo o costume entre os judeus† para um rabino celebrar as festas religiosas com os seus discípulos. Sua celebração foi um tanto diferente, porém, pois em meio aos preparativos para esta festa celebrante, Jesus anunciou a sua traição.

Jesus já havia anunciado a sua morte em várias ocasiões, porém naquela noite anunciou também a sua traição. Os discípulos ainda não estavam preparados para aceitar a sua morte como algo real e necessário, mas traição era um assunto novo e inconsiderável. Não era cabível para eles compreenderem a possibilidade de traição. Haviam se reunidos para celebrar uma festa especial de libertação da escravidão e nova vida na promessa de *YHWH*, e Jesus anunciou algo inesperado.

Em resposta, começaram um por um a perguntar quem deles seria capaz de traí-lo. Parece-nos um tanto estranho que teriam de perguntar, pois de nossa perspectiva é fácil apontar o dedo a Judas. Olhando porém o resto da narrativa, dá-se a entender que a traição indicada ia além da ação de Judas. Por outro lado, muitos pensam que Judas não teve realmente a intenção de trair, senão de apressar Jesus em estabelecer o seu Reino em Israel. Não podemos identificar com precisão as intenções de Judas, porém o mais importante da traição também não concerne a esse discípulo. Traição não concerne tanto a Judas, mas Jesus larga o tema um pouco, repetindo a necessidade dele chegar até a cruz.

Jesus abriu o tema de traição com os seus discípulos no versículo 18 do capitulo 14. No relato de Marcos parece haver uma pausa no tema, mas logo Jesus o retoma no versículo 27, agora ampliando o sentido da traição. Primeiro era um dos discípulos que trairia. Agora diz que os doze o deixariam. Olhando bem, este aviso de Jesus concerne apenas outra forma de traição. Todos o abandonariam na hora de sua prisão e morte. Todos os doze o trairiam. Mesmo assim, Jesus mantinha a sua vida direcionada à cruz.

Pedro relutou contra essa afirmação de Jesus. Tudo bem que um deles o trairia. Não era isso aceitável, mas todos não! Pedro especialmente nunca o deixaria! Jesus olha para Pedro, no entanto, e diz que Pedro não apenas o abandonaria, mas ainda o negaria também! Jesus seria traído, abandonado, e também negado! Os discípulos não conseguiam aceitar tais palavras de Jesus. Confiavam demais na sua própria fidelidade e firmeza, igualmente em sua perspectiva dos eventos do futuro.

Jesus não deu muita atenção ao clamor, mas os levou a orar. Não conseguiram nem acompanhá-lo na oração, poderiam resistir quando chegasse a hora do conflito?

Logo Jesus foi traído. Um dos discípulos até reagiu com uma espada, mas sendo Jesus preso eles logo fugiram. Um deles seguiu um certo tempo até tentarem agarrá-lo e então abandonou Jesus às pressas. Pedro chegou a entrar no pátio da casa do sumo sacerdote, ali para negá-lo não uma, mas três vezes.

Algumas mulheres até assistiram a crucificação àlguma distância. Os doze discípulos não foram fiéis, mas pelo menos essas mulheres não o abandonaram! Quando Jesus morreu, elas observaram o local do sepultamento e até foram domingo de madrugada para atender o corpo de Jesus com os preparativos para ungir o seu corpo. Logo, porém, elas também caíram na traição. Um jovem apareceu para contar-lhes a notícia da ressurreição e elas fugiram sem dizer nada a ninguém.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Jesus foi traído. Jesus foi negado, abandonado e ignorado. A maior nova e prova de sua mensagem foi negligenciada por medo e temor. Veio para dar notícia de nova vida no amor de Deus e todos os seus o rejeitaram, negaram, traíram e abandonaram. Traidores! Como poderiam eles fazerem tal coisa?! Traíram o Salvador que deu a sua própria vida por eles!

Por acaso, não somos nós também traidores? Não somos nós aqueles que deixam de compartilhar a notícia de que Cristo vive e ofereceu nova vida a todos? Não somo nós que o negamos ao não testemunhar em situações que se nos apresentam como sendo um pouco constrangedores? Será que somos nós diferentes nos mínimos detalhes?

Há outro lado da história. Jesus sabia que todos o trairiam, seja como Judas, seja como o abandono da parte dos discípulos, seja como o negar de Pedro, seja como o temor das mulheres que desobedeceram e fugiram de sua responsabilidade. Ainda assim, direcionou-se para entregar a sua vida para dar a todos uma nova chance. Jesus avisou aos discípulos de antemão que eles não seriam fiéis. Avisou, pois queria que compreendessem que não dependia de sua fidelidade. Avisou para que compreendessem que já estavam perdoados de antemão! Avisou para que logo voltassem e viessem a ser novamente discípulos fiéis, dependendo devidamente do seu Senhor.

Quem sabe nós precisamos lembrar desta mesma lição. Jesus conhece as nossas falhas. Ele até poderia nos avisar delas de antemão. Também nos perdoa e está pronto para reconciliar-nos e utilizar-nos como se não houvessem acontecido. Cristo sabe das nossas falhas, mas nos ama assim mesmo. Ele perdoa, ele restaura. O encargo para as mulheres incluía a restauração dos discípulos, mesmo de Pedro que o negou três vezes—especialmente a Pedro!

A nossa traição não é coisa boa, mas Cristo nos restaura e nos dá outra chance. É uma chance para começarmos de novo. É uma chance para deixar que Deus faça de nós discípulos dignos do nome de Jesus Cristo! Estamos prontos para sermos restaurados?

Ajude-nos a compreender o teu amor e o teu perdão, para que sejamos os discípulos que nos hás convocado a ser!

És Tu o Esperado?
(Lucas 7.18-23)

Muita gente não compreende bem que Jesus era e é. Mesmo em sua época havia muitos que esperavam dele o que ele não pretendia ser. Será que nós deixamos que Jesus seja quem queria e quer ser?

Em Lucas capítulo sete, encontramos mensageiros que João Batista envia até Jesus. Vale lembrar que João Batista está no cárcere a esta altura, aprisionado por Herodes. Sua vida ainda não está em jogo, contudo, encontra-se numa situação difícil. Ele vinha pregando a vinda do Messias—era o próprio precursor de Jesus—mas agora está no cárcere por pregar contra o adultério de Herodes. Para calá-lo, Herodes o havia colocado na prisão. Nesta situação envia mensageiros a Jesus, segundo o versículo 18.

"Os discípulos de João anunciaram-lhe todas estas coisas"—as coisas que Jesus vinha fazendo: A ressurreição do filho da viúva de Naim, a cura do servo do centurião de Cafarnaum (v.1-10), e todas as outras coisas que eles viam Jesus fazendo foram anunciadas a João para que

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

ele soubesse. Àquele Jesus que João antes anunciara a sua chegada, João envia dois de seus discípulos para perguntar a Jesus: "És tu o que havia de vir, ou devemos esperar outro?"

Esta pergunta parece estranha.... Esse é o mesmo João que tinha anunciado: "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1.29). Esse é também o mesmo João que disse: "Vem um que já está entre vós cujas cadeias das sandálias não sou digno de desatar" (referindo-se ao trabalho do escravo, que mesmo sendo trabalho de um escravo, João não se considerava digno). Assim, antes João havia anunciado: "Esse aí, é Aquele..." "Nem isso sou digno de fazer por ele". Havia anunciado a seus discípulos que não era nada perante Jesus. Agora no aperto—na dificuldade da prisão—parece inseguro.

Será que não sabia, ou será que havia esquecido? Quem sabe era outra coisa? Quando aqueles homens chegaram a Jesus, disseram: "João o batista nos enviou a perguntar-lhe: 'És tu o que havia de vir ou devemos esperar outro?'" Em lugar de responder em palavras, Jesus curou a muitos de doenças, de moléstias, de espíritos malignos e deu vista a muitos cegos. Então ele disse: "Ide e contai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho e bem aventurado aquele que não se escandalizar de mim'".

Que tipo de resposta é esta?

A pergunta não poderia ser mais direta? És tu aquele ou não, devemos esperar outro? Ou será que realmente entendemos a pergunta? Lembre-se que João, como também os demais judeus†, ansiosamente esperava o Messias e tinha certas expectativas referente a esse esperado. A maioria tinha a expectativa de que o Messias seria um novo rei para Israel. Vários já haviam tentado libertar Israel dos romanos, porém todos haviam fracassado.

João esperava o Messias e até parece ter uma expectativa diferente dos judeus† . Em seu ministério e pregação parece falar mais sobre arrependimento de pecados do que uma nova geração política para o povo. Mesmo assim também mantinha aspectos dessa mesma expectativa dos outros (a de um rei). Assim, estando João na prisão, ele gostaria de sair. A pergunta básica de João Batista é: "Jesus, sabemos que tu és o Messias. O que aguardas para te revelar (para revelar o que és). Eu, o teu precursor, anunciei o tempo de arrependimento. Agora estou na prisão. Por enquanto, Herodes não quer me matar. Se tu vais livrar a Israel, o momento é esse (pelo menos para que eu saia da prisão). Vamos já estabelecer esse reino. Será que não está na hora?"

A resposta de Jesus parece mudar o enfoque por completo. Faz-nos voltar um pouco ao capítulo 4 com Jesus em Nazaré, a cidade onde crescera. Ele toma o rolo de Isaías e lê parte da expectativa do povo, onde diz: "o Espírito de Deus está sobre mim porquanto me ungiu para anunciar as boas noas aos pobres, enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração de vista aos cegos, para por em liberdade os cativos, para anunciar o ano aceitável do Senhor" (v.18).

O caráter messiânico† de Jesus, segundo ele mesmo, é diferente daquelas expectativas que o povo tinha—diferente até mesmo das expectativas do próprio João Batista, que mesmo entendendo parte, não compreendia o todo. Era a hora de Jesus vir como o Messias, sim, mas não para cumprir tudo o que o povo esperava. Vinha ele para libertar? Sim. Também vinha para curar, livrar de opressão.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Mas qual opressão? Nessa passagem no capítulo 7, Jesus livra da opressão demoníaca, bem como da opressão social, pois o evangelho era pregado aos pobres, os quais perante a sociedade não eram nada—pior do que na nossa sociedade. Para o povo esses cegos, coxos, enfermos, e endemoninhados estavam sofrendo o castigo de Deus. A esses Jesus pregou uma nova vida, uma nova chance e o amor de Deus. O evangelista João registra que o auge do ministério de Jesus não foi ressuscitar os mortos, mas evangelizar os pobres. Esse foi o ponto culminante de seu ministério.

A palavra de Deus é para todos, sem distinção. O povo não entendia quem era o Messias, os discípulos também não e o próprio João Batista tampouco. Eles queriam um rei, queriam poder nacional, queriam independência—separação de Roma—queriam voltar para a época dourada de Davi e Salomão em que Israel era uma nação importante no mundo. Todas essas coisas teriam sido boas. João queria sair da prisão, afinal, estava sofrendo por lutar pela verdade. Que justificativa maior precisava ele para reivindicar a liberdade? O Messias não deveria libertar o povo de opressão? Isso até que foi afirmado pelas próprias palavras de Jesus.

Mesmo que João tivessse entendido que Jesus não era um Messias político, ele precisava entender um outro aspecto que nós também carecemos entender. A mensagem que Jesus veio pregar era, de fato, libertação, o sarar de necessidades e enfermidades. Mas era mais do que isso. João da prisão sentia o sofrimento de forma pessoal. "Tu não disseste que veio libertar os cativos?" Jesus havia dito isso, como se registra no capítulo 4. Jesus responde, porém: "Sim, mas não para exterminar todas as dificuldades, os problemas e aniquilar todo o sofrimento. O que vim dar é algo diferente e melhor, que vai além das expectativas do dia-a-dia.

Às vezes, as nossas expectativas quanto a Jesus também estão erradas—também precisam de correção. Cantamos muitas vezes que Jesus é manso e suave, mas às vezes ele é direto e duro. Muitas vezes cantamos que ele dá libertação aos pobres, enfermos, endemoninhados e oprimidos, mas ele nem sempre faz da forma que queremos. Pregamos ao povo: "Venha a Jesus e ele vai solucionar todos os seus problemas!" Está certo até um ponto. Ele soluciona o problema maior que temos. Encaminha-nos no nosso relacionamento pessoal com Deus, que dá nova vida. Mas isso não quer dizer que não vamos sofrer necessidades, dificuldades, e prisões até mesmo injustas. Quer dizer, sim, que Ele nos leva além dessas dificuldades.

Paulo diz no livro de Filipenses, "tenho aprendido a contentar-me em qualquer situação—posso tudo naquele que me fortalece". Essa é a libertação de Cristo. Venha o que vier, Ele me sustenta, me liberta, me dá nova vida—Ele me dá propósito, me dá razão. Posso confiar nele. Se Jesus fosse o Messias que muitas vezes esperamos, pensamos que não haveria mais fome na terra, pobreza, opressão, escravidão, e que nem haveria tantas outras coisas. Tais coisas, porém vem de nós mesmos, pois somos pecadores e ainda lutamos contra Deus e o plano de Deus para nossas vidas. Mesmo que essas coisas não sejam boas nem benéficas, o que Jesus nos oferece não é a erradicação de nossos problemas, mas a forma de termos vitória em meio a elas—uma nova vida.

Essa é uma nova vida que nos leva através dos problemas e que nos dá vitória em meio a prisão de Herodes. É a vitória que nos leva com Jesus até a cruz, e que em meio à sua morte reclama a vitória e nos dá nova vida. É a vitória que vemos em Paulo, Silas, Pedro e João, que tantas vezes é descrito no livro de Atos, dizendo "demos graças a Deus por termos sido considerados dignos de sofrer afrontas por causa do nome de Cristo". Isso é vitória. Não que as afrontas sejam boas, mas que as afrontas sofridas não vencem o oprimido. É a vitória da nova vida que Cristo concede. Esse é o Messias que ele veio a ser. Veio dar-nos uma solução real para os problemas e não apenas a erradicação das dificuldades.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

E hoje, quem é que nós esperamos? Será que a nossa visão e expectativa também não precisa ser corrigida? Queremos todos sermos ricos, poderosos, levar uma chamada "vida boa". Mas os ricos e poderosos também tem problemas e dificuldades. Não necessariamente tem uma forma de serem vitoriosos sem essas muletas que carregam consigo—suas muletas de poder e bens materiais. Até essas muletas costumam oprimir os seus donos.

"Eu vim para dar-lhes vida"—Vida abundante, vida das eternidades, vida de uma nova criatura, vida de nova perspectiva, vida de comunhão com Deus.

Quem é Jesus? Será que realmente O conhecemos? Será que não estamos sendo levados pelos conceitos do povo ao nosso redor—pelas expectativas do povo lá fora—ao invés de olharmos para a palavra de Deus com o fim de entender quem é realmente o Cristo? O Cristo que precisamos conhecer é aquele de quem a Palavra de Deus nos ensina. Precisamos aceitá-lo tal como é, não como queremos que Ele seja.

Se aceitarmos Ele como Ele mesmo é, as nossas expectativas devem também serem modificados. Teremos que aceitar a nossa posição devida perante Ele. Estamos prontos para aceitar o desafio? Quem é o nosso Senhor? Poderemos realmente chamá-lo assim de Senhor?

"Es tu aquele que havia de vir, ou esperaremos outro?

Compartilhando Esperança
(1ª Pedro)

OBS—Neste exemplo de narrativa, o texto à mão não é uma narrativa. Procura-se aqui resgatar a narrativa por detrás do texto no evento de sua composição. O contexto histórico e social ajuda no desenvolvimento do evento do texto que forma a base para narrar o texto.

Sendo que Pedro não era um homem estudado, ele não falava grego, mas aramaico† e possivelmente hebraico. Já esta epístola com o seu nome foi escrita em grego, sendo ela uma tradução da mensagem que Pedro tinha para compartilhar com os cristãos judeus† dispersos pelo Império Romano, essencialmente os da região conhecida hoje como Ásia Menor. Por ser uma tradução ao grego, o estilo e a gramática da carta são um tanto mais difíceis para serem decifradas, mesmo antes de passar o texto ao português. Como sempre, porém, uma perspectiva do contexto abrangente da carta ajuda a melhor compreendermos as implicações das passagens individuais da carta. Seguindo padrão dos livros da Bíblia, esta carta tem um tema central, para o qual cada passagem contribui: "estai preparados para responder ... a todos que perguntarem a razão da esperança em vós."

Pedro escrevia para cristãos que viviam uma época de perseguição. Eram judeus† forasteiros, porém não eram aceitos entre os próprios círculos dos judeus† por causa de Jesus. Para os gentios, eles eram judeus† , mas os judeus† os rejeitavam como uma seita fanática e perversiva. Perseguidos pelos próprios judeus† , vivendo como forasteiros noutra província romana, eles enfrentavam dificuldades especiais em vivenciar o Reinar de Deus no seu dia-a-dia. A vida estava difícil, então Pedro os lembra da esperança que os unia, pois "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ... nos regenerou para uma viva esperança—uma herança incorruptível, incontaminável, e imarcescível, reservada nos celestiais".

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Esta esperança é o que fazia a diferença—esperança de resgate, esperança de salvação, esperança de que as coisas não são como aparentam ser. Esta esperança é o que faz a diferença. A fé é um relacionamento de esperança e confiança naquele que é fiel. É confiar que o evangelho é realmente boa nova, real, válido, e precioso. Os cristãos precisavam ser lembrados de sua esperança, pois era o seu destaque.

A mensagem de Cristo era algo que os próprios profetas, os meros portavozes de Deus, não haviam compreendido! Eles haviam procurado conhecer o plano de Deus, porém estes próprios mensageiros (o termo traduzido por anjo é a palavra grega para mensageiro, seja humano ou não) não haviam compreendido a mensagem que proferiram. Deus planejava fazer algo novo e diferente que não podia ser apreciado de antemão. Era uma nova esperança que não podia ser antecipado, mesmo pelos próprios portavozes de Deus.

A mensagem, porém, era de salvação, visando a santificação do cristão—Deus habitando diretamente com o homem em plena comunhão. Pedro lembra aos cristãos não apenas de sua esperança, mas também do seu fruto devido—uma vida santificada ao Criador, segundo a perspectiva daquele que já compreende o futuro, e conhece as limitações da perspectiva humana. O cristão deve ver e viver segundo a perspectiva divina de que as coisas deste mundo são passageiras e a orientação do evangelho nos eleva para viver outro padrão de vida—a que perdura pelas eternidades.

Vivendo a santificação, então, os cristãos deveriam de revelar a realidade do evangelho na submissão às autoridades, no serviço aos patrões, no relacionamento conjugal, e no procedimento entre os próprios cristãos. Vivendo esta santificação, estariam vivenciando a esperança inerente ao evangelho—viveriam como livres, mesmo se escravos; como cidadãos, mesmo se forasteiros; como resgatados, mesmo se perseguidos; como pacientes, mesmo se aflitos; como amados, mesmo se injuriados; esperançosos, mesmo se afligidos. Vivenciariam em suas próprias vidas a esperança refletida por Jesus Cristo.

Era assim que Pedro queria que os cristãos compartilhassem a sua esperança. Deveriam de viver de tal forma que as suas vidas refletissem a esperança que tinham. A vida podia ser difícil, mas a dificuldade era apenas um pretexto para testemunhar da realidade do evangelho. Essa realidade deveria de dar um novo sentido a todo aspecto da vida do cristão. Deveria fazer o seu cotidiano tal que as pessoas lhe perguntassem o que lhe dava esperança quando a vida era tão difícil. A dificuldade devia ser vista como uma oportunidade de depender em Deus.

A fé real não depende das circunstâncias da vida. A fé real leva o cristão não a uma vida sem dificuldades, mas a refletir esperança em meio ao caos do cotidiano. A fé real muda o comportamento do cristão para que aqueles ao seu redor procurem saber a causa dele ser diferente. A fé real compartilha a sua própria esperança com os demais, para que todos saibam a razão de sua existência.

Pedro queria lembrar aos cristãos da dispersão da sua responsabilidade individual e coletiva para viverem abertamente a esperança do evangelho. Queria lembrá-los para estarem sempre prontos para compartilhar a sua esperança de fé com os demais. Se eles vivessem a realidade dessa fé na sua vida cotidiana, outros perguntariam. Se vivessem sua esperança, outros veriam as suas próprias necessidades de terem esperança igual.

A situação do crente atual não é muito diferente. Existem dificuldades em nossas vidas. Existem barreiras muitas razões para esquecermos da esperança que temos. Deus, porém, vem a

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

lembrar-nos da esperança que temos em Cristo Jesus. Cristo já triunfou sobre o pecado, a morte, e toda e qualquer agência maligna. Temos uma esperança verdadeira e real!

Como viveremos, então para espelhar a nossa esperança? Como mostraremos ao mundo que temos uma razão para existir que nos leva além das circunstâncias problemáticas passageiras deste mundo? Como anunciaremos que temos esperança real em meio às situações de caos? Como viveremos para que os demais nos venham a perguntar da razão da nossa esperança? O que faremos para estarmos prontos para dar resposta?

O evangelho é realmente uma boa nova de esperança. Cristo nos convoca a participar do ministério da reconciliação do mundo para com Deus. Temos a incumbência de levarmos a sua mensagem de amor e graça ao mundo que tanto precisa ouvir. Se cada membro desta igreja trouxesse uma pessoa a Cristo por ano, ensinado esses a fazerem igual, Uruguaiana seria ganho para Cristo em apenas onze anos! O problema é que somos infieis!

Será que temos a esperança da qual Pedro fala? Será que cremos que Deus realmente tem as respostas para as nossas vidas? Será que realmente temos convicção do amor de Cristo? O que diria Pedro para nós? Como seria a sua carta se dirigida diretamente a esta igreja? Será que a mensagem mudaria muito? Estaríamos prontos para ouvir?

Vamos compartilhar esperança. O mundo está precisando.

...

...

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Anexo 1—Princípios Teológicos das Narrativas:

Referência—>	**Gênesis**					
Princípio Teológico:	*1.1-2.4a*	*2.4b-25*	*3.1-24*	*4.1-26*	*5.1-32*	*6.1-9.17*
Deus é Abençoador	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Acolhedor;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Advertedor;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Amaldiçoador;	—	—	✔	—	✔	—
Deus é Amoroso;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Animador;	✔	✔	—	✔	✔	✔
Deus é Apreciador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Artista;	—	✔	—	—	—	—
Deus é Atento;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Ativo/Ator/Atuador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Autor da vida;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Autoridade;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Auxiliador;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Beneficente;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Benevolente;	—	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Bom;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Companheiro;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Comunicador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Concluidor;	✔	✔	✔	—	—	✔
Deus é Conhecedor;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Contemplador;	✔	—	✔	✔	—	✔
Deus é Controlador;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Convocador a Compromisso;	✔	✔	—	✔	—	✔
Deus é Coordenador;	✔	✔	✔	✔	—	—
Deus é Criador/Criativo;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Cuidador/Cuidadoso;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Cumpridor (de Sua Palavra);	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é de Princípio;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Decisivo;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Definedor do Bem e Mal;	—	✔	✔	✔	—	—
Deus é Delegador;	✔	✔	✔	—	—	✔
Deus é Desafiador;	—	—	—	✔	—	✔
Deus é Detalhista;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Determinado;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Digno de Louvor;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Discernidor entre Bem e Mal;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Disciplinador;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Diversificador;	✔	✔	—	—	—	✔
Deus é Doador da Segunda Chance;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Doador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Dominador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Dono/Proprietário;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Econômico;	✔	—	✔	—	—	✔
Deus é Ensinador/Instruidor;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Enviador;	—	—	—	—	—	—

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Deus é Estabelecedor de Alianças;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Estabelecedor de Limites;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Estimulador;	—	✔	—	✔	—	✔
Deus é Executor;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Exigente;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Exterminador;	—	—	—	—	—	✔
Deus é Feitor do Impossível;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Fiel;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Galardoador;	—	—	—	✔	✔	✔
Deus é Gracioso;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Harmonioso;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Idealizador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Imaginativo;	✔	✔	✔	—	✔	✔
Deus é Imutável em Propósitos;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Incompreensível;	✔	—	✔	✔	—	—
Deus é Incontestável;	✔	—	✔	✔	—	✔
Deus é Incontrolável;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Infinito/Indefinível;	✔	✔	✔	✔	—	—
Deus é Inovador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Inquiridor;	—	—	✔	✔	—	—
Deus é Inteligente;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Intencional/Proposital;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Interessado na humanidade;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Juiz;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Justo;	✔	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Legislador;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Libertador;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Maior que o universo;	✔	✔	✔	—	✔	✔
Deus é Misericordioso;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Multiplicador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Observador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Ordeiro;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Ordenador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Organizador;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Orientador;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Originador (de Vida);	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Ouvidor;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Paciente;	✔	—	✔	✔	—	✔
Deus é Participador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Perfeccionista;	✔	✔	✔	—	—	✔
Deus é Perseguidor;	—	—	✔	✔	—	—
Deus é Persistente;	✔	—	✔	✔	—	✔
Deus é Planejador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Poderoso;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Povoador;	✔	✔	—	—	—	✔
Deus é Prático;	✔	—	✔	✔	—	—
Deus é Preocupador (para com a humanidade);	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Presente;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Preservador;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Previsor;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Propositário;	✔	✔	✔	✔	—	✔

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Deus é Protetor/Guardador;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Provedor;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Puro;	—	—	✔	✔	—	—
Deus é Quem Faz Crescer;	✔	✔	—	—	—	✔
Deus é Quem Faz Nascer;	✔	✔	—	✔	✔	✔
Deus é Realizador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Reconciliador;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Reconstrutor;	—	—	✔	—	—	✔
Deus é Remidor/Redentor;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Repreendedor;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Respeitador da Escolha humana;	—	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Restaurador;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Sábio;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Santificador;	✔	—	✔	✔	—	✔
Deus é Santo;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Seletivo;	—	✔	—	✔	✔	✔
Deus é Senhor;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Sensível;	—	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Sentenciador;	—	—	✔	✔	✔	✔
Deus é Separador;	✔	—	✔	✔	—	✔
Deus é Soberano;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Sofredor;	—	—	✔	✔	—	✔
Deus é Supremo;	✔	✔	—	✔	—	✔
Deus é Supridor;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Sustentador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Trabalhador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Único;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Utilizador de Recursos;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Visionário;	✔	✔	✔	✔	—	✔
Deus é Vivificador;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus é Vivo;	✔	✔	✔	✔	✔	✔
Deus Não é Aleatório/Arbitrário;	—	✔	✔	✔	✔	✔
Deus Não é Omisso;	—	✔	✔	✔	—	✔
O Homem é Assassino;	—	—	—	✔	—	—
O Homem é Amaldiçoador;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Criatura;	✔	✔	—	✔	✔	✔
O Homem é Culpador;	—	—	✔	—	—	—
O Homem é Desconfiador;	—	—	✔	✔	—	—
O Homem é Desobediente;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Destruidor;	—	—	—	✔	—	✔
O Homem é Egoista;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Falível;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Infiel;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Irado;	—	—	—	✔	—	—
O Homem é Limitado;	✔	✔	✔	✔	—	✔
O Homem é Malevolente;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Medroso;	—	—	✔	✔	—	—
O Homem é Mordomo;	✔	✔	✔	—	—	✔
O Homem é Necessitado;	—	✔	✔	✔	—	✔
O Homem é Opressor;	—	—	—	✔	—	—

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

O Homem é Pecador;	—	—	✔	✔	—	✔
O Homem é Reclamador;	—	—	✔	✔	—	—
O Homem é Servo;	✔	✔	✔	—	✔	✔
O Homem é Trapaceiro;	—	—	—	✔	—	—
O Homem é Vingativo;	—	—	—	✔	—	—
O Homem é Violento;	—	—	—	✔	—	✔

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Anexo 2—Datas no Pentateuco:

Data Dilúvio	Evento descrito no Pentateuco	Referência
-1656	-1656 Homem começa viver	Gn 5.3-5
-1600		
	-1526 Sete nasce	Gn 5.6-8
-1500		
	-1421 Enos nasce	Gn 5.9-11
-1400		
	-1331 Quenã nasce	Gn 5.12-14
-1300		
	-1261 Maalalel nasce	Gn 5.15-17
-1200		
	-1196 Jarede nasce	Gn 5.18-20
-1100		
	-1034 Enoque nasce	Gn 5.21-24
-1000		
	-969 Matusalém nasce	Gn 5.25-27
-900		
-800		
	-782 Lameque nasce	Gn 5.28-31
	-726 Homem morre 930 anos	Gn 5.3-5
-700		
	-696 Enoque "morre" 365 anos	Gn 5.21-24
	-614 Sete morre 912 anos	Gn 5.6-8
-600	-600 Noé nasce	Gn 7.11
	-516 Enos morre 905 anos	Gn 5.9-11
-500		
	-421 Quenã morre 910 anos	Gn 5.12-14
-400		
	-366 Maalalel morre 895 anos	Gn 5.15-17
-300		
	-234 Jarede morre 962 anos	Gn 5.18-20
-200		
-100	-100 Sem nasce	Gn 7.6
	-5 Lameque morre 777 anos	Gn 5.28-31
-1	**-1 dilúvio**	Gn 7.11
-1	**-1 Matusalém morre 969 anos**	Gn 5.25-27
	1 dilúvio acaba	Gn 8.13
	3 Arfaxade nasce	Gn 11.10
	38 Selá nasce	Gn 11.12
	68 Eber nasce	Gn 11.14
100	102 Pelegue nasce	Gn 11.16
	132 Reú nasce	Gn 11.18
	164 Serugue nasce	Gn 11.20
	194 Naor nasce	Gn 11.22
200		

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

	223 Tera nasce	Gn 11.24
300		
	313 Naor morre 148 anos	Gn 11.24-25
	341 Pelegue morre 239	Gn 11.18-19
	350 Noé morre 950 anos	Gn 9.28
	371 Reú morre 239 anos	Gn 11.20-21
	393 Abrão nasce	Gn 11.26
	394 Serugue morre 230 anos	Gn 11.22-23
400		
	428 Tera morre 205 anos	Gn 11.32
	441 Arfaxade morre 438 anos	Gn 11.11-12
	468 Abrão sai de Harã (com 75 anos)	Gn 12.4
	471 Selá morre 433 anos	Gn 11.14-15
	479 Ismael nasce (Abrão com 86 anos)	Gn 16.16
	492 Isaque prometido (Abrão com 99 anos)	Gn 17.1
	493 Isaque nasce (Abraão com 100 anos)	Gn 21.5
500	**500 Sem morre 600 anos (Abraão com 107 anos)**	Gn 11.10-11
	520 Sara morre 127 anos	Gn 23.1
	532 Eber morre 464 anos	Gn 11.16-17
	533 Isaque casa com Rebeca (Isaque com 40 anos)	Gn 25.20
	553 Esaú e Jacó nascem (Isaque 60 anos, Abraão 160)	Gn 25.26
	568 Abraão morre 175 anos	Gn 25.7
600		
	656 José ao Egito com 17 anos	Gn 37.2
	673 Isaque morre 180 anos	Gn 35.28
	673 José entra ao serviço de Faraó com 30 anos	Gn 41.46
	682 Irmãos de José viajam 2ª vez ao Egito, José 39 anos	Gn 45.6
	683 Jacó viaja ao Egito, José tem 40 anos	Gn 47.9,28
700	**700 Jacó morre 147 anos**	Gn 47.28
	753 José morre no Egito 110 anos	Gn 50.22
800		
	Levi morreu 137 anos	Ex 6.16
900		
	Coate morreu 133 anos	Ex 6.18
1000		
	Anrão morreu 137 anos	Ex 6.20
1100		
	1102/3 Moisés fala com Faraó, Moisés 80 anos, Arão 83	Ex 7.7
	1103 Israel sai do Egito com Moisés	Ex 12.41
	1143 Moisés morre 120 anos	Dt. 34.7
	1143 Israel começa entrar na terra prometida	Ex 16.35

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Anexo 3—Importância de Contar Narrativas:

No seu livro sobre o lugar de contar narrativas no ambiente da fé, Bausch salienta treze características de histórias. Estas características, segundo ele, devem dar à narrativa um lugar de destaque na homilética† e no ensino cristão[585]:

1. Histórias provocam a curiosidade e compelem a repetição;
2. Histórias nos unem de forma holística† à natureza, o comum da nossa experiência;
3. Histórias são pontes à cultura do indivíduo, às suas raízes;
4. Histórias nos unem a toda a humanidade, à família humana universal;
5. Histórias nos ajudam a lembrar;
6. Histórias usam uma linguagem especial;
7. Histórias devolvem o poder original da palavra;
8. Histórias fornecem um escape;
9. Histórias evocam em nós a imaginação, o carinho e a integridade;
10. Histórias promovem cura;
11. Toda história é nossa história;
12. Histórias provêem a base para esperança e moralidade;
13. Histórias dão base para ministério.

[585] BAUSCH, 29-63.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Anexo 4—Glossário:

Adam (אדם): termo hebraico—homem, humanidade, ser humano. Muitas vezes é transliterado como se fosse um nome próprio, mas em si é o termo genérico para humanidade.

Alcorão: texto sagrado muçulmano.

Alegoria: 1. método literário de contar uma história onde os elementos se referem a outras realidades; 2. também uma forma de interpretação que associa os elementos de uma passagem a outro sistema de realidade.

Antagonista: personagem de uma história que serve de adversário ao personagem principal.

Antediluviana: desde antes do dilúvio.

Apocalipse de Baruque: escrito apocalíptico que não pertence ao cânon do Antigo Testamento.

Apocalíptica: estilo literário judaico que retoma conceitos do fim do mundo e o reino do messias, usando linguagem muito pitoresca. A nome da classe literaria segue o título do livro de Apocalipse.

Apócrifa: conjunto de doze livros que foram aceitos pela Igreja Católica para inclusão no Antigo Testamento, mesmo que os judeus não os aceitassem. Às vezes estes livros são chamados de deuterocanônicos, conforme a indicação de Jerônimo que as traduziu ao latim na versão da Vulgata.

Apologista: aquele que defende uma tese contra uma oposição.

Aqhat: um épico ugarítico referente ao herói Daniel da mitologia ugarítica.

Aramaico: língua semítica parecida ao hebraico, proveniente da Pérsia. Era a língua oficial da Babilônia e a língua comum na Palestina na época de Jesus. Algumas porções do Antigo Testamento foram escritos em aramaico.

Arquétipo: indivíduo ao qual todo demais do tipo se compara.

Ashah (עשׂה): termo hebraico—haver feito.

Atrahasis: épico babilônico sobre o herói, Gílgamesh, que enfrentou o grande dilúvio construindo uma enorme embarcação para proteger a si da destruição da terra planejada pelos deuses.

Atzav (עצב): termo hebraico—pesou-lhe/indignou-se.

Baal (בעל**)**: deus de fertilidade e da chuva entre os povos da Palestina.

Babilônia: antiga capital da Pérsia, lugar de exilo do povo de Israel.

Bassar (בשׂר): termo hebraico—carne.

Benei (בני): termo hebraico—filhos.

Benei elohim (בני־אלהים): frase hebraica—filhos de deuses, ou filhos de Deus. Pode referir-se a seres humanos ou seres celestiais, dependendo do contexto.

Benei haelohim (בני־האלהים): frase hebraica—filhos de o Deus, ou filhos de os deuses. A forma mais comum não emprega o artigo definido.

Benot (בנות): termo hebraico—filhas.

Berit (ברית): termo hebraico—aliança.

Calvino: um dos reformadores pricipais que viveu depois de Lutero em Geneva.

Cânon: regra ou metro, refere-se aos livros alistados como revelação divina, as Escrituras, seja a Bíblia.

Cartografia: a ciência de pesquisar a superficie da terra e elaborar mapas.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Chamás (חמס): termo hebraico—violência.

Chawwa (חוו): termo hebraico—vida.

Comprovação documentária: apoio a um conceito em documentos escritos.

Conceitos categóricos: idéias de caráter extremo ou absoluto: onipotente (todo poderoso—não há limite de poder); onipresente (presente em toda parte—não há limite de presença). Os gregos usavam muitos conceitos categóricos, enquanto os hebreus não os empregavam.

Cosmologia: refere-se ao conceito do formato físico do mundo, como na compreensão científica atual que coloca o planeta terra como parte do sistema solar.

Criacionista: referindo-se à criação.

Cristologia: ramo de estudo teológicos concernentes a Jesus Cristo.

Diálogo Crítico: avaliação séria dos pontos fortes e fracos de algum dado posicionamento.

Diluviana: referente ao dilúvio.

El (אל): termo hebraico—deus em sentido genérico, mas usado às vezes para Deus, especialmente com algum complemento (altíssimo, poderoso, etc.).

Eloah (אלוה): termo hebraico—deus, forma singular do termo *elohim*.

Elohim (אלהים): termo hebraico—forma plural de deus, podendo ser usado genericamente de deuses ou em específico a Deus. O contexto define o uso, como também a forma do verbo quando *elohim* é o sujeito.

Elyon (עליון): termo hebraico—altíssimo.

Enigmático: misterioso ou difícil de compreender.

Enuma Elish: épico babilônico sobre a criação do mundo em decorrência de uma guerra entres os deuses do panteão, onde os filhos se revoltaram contra os pais que os planejam matar por fazer barrulho demais.

Épico: uma poesia longa que conta uma história, geralmente sobre heróis ou deuses.

Escatologia: ramo de teologia referente às "últimas coisas": morte, resurreição, vida além da morte, juízo, fim do mundo.

Etimologia: a ciência que estuda as origens de uma palavra, traçando a história de seus sentidos e usos.

Ex Níhilo: frase latina—do nada, partindo do ponto onde nada existia.

Fé Axiomática: uma fé que aceita sua fundamentação ser tão sólida que não necessita de explicação ou provas.

Fenomenológico: referente aos acontescimentos naturais no mundo.

Firmamento: na cosmologia hebraica, era uma espécie de chapa que cobria a terra para manter as àguas de cima das núvens fora da superfície da terra. Às vezes a tradução é expansão dos céus.

Galileu Galilei: astrônomo e sacerdote da era medieval que asseverou que a terra não era o centro do sistema solar, mas girava em torno do sol.

Haadam (האדם): termo hebraico—o homem, a humanidade.

Hashem (השם): termo hebraico—o nome, muitas vezes usado como sinônimo de Deus, O Nome sobre todo nome.

Hayah (חיה): termo hebraico—vida.

Hayyim (חיים): termo hebraico—vidas.

Hebreu: refere-se ao povo descendentes de Abrão a partir do Êxodo até a formação do reino com Saul. De forma mais genérica compreende a descendência do povo até muito mais tarde.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Hecataeus: cartógrafo grego do sexto século antes de Cristo.

Hermenêutica: a ciência ou arte de interpretar um texto.

Hevel (הבל): termo hebraico—vapor, respiro, algo transitório, usado como nome próprio geralmente transliterado como Abel.

Historicidade: referente à verificação de acontecimentos no passado.

Historiografia: a ciência de redigir a história, com vista a manter precisão na reportagem dos fatos.

Holístico: de forma global ou completa.

Homilética Narrativa: Usa-se o termo para designar o estilo de sermão que visa contar a narrativa bíblica, enfatizando um objetivo do texto, empregando a própria narrativa como ilustração do objetivo.

Homilética: refere-se à pregação da Palavra de Deus, especificamente com o sentido de "dizer o mesmo" que diz o texto. O termo provém dos vocábulos gregos para "igual" e "dizer", conforme o tratamento na página 124.

Imago Dei: frase latina—imagem de Deus.

Inspiração: o aspecto das Escrituras terem origem com Deus. Para o tanto, há várias teorias com respeito ao modo de inspiração.[586]

Ish (איש): termo hebraico—varão, ser humano do gênero masculino.

Ishá (אשה): termo hebraico—varoa, ser humano do gênero feminino.

Ísis: deusa do panteão da mitologia egípcia.

Jinn: os gênios na mitologia arábica, o mais conhecido sendo o do gênio da lâmpada de Aladim, mesmo que o caráter do gênio ali seja menos normativo.

Judeu: descendente do reino do sul, composto pelas tribos de Benjamim e Judá.

Justiça: no AT, é mais equivalente ao termo retidão, significando o fazer aquilo que é correto, ou conforme a instrução de Deus[587].

Kana (כנא): termo hebraico—criar, produzir, adquirir.

Marcadores estilísticos: frases ou palavras que ajudam o leitor a identificar a forma literária do texto a seguir.

Mashah (מעשה): termo hebraico—de trabalho, de obras, ou do trabalho.

Masoreta: os masoretas protegeram e copiaram o texto hebraico do Antigo Testamento mais usado, acrescentando também potuação vocálica ao mesmo.

Mesopotâmia: "terra entre rios", a zona entre os rios Tigris e Eufrates.

Messias: termo hebraico—ungido, ou Cristo (no grego). Refere-se normalmente ao rei ou profeta.

Moloque: um dos deuses dos povos cananeus.

Mosaica: concernente a Moisés.

Nacham (נחם): termo hebraico—respirar profundamente, descanso, lamentar, sentir dolo, consolar, arrepender (conforme tratamento na página 89).

Narratologia: campo de estudos da Bíblia que enfatiza as questões literárias do texto como unidades e obras completas.

Nefesh (נפש): termo hebraico—pessoa, ser, entidade, alma.

---

[586] Veja a seção sobre **Inspiriação** na página 43.

[587] Veja LASOR, 333.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Nefilim (נפלים): termo hebraico—poderosos, gigantes, seres de renome.

Neshamah (נשמה): termo hebraico—fôlego, sopro, ar em movimento.

Neshamah hayyim (נשמח חיים): frase hebraica—sopro das vidas.

Oriente Antigo: refere-se ao mundo bíblico, essencialmente o descrito nas épocas do Antigo Testamento.

Osíris: deus da mitologia egípcia.

Panteísmo: conceito de que tudo que existe é divino ou um deus.

Paronomásia: associação sonora entre palavras em sentido de rima, assonância, ou homofonia.

Pentateuco Samaritano: versão do Pentateuco preservado entre os samaritanos, descendência misturada do reino dividido das 10 tribos do norte de Israel.

Personificação: tratando um conceito, objeto, ou animal como se fosse uma pessoa.

Pêssach: celebração da páscoa judaica.

Plenipotente: um que exerce toda a autoridade de outro como seu ministro ou representante, como um mordomo ou embaixador.

Pontuação vocálica: a língua hebraica não tem vogais, mas usa um sistema de pontuação para indicar a pronúncia das palavras. Essa pontuação se chama pontuação vocálica.

Pressuposição: aquilo que se presume ser verdade sem tentar provar, mas que se usa como base para argumentação.

Pressuposto: igual a pressuposição.

Primal: de épocas anteriores à história.

Primevo: de épocas anteriores à história.

Proposicional: refere-se a uma lista de declarações referentes a alguma realidade, como a identidade de Deus. A narrativa contém ensinos teológicos, mas os encerra em forma narrativa, não em forma proposicional ou sistemática. Deus é revelado naquilo que faz.

Protagonista: personagem principal ou heroi de uma história.

Ruach (רוח): termo hebraico—o sentido básico é ar em movimento, podendo-se referir ao sopro do vento, da respiração, ou do que hoje se chama espírito. O aspecto de espírito é o menos desenvolvido no Antigo Testamento.

Seol (שול): termo hebraico—refere-se ao lugar dos mortos no conceito hebraico. De início, não há uma diferenciação entre lugar dos bons e maus, porém no desenvolvimento do conceito, surge uma diferenciação dentro do próprio Seol entre os dois grupos.

Septuaginta: tradução grega do Antigo Testamento, comumente referenciado pela sigla LXX, setenta em algarismos romanos.

Seth: 1. nome próprio hebraico (normalmente transcrito como Sete); 2. um dos deuses da mitologia egípcia.

Shem (שם): termo hebraico—nome, também nome próprio de um dos filhos de Noé e usado com o artigo definido em referência a *YHWH*.

Soteriologia: o estudo teológico concernente à salvação.

Strabo: cartógrafo grego da época de Cristo, temos um de seus mapas elaborado no ano 18 d.C..

Talmude: O Talmude é basicamente um compêndium de comentários dos judeus sobre o Antigo Testamento[588].

---

[588] Ver DOUGLAS, 1560-1561.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Torá (תורה): termo hebraico—instrução, mesmo que é comumente traduzido por lei.

Transliteração: refere-se à prática de passar as letras de uma palavra de um idioma para as letras correspondentes e outra língua, sem traduzir a palavra.

Tsadiq (צדיק): termo hebraico—reto, justo. A ênfase do termo é no aspecto de fazer o correto, andar corretamente[589].

Ugarit: Cidade da costa leste do Mar Mediterrâneo, destruída cerca de 1650 antes de Cristo

Ugarítico: Língua da cidade de Ugarit. Foi uma lingua semítica tendo semelhança com o Hebraico e o Aramaico.

Yahwista: designação da suposta fonte do Pentateuco que emprega o nome pessoal de Deus.

Zoologia: ciência que estuda e classifica animais.

---

[589] Veja LASOR, 333.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Bibliografia Anotada:

Propõe-se oferecer aqui não somente uma lista bibliográfica de obras consultadas no decorrer da pesquisa para elaborar esta apostila, mas também oferecer alguma ajuda para o leitor que queira saber algo sobre o caráter das fontes referenciadas. Em muitos casos, não houve muita informação no livro referente ao autor e os suas credenciais. Espera-se que os comentários feitos sejam de relevância para a avaliação do aluno.

Infelizmente, não foi possível ler toda página de cada obra, o que certamente teria contribuído para a melhoria da apresentação feita. Todos os livros consultados, porém, realmente nem são de leitura aconselhável, mas foram de interesse para uma avaliação de vários pontos de vista. Alguns livros foram de grande valia nas poucas páginas que abrangiam temáticas relevantes, enquanto outros autores até trataram de forma mais extensa o tema, contudo pouco acrescentando. Certas obras, como as de Alter, Cross, e LaSor, teriam merecido muito mais destaque, mas chegaram nas mãos do pesquisador de forma mais tardia, não dando tempo suficiente para a incorporação de muitos elementos relevantes. É de lamentar que a maioria das obras alistadas não foram até o momento traduzida para o Português. Podia-se ter citado outras fontes não incluídas aqui, mas esta lista abrange apenas as obras que foram referenciadas na apostila em forma de citação direta ou indireta.

Alunos do Programa de Educação Teológica por Extensão do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul, primeiro e segundo semestre de 1998, dos núcleos em Camaquã, Guaíba, São Leopoldo e Uruguaiana.

ALDEN, Robert L. *The New American Commentary, Vol. 11: Job.* Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1993. [Esta série apresenta uma linha muito conservadora de interpretação, tomando o conceito de inerrância como ponto de partida. O autor é professor de Antigo Testamento no Denver Seminary.].

ALLEN, Clifton J., general editor. *The Broadman Bible Commentary: Volume 1, Revised.* Nashville: Broadman Press, 1973. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Série de comentários de autores batistas impressas pela editora da convenção batista do sul dos EUA.].

ALTER, Robert e Frank Kermode, organizadores. *Guia Literário da Bíblia.* Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1997. (Original em inglês, 1987). [Guia para compreender o texto bíblico, partindo do presuposto de que a Bíblia deve ser lida como literatura para dar uma boa compreensão de seu conteúdo, aplicando o seu ensino religioso e teológico descoberto no processo interpretacional. Os autores são eruditos em suas respectivas áreas, a maioria, se não todos tem Ph.D. e atuam no ensino superior nos EUA.].

ANDERSON, Bernhard W. *Understanding the Old Testament, Abridged Fourth Edition.* Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 1998. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor é reconhecido como erudito de destaque em estudos do Antigo Testamento. Foi professor da Princeton Theological Seminary, onde se aposentou depois de uma carreira de lecionar nessa e outras universidades.].

_____. *Contours of Old Testament Theology.* Minneapolis: Fortress Press, 1999. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O texto apresenta o panorama de estudos teológicos sobre o Antigo Testamento, apresentando por sua vez as contribuições do autor.].

ARCHER, Gleason L. Jr. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1998. (Original em inglês, 1974). [Autor evangélico muito conservador, seguindo uma linha fundamentalista.].

AUNE, David E. *Word Biblical Commentary, Volume 52C: Revelation 17-22.* Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1998. [Terceiro volume de comentários sobre Apocalipse, faz parte de uma série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor professor da Loyolo University, com Ph.D. da University de Chicago e estudos de pós-doutorado. Ele apresenta uma ampla e detalhada discussão rico em material histórico que ajuda a situar o contexto original do livro.].

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

BAIN, Bob. site internet da Beachwood High School, Ohio, EUA. [http://www.beachwood.k12.oh.us/bbain/.]. Encontrado em 27 de março de 1998. E-mail: bbain@beachwood.k12.oh.us. [Página de um professor de história no site de uma escola de nível secundário nos EUA.].

BANDSTRA, Barry L. *Reading the Old Testament: An Introduction to the Hebrew Bible, Second Edition.* Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company, 1999. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor escreve o livro enfatizando a necessidade de se estudar o Antigo Testamento lendo o mesmo, não fazendo um estudo apenas com respeito ao Antigo Testamento. O autor é professor da Hope College].

BARTH, Gerhard. *"Ele Morreu por nós": A Compreensão da Morte de Jesus Cristo no Novo Testamento.* Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. (Original em alemão, 1992).

BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, Second Edition, Revised and Augmented.* Traduzido e adaptado por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: University of Chicago Press, 1979. (original em alemão, 1958). [Obra de referência da língua grega neotestamentária, reconhecida como a obra prima da classe.].

BAUSCH, William J. *Storytelling: Imagination and Faith.* Mystic, Connecticut: Twenty-third Publications, 1989. (citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Obra de reflexão séria sobre o papel da narrativa na transmissão da fé.].

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistematica.* Tradução de Odacyr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. (Original em inglês, 1949). [Obra clássica de teologia sistemática de linha presbyteriana. O autor foi professor e presidente da Calvin Seminary, B. D. de Princeton.].

BERSCH, Maxine. *Storytelling in a Nutshell: Storytelling in Christian Education.* Nashville: Lifeway Press, 1998. (citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Obra de ajuda prática no desenvolvimento de contagem de histórias, a publicação é da editora da Convenção Batista do Sul dos EUA.].

BLOCH, Daniel I. *The Gods of the Nations: Studies in Near Eastern National Theology, Second Edition.* Grand Rapids: Baker Academic, 2000. (citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor é Doutor em Filosofia da Universidade de Liverpool, professor de Antigo Testament na Southern Baptist Theological Seminary em Louisville, KY. A obra retrata os conceitos teológicos dos povos vizinhos dos hebreus em comparação ao testemunho bíblico de *YHWH.*].

BONDT, Lawrence, ed. *The Hebrew Prophets: Visionaries of the Ancient World.* New York: St. Martin Press, 1997. (citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Obra de reflexão séria sobre o papel do profeta no mundo do oriente antigo, com enfoque especial sobre os profetas do Antigo Testamento.].

BORING, M. Eugene. *Revelation: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching.* Atlanta: John Knox Press, 1989. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Parte de uma série de comentários presbiterianos, o autor é professor da Texas Christian University, apresentando uma linha interpretativa evangélica.].

BRUEGGEMANN, Walter. *Genesis: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching.* Atlanta: John Knox Press, 1982. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Parte de uma série de comentários presbiterianos, o autor é professor na Columbia Theological Seminary. Segue uma linha interpretativa evangélica moderada. É pastor da United Church of Christ.].

CATE, Robert L. *Old Testament Roots for New Testament Faith.* Nashville: Broadman Press, 1982. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor é professor de Antigo Testamento na Golden Gate Baptist Theological Seminary, Ph.D. da Southern Baptist Theological Seminary em Louisville, Kentucky.].

COHEN, Abraham. *Everyman's Talmud: The Major Teachings of the Rabbinic Sages.* New York: Schocken Books, 1995, reprint of the 1949 edition by E. P. Dutton. [Esta obra é um resumo do Talmude judaico, o compendio essencial de commentários judaicos sobre of Antigo Testamento.]

COOGAN, Michael D., editor. *The Oxford History of the Biblical World.* New York:: Oxford University Press, 1988. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Referência erudita de estudos archeológicos e históricos do contexto antigo do mundo bíblico. O editor é Ph.D. em línguas e literatura do antigo oriente da Harvard University.].

CROSS, Frank Moore. *From Epic to Canon: History and Literature in Ancient Israel.* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998. [O autor é professor emérito de hebraico e línguas orientais da Harvard University. Ele apresenta as origens do texto hebraico da Bíblia em suas perspectivas e contextos relativos aos escritos e conceitos de povos vizinhos do antigo Israel.].

DAVIDSON, A. B. *International Theological Library: The Theology of the Old Testament.* Edinburgh: T. & T. Clark, 1904. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Recurso mais antigo, o autor foi teólogo escocês da New College de

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

Edinburgh, esta obra sendo impressa depois de sua morte utilizando os seus manuscritos e suas anotações. Apresenta uma linha básica de estudos antigos do Antigo Testamento, devendo ser lido à luz de exposições mais recentes.].

DAVIDSON, Benjamin. *An Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon.* London: Samuel Bagster and Sons, Limited, s/d (teria sido publicado por volta de 1920). [Recurso antigo de uso mais fácil, mas de certa utilidade básica para consulta de termos hebraicos do Antigo Testamento.].

DAVIDSON, F., editor *O Novo Comentário da Bíblia.* Editada em Português por Russell Shedd. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1954). [Ferramenta básica com tratamento símples da Bíblia inteira, porém limitado pela abrangência da obra. Apresenta uma linha de interpretação evangélica conservadora.].

DAY, Peggy L. *An Adversary in Heaven: שטן in the Hebrew Bible.* Scholars Press: Atlanta, 1988. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Revisão de uma tese de doutorado da Universidade de Harvard, expõe sistematicamente o uso do termo Satanás no Antigo Testamento, qual termo aparece em apenas nove passagens.].

DOUGLAS, J. D., editor organizador. *O Novo Dicionário da Bíblia, segunda edição.* tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1997 (original em inglês, 1962). [Obra básica de consulta de terminologia bíblica, abrangente com um tratamento de boa erudição de ponto de vista evangélico conservador.].

DUMMELOW, J. R., editor. *A Commentary on the Holy Bible by Various Writers.* New York: The Macmillan Company, 1936. [Comentário biblico de consulta geral e abreviada, mesmo que um tanto antigo.].

DURHAM, John I. *Word Biblical Commentary, Volume 3: Exodus.* Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1987. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor foi professor de Hebraico e Antigo Testamento no Southeastern Baptist Theological Seminary com Ph.D. de Oxford e estudos de pós-doutorado em Heidelberg, Oxford, Zurich e Jerusalém.].

ERICKSON, Millard J. *Christian Theology, Unabridged One-volume Edition.* Grand Rapids: Baker Book House, 1996. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Autor batista conservador. Utiliza-se de um tratamento bíblico abrangente, mesmo que não referencia estudos exegéticos mais eruditos para seu posicionamento sobre textos do Antigo Testamento em especial. Professor e presidente aposentado do Bethel Theological Seminary, da Conferência Geral Batista. Professor renomado de teologia sistemática na Southwestern Baptist Theological Seminary, com doutorado de Northwestern University e estudos de pós-doutorado na Alemanha. Esta é a sua obra completa de teologia sistemática.].

_____. *Introdução à Teologia Sistemática.* traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992). [Esta obra é um resumo simplificado da obra mais completa *Christian Theology.*].

EVARISTO, Pedro. *A Presença de Deus em Gênesis e Êxodo.* Dissertação de Mestrado não publicado. São Paulo: Faculdade Teológia Batista em São Paulo, 1998. [Dissertação de mestrado, o autor é pastor entre as igrejas batistas regulares em São Paulo]

FASOL, Al. *A Guide to Self-Improvement in Sermon Delivery.* Grand Rapids: Baker Book House, 1983. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Tratamento básico de técnicas da homilética com uma ênfase especial nos aspectos fisiológicos da articulação.].

FEE, Gordon D. e Douglas Stuart. *Entendes o que Lês?: Um Guia para Entender a Bíblia com o Auxílio da Exegese e da Hermenêutica.* Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997. (original em inglês, 1982). [Tratado essencial de princípios hermenêuticos de perspectiva evangélica conservadora, com atenção especial aos vários tipos literários dos escritos bíblicos. Os autores procuram posicionar o intérprete a poder, com mais facilidade, compreender a intenção dos autores bíblicos dentro dos seus contextos originários. Os autores são professores de Novo e Antigo Testamentos na Gordon-Conwell Seminary.].

FRANCISCO, Clyde T. *Introducing the Old Testament, Revised Edition.* Nashville: Broadman Press, 1977. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor foi professor renomado entre batistas no ensino do Antigo Testamento na Southern Baptist Theological Seminary em Louisville, KY por muitos anos. Este livro foi traduzido para o português, mas a tradução não é fiel ao original.].

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores.* Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (original em inglês, 1988). [O autor procura posicionar as perspectivas teológicas dos reformadores no seu contexto original para resgatar a essência da contribuição teológica de cada. O autor é batista, Ph. D. de Harvard University, com estudos de pós-doutorado na Suiça, era professor da Southern Baptist Theological Seminary em Louisville. É deão da Escola de Divindades na Universidade Samford. Nesta obra, ele procura clarificar as contribuições teológicas específicas dos reformadores em face a certa confusão contemporânea a respeito das mesmas, resgatando princípios válidos de suas reflexões teológicas.].

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

GOLDINGAY, John E. *Word Biblical Commentary, Volume 30: Daniel.* Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1989. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor é Superintendente da St. Johns College em Nottingham, Inglaterra, com Ph.D. da University of Nottingham.].

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo, vol. 1: A Era dos Mártires.* Traduzido por Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1995. (Original em espanhol, 1994). [Referência básica e de leitura e compreensão fácil para situar o intérprete bíblico nos acontecimentos históricos do início da história cristã. É a primeira parte de uma série de dez tomos de história cristã. O autor é batista argentino.].

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática.* Traduzido por Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, e Eduardo Perreira e Ferreira. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1994). [O autor é professor da Trinity Evangelical Divinity School, Ph.D. da Cambridge University. Escreve de uma perspectiva evangélica conservadora.].

GUNN, David M. and Danna Nolan Fewell. *Narrative in the Hebrew Bible.* New York: Oxford University Press, 1993.. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Obra de boa erudição sobre aspectos de interpretação narratológica do Antigo Testamento, os autores são professores de hermenêutica na Emory University.].

HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis, Chapters 1-17: The New International Commentary on the Old Testament.* Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Obra de excelente erudição, o autor é professor de religião na Asbury College em Kentucky. Faz parte de uma série de comentários eruditos de perspectiva evangélica.].

HARBIN, L. Byron. *A Teologia do Antigo Testamento 1.* apostila não publicada, recebida em forma eletrônica (TAT1APO7.doc), citações da edição de julho de 1999. [O autor foi missionário batista no Brasil por 28 anos, Th.D. em Antigo Testamento do New Orleans Baptist Theological Seminary, professor na Faculdade Teológica Batista em São Paulo e no Seminário Batista do Norte do Brasil, pai do autor da obra presente. Primeira apostila de uma série de duas partes referentes ao estudo teológico do Antigo Testamento, formando a base de livro texto ainda a ser publicado. Trata de forma avaliativa as correntes atuais e históricas com posicionamentos críticos novos.].

_____. *Demonologia*, aula em vídeo. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, edições JURATEL, s/d.

_____. *O Espírito Santo: na Bíblia, na História e na Igreja.* Rio de Janeiro: JUERP, 1995. [Exposição de teologia bíblica posicionando a reflexão teológica referente ao Espírito Santo dentro dos parâmetros do tratamento bíblico e histórico da temática.].

_____. *O Livro de Gênesis.* apostila não publicada, recebida em forma eletrônica (Gen.DOC), citações da edição de dezembro de 1997. [Exposição de comentários breves sobre o texto de Gênesis, em forma de apostila.].

_____. "RE: Êxodo 3", Carta recebida em forma de correio eletrônico, 28 de maio de 1998. [Correio eletrônico em resposta a certas colocações específicas referente a Êxodo 3.].

HARRELSON, Walter. *From Fertility Cult to Worship.* New York: Doubleday & Company, Inc., 1969.. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor é erudito batista, Th.D. da Union Theological Seminary em New York, com estudos de pós-doutorado em Jerusalém e Roma, professor da Wake Forrest Divinity School.].

HARRIS, R. Laird et. al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998. (Original em inglês, 1980). [Referência de consulta teológica de termos hebraicos e seu uso no Antigo Testamento de alta qualidade e perspectiva autorial evangélica. O autor apresenta a teologia calvinista.].

HARTLEY, John E. *Word Biblical Commentary, Volume 4: Leviticus.* Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1992. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor é pastor metodista e professor de Antigo Testamento na Azuza Pacific University, Ph.D. da Brandeis University com estudo pós doutorado em Harvard e Jerusalém.].

HARVEY, Van. A. *A Handbook of Theological Terms: Their meaning and background exposed in over 300 articles.* New York: Macmillan Publishing Co., Inc., 1964. [Exposição básica de termos teológicos em suas raízes históricas. O autor foi professor da University of Pennsylvania.].

HEIDEL, Alexander. *The Babylonian Genesis: The Story of Creation, Second Edition.* Chicago: University of Chicago Press, 1963. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Tratado de tradução de todas as narrativas babilônicas de criação, com comentário sobre a relevância para com as narrativas do Antigo Testamento.].

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

HESCHEL, Abraham Joshua. *God in Search of Man: A Philosophy of Judaism.* New York: Farrar, Straus and Giroux, 1983. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Tratado de filosofia judaica—as bases principais por detrás a teologia e conceituação da realidade judaica. O autor foi judeu, professor de ética e misticismo na Jewish Theological Seminary of America.].

HOFF, Paul. *O Pentateuco.* Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Editora Vida, 1983. (original em espanhol, 1978). [O autor é aparentemente um missionário Assembéia de Deus em Santiago, Chile. Infelizmente, a editora não fornece a mínima informação a respeito das suas credenciais. O que fica claro é que segue uma linha evangélica conservadora estrita, mantendo distância dos "estudos críticos". Trata questões eruditas a partir de suas formulações mais extremas conforme pontos de vista seculares.].

JENSEN, Richard A. *Thinking in Story: Preaching in a Post-Literate Age.* Lima, Ohio: C. S. S. Publishing Co., Inc., 1993. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Tratado sobre a necessidade de recorrer ao uso de narrativas na prática homilética, dado as mudanças socio-culturais de distanciamento de ênfases literárias. O autor é Luterano, foi professor de teologia sistemática e é responsável por programas de rádio da Igreja Luterana nos EUA.].

KAISER, Walter C. Jr. *Mission in the Old Testament: Israel as a Light to the Nations.* Grand Rapids: Baker Books, 2000. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Tendo atuado no passado como deão da Trinity Evangelical Divinity School, o autor é professor de Antigo Testamento e línguas semíticas na Gordon-Conwell Theological Seminary, com Ph.D. da Brandeis University. O autor apresenta a missão fundamental da igreja na sua base veterotestamentária.]

_____. *Teologia do Antigo Testamento, 2ª edição, Revisada.* Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1978). [O livro apresenta um estudo das reflexões teológicas do Antigo Testamento, com respeito à autoridade e integridade da Bíblia, seguindo parâmetros evangélicos. Apresenta a promessa messiânica como sendo o centro unificador da teologia do AT.].

_____. *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching.* Baker Book House: Grand Rapids, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O livro reclama a necessidade de aproximar a pregação e a teologia de um estudo bíblico exegético coerente.].

_____. e Moisés Silva. *An Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Seguindo linha evangélica, os autores procuram estabelecer padrões hermenêuticos que ajudem a resgatar os propósitos autoriais das escritas bíblicas. Silva é Ph.D. da Manchester University e professor de Novo Testamento da Westminster Theological Seminary na Philadelphia.].

KAPELRUD, Arvin S. *The Ras Shamra Discoveries and the Old Testament.* traduzido por G. W. Anderson. Norman, OK: Univeristy of Oklahoma Press, 1963. (Original em Fino). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professor de Antigo Testamento na Universidade de Oslo, o autor define aqui as implicações das descobertas arqueológicas para o AT, com apreciação pelas influências sobre Israel da parte dos povos ao seu redor. Relaciona tudo isto a polêmicas levantadas sobre o Antigo Testamento por proponentes da alta crítica.].

KASCHEL, Werner e Rudi Zimmer. *Dicionário da Bíblia de Almeida.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. [Obra básica para consulta rápida de termos bíblicos. Produzido pela Sociedade Bíblica do Brasil para alcance popular do povo evangélico nacional.].

KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário.* Volume 1 da Série Cultura Bíblica. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1967). [Este comentário faz parte da Série Cultura Bíblica, uma série de comentários de manejo fácil e boa erudição. O autor é britânico, com mestrado em artes, e além de estudioso bíblico é também pianista de concerto.].

LACHLER, Karl. *Prega a Palavra: Passos Para a Exposição Bíblica.* Tradução de Robinson Malkomes. Edições Vida Nova: São Paulo, 1995. (Original em inglês, 1990). [O autor foi missionário da Conferência Geral Batista, atuando no Brasil por longos anos, doutorado em missiologia pela Trinity Evangelical Divinity School. Salienta a necessidade da pregação nas igrejas a partir do princípio da homilética expositiva.].

LASOR, William S., David A. Hubbard e Frederic Bush. *Introdução ao Antigo Testamento.* Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1996). [Os autores foram professores de Antigo Testamento na Fuller Theological Seminary, colaborando em conjunto com seis outros eruditos no campo para a formulação desta obra. O livro reúne, portanto, de perspectiva erudita e evangélica, o melhor de estudo crítico do texto veterotestamentário, com apreciação da autoridade bíblica em conjunto com um compromisso pessoal com Deus.].

LEVENSON, Jon D. *Creation and the Persistence of Evil: The Jewish Drama of Divine Omnipotence.* Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor é judeu, professor de estudo judaicos da Harvard Divinity School, proferindo de perspectiva judaica uma teodicéia coerente com definições

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

apropriadas ao pensamento hebraico, judaico e cristão antigo. Deve-se levar em consideração que ele trata mais a questão do pano de fundo por detrás do texto bíblico atual do que a própria forma existente do texto.].

MATTHEWS, Kenneth A. *The New American Commentary, Vol. 1A: Genesis 1-11:26.* Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996. [Esta série apresenta uma linha muito conservadora de interpretação, tomando o conceito de inerrância como ponto de partida. O autor é professor de Antigo Testamento na Beeson Divinity School.].

MAYS, James L., editor geral. *Harper's Bible Commentary.* San Francisco: Harper & Row Publishers, 1988. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Comentário de boa erudição, porém limitada como qualquer comentário de um só volume. Apresenta uma perspectiva de erudição sem vínculo confissional, sendo publicada por editora secular para o mercado religioso geral. O editor é presbiteriano e professor da Union Theological Seminary em Richmond, Virginia.].

MCCURLEY, Foster R. *Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers: Proclamation Commentaries, The Old Testament Witnesses for Preaching.* Philadelphia: Fortress Press, 1979. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor é professor de Antigo Testamento na Lutheran Theological Seminary em Philadelphia. Este comentário enfatiza o estudo do texto bíblico com fins de proclamação de sua mensagem.].

MCKAY, David Company, Inc. *Handy Dictionary of the Latin and English Languages: With an Appendix of Latin, Geographical, Historical, and Mythological Proper Names.* New York: David McKay Company, Inc., 1958. [Dicionário bilingüe simples e básico de latim e inglês.].

MOODY, Dale. *The Word of Truth: A Summary of Christian Doctrine Based on Biblical Revelation.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Tratamento sistemático de teologia bíblica de professor de teologia da Southern Baptist Theological Seminary. Revela um alto grau de apreciação pelo texto bíblico, foi um dos mais eruditos teólogos da Convenção Batista do Sul, tendo estudado com teólogos renomados como Emil Bruner e Karl Barth. O livro é de muita erudição e mostra compromisso com o ensino textual. O autor caiu em certo descrédito no meio batista por tomar certas posições contrarios a conceitos teológicos populares, porém, as críticas que levantou ainda não foram respondidas pelos seus opositores.].

NELSON, Richard. *First and Second Kings: Interpretation, A Commentary for Teaching and Preaching.* Atlanta: John Knox Press, 1987. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Parte de uma série de comentários presbiterianos, o autor é professor de Antigo Testamento na Lutheran Theological Seminary em Gettysburg. Trata o texto bíblico de forma séria, não em fragmentos, mas como uma obra completa.].

NEUSNER, Jacob e Bruce D. Chilton. *Revelation: The Torah and the Bible.* Valley Forge, Pennsylvania: Trinity Press International, 1995. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Neusner é judeu, professor de estudos religiosos na University of South Florida. Chilton é cristão, professor de Novo Testamento e judaismo na Bard College. Juntos, dialogam referente aos seus respectivos conceitos de Revelação divina para que haja enriquecimento aos dois lados.].

PAGE, Sydney H. T. *Powers of Evil: A Biblical Study of Satan & Demons.* Grand Rapidx: Baker Book House Co., 1995. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Professor de Novo Testamento da Edmonton Baptist Seminary com Ph.D. da University of Manchester, o autor trata as passagens bíblicas referentes aos poderes malignos, para apresentar uma análise exegética cuidadosa do tratamento bíblico da temática.].

PRICE, Ira Maurice. *The Dramatic Story of the Old Testament.* New York: Fleming H. Revell Company, 1935. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Professor de Antigo Testamento da University of Chicago e Ph.D., o autor apresenta um bom esboço de estudo veterotestamentário segundo a época de sua atuação. Em face da data da obra, há muito de novo a ser acrescentado à sua apresentação. O estudo apresenta de forma criteriosa a base na qual outros trabalharam mais recentemente. A linha é de boa erudição coerente com um compromisso sério com a Bíblia sendo revelação divina.].

RAD, Gerhard von. *Old Testament Library: Genesis, A Commentary, Revised Edition.* Translated by John H. Marks. Philadelphia: Westminster Press, 1973. (Original em alemão, 1972). [O autor foi erudito de renome na Alemanha, pastor luterano evangélico, e pregador muito popular num contexto de templos vazios. O tratamento do texto de Gênesis apresentado retrata perícia em resgatar as fontes por detrás da forma atual do texto, mesmo que o autor indique a necessidade de concentrar na forma final. Apresenta um estudo erudito, porém, limitado precisamente em tratar a conjunção das narrativas individuais formando uma obra completa. O livro faz parte de uma série de comentários eruditos referentes ao Antigo Testamento, de imprensa presbiteriana.].

ROBBINS, Ray Frank. *The Revelation of Jesus Christ.* Nashville: Broadman Press, 1975. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor é pastor batista, Th.D. da Southern Baptist Theological Seminary e Ph.D. da University of Edinburgh, professor aposentado de Novo Testamento na New Orleans Baptist Theological Seminary. Trata o texto de Apocalipse em sentido de suas implicações históricas e sua contínua relevância.].

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament, Volume VI: The General Epistles and The Revelation of John.* Nashville: Broadman Press, 1933, 1960. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Erudito renomado da língua grega, D.D, Ll.D., Litt. D., o autor foi pastor batista e professor de Novo Testamento na Southern Baptist Theological Seminary. Esta série expõe elementos essenciais da interpretação do texto grego, diante do sentido de palavras chaves explicadas à luz de princípios gramaticais ilustrados e de sentidos de palavras tirados de estudos na lunguagem comum à própria época do Novo Testamento.].

ROBINSON, H. Wheeler. *The Religious Ideas of the Old Testament, Second Edition, Revised.* London: Gerald Duckworth & Co., 1959. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor trata linhas interpretativas básicas referente ao Antigo Testamento, a partir de sua época de pesquisa. D.D. da virada do século XX, a primeira edição do livro foi publicada em 1913, apresentando conceitos básicos de teologia hebraica que formam a base de estudos posteriores. O texto foi revisto e acrescentado em 1956, na base de estudos mais recentes, por um professor da University of Oxford.].

SASSON, Jack M., editor in chief, *Civilizations of the Ancient Near East.* Peabody, MA: Henricksen Publisher, 2000. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Esta obra originalmente publicada em quatro volumes é composta como volume enciclopédica de artigos de eruditos sobre a história, a literatura, as instituições, as perspectivas religosas e as contribuições gerais dos povos do antigo oriente. O editor é professor da Vanderbilt University.].

SCALISE, Charles J. *From Scripture to Theology: A Cânonical Journey into Hermeneutics.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996. (Citações traduzidas for Christopher B. Harbin). [Professor de história cristã, o autor é pastor batista e apresenta alto respeito para com o texto bíblico como palavra de Deus. O livro é uma síntese de um tratamento mais técnico dado em outro livro pelo autor. A tese básica é de retomar a necessidade de estudar o texto bíblico à luz da qualidade canônica que o cristão atribui à Bíblia, sendo ela regra de fé e de prática.].

SILVA, Moisés. *Biblical Words and their Meaning: An Introduction to Lexical Semantics, Revised and Expanded Edition.* Zondervan Publishing House: Grand Rapids, 1994. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor é Ph.D. da Manchester University e professor de Novo Testamento da Westminster Theological Seminary na Philadelphia. Trata de perspectiva erudita e evangélica de princípios hermenêuticos referentes ao uso léxico e semântico de palavras no texto bíblico.].

SOGGIN, J. Alberto. *Old Testament Library: Introduction to the Old Testament, Second Edition, Revised and Updated.* traduzido por John Bowden. Philadelphia: Westminster Press, 1976. (Original em italiano, 1974). (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Professor de Teologia do Antigo Testamento na Waldensian Theological Faculty de Roma, o autor trata seriamente o texto bíblico, discriminando entre pontos onde deve-se pisar com cuidado e outros onde pode-se tomar posições adequadas capazes de serem sustentadas. Abrange muito bom estudo crítico do Antigo Testamento. O livro faz parte de uma série de comentários eruditos referentes ao Antigo Testamento de imprensa presbiteriana.].

SPEISER, E. A. *The Anchor Bible: Genesis, Second Edition.* Garden City, New York: Doubleday & Company, Inc., 1964. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professor e deão departamental da Univeristy of Pennsylvania na época da publicação, o autor revela bom estudo crítico do texto feito em face de conhecimentos das línguas e culturas cognatas da época veterotestamentária. O livro faz parte de uma série ecumênica de comentários bíblicos, abrangendo contribuições de eruditos católicos, judeus e evangélicos, publicados por editora secular. O commentário segue, portanto, a melhor linha de erudição do dia referente ao estudo textual, sem vínculo direto com linhas confissionais.].

TELUSHKIM, Rabbi Joseph. *Biblical Literacy: The Most Important People, Events, and Ideas of the Hebrew Bible.* New York: William Morrow and Company, 1997. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [O autor é rabino judeu, autoridade em literatura bíblica, especialmente de perspectiva judaica referente ao texto sagrado.].

URETA, Floreal. *Elementos de Teologia Cristã.* Traduzido por Delcyr de Souza Lima. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. (Original em español, 1988). [Pastor batista, o autor foi professor do Seminário Internacional Batista em Buenos Aires, Agentina.].

WENHAM, Gordon J. *Word Biblical Commentary, Volume 1: Genesis 1-15.* Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1987. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor é professor de Antigo Testamento em Cheltenham and Gloucester College of Higher Education na Inglaterra, com Ph.D. da Universidade de Londres e é também autor do comentário de Números da Série Cultura Bíblica.].

WENHAM, John W. *O Enigma do Mal: Podemos Crer na Bondade de Deus?* Traduzido por Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989. (Original em inglês, 1985). [O autor, M..A. e B.D., tendo atuado como diretor da Latimer House, apresenta um tratamento equilibrado da problemática da teodicéia, procurando auxiliar o leitor a compreender os parâmetros básicos para uma resposta cristã desse problema do mal. As bases veterotestamentárias do tratamento são um tanto fracas, mas a abordagem como um todo é proveitosa.].

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.

WEST, James King. *Introduction to the Old Testament, Second Edition.* New York: Macmillan Publishing Co., 1981. (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Professor da Catawba College, o autor nesta segunda edição retoma muito do que escreveu e o reformula em base de estudos mais recentes referentes ao Antigo Testamento, mostrando assim interesse em manter em dia a pesquisa erudita do texto bíblico. A apresentação é coerente e escrita com judeus, protestantes e católicos em mente.].

WOLDE, Ellen Van. *Stories of the Beginning: Genesis 1-11 and Other Creation Stories.* Traduzido por John Bowden. Ridgefield, CT: Morehouse Publishing, 1997. (original em holandês). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professora de hebraico e exegese do Antigo Testamento em University of Tilburg, a autora faz um estudo sério das narrativas de Gênesis 1 a 11, em comparação e contraste com outras narrativas de criação de outros povos, esta seleção abrangendo narrativas provenientes de cinco continentes.].

WOUDE, A. S., editor geral. *The World of the Old Testament.* Traduzido ao inglês por Sierd Woudstra. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1989. (Original em holandês, 1982). (Citações traduzidas por Chrístopher B. Harbin). [Professor de Antigo Testamento da University of Groningen, o editor lança uma introdução compreensiva do Antigo Testamento, segundo um largo espéctro de opinião erudita. Focaliza a cultura do período refletido pelo Antigo Testamento, a fim de fazer o texto e a sua mensagem mais entendido. Esta tradução foi publicada por editora evangélica cristã.].

ZERO HORA. Caderno Sobre Rodas. Ano 35, Número 12.293, 2ª Edição, Quinta-feira, 15 de abril de 1999: Porto Alegre.

_____. Caderno Vestibular. Ano 35, Número 12.292, 2ª Edição, Quarta-feira, 14 de abril de 1999: Porto Alegre.

 ©Copyright 2002 Todos os direitos reservados.